ANGOLA

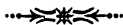
E

CONGO

CONFERENCIAS

POR

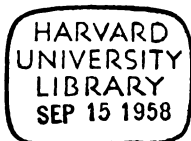
F. A. PINTO

Juiz de Direito

LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

132, 134 — Rua Aurea — 136, 138

1888

Á

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL

DO PORTO

O. D. e C.

O auctor

AO LEITOR

Eu devia ao publico este livro, porque lh'o prometti nas conferencias; e prometti-o pelos mesmos motivos que me levaram a fazel-as.

Mas, porque se demorou elle tanto? porque não appareceu no momento do seu maior interesse occasional, quando nas camaras se discutia o assumpto de que trata, e o paiz tinha a sua attenção mais inclinada para elle?

Não foi minha a culpa. Estava escripto, e foi contractada a edição a tempo.

Quando eu fazia as conferencias em Lisboa, dirigiu-se a mim um dos jornalistas que mais apoio se dignaram dar-me, pedindo o encargo da publicação d'ellas, que ficou immediatamente pactuado de viva voz entre nós dois. Instou-me para as escrever a tempo da discussão nas camaras; e eu escrevi á pressa, accumulando este serviço com o da revisão das provas e conferencias no Porto, mas logrei ter tudo prompto no fim d'um mez, e muito a tempo. Foi em abril do anno passado. O meu editor, porém, ia sendo cada vez mais vagaroso, apesar mesmo dos meus reparos; e, quando tinha já passado a discussão nas camaras, disse-me que não podia continuar a impressão, «porque o fornecedor lhe faltou com o papel»!

Já eu sentia pouca vontade de pensar mais na publicação das conferencias, porque a final nem o paiz, nem eu perdiamos com isso, quando fui novamente instado pelos meus amigos para as dar á estampa — era uma questão d'honra diziam

elles: eu tinha promettido publical-as.—Pois bem: ellas ahi vão. Mas sirva esta declaração, ao menos, para que o leitor benevolo lance á conta da precipitação com que foram escriptas as incorrecções que de certo encontrará, alliviando assim a minha ignorancia d'uma responsabilidade enorme.

O assumpto que tratei em Lisboa é o mesmo que tratei no Porto; succedeu, porém, na exposição ficarem alguns pormenores mais desenvolvidos n'uma parte, do que na outra. Ao secrever reuni e classifiquei como pude, e soube, os meus apontamentos. As pessoas que me deram a honra de me ouvir n'uma só das duas cidades, e agora tiverem o incommodo de ler este volume, acharão assim explicadas quaesquer differenças que notem. Creio bem que não excedi a tolerancia de correcção permittida aos dignos pares e aos senhores deputados, na revisão dos seus discursos para serem publicados no diario das camaras. Para fazer as conferencias só tinha recorrido ás minhas recordações; e para as escrever serviram-me de guia os apontamentos que me orientaram n'ellas. Não tive tempo de cotejar pensamentos estranhos e aproveitar para a coordenação dos meus as concordancias, dissidencias ou noções novas, para mim, que em muitos pontos de certo me livrariam de cair em erro.

Quando me resolvi a escrever, para aproveitar tempo e para de certo modo corresponder com gratidão, ao desejo que vi manifestar-se no publico de ler a minha Missão ao Zaire, assentei que a reimprimiria em seguida ás conferencias, no mesmo volume; e partindo d'essa determinação, para evitar repetições, escrevi, como quem já deixáva escripto tudo o que consta d'aquelle opusculo. De sorte que para a melhor intelligencia d'este volume, será bom principiar agora a sua leitura por esse documento, que vae impresso no fim.

A primeira edição da minha—Missão ao Zaire—foi tirada pelo governo, e só para seu uso e estudo que requeriam as minhas indicações; e por isso de modo nenhum poude satisfazer o desejo de ser lida pelo publico. Foram impressos sómente cincoenta exemplares, e distribuidos pelas estações of-

ficiaes que deviam ter informação confidencial e minuciosa da questão. Bastava este facto para demonstrar que o governo deu importancia ás minhas suggestões, não deixando *sepultado no pó das secretarias*, como em lingoagem de combate se disse, aquelle documento. Deu-lhes importancia, e tentou pôl-as em pratica felizmente para os meus desejos de cidadão, e com lisonja para a minha intelligencia. E, se poz em recato aquelle meu trabalho, ainda n'isso seguiu uma indicação minha: o que alli estava dito devia ser segredo de estado, desde que se lhe désse alguma importancia, e houvesse desejo de o realisar. Eu puz bem em relevo o esforço que o sr. Mello Gouveia, então ministro do Ultramar, empregou para formar uma companhia portugueza, que explorasse o commercio d'aquellas paragens, e apontei claramente os culpados da sua não realisação — inteiramente extranhos a categorias officiaes.

Não passem pois em julgado algumas asserções que vi formuladas na imprensa periodica das differentes côres politicas, dando como verdadeiras, e até feitas por mim, affirmações contrarias a estas verdades.

Tambem não posso deixar sem reparo a situação em que alguns criticos me collocaram perante corporações e individuos a quem aliás muito respeito. E note-se desde já que, se toco n'este assumpto, não é para responder a todos, mas sim só áquelles que em boa fé e leal antagonismo se me opposeram. Para os outros, para os malevolos, que aleivosamente me calumniaram não encontro na lei, nem fóra d'ella, melhor resposta e castigo do que o desprezo. Empreguei-o sempre em circumstancias identicas, e faço muito boas tenções de continuar a applical-o, emquanto a responsabilidade criminal por diffamação e injuria fôr em Portugal uma *santa historia*, e a prudencia chegar para contêr em mim impetos de criminoso. Aos meus antagonistas, pois, de boa fé, respondo que cairam no erro que me arguiam: foram exagerados. Eu não maldisse da nossa marinha de guerra, nem da officialidade militar do ultramar, nem do sr. Vasco Guedes, etc. O que a todos esses respeitos eu disse vae escripto nos

logares respectivos. Lá verá o publico que os meus criticos me viram atravez das suas preoccupações, e por isso, da côr que ellas me davam. Fazem-me elles lembrar o caso de certo engenheiro espirituoso que convenceu o porta-mira ao seu serviço de trabalhar ao abrigo d'um sol abrazador de julho, pondo nos olhos do nescio a sua luneta que lhe fez ver tudo assombrado.

A minha preoccupação—visto que tambem a tive—foi ser util ao meu paiz, apresentando-lhe sempre e em tudo ácerca da questão do Zaire a verdade inteira, tal qual ella se impunha ao meu espirito, não receiando nunca deante das suas cruezas.

Parece-me ter respondido, ao menos d'um modo synthetico, ás pessoas que se dignaram fazer-me observações, conservando-se sempre e em tudo dignas de resposta.

Por ultimo, ainda declaro mais uma vez que não me propuz salvar o Zaire com as conferencias, nem apresentar um plano de occupação perfeito. Nunca serão de mais estas declarações, para que os devotos do culto colonial me não canonisem technico ou perito do Congo, e se não prostrem deante de mim em adoração fetichista, suppondo-me o manipanso. Eu desejei sómente contribuir com o meu obulo de estudo e observação para esclarecimento do pleito, e mais nada.

Ovar, fevereiro de 1886.

F. A. Pinto.

Meu bom amigo:

Este livro veio acordar-me a lembrança das noites em que a sua palavra colorida, o seu enthusiasmo quente, a sua convicção e o seu saber nos deleitavam e instruiam, captivando-nos, aos milhares de ouvintes, que o escutavamos. As conferencias apparecem hoje impressas, e percorrendo estas paginas, reconheço a razão das acclamações de que o meu amigo foi alvo, pois, caso raro em oradores! os seus discursos não valem menos lidos, do que ouvidos.

Se a nossa administração publica se não achasse na situação dos entrevados a quem o andar é impossivel, por fortes que sejam os seus desejos, as suas vontades e os seus planos; se nos não encontrassemos, metropole arruinada, sem um real dispensavel, perante colonias que reclamam sobretudo rios de dinheiro; se essas colonias que são a nossa herança historica, não fossem para nós a cruz, acaso providencial, da nossa decadencia talvez irremediavel; se, no meio das miserias do governo da mãe-patria, não se mostrassem mais miseraveis ainda os fastos dos governos ultramarinos; se, pequenos no mappa da Europa, e além de pequenos, quasi nullos, o nosso imperio colonial não fosse a causa da cubiça dos estra-

nhos e de mais de uma bofetada recebida nas nossas faces de povo outr'ora brioso e digno: se não fosse tudo isto e muito mais que não digo, para o não affligir, eu recommendaria o seu livro aos governantes, como campo vasto, onde um saber, modernamente vigoroso, deixou fartas messes a ceifar.

Assim, remetto-me ao silencio; porque bem sei que vivemos forçadamente no reinado da impotencia e da rotina. E limito-me a fazer-lhe algumas observações puramente especulativas, que ao ouvir-lhe as suas conferencias me occorreram, e agora me relembram ao ler a sua obra.

Foi a acquisição do districto do Zaire, e os planos da sua occupação consequente, o que o determinou a expôr em publico, não só as suas observações ácerca d'esse districto, mas tambem os seus estudos sobre toda a nossa provincia de Angola. Sinceramente lh'o digo, sem sombra de lisonja: não sei de livro, onde com respeito á regencia de colonias em geral, mas muito em particular com respeito á administração da provincia de Angola, se encontrem as cousas, ou mais completa e cabalmente estudadas, ou mais lucidamente esboçadas. A sua educação de jurista, os seus estudos de sciencias sociaes, fizeram-lhe ver factos que nos livros dos nossos modernos viajantes e funccionarios—burocratas, cartographos, ou naturalistas, exclusivamente — passavam desapercebidos, ou appareciam relatados como simples curiosidades extravagantes.

É esse a meu ver o merecimento capital da sua obra. Ethnologo, discipulo do grande Müller, o meu amigo observou e estudou os negros como raças, nas suas filiações, nos seus cruzamentos, dando-nos alguma cousa mais do que os catalogos de nomes esdruxulos de povos, similhantes aos catalogos de Diodoro Siculo, que encontramos nos roteiros dos nossos modernos viajantes.

Como anthropologo e naturalista, Darwin e Broca inspiraram-lhe mais de uma observação suggestiva; ao passo

que a linguistica lhe forneceu instrumentos de apreciação fecunda. As revelações de Maspero sobre o Egypto, e as approximações que Schweinfurth fez das civilisações do Alto-Nilo e da região dos Lagos centraes, serviram-lhe para descobrir nos negros do Occidente vestigios ou embriões d'esse typo de civilisação negroide plenamente desabrochada em Thebas e em Memphis, os vetustos antepassados do mundo mediterraneo, patria da sabedoria onde Platão e os gregos com reverencia e pasmo iam aprender. Finalmente, como jurista, mas não d'aquelles que apenas sabem decorar textos, nem tambem dos que apenas dissertam *a ratione:* como jurista, digo, discipulo directo de Summer Maine, o Montesquieu do nosso tempo; jurista para quem a evolução dos ritos, dos mythos, das instituições, é a base real e natural das creações do direito — o meu amigo fez o inestimavel serviço de collocar nos seus verdadeiros termos as suppostas aberrações e extravagancias dos pretos: o regimen da familia e do casamento, o da propriedade realenga, o da escravidão, o dos sacrificios humanos, e essa instituição da *casa da tinta,* que espantaria os ignorantes, fazendo sorrir de luxuria mais de um funccionario analphabeto n'estas cousas; mas que, para todos os não absolutamente ignorantes, é o sacrificio da virgindade, rito heroico-mystico, geral a tantos povos de que nos fallam os mais vetustos chronistas.

Estranha o meu amigo que se applique o nosso Codigo Civil e as nossas leis eleitoraes, fructos de uma civilisação que em certos povos modernos se póde dizer completa, mas que apenas, em verdade, é superficial no nosso bom povo: estranha que se applique, com uma cegueira impenitente, a tribus que, dadas as differenças de idiosincrasia ethnica, se encontram, mais ou menos, no estado em que se achavam os gregos homericos, ou os pelles vermelhas da America. Applicar o nosso direito civil aos troyanos! Fazer votar na urna Achilles ou Ulysses! São com effeito disparates evidentes; mas dou-lhe um seculo para prégar isso á nossa rotina politica e burocratica,

e aposto que ao fim de cem annos terá conseguido tanto como ao cabo de um.

Não desanime porém, nem vá pensar que d'ahi julgo vão o trabalho. Pelo contrario. A verdade tem em si propria um valor que póde não ser de troca, segundo a economia politica, sciencia positiva; mas que é similhante ao valor do trigo conservado pelos Pharaós nos seus tumulos das Pyramides. Ao cabo de oito ou dez mil annos, germinou e cresceu! Assim é a verdade: póde não ter valor actual, mas tem em si, na sua potencia indestructivel de florescimento, um valor absoluto.

Para que, agora, me não possa acoimar de lisongeiro, que não sou, uma vez reconhecido o valor eminente do seu livro, vou dizer tambem que, admirando n'elle a somma dos seus conhecimentos zoologicos, botanicos e geologicos, me parece (nem o meu amigo pensará o contrario) não ter adiantado ao que já sabiamos da historia natural africana. Viu, porém, sentiu, descreveu e pintou. Ha paginas eloquentes, ha observações e anedoctas, que me fazem scismar, a mim que nunca me achei em paizes barbaros (a não ser uma digressão que fiz pelas montanhas de Traz-os-Montes) no encanto irresistivel da *natura naturans*, como diziam os antigos philosophos.

O soldado com a sua espada e o seu bornal, o bufarinheiro com os seus fardos de fazenda, o cartographo com a sua plancheta e o seu theodolito — o proprio juiz com os seus autos! — todos esses, uma vez postos em contacto com a natureza virgem, sentem dentro de si o quer que é do homem barbaro, a arrastal-os e seduzil-os, a ponto de alguns se divorciarem da civilisação para abraçarem a vida agreste das selvas, como por exemplo fez o meu primo Anchietta que, depois de se casar em Lisboa, levava a esposa pelo sertão, dentro de uma gaiola de ferro, com as suas cobras, por amor, para a defender dos leões. Comprehende-se que ella preferisse voltar para a Europa; mas elle ficou por lá, no sertão, naturalista e nomada.

Os nossos homens da Renascença eram assim: apaixonavam-se pelo mar, pelas terras desconhecidas e pelas gentes ignotas. Não ficavam de lá a meditar no reclamo que as suas travessias haviam de fazer no Chiado. Gaspar Correia e Duarte Barbosa, que nos deixaram o melhor que soubemos da India e do seu governo, eram indagadores que o espirito da curiosidade movia a escrever em diarios particulares as suas observações vivas. D. João de Castro tinha alguma cousa do druida, embriagado pelo amor mystico da natureza. Duarte Galvão nas Molucas, Anchietta no Brazil, abrazados no puro espirito religioso, iam por entre os malaios e os tupis, apostolisando a fé e derramando em volta de si a uncção de caridade abençoada dos santos — essa gloria, essa corôa rutilante da humanidade!

A curiosidade e o espirito aventureiro, depois o amor mystico da Natureza, finalmente o fervor apostolico, eis ahi a trindade de impulsos que n'outras edades nos arrastou para o mundo incognito, com tanta gloria, mas tão escasso fructo. Hoje, com os nossos tempos simultaneamente claros e frios; hoje, que n'este outomno cheio de colheitas opiparas, as flores murcharam todas; hoje, que não ha caridade senão por excepção individual, e que o apostolado é tão excepcional tambem e tão anachronico, como o amor mystico da Natureza; hoje que a terra desflorada perdeu o viço da virgindade e jaz envilecida sob as invenções da arte, pois não ha mar sem vapores, sertão sem estradas, matta que não esteja explorada, nem mina que não pozessem em acções — que resta, hoje, para incitar as obras generosas? Os ordenados que pagam os governos? Não, meu amigo; isso não basta. Para taes obras é necessario heroismo, e não se fazem heroes a tantos mil réis por mez.

Hoje, o que ainda póde substituir a serio o calor enthusiasta da fé e da virilidade dos tempos semi-heroicos da Renascença, é o espirito scientifico, que por essa epocha desabrochou. Tudo o mais é *pose*, ou vaidade sim-

ples. Foi o amor da sciencia que, porventura inconscientemente, o moveu a si; foi elle que lhe accendeu a curiosidade, elle que o inspirava nas observações dos costumes e do genio dos povos rudes em cujo meio se achava perdido.

Viu, observou, julgou; e veiu o meu amigo dizer-nos o que pensava. O seu livro é o melhor repositorio de ethnologia africana, na mais lata accepção da palavra, que temos tido até hoje.

Mas o espirito scientifico, meu bom amigo, quasi sempre collide com as esperanças doiradas, com os enthusiasmos vívidos da mocidade, e que a cada pagina do seu livro fazem explosão em periodos generosamente sympathicos. Eu tenho horror de mim mesmo, quando me sinto tão velho e tão secco; e como naufrago procuro refugiar-me quanto posso n'um recanto intimo em que a sciencia não tem entrada, por ser toda objectiva e critica: é a região dos affectos pessoaes e das consolações que traz á vida o derramar algum bem, por minusculo, por insignificante que seja, em volta de mim.

Pois quando olho para fóra dos limites d'este recinto vedado, tudo me apparece gelo e frio. Eu quereria que a sciencia podesse substituir a velha fé que voou, batendo as azas; eu quereria acreditar que com a sciencia, com o espirito pratico do nosso tempo, poderiamos fazer o que não poderam os apostolos e missionarios de outras edades. Eu quereria chamar ao banquete da civilisação as raças negras, sental-as a meu lado e commungar com ellas a hostia abençoada da razão. Quereria tudo isso, e desejaria poder acompanhar o meu amigo nas suas generosas illusões; quereria tudo isso, e quereria tambem comsigo, que fossemos nós portuguezes os auctores d'essa grande obra.

Mas, que! Se estudo os elementos politicos e economicos com que outr'ora explorámos o Ultramar, vejo o direito das nações obedecer hoje a principios que diametralmente os condemnam. Como teremos o commercio afri-

cano, se não temos os objectos de troca? Outr'ora não os tinhamos tambem; mas monopolisavamos os mares, punhamos *cartazes* nos navios e eramos á força os corretores. Hoje a Europa impõe-nos com fundada razão o regimen da liberdade de navegação no Congo e a liberdade do commercio em toda a sua bacia. Não nos queixemos dos diplomatas, nem da Conferencia de Berlim: lamentemos apenas a sorte, e o nosso destino.

Se estudo as condições da população, no reino e em Angola, pretos por lá, brancos (as vezes parecem pretos) por cá, chego á conclusão, de resto esposada pelo meu amigo, de que só repetindo o que fizemos na Bahia e Pernambuco, com plantações exoticas ao norte, com rebanhos e pastoreio ao sul, poderiamos dar vida á provincia, desde que lhe dessemos o indispensavel que era administração, e tirando-lhe o funesto que é o Codigo civil e as leis eleitoraes; repetindo o que os inglezes fazem na India, os hollandezes em Java, os francezes no Indo-China e na Tunisia — regendo os indigenas segundo os seus usos, instruindo n'essas leis e n'essas linguas os funccionarios coloniaes. Nós, porém, que não damos administração digna de tal nome á metropole, como é que a exportariamos para o Ultramar?

Se consulto além d'isso os ethnologos, e considero na historia primitiva comparada dos povos, sou forçado a dizer com Schweinfurth que a iniciação dos negros na civilisação por meio da metaphisica catholica é uma illusão consecutiva das illusões apostolicas absolutamente estereis de outros tempos. Dar como alimento a povos no estado primitivo os dogmas do symbolismo racionalista christão, é o mesmo que dar a creanças de peito o alimento proprio de adultos. Matam-se, isto é, cretinisam-se. O mahometismo, grosseiro, sensual, inferior como é, seria ainda assim, na opinião do sabio explorador, o unico alimento espiritual assimilavel pelos negros; e é o mahometismo que gradualmente vae tirando os povos da Africa Oriental superior do periodo ethnometrico da selvageria para

o periodo barbaro dos despotismos por que se regem actualmente as nações supra-niloticas.

Mas — e não me leve a mal a minha negregada insistencia — seriamos nós, nós hoje tão destituidos de fé, tão avessos a qualquer especie de abnegação, seriamos nós, hoje em dia, que apostolisariamos na Africa? Bem sei que me póde citar e me cita o exemplo de um heroe e verdadeiro apostolo, o padre Barroso, em cujas veias se diria que corre o sangue de Duarte Galvão. Mas não me contestará que essas aves são raras, se não são unicas. O exclusivo apostolado que temos feito é o da cubiça mais mesquinha, da venalidade mais chatin, da intriga mais soez: tomo para testemunho este seu livro, a cujo respeito lhe escrevo. Com taes exemplos, em vez de levantar os negros do estado selvagem ou barbaro a um estado ethnometricamente superior, abatemol-os da selvageria que é bella como as florestas virgens, á abjecção dos pantanos que infestam de febres a nossa Africa. O meu amigo sabe melhor do que eu, como os viajantes concordam em que, de todos os negros, não o mais selvagem, mas sim o mais abjecto, é o congo do litoral. Quem teve a culpa?

Desculpe-me a extensão que dei a esta carta provocada pela sua excessiva amabilidade para comigo, e creia-me seu

muito admirador e muito obrigado amigo

J. P. Oliveira Martins.

C. de v. ex.ª Porto, aos 15 de novembro de 1887.

PRIMEIRA CONFERENCIA

Geographia phisica e botanica

I Apresentação do auctor—Suas tendencias—Comarca em Pungo Andongo —Casa de José de Seabra—Difficuldades de installação—Vida difficil—Mendes Machado—Aprendizagem pela observação—Estudos correlativos—Peregrinações—Como foi ao Zaire—Governador Dantas—Coelho de Carvalho —Commandante Mattos—Commissão de serviço—Instrucções—Desempenho —Relatorio—Esteve em segredo—Motivo das conferencias—Seu programma.

II A região—Aspecto do litoral—Aridez—Primeira vegetação—Fozes dos rios —Seus deltas—Corrente maritima—Agua dos rios—Formação aquatica não classificada—Terrenos salgados—Rochas da Chella—Velho gres vermelho —Grutas de Cambambe—Carvão—O terreno eleva-se—Afloramentos plutonicos—Zona aurifera—Afloramentos vulcanicos—O terramoto do Quicembo—Ferro vulgarissimo—Ferreiros indigenas—Tentativa do Marquez de Pombal—Cobre no Bembe e Ambrizete—N'outras partes—Enxofre—Prata—Petroleo.

III Orographia e systema fluvial—Tres zonas—Zona baixa tem pouco relevo—Zona media muito montanhosa—Zona alta pouco accidentada—Rios —Sua importancia crescente de sul para norte—Navigabilidade.

IV A vegetação na zona baixa—Cresce de sul para norte, e de oeste para leste—Cacto—Welvichia—Odres—Unha de gato—Sua dureza e côr—Muteate--Imbondeiro—Sua utilidade e distribuição—Caçoneira e cacto candelabro—O seu latex—Aloes—Iffe—Vegetação do Mosseque—Quiutua—Matebeira—Vegetação ao norte do Zaire—Madeiras finas—Trepadeira de borracha—Plantas cultivadas-Condições da cultura—Martins da Cunha—Aguardente de canna—Pastagens.

V A vegetação na zona media—Alarga do sul para norte--Variedade, disposição e opulencia dos vegetaes—Grande floresta—Caminhos difficeis—Vistas surprehendentes—Café—Sua cultura decadente—Outras culturas—Producção de tabaco — Sua decadencia — Plantas medicinaes e venenosas—Cicuta—Trepadeira de borracha extingue-se—Madeira indigena.

VI A vegetação na zona alta—Frescura—Gramineas—Arvores e arbustos—Culturas indigenas—Trigo—Criação de gados—Suas vantagens—Plantas exoticas—Antonio Joaquim de Mattos—Dr. Julio Henriques— Plantas medicinaes.

Meus senhores:—Convidei-vos para vos fallar do Zaire, e das questões que actualmente se debatem a respeito d'elle: vou desempenhar-me do meu compromisso, pelo melhor modo

ao alcance dos meus fracos recursos, e do poucò tempo de que pude dispor.

I

Apresentação do auctor

Ninguem me conhece no meu paiz—além dos meus amigos—a não serem os meus superiores hierarchicos; e por isso preciso de vos fazer a minha apresentação. Permitti que eu me apresente a mim proprio, indicando-vos como cheguei a empenhar-me nas questões da nossa provincia de Angola, e principalmente n'aquellas, de que mais especialmente terei de occupar-me.

Tendo concluido a minha formatura em direito no mez de junho de 1875, só consegui desobrigar-me dos encargos do recrutamento militar no fim de 1876; e por isso só então pude concorrer a uma comarca do Ultramar, e ser provido n'ella. Escolhi a carreira da magistratura do Ultramar por me ser mais facil o provimento, por ser mais rapido o percurso para quem tenciona trabalhar e se não arrecêa de perigos, e, em fim, porque tinha, e tenho, uma certa sympathia pela vida aventurosa dos sertões, com todas as suas impressões fortes, inclemencias e novidades. Eu tinha lido já n'esse tempo os livros dos principaes exploradores, e a minha imaginação e temperamento meridional faziam-me desejar um papel n'aquelles dramas ao vivo.

Tinha sido criada a comarca d'Ambaca, pouco desejada por sertaneja e inhospita; deram-m'a com facilidade, e satisfação mesmo, porque, além d'ella não ser desejada, n'esse tempo sentia-se no ministerio da marinha falta de pretendentes aos logares de delegado do procurador da corôa e fazenda.

Chegado a Loanda no meiado de 1877, notei desde logo que teria de ir habitar e exercer as minhas funcções, em circunstancias de excepcional penuria de tudo quanto pode darnos a vida civilisada.

Como em toda a comarca não havia casas, onde podessem installar-se o tribunal, repartições e funccionarios, tratou-se só de escolher o logar que seria menos insalubre, sem deixar de ser central. N'esse ponto devo confessar a minha gratidão para com o sr. contra-almirante Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, então governador geral, que se preocupou bastante com a saude e vida dos funccionarios que partiam.

Foi escolhida officialmente, para capital provisoria da comarca d'Ambaca, a villa, ou presidio, de Pungo Andongo. Tinha esta localidade uma fama notavel de salubridade e conforto, devida de certo a um antigo morador e rico negociante, que floresceu pelo meiado do presente seculo, e tinha ali uma boa casa onde vivia e recebia bisarramente os altos funccionarios e ricos negociantes, que de diversos pontos da provincia iam ali passar em festa alguns dias, proporcionando-lhes o proprietario todos os transportes e commodidades. Este negociante tinha muita gente, a que chamava sua; e negociava fortemente em marfim e n'outro commercio ainda mais rendoso, dispondo, para sua segurança e do seu trafego, de uma força respeitavel, bem armada e disciplinada. A sua grandesa pode definir-se com este facto: tinha uma sala de jantar pintada a fresco por um pintor italiano, expressamente mandado ir para esse fim. Pois bem. Eu quiz ver os restos de toda essa antiga grandeza; e fui uma vez ao sitio onde tudo isto existira, acompanhado por um filho do dito proprietario, que teria uns 36 annos; e não consegui ver, nem sequer as ruinas, por-

que tudo estava tão invadido de vegetação sertaneja, como os territorios visinhos!

Pungo Andongo não era o que a sua fama dizia; nem era o que nos livros de geographia se tinha escripto ultimamente, por virtude d'esta fama: era simplesmente um ermo, como quasi todo o resto da grande área d'aquella comarca.

Tive de installar-me, e viver ali no sitio, onde no seculo passado viveu José de Seabra da Silva; não na mesma casa, que estas duram muito pouco. Será melhor chamar-lhe cubata, porque ella era em tudo como as dos pretos indigenas: pavimentos e paredes de terra com tecto de palha. A primeira cubata, porém, que eu habitei pertencia ainda aos successores do Catubia, o celebre preto que hospedeu e protegeu Seabra; e estava construida exactamente no logar, onde tinha sido a d'este infeliz exilado. Foi um neto do Catubia quem mo affirmou.

Na installação tive de recorrer muitas vezes ao meu proprio braço, armado d'um pequeno machado que adquiri em Loanda, para me procurar algumas commodidades, relativas ás dos pretos.

O magistrado que então me acompanhou para a installação da comarca, como primeiro juiz d'ella, era o dr. José Manuel de Netto Parra, um rapaz que sahira de Coimbra 2 annos antes de mim, e que mantivéra sempre lá um bom humor muito notavel e conhecido, mas que não pôde resistir mais d'um mez áquelle viver de amarguras, que lhe ia pondo em risco a vida e a integridade das faculdades intellectuaes. Não sei o que seria d'elle, se não toma a resolução de vir para Loanda e para Portugal, abandonando a carreira, como abandonou!

Fiquei só com a minha ignorancia; com a falta de livros e artigos de expediente, que requisitara em tempo, mas não chegavam; com alguns pretos, que desempenhavam *ad hoc* as differentes funcções do juizo; e, para supprir tudo isto, com a minha boa vontade.

Foi assim que trabalhei, e aprendi á minha custa.

Para aggravo d'esta situação difficil, tive ainda de arcar com o potentado d'Ambaca, o preto Manoel Mendes Machado, que por esse tempo fazia deputados em Angola, e criou, com 12 mil votos, que d'uma vez mandou para Loanda n'uma situação difficil, a palavra *ambacada*, consagrada para exprimir na provincia o processo eleitoral das grandes influencias.

Estas difficuldades e privações, collocando-me em contacto com o indigena, e patenteando-me o quadro constante e completo do seu viver e do seu modo de ser, começaram a habilitar-me com grande numero de observações, a que terei de recorrer para vos fazer a minha exposição.

Em 1878 fui nomeado curador geral dos serviçaes e colonos da provincia d'Angola. No exercicio d'essa magistratura precisei, para conhecer bem o serviço que tinha de desempenhar, de percorrer a provincia toda, a fim de visitar os meus curatellados onde quer que elles estivessem, e conhecer bem as relações reciprocas entre elles e os patrões, com todas as circumstancias,que porventura poderiam fazel-as mudar d'uma localidade para a outra. Comecei esta peregrinação pelo districto de Mossamedes, que percorri todo em 1878 e 1879, informando-me em toda a parte das necessidades occorrentes, e remediando, como podia, todos os males que encontrava.

Do districto de Loanda já conhecia a comarca d'Ambaca; e aos concelhos do Quanza tive de ir tambem em visita por duas vezes, para occorrer a necessidades de serviço.

Estava eu, em 1880, em partida para o interior de Benguella, quando recebi participação de que tinha sido transferido para a 1.ª vara de Loanda. Foi por este motivo que não visitei os concelhos de Nano—os unicos de que não tenho noções tão precisas, como desejava, para vos apresentar toda a provincia d'Angola, debaixo dos seus diversos aspectos geographicos.

As minhas funcções de curador despertaram-me interesse pelos estudos e observações ethnicas, que desde logo se me apresentaram como indispensaveis, para o bom exercicio d'aquella magistratura. Depois, como juiz, nunca perdi occasião de continuar nos meus estudos, que, alem de tudo, me pareceram necessarios como preparação e illustração da sociologia moderna — a futura base do direito. Por isso, sempre que pude, continuei as minhas peregrinações pela provincia. Aproveitei para isso as correições, indo fazel-as aos concelhos onde ainda não tinha podido ir a outro titulo. N'estas circumstancias visitei os valles do Bengo e Dande.

Faltava-me conhecer os territorios, a que tinhamos direitos reservados, comprehendidos entre o rio Loge e o 5.° 12' de latitude sul. Falhou-me um meio em que pensei e de que darei conta adiante; e como não tinha outro, resolvi aproveitar uma licença, que tive em 1881, para ir ali como particular visitar o Zaire e Cabinda. Percorri o Zaire até Bôma, caçando hyppopotamos, vendo e observando tudo o que podia. Foi então que eu encontrei os *inquimbas*, essa curiosidade ethnica de que tratarei no logar competente.

Foi então que eu, pela primeira vez, me vi em confrontação com estrangeiros, n'um paiz onde elles, com todos os meios d'uma civilisação actual, combatem contra o nosso prestigio secular; e foi então que eu senti em mim, e observei nos outros portuguezes os effeitos do sentimento patriotico, tirando armas da fé politica e fazendo frente aos esforços particulares dos estrangeiros, e aos das suas nacionalidades, que andam a minar a nossa preponderancia. Mas foi então tambem que eu pela primeira vez senti toda a amargura d'aquelle que foi rico, grande e poderoso, ao ver-se vexado, deprimido e quasi espoliado pelo que veio depois, a succeder-lhe. E' preciso, senhores, ver lá, fóra da acção tutellar da nossa auctoridade os portuguezes, para ficar sabendo quanto elles são patriotas!

Em 1882 a fatalidade fulminára de morte o supremo magistrado da provincia, essa joia da amisade, esse monumento de honradez e integridade no escrupuloso cumprimento das leis, o conselheiro Antonio Eleuterio Dantas. Alma d'antes quebrar que torcer, preferiu deixar-se fenecer em resultado d'uma doença do figado, que era o collector das suas amarguras, a transigir com baixesas e illegalidades, que lhe evitariam a doença e a morte. Seja-me permittido derramar aqui uma lagrima de saudade pelo magistrado exemplar, pelo cidadão honesto, intelligente, instruido, modesto e util, e pelo amigo, que o sabia ser até ao sacrificio da propria saude e vida. É um dos gloriosos martyres da nossa administração ultramarina, e como tal tem direito á nossa veneração.

Esta fatalidade, entregando a administração suprema da provincia ao conselho governativo, por virtude das disposições do decreto de 1869, que regula a administração publica das

provincias ultramarinas, punha o poder nas mãos de quem tinha toda a orbita da sua intelligencia para o exercer, por fora mesmo das circumscripções e restricções, a que se veem obrigados os governadores, que o recebem das mãos do respectivo ministro com indicações precisas para o seu exercicio.

Privava eu já então com um dos vogaes do conselho governativo, o dr. Joaquim José Coelho de Carvalho, a quem um dia consegui enthusiasmar com a idea da occupação do Zaire. Argumentei que o conselho governativo dividia pelos quatro vogaes toda a responsabilidade do governador geral, e que, alem d'isso, facil seria a desculpa do insuccesso para com o governo, para com a Inglaterra e para com o mundo, se se notasse e fizesse notar que só os governadores geraes recebem das mãos do ministro, com o poder, a norma de o exercer, cuja acção deixam garantida com o juramento, que o conselho governativo não tinha prestado. Alem d'isso, sustentava eu: se nós tivessemos a habilidade de aproveitar esta situação, em que uma fatalidade collocou a provincia, e fossemos, antes da Inglaterra ter tempo de se prevenir e dar instrucções precisas, occupar o norte, como quem toma posse do que é seu, sem ter observado que lhe contestam essa posse, qualquer navio de guerra inglez que apparecesse não se atreveria a repellir-nos d'ali para fóra; porque contra um tinhamos outro, ou mais, e contra os outros que aquelle fosse chamar, teriamos com certeza o respeito pelo acto consumado, que só seria de futuro tratado diplomaticamente, visto a Inglaterra não se atrever, por consideração para com as potencias da Europa, a bater-nos por esse motivo. O facto, que a principio seria lançado diplomaticamente á conta da imprudencia do conselho governativo, tornar-se-hia, com alguma

habilidade, um facto consumado para a diplomacia, e serviria então de base ás transacções com muito mais vantagem para nós, do que o *statu quo*.

O dr. Coelho de Carvalho, mancebo talentoso e patriota, enthusiasmou-se. Arriscava o seu futuro — porque era então o secretario geral do governo — a naufragar nos parceis das instrucções do ministerio, motivadas pela impertinente vigilancia e interesse que a Inglaterra então patenteava pelo tal *statu quo* — a permanencia da selvageria. O secretario geral devia conhecer essas instrucções, e conhecia-as. Mas isso não o impediu de se dirigir ao chefe da estação naval d'Angola, sondando-o ácerca da occupação do norte. Este militar valente, instruido e prudente acalmou os fogos da mocidade com uma simples observação: os inglezes iriam em seguida a nós fazer uma occupação mais extensa, dentro dos territorios a que só nós tinhamos direito; e, mau grado nosso, teriamos de os ver ficar ali, até que desistissemos da nossa occupação, facto que fornecia um argumento terrivel contra nós. Esta hypothese seria a mais favoravel.

O dr. Coelho de Carvalho não perdeu de todo o impulso, de que se tinha deixado accionar. Propoz-me que fosse eu estudar o que havia a fazer por parte de Portugal, para chegarmos á occupação do norte, de modo evolutivo e conforme com as nossas circumstancias.

O officio em que me foi dada a commissão pelo conselho governativo, e no qual se marcava a esphera da minha acção é o seguinte:

«Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

Foi V. Ex.ª honrado com a confiança do governo d'esta pro-

vincia, sendo encarregado por portaria d'esta data d'uma commissão difficil, qual é a de visitar differentes portos da costa do norte, do Ambriz até Maiumba, e os pontos das margens do rio Zaire, onde houver estabelecimentos commerciaes, afim de resolver por meio do julgamento arbitral os differentes conflictos, que entre os subditos portuguezes e as casas estrangeiras e potentados indigenas tem havido; e é de esperar que a tal confiança V. Ex.ª corresponda com a sua intelligencia e zelosa dedicação pelo serviço publico, de que ha dado provas no desempenho dos differentes logares importantes que tem servido.

Sabe V. Ex.ª perfeitamente que são incontestaveis os direitos da corôa de Portugal aos territorios situados entre o 5,°12′ e o 8° de latitude meridional, [1] e portanto dos que vão desde a margem direita do rio Loge até á margem direita do rio Cacongo, territorio não occupado effectivamente hoje. Mas, se por differentes actos de occupação, historicamente está provado o nosso direito a essas regiões; se a tradicção do nosso dominio é vivaz entre a população gentilica em toda a bacia do Zaire e nos territorios de Cabinda e Molembo; se a lingua portugueza (e a influencia da lingua é a prova mais positiva da occupação d'um povo, porque a sua fixação é difficil e carece d'uma tradição ininterrompida) se falla com a denominação de lingua de branco, em todas essas regiões: a verdade é que a ambição de nações poderosas nos contesta esse direito, e

---

[1] N'esta latitude fica o Capullo Pequeno (8,° 1′ S.) e d'ahi até á margem esquerda do rio Loge temos occupação difinitiva desde 15 de Maio de 1855; e temos construida a fortaleza do Quincolo, a margem d'este rio, desde 1791.

A foz do rio Loge fica em 7,° 51′ S.

nós, não podendo confiar em restabelecermos pela força das armas o nosso poder—sómente pela influencia civilisadora e pela protecção ao commercio e agricultura poderemos ir submettendo esses povos ao dominio portuguez.

Na escolha que o governo da provincia fez de V. Ex.ª para visitar a costa do norte, a fim de resolver questões pendentes entre differentes commerciantes, e que ha tempo bastante já esperam do governo portuguez a sua resolução, e para estudar um plano geral de civilisação para os indigenas e de protecção para os portuguezes ali estabelecidos, o governo conta com o genio provadamente prudencial de V. Ex.ª, e que ao mesmo tempo que o seu espirito se compenetre da conveniencia e alcance d'este serviço, ha-de observar na sua execução as indispensaveis reservas e cuidados, que devem ser empregados para evitar conflictos internacionaes.

Um dos elementos mais poderosos de civilisação africana é de certo a missão religiosa; mas a missão com o caracter puramente espiritual mal tem provado n'estas paragens, em que a inferior intellectualidade do indigena não consente que o espirito d'estes povos se eleve, e se compenetre da alevantada metaphisica christã; e nem isto é para estranhar, porque em vão se pretenderá alterar as leis da natureza, e fixar de subito n'um cerebro quasi rudimentar idéas superiores para que só uma longa preparação de algumas gerações os torna aptos. Insistir na simples cathechese, parece-me pois inutil. Moralisar pelo trabalho, educar pelo exemplo, e ir presentemente procurando fazer da creança selvagem o homem policiado, deve ser, ao que me parece, o escopo unico das missões catholicas, porque a semente religiosa que o padre deixar cahir no espirito já medianamente disciplinado fecundará facilmente

pela necessidade do sentimento religioso, que toda a alma tem em si. E nem n'estas condições os missionarios catholicos tem nada a receiar da propaganda protestante; porque a enorme poesia apparatosa do culto catholico, impor-se-ha sempre ao indigena, que pelas condições de raça não chegará a comprehender o culto intimo, celebrado unicamente no sacrario inviolado da consciencia humana.

N'esta ordem de idéas o governo da provincia deseja que V. Ex.ª, inspirando-se d'ellas, vá conferenciar com o superior da missão de Landana, a fim de, de accordo com elle, se estabelecerem algumas missões do real padroado portuguez em Cabinda e na margem direita do Zaire.

Ha, porém, aqui a fazer uma reflexão a V. Ex.ª, e é que esta conferencia tem apenas por fim evitar futuras rivalidades entre as missões portuguezas e francezas, e desfazer alguns attritos, que porventura se possam levantar para o nosso estabelecimento, e nada mais; pois o intuito politico do estabelecimento de missões portuguezas n'aquellas paragens aconselha-nos a que as tenhamos muito debaixo da nossa unica e immediata auctoridade. Pensamos em estabelecer á sombra de cada missão um germen de colonia agricola, composta ao principio de poucas familias—tres ou quatro—immediatamente subordinadas á auctoridade do chefe da missão.

Conhecendo, pois, V. Ex.ª qual o nosso plano, tem de escolher os sitios convenientes para o estabelecimento das missões nas condições apontadas, e estudar com todo o cuidado a fórma mais conveniente de o realisar.

Para outro ponto chamo a attenção de V. Ex.ª: é sobre a maneira porque os serviçaes são tratados pelos patrões no Zaire, onde vivem ainda quasi nas condições de escravos. O

governo portuguez, que tem incontestavel jurisdicção n'aquelle territorio, não pode por dignidade sua consentir esta affronta á civilisação, e permittir que esses retardatarios da grande idéa da emancipação dos negros, continuem a proceder na questão dos serviçaes contra a lei portugueza e contra a lei da humanidade.

A reconhecida competencia de V. Ex.ª n'esta materia dispensa-me de lhe fazer quaesquer reflexões.

O governo deseja que V. Ex.ª, estudando com toda a individuação as condições em que se acham os serviçaes nos territorios que, embora não avassallados, pertencem incontestavelmente á corôa de Portugal, nos apresente as modificações, que são necessarias nos regulamentos dos serviçaes d'esta provincia, para se poderem applicar áquelles districtos.

V. Ex.ª vae, e visita os portos que quizer, quando entender que essa visita é necessaria para o bom desempenho da sua commissão, e demora-se o tempo que quizer e entender.

Deus guarde a V. Ex.ª

Secretaria do governo geral em Loanda, 1 de julho de 1882.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Francisco Antonio Pinto, juiz de direito da 1.ª vara d'esta comarca.

Joaquim José Coelho de Carvalho, secretario geral.»

Foi por virtude d'este officio e da portaria da mesma data, a que elle se refere, que parti para o norte a bordo da canhoneira *Bengo,* commandada pelo tenente José Aleixo Ribeiro, cuja amabilissima companhia aqui agradeço.

Devo desde já declarar, para aclarecimento, que chamarei por brevidade *norte* a todo o territorio a que tinhamos direi-

tos reservados. E' esta a designação que se lhe dá em Loanda e no Ambriz. Não é, porém, por este motivo; porque norte chamam em Mossamedes a Benguella, em Benguella a Loanda, e no Zaire a tudo o que fica para o norte. Esta designação, bem como a de interior, são sempre relativas em Angola. E' pois só por brevidade, que lhe chamarei *norte*.

Parti no mesmo dia em que me foram entregues as instrucções.

Durante a visita observei e tomei notas, e na viagem do Banana a Loanda, a bordo do paquete inglez, que durou 7 dias, escrevi o relatorio, que entreguei em Loanda no dia 8 de setembro de 1882. Este relatorio veio immediatamente para o governo da metropole por extracto feito pelo governador geral, e no paquete seguinte veiu por copia; mereceu a honra de ser impresso e distribuido pelas altas estações officiaes e diplomaticas, principalmente, para seu uso nas diversas questões a ventilar com relação ao Zaire, especialmente na conferencia de Berlim[1].

Pedi e obtive tres exemplares impressos d'esse relatorio, quando em janeiro proximo findo me encontrei com o sr. director geral do Ultramar pela primeira vez, depois da minha ausencia de Angola.

As noticias ultimamente chegadas, e as que nos tem dado o telegrapho, relativas ao estado da questão em Berlim, tornam desde já escusado o segredo, em que a razão de estado tem

[1] Este documento vai no fim integralmente reproduzido, a ver se assim posso satisfazer aos muitos pedidos que me tem feito d'elle. A curiosidade que elle teve a fortuna de despertar não poude de modo nenhum ser satisfeita pela pequena extracção que o governo mandou fazer para seu uso.

mantido o assumpto. E' tempo de se entregar á consideração do publico a palpitante questão do Zaire.

Dois dos meus collegas e amigos encarregaram-se de me convencer e determinar a vir aqui, contribuir com o meu obulo de observação e conhecimento para a esclarecer. Eu não me suppunha tão habilitado, como elles me demonstraram, que devia estar; mas persuadiram-me com argumentos dirigidos á minha dignidade e á da minha classe.

Cá me tendes, senhores, sem preparação e sem ornatos, a tratar de assumpto, que muito vos interessa, e em cujo interesse eu confio para padrinho e protector da minha insignificante humildade. Lembrae-vos de que tive de fazer o enorme sacrificio do meu acanhamento, filho legitimo da educação catholica portugueza que recebi, crystallisado já nos habitos da minha vida. Lembrae-vos de que no muito que tenho de vos expor, poderei ter a felicidade de vos dar algumas novidades; e de que para isso eu venho investido da auctoridade modesta, mas firme, de quem viu. Eu sei que estou fallando perante as sumidades da illustração do meu paiz, mas—vós deveis sabel-o tambem — as chronicas não registam tudo, e, muitas vezes, sem culpa do chronista, apresentam a verdade alterada. Eu tive, mais d'uma vez, de substituir por meio do conhecimento directo dos factos, falsas noções gravadas no meu espirito pelo estudo de gabinete.

Lembrae-vos de tudo isto, senhores, e sede benevolos para comigo.

Na serie d'estas conferencias hei-de tratar da provincia de Angola em geral, e em especial do norte, debaixo dos diversos pontos de vista da geographia physica, botanica, zoologica e ethnica; passarei depois a expor as circumstancias em que es-

tava o commercio, e o nosso prestigio politico e religioso n'esta região, quando eu a visitei; apontando em seguida os conselhos que dei ao governo, para fortalecer o commercio portuguez e manter e augmentar o prestigio nacional até ser necessario e justo chegarmos, por meio da evolução, á posse effectiva d'aquelles dominios. Apontarei tambem de passagem as consequencias de se não terem seguido os meus conselhos. Por ultimo indicarei algumas das condições, em que deve fazer-se a occupação, segundo os dictames da conferencia de Berlim.

Na parte geographica apresentarei algumas generalidades, que me evitarão repetições enfadonhas no percurso da exposição; e se alguma vez sahir fora da área do *norte*, de que me proponho tratar em especial, será simplesmente para aproximar factos, que auxiliarão a lucidez do meu espirito e a comprehensão do meu mal ageitado discurso.

Os dados geographicos, que vou apresentar, serão como que a preparação da tela, em que me proponho desenhar o meu quadro; e por isso nem esboço geographico me atreverei a chamar-lhe.

II

A região

Apresentarei primeiro a região.

Supponhamo-nos, senhores, demandando a costa d'Angola pelo caminho seguido antigamente por navios de vela. Vamos do lado do Rio de Janeiro com rumo solto sobre Cabo Frio. Divisa-se ao longe no horisonte como termo do azul, unindo

o céu ao mar, uma estreita e longa fita branca: é o areal da costa, que se vae mostrando raso, extenso, arido e triste, e vae criando em nosso espirito mil phantasias para povoar aquelle deserto, á medida que nos aproximamos.

Naveguemos para o norte. Acompanha-nos pela amurada de estibordo, com notavel teimosia, uma praia desolada que parece um oceano de areia, ainda mais inimigo da vida, do que o Atlantico, que nos faz desejar terra.

Divisa-se agora uma depressão na planicie, encaixilhada entre dois degraus fronteiros e paralellos, um como que largo corredor que de dentro vem direito ao mar: é a bôca do Cunene que mostra o seu leito de areia, sobre o qual correm e alcançam o oceano algumas enxurradas só no tempo das maiores enchentes do rio. Continua depois o mesmo aspecto, recortado apenas por algumas restingas. Nem se nota a foz do Curoca, tão secca e perdida no areal permanece, durante a quasi totalidade do anno! Mas em seguida a elle vê-se a primeira trincheira escura, aos pés da qual o mar se quebra em maré cheia, impedindo a passagem pela areia batida e molhada. É o Cabo Negro, sobre a ponta do qual se avista bem contornado no horisonte, o padrão da descoberta de Diogo Cam.

D'ahi para o norte a costa continua com alternações de trincheira cinzenta e praias de areia, mas tendendo sempre a restringir as praias e ampliar as trincheiras; até que dobrada a ponta sul da bahia de Mossamedes se descobre, no fundo sueste d'ella, a villa de aspecto risonho e lavado, a lembrar-nos uma praia de banhos de Portugal. E' ao meio d'esta bahia que vem dar a foz do rio Bero; e é nos areaes humedecidos pelas suas enxurradas, de quinze dias por anno, que se avistam os primei-

ros representantes da vida vegetal, sobre cuja verdura os olhos pousam a descançar da ophthalmalgia, produzida pela irradiação luminosa do oceano e dos areaes.

D'aqui para o norte continua a trincheira recortando no seu perfil as ondulações do terreno a mostrar, de quando em quando como soluções de continuidade no seu aspecto de muralha, um ou outro portal com umbraes, melhor ou peor desenhados: são as fozes dos pequenos rios Giraul e S. Nicolau, que só em poucos dias do anno conseguem fazer chegar as aguas ao mar.

Agora a trincheira continua, mas vae mudando de côr, vae-se tornando avermelhada, e n'um ou outro ponto, onde a erosão foi mais remota, vae mostrando rampas mais ou menos inclinadas, sobre as quaes se notam as primeiras vegetações da planice arida.

Continua assim por algum tempo, alternando apenas os tons avermelhados com outros mais ou menos amarellos, e dando sahida para o mar aos rios Luache, Catumbella, Cuvo e Gunza.

Os rios e a vegetação vão crescendo de importancia, á medida que se caminha para o norte.

Apparece-nos a foz do Quanza, mostrando o seu valle entre duas collinas, que vem terminar no mar por trincheiras afogueadas. E' a primeira foz accessivel a embarcações d'alguma importancia.

Continuam as trincheiras cortadas pelos vales dos rios Bengo, Dande, Liune, Loge e N'bidge, e alternadas por algumas rampas cada vez mais cobertas de vegetação, até que ao termo d'uma extensa muralha de barreiras vermelhas apparece o mangal dos charcos do grande rio, o cabo Padrão e a ponta de St.º Antonio, que lhe formam a bôca do lado do sul.

D'ahi até ao Chiloango e ao Massati continua a costa com o mesmo aspecto, notando-se cada vez mais vegetação, agora até já arborea, e mesmo á beira mar.

As trincheiras ou barreiras da beira-mar, mostrando a structura e a côr dos terrenos nas suas diversas camadas e conservando-se aprumadas e despidas de vegetaes, indicam uma acção constante operando a sua formação. O agente deve ser a corrente maritima, que junto á costa se dirige de sul para norte, inclinando-se depois para oeste, seguindo e cortando o equador em direcção ao golpho do Mexico.

Deve ser por virtude d'esta corrente que as virações do litoral, sempre de sudoeste, são temperadas e refrescam consideravelmente, durante o dia, o calor produzido pela insolação directa. O ar que vem do mar, tendo passado por sobre as aguas frias que vêm do sul, perde ali grande quantidade de calor, e chega mesmo a produzir a sensação do frio e os seus effeitos pathologicos com tanta mais intensidade, quanto mais para o sul e perto do mez de agosto.

Parece-me poder tambem attribuir-se a esta corrente maritima o facto de serem estreitas e baixas as fozes dos rios navegaveis. O que vem em auxilio d'esta interpretação é o facto de todas essas fozes terem, em geral, como que servindo-lhe de quebramar uma restinga, mais ou menos comprida, que é o prolongamento na direcção norte, do extremo occidental da margem esquerda do rio. Esta restinga deve ser formada pelas areias das barreiras, trituradas pela vaga e carriadas pela corrente maritima ao longo da costa. A corrente do rio, quando menos impetuosa, vai conformando a restinga e estendendo-a para norte pelo lado de dentro, e quando mais consideravel no tempo das chuvas, corta ás vezes a restinga em

frente da embocadura, abrindo entrada a direito para o mar.

Deve ser tambem por virtude d'esta corrente que os rios não têm deltas, ou antes, têm-nos fanados e dispostos em restinga, como acima fica dito.

As suas aguas são sempre mais ou menos turvas. No rio Zaire é impossivel ver um hyppopotamo ou um crocodilo um decimetro abaixo da superficie da agua; porém no tempo das inundações torna-se muito notavel a quantidade de areias e despojos da vida vegetal e animal, que os rios transportam, especialmente os que têm maior volume d'agua e corrente mais rapida. No Zaire e no Quanza são frequentes verdadeiras ilhas fluctuantes, perigosissimas para a navegação. Tudo isto, se ao chegar á foz encontrasse o mar parado, fluctuaria ali por algum tempo, começando em seguida a depositar-se no fundo pela ordem de densidades, e formando ricas alluviões, que em breve emergiriam em ilhas e lezirias ferteis, como as do Nilo e outras.

Tal facto, porém, não succede, porque as partes solidas, transportadas pela corrente dos rios, são entregues por esta á corrente maritima, que continua o transporte levando-as para muito longe. E' verdadeiramente espantosa a distancia, a que nas alturas do Zaire se observam no mar as suas aguas escuras. E ellas lá vão em marcha triumphal com as ilhas fluctuantes em direcção ao Amazonas, como que para se casarem, e ir depois de braço dado fertilisar as Antilhas, passear pelo golpho do Mexico, saudar o Mississipe e por ventura alimentar a luxuriante flora maritima do mar dos Sargaços.

Eu quizera, senhores, dizer-vos alguma cousa ácerca da

formação geologica dos terrenos de que me occupo, por muito pouco que fosse; mas a geologia fechou-me as portas do seu sanctuario.

É uma sciencia, de que eu quiz tomar algumas noções geraes, que, me parecia, deviam ter feito parte da minha instrucção secundaria para o curso superior de direito, e não pude. Depois de outros livros, li com avidez alguns escriptos do seu summo sacerdote—Lyell—para no fim da leitura tirar em conclusão, que é sciencia para sabios e para ricos. Eu não sou sabio nem rico.

Entretanto, como Lyell ainda lá não foi, e esta sciencia só póde constituir-se por meio do exame directo, eu vou ver se lhe apresento a elle e aos nossos sabios geologos, que tambem ainda lá não foram, alguns factos aproveitaveis, ao menos em parte.

Como indicio de formação aquatica submarina, direi que em todas as trincheiras observei as estratificações diversas sobrepondo-se e entremeando-se de camadas de areia com calhão rolado e conglomerados fosseis. Parece indicar esta mesma formação a circumstancia de ainda estarem salgados os terrenos, onde menos chove. Na zona baixa do districto de Mossamedes, onde poderá chover uma vez ou duas em dois ou tres annos, e nos sitios onde o terreno é menos claro, apparece, algumas horas depois da chuva, uma grande quantidade de cristaes de sal commum, dando ao terreno o aspecto que elle teria, se cá no nosso Portugal recebesse uma camada de geada no mez de janeiro.

Os terrenos da zona baixa vão sendo tanto menos salgados, quanto mais se avança para norte; e isto está na razão inversa da quantidade de aguas pluviaes que sobre elles cae por anno. Onde estas chuvas chegaram a produzir e alimentar

nascentes, desapareceram os terrenos salgados, para começarem os lavados. Poderá, talvez, ser dado como linha divisoria dos terrenos salgados da zona baixa, o baixo Zaire.

A enorme trincheira da Chella, que faz o salto por um só degrau, d'um kilometro d'altura, da zona baixa para a alta, apresenta nas suas muitas e variadas camadas horisontaes de diversas rochas uma collecção magnifica, que faria a felicidade dos sabios geologos, fornecendo-lhes muitos elementos de estudo.

Em Pungo Andongo, em Cambambe, na Moanda e em Cabinda apparecem grandes extensões de rocha, a que eu, se soubesse mais alguma cousa, talvez me atrevesse a chamar velho gres vermelho. Em Pungo Andongo são d'essa rocha constituidas as celebres Pedras Negras, que formam as muralhas naturaes e fortissimas do presidio, e se estendem para leste n'uma especie de cordilheira, atravez da planicie, n'uma extensão de 14 legoas. A sua côr negra é devida a uma grande quantidade de pequenos likens escuros, que lhes forram a superficie.

Em Cambambe é n'esta rocha que apparecem antigas grutas cheias de stalagmites, grande quantidade de fosseis vegetaes e animaes muito perfeitos, e stalactites lindas, similhando claustros e rendilhados manoelinos. Todas estas preciosidades paleontologicas se estão queimando em fornos para fazer cal!

E' tambem sobre este gres de Cambambe que appareceram, n'uma e n'outra margem do rio Quanza, os filões de carvão que são conhecidos, e cujas amostras eu já vi arder.

Na Moanda e em Cabinda afflora este gres á beira-mar, produzindo ali o parcel da Moanda, e segurando em Cabinda

a ponta sul da bahia contra o trabalho lento e brando, mas constante, do mar.

Parece-me, portanto, poder affirmar que os terrenos são em geral de formação neptunina, e que n'uma edade geologica mais ou menos remota começaram a emergir, e continuaram a elevar-se, até muito acima das suas summidades actuaes, que deverão ter sido denudadas, desde que emergiram, pelos diversos agentes naturaes. Mas de qual ou de quaes das edades neptuninas serão estes terrenos? Arrisquei-me a fallar do velho gres, e não arrisco mais nada: não sei ler no livro da paleontologia as edades geologicas, e, mesmo que soubesse, não tive tempo de o folhear em Angola. Direi entretanto, na mente de que isto possa ser util para a apreciação dos sabios, que perto da foz do rio Bero vi encrustado n'uma camada de areia e meio fossilisado um caranguejo, muito similhante aos que ainda passêam vivos pela praia visinha; e vi tambem perto da foz do Giraul, e no fundo d'um poço donde se tirava agua salgada para fazer sal, uma camada de conchas de ostra similhantes ás que se encontram em muitos logares da praia.

Por entre esta grande extensão de terrenos neptuninos affloram n'um ou n'outro ponto algumas rochas, a que talvez não seja grande temeridade chamar plutonicas, ou, especialisando mais, granitos cinzentos. Parece-me estarem n'este caso os afloramentos, que começam na Pedra do Major e continuam pela Pedra Grande, Nascente e Providencia a caminho de Capangombe. Por estes afloramentos presente-se a continuidade da rocha no subsolo; assim como se nota pelo feitio, dimensões e posições caprichosas dos blocos, expostos ao tempo, que as desagregações são o resultado das diversas acções meteorologicas combinadas.

Tornam a apparecer rochas d'esta naturesa na Musserra, onde é bem conhecido o celebre pilar, que serve aos navegadores para reconhecimento da costa; e na margem norte do rio Zaire, em Bembandeca, onde tambem ha um pilar muito conhecido dos nossos officiaes de marinha.

As condições indicadas pela sciencia para a existencia dos filões auriferos dão-se perto de Capangombe, onde sobre os granitos indicados assentam massas enormes de quartzo branco. E, se por ventura ali existe o ouro, estão as primicias da sua colheita, que n'esse caso deverá ser facil e riquissima, servindo de cama aos leões nos logares mais fundos e frescos das ravinas, que só tem agua no tempo das chuvas. A desagregação d'elle, e a lavagem, deve ter sido feita pela natureza, enthesourando-o a pouco e pouco nas depressões, para enriquecer os primeiros felizes que o acharem. Isto no caso de elle existir ali, o que, se não se póde affirmar simplesmente pelas circumstancias indicadas, tambem se não póde contestar pelo facto negativo do ouro não ter apparecido até hoje, porque aquella região só começou a ser percorrida depois da fundação da colonia de Mossamedes, e n'esse tempo já ninguem pensava no ouro de Africa, por que as vistas estavam lançadas lá para outro commercio, e para o ouro em outras localidades.

Tambem é certo que ainda nenhum perito examinou aquella região, e, pelo contrario, é certo que ainda ha pouco na Huilla foi encontrado um filão aurifero por um subdito allemão. E a região da Huilla confina com esta, ou estende-se mesmo até dentro da sua área.

E' certo tambem que alguem já encontrou ouro em Quilengues, que ainda é limitrophe ou mesmo a continuação d'esta

especie de rochas; e toda a gente sabe que no Lombidje vão agora ser exploradas as minas d'ouro, desde ha muito conhecidas.

Affloram tambem, pelo menos nos Cavalleiros e no Giraul, especimens que talvez possamos affirmar serem vulcanicos e basalticos. O dos Cavalleiros é preto, e o do Giraul avermelhado.

Estes afloramentos devem ter alguma relação com a circumstancia de serem desconhecidos em Loanda os tremores de terra, e se terem observado já alguns perto dos basaltos, em Mossamedes, apesar da sua recente fundação. Eu senti lá um terramoto em 1879.

Em Loanda, disse, não ha memoria d'estes phenomenos geologicos, e prova-o o seguinte facto. Sentiu-se um dia em Loanda um abalo subterraneo acompanhado de certo ruido. Toda a gente se espantou, e os antigos registaram o primeiro terramoto, e esse inoffensivo. Houve um pregador que alguns dias depois aproveitou a circumstancia, para mostrar ao povo de Loanda, que Deus estava indignado com os seus peccados, e fallára por aquelle modo desconhecido, ameaçando grave castigo. E muitos assim o ficaram entendendo, até que chegou do Ambriz uma embarcação, que trazia revogado aquelle decreto da sabedoria divina, com a noticia de que o abalo e o ruido foram causados pela explosão d'um paiol de polvora, a que os indigenas do Quicembo tinham lançado fogo, para se vingarem de algumas extorsões que lhe tinham feito os negociantes.

O ferro é vulgarissimo por toda a provincia d'Angola, e por muitos dos logares do norte, onde o indigena em geral é habil em o extrahir e trabalhar.

Quando eu cheguei a Pungo Andongo com o juiz da comarca, tinha este perdido uma chave da mala. Julgando-se em paiz de recursos, mandou chamar um mestre que lhe substituisse a chave perdida; e, quando lhe appareceu como mestre um preto despido e com aspecto selvagem, ficou desapontado; mas maior foi o seu desapontamento, tendo visto o preto moldar em cera a abertura da fechadura e voltar d'ahi a pouco com uma chave, só forjada, que abriu e fechou a mala perfeitamente. Quiz elle então ver a ferramenta com que o mestre fizera a obra, e o seu espanto chegou ao auge, quando lhe mostraram uma verga de ferro batido e dois pedaços de ferro em forma de mão de almofariz, um dos quaes servia de malho e o outro de bigorna.

Na margem do rio Lucalla, em Oeiras, veem-se ainda as ruinas da grande obra, mandada construir ali pelo Marquez de Pombal, para a exploração do ferro e applicação d'estas aptidões indigenas.

Tambem são conhecidas as celebres minas de cobre do Bembe, que já estiveram em exploração, e espantaram o mundo metalurgico pela sua enorme percentagem de producção. Parece-me que se prepara uma nova companhia para as ir explorar.

Soube no Ambrizete, quando ali estive, que a meia legoa de distancia da costa havia, quasi a descoberto, uma grande quantidade de minerio de cobre de muito boa qualidade e percentagem. Disseram-me que já vieram para a Europa amostras, que tiveram muito bom acolhimento.

Os indigenas, porém, sempre por causa da eterna intriga de que elles com facilidade se deixam convencer, não quiseram trazer mais minerio aos negociantes, receiosos de que

esta riqueza incitasse os brancos a irem tomar-lhe as terras e escravisal-os. Os negociantes consentiram com facilidade em não comprar mais cobre, temendo que os indigenas se irritassem, e elles perdessem o bom negocio de marfim que ali estavam fazendo. E assim ficou esquecida, e quasi desconhecida, esta rica exploração que agora nos deve interessar, logo depois de tomar-mos posse.

De resto, na provincia d'Angola, e principalmente lá para os sertões de leste, ha muito cobre e por muitas partes; pois que os indigenas sabem extrahil-o e fabricar d'elle alguns pequenos objectos, quasi todos para enfeite. Fazem elles até, um fio quasi tão bem calibrado, como o nosso arame de cobre; e servem-se d'elle principalmente como parte integrante das armas, e para enfeites tambem. Além d'isso são bem conhecidas, se bem que já muito raras, as barras de cobre, em forma de cruz de St.º André, que d'antes vinham da Lunda e eram exportadas em Loanda, como genero colonial.

Ha tambem enxofre no Dombe Grande. Era conhecido desde ha muito, mas a sua existencia foi scientificamente constatada pelo sr. Lourenço Malheiro, que demonstrou a improficuïdade da exploração, por ser pobre o jazigo.

Deve tambem haver prata dentro da provincia ou nos sertões de leste, porque os indigenas sabem extrahil-a e fazer d'ella alguns pequenos objectos, só para uso dos sobas e dos macotas. Mas a prata é para os indigenas o metal nobre por excellencia, talvez por ser branco; e por isso é aquelle cuja existencia mais trata de encobrir, por causa sempre da eterna preoccupação e intriga. O gentio Mussorongo é habil em fundir e forjar a prata, se attendermos á ferramenta rudimentar de que dispõe; mas ja hoje difficilmente a extrahe. Acha mais

commodo empregar as moedas inglezas de shilling, que muito bem conhece e procura, para fazer malungas (pulseiras), offerecendo geralmente papagaios para as adquirir em troca.

O mallogrado major João Antonio Ferreira Maia, aquelle intelligente e util funccionario, cuja morte prematura foi uma grande perda para Angola, descobrio e começou a explorar para uso das obras publicas, mas no intuito de introduzir um grande melhoramento na colonia, uma mina de betume e petroleo. Ha asphalto feito e applicado em Loanda com a materia prima do jazigo, que é perto da foz do rio Lifune.

A utilidade d'esta descoberta e exploração é obvia, para quem ponderar as grandes vantagens que os pavimentos de asphalto podem ter em Loanda, onde todos os outros são caros e difficeis, e estão sujeitos a mil contrariedades que se não dão com elle.

III

Orographia e systema fluvial

Todo o territorio da provincia d'Angola póde considerar-se comprehendido em tres zonas, que, pela ordem das suas altitudes, costumam designar-se, baixa, média e alta. Esta divisão poderá ser apodada de menos rigorosa, porque possivel será muitas vezes encontrar altitudes na zona média superiores a muitas da zona alta etc.; mas o certo é que ella auxilia a coordenação das idéas, e tem applicação commoda a todos os diversos ramos da geographia.

A zona baixa é a das planicies da beira-mar, e estende-se para leste, até encontrar os grandes e continuos relevos do terreno, que constituem a zona média.

A zona alta confina com esta pelo lado do oriente, e estende-se para leste, muito além dos limites da nossa occupação effectiva.

A zona baixa começa, pelo lado do sul, por esses areaes desertos e inhospitos, a que ha pouco me referi; e estende-se para norte até aos confins boreaes do nosso territorio, sempre com poucos relevos, e esses tanto menos importantes, quanto mais perto do mar. Os seus montes e montanhas são muitas vezes constituidos por afloramento e saliencia de rochas de edades geologicas diversas das dos terrenos adjacentes, e cuja dureza relativa tem resistido ás diversas causas de denudação, a principal das quaes, a chuva, tem ali pouca importancia, por ser tanto mais rara, quanto mais para o sul.

Esta zona poderá ser considerada uma faxa adjacente ao mar de 30 a 60 legoas de largura.

Do sul para o norte, notam-se sobre ella: os cabeços e montes constituidos pelos granitos e quartzos de Capangombe, que continuam para norte no districto de Benguella; e n'este districto, no de Loanda e no norte, algumas raras montanhas, marcando as linhas divisorias das bacias dos pequenos rios, e um ou outro monte ou cabeço de pequena importancia, devido á maior dureza do terreno de que é constituido. Entre as montanhas d'esta zona poderemos mencionar as da Anha, no districto de Benguella, da Quissama e Quincollo no districto de Loanda, e as do Bembe, Congo, Vivi e Maiumba no norte. Entre os montes e cabeços citaremos os de S. Fernando, Serra Leoa e Pedra Grande em Capangombe, os do Dombe Grande no concelho do mesmo nome, os de Muxima e Massangano no districto de Loanda, os da Musserra ao norte do Quicembo e os de Sacara N'baca e Bembandeca no Zaire.

Os demais accidentes de terreno da zona baixa não tem importancia propriamente geographica. Ou são os collos da ondulação da planicie entre as leves depressões, a que para o sul se chama *Dambas*, ou são degraus aprumados constituidos pela erosão dos rios e enxurradas, cavando o seu leito atravez da planicie em direcção ao mar. Alguns d'estes saltos apparecem, muitas vezes, no meio da planicie, muito longe do que deveria ser a outra margem da torrente; e algumas vezes mesmo sem se conhecer por onde passa agora o leito das que os produziram. N'este caso, e em muitos em que os degraus encaixilham o leito do rio formando como que um corredor, chamam-lhe no sul serras.

A zona media sendo, como já indiquei, constituida pelos relevos orographicos continuos que fazem a transição da baixa para a alta, é quasi toda montanhosa. A sua área poderá imaginar-se comprehendida: dentro d'um angulo agudo, cujo vertice esteja nas cataractas do Cunene, e cujo lado esquerdo vá pelo concelho de Capangombe e Quilengues aos do Dondo Zeura do Golungo e Encoge, e d'ahi ao Bembe e S. Salvador seguindo o N'pozo, até á sua foz; indo o lado direito pelo occidente de Caconda ao Bailundo e a Tala Mugongo, e continuando depois pelas summidades adjacentes ao vale do Cuango.

Esta zona no sul é simplesmente uma linha divisoria entre a baixa e a alta. Já vem n'esta disposição do lado do sul do Cunene. Este rio, quando a encontra, despenha-se em cataractas e rapidos, para ir depois perder-se nos areaes, lá n'essa região, onde nas cartas geographicas ainda nada está determinado, mas onde em breve os nossos benemeritos exploradores, Capello e Ivens, substituirão por traços cheios, os ponteados.

O degrau monstruoso continua até á serra da Neve, apresentando, para quem o observa do lado de Mossamedes, o aspecto d'uma gigantesca fortaleza de côr idosa, com seus baluartes e contrafortes. Quem se aproximar, a cinco ou seis leguas de distancia, divisa umas nodoas escuras, que sulcam a muralha de alto a baixo, em diversos logares da sua extensão; e, aproximando-se mais ainda, nota que estas nodoas são fendas, no fundo das quaes se enxergam uns tons esverdeados. Estas fendas são os leitos das ribeiras, que descem lá das alturas, umas vezes espumando pelos fraguedos com o murmurio das cascatas, outras precipitando-se d'um jacto, e pulverisando-se e perdendo-se, para dar logar, apenas, a que as rochas se revistam da vegetação propria dos sitios muito humidos e insolados.

E' por algumas d'estas fendas que o viajante encontra as unicas veredas praticaveis, para vencer tamanha altura. Uma d'ellas, a do Bruco, que fica fronteira a Capangombe, é de notavel belleza e frescura; tem no meio uma esplanada, denominada o Chão da Chella, que deu o nome a toda a serra. N'essa esplanada está a fazenda agricola do lavrador Mendonça, que cultiva ali o café mais saboroso e rico de toda a provincia de Angola: só lhe é comparavel o da Biballa.

E' pela Chella que habitualmente se passa, indo de Mossamedes para a Huilla, por ser o caminho mais curto. Todavia as obras publicas não poderam por ali levar a estrada, por não haver possibilidade de lhe dar, em tão estreito ambito, o desenvolvimento preciso para vencer o desnivel, obedecendo aos limites de curva e rampa. Traçaram-n'a pela Biballa, que fica um pouco mais a nordeste.

A serra é conhecida, como disse, pelo nome de Chella; mas

melhor lhe quadrava o de Huilla, pelo qual a designam os indigenas, chamando ainda Huilla ao territorio do planalto, que se estende para leste. Quando occupámos esse territorio, fundando a fortaleza e concelho da Huilla nas terras do Lupollo, designamol-o muito bem com o nome de Huilla, porque ficámos exercendo jurisdicção em toda a Huilla; hoje, porém, que dentro d'essa área já temos outros concelhos, como por exemplo a Humpata, devemos acautellar-nos com a designação, reservando-a para uma divisão mais consideravel, do que um simples concelho.

Ao voltar para leste, na serra da Neve, o desnivel monstruoso da Chella inclina-se, e começa a recortar-se em montanhas, que se vão desenvolvendo e alargando tanto mais, quanto mais para norte avança a abertura do angulo da zona media.

N'esta zona são raros os platós, dignos d'este nome. No entanto poderemos citar n'este caso as planicies de Ambaca e e do Congo, que são tanto mais notaveis, quanto melhor se observam, por estarem quasi limpas de vegetação arborea e sómente cobertas de gramineas.

A zona alta, ou planalto, tem a sua ponta mais avançada para o mar em cima da abrupta serra da Chella. D'ahi estende-se para o lado do oriente, entre os rumos de sueste e nornordeste, até muito além dos territorios em que exercemos, ou podemos vir a exercer, jurisdicção effectiva; e sempre com o aspecto de formosas e frescas campinas, muito cortadas de linhas d'agua entre as quaes avultam, n'um ou outro ponto, algumas montanhas consideraveis.

O systema fluvial está, e não podia deixar de estar, em harmonia com o systema orographico, e com o regimen das chuvas.

Na zona baixa onde muito pouco chove, e tanto menos quanto mais para o sul, póde dizer-se que não nasce rio algum nem mesmo nenhuma ribeira, a não ser do Zaire para o norte, n'esse formosissimo paiz de Cabinda e Molembo, que é todo cortado de linhas d'agua, assombradas de uma vegetação arborea paradisiaca, alternando com clareiras de gramineas mais ou menos extensas.

Em Molembo e Cabinda no tempo das trovoadas, chove regularmente e por bastante tempo; e assim as infiltrações operam-se com abundancia, e as ribeiras têm durante um anno alimentação perenne. Este facto é muito secundado pela natureza arenosa do terreno, que deixa com facilidade entrar a agua por toda a sua superficie de exposição até ao lençol, onde ella se deposita no subsolo.

Para o sul do Zaire succederia ainda o mesmo, se as chuvas não começassem a diminuir, e os terrenos não apresentassem n'uma ou n'outra parte camadas impermeaveis, á superficie. Do rio Dande para o sul já as chuvas são muito raras; e a partir do Quanza mais ainda. Em Mossamedes cairá uma chuvada, ou duas, ou tres, n'um anno, em dois, ou em tres; e esta chuva, estando o terreno, como está, desprotegido de vegetação, evapora-se em breve sem se quer ter dado logar á formação de charcos, que não desappareçam em poucos dias.

Na zona media é que começam a apparecer as nascentes com tanto mais frequencia e importancia, quanto mais para norte. Desde o Cunene até á serra da Neve, onde a zona media é uma linha, as nascentes não tem importancia, ou não existem mesmo.

Toda a agua que d'ali corre para ir perder-se nos areaes, a

tanto mais curta distancia quanto menor é o seu volume, cáe la de cima da zona alta. De lá descem as ribeiras que, juntando-se, formam os rios Curoca, Bero e Giraul. De sorte que estes tres pequenos rios gosam do mesmo privilegio que o Cunene, o Quanza e o Cuango — nascem no planalto.

Da serra da Neve para o norte, todos os pequenos rios nascem na zona media. Aos primeiros ainda succede, como aos seus tres visinhos do sul—não chegam durante todo o anno com as suas aguas ao mar. Depois, no districto de Benguella, já alguns mantêm corrente constante durante o anno inteiro, mas ainda sem serem navegaveis, nem para pequenas embarcações. E só começam a ser navegaveis, com maior ou menor facilidade do Quanza para o norte. O Bengo e o Dande já tem uma navegação notavel de pequenas embarcações de quilha; e o Chiloango seria navegavel durante 60 milhas para navios a vapor até 500 tonelladas, se não tivesse a foz horrivelmente estrangulada e baixa, por causa da impertinente restinga de areia de que já fallei. Se taes navios podessem lá entrar navegariam á vontade por elle acima, que tem fundo para isso.

Os grandes rios da provincia, o Cunene, o Quanza e o Cuango, têm todos, como é sabido, a sua origem no planalto, da Huila e Bihe para leste. Ainda d'ali parte o Cuando que vae para leste, e o Cubango, de que nos fallou Serpa Pinto.

Estes rios seriam magnificas vias de communicação do interior com o litoral, se não fossem cortados de cataractas, que obstruem a navegação, justamente, nas localidades onde o caminho por terra seria mais difficil por causa de ser mais accidentado o terreno. O Cunene, só seria navegavel das cataractas para montante; e, como a collocação de boas embarcações

em taes alturas seria muito difficil, ao menos durante os primeiros esforços d'uma civilisação nascente, podemos concluir que não ha muito a esperar da sua navegação, a não ser como meio de communicação inteiramente local e privado.

O Quanza, de cataractas acima, está nas mesmas circumstancias que o Cunene. Só poderá ser explorado por pequenas embarcações, e para uso local; mas, de cataractas para baixo, isto é, de Cambambe para jusante, está já sendo explorado por cinco navios a vapor e muitos de vela. Ainda assim todos estes navios tem construcção propria para demandar pouca agua; e no tempo da estiagem deixam muitas vezes de navegar, ou navegam com muitas precauções e fadigas. A parte navegavel d'este rio, desde o mar até Cambambe, tem oitenta leguas de extensão; e só na metade superior d'este percurso é que as aguas falham no tempo secco.

O Zaire tem a sua origem na região dos lagos; e vae sempre recebendo por ambas as margens grandes confluentes que o engrossam de maneira a ser navegavel, mesmo para grandes navios, em quasi todo o seu percurso. Se não fosse cortado pelas cataractas, chamadas de Livingston, que vão desde Vivi até Stanleypool e depois, muito a leste, pelas cataractas de Stanley, seria navegavel desde a foz até á região dos lagos.

O Cuango, confluente do Zaire, foi explorado por Capello e Ivens, desde as suas fontes até mais de metade do seu curso. Por esse conhecimento que temos d'elle, e principalmente pela sua posição relativa aos territorios ultimamente cedidos á Internacional pela conferencia de Berlim, ve-se que pouca vantagem podemos tirar da sua navegação.

Resta-nos pois a aproveitar do Zaire só a sua parte baixa,

que vae desde a foz até Vivi, umas 40 a 50 leguas de extensão. Em todo esse trajecto pode ser percorrido pelas nossas canhoneiras, ou ainda por navios de maior calado; e seria navegado á vontade pelos maiores navios, até hoje construidos, se das alturas da Ponta da Lenha até á Pedra do Feitiço não se espraiasse tanto por um fundo baixo e cheio de bancos, que estão sempre a mudar de sitio.

Do lado de dentro da foz tem muitos fundeadouros, e alguns em muito boas condições de fundo e abrigo. Os principaes são na bahia de Santo Antonio, no Banana, no canal dos Piratas e junto da ilha de Molembembe. Pelo rio acima ainda ha muitos logares onde podem fundear navios; mas as boas condições d'esses logares difficilmente se combinam com as circumstancias da margem ou ilha proxima, para o desenvolvimento de qualquer cidade ou villa. Só com difficuldade poderemos collocar na margem esquerda uma villa sobre o Zaire em boas condições de porto, recursos alimenticios, hygiene, etc.

IV

A vegetação na zona baixa

Não tenho a pretenção de fazer a geographia botanica d'Angola, bem como não a tive de apresentar um tratado de geographia phisica.

Aqui, bem como ali, quero apenas apresentar um esboço, a traços muito largos. Desejo mostrar o aspecto geral do paiz, debaixo do ponto de vista da vegetação; e aproveito o ensejo para apontar, pelos seus nomes communs, as plantas mais minhas conhecidas, e mais exploradas pelos indigenas

ou pelo commercio e industria da Europa; bem como aquellas de que por ventura se poderia tirar proveito ou contra que temos de precaver-nos. Inscrevo portanto este capitulo com o titulo de geographia botanica, sómente por me não occorrer agora outro mais modesto com que fazer a synthese das minhas ideias.

Ainda debaixo d'este ponto de vista aproveitarei a divisão feita em tres zonas.

Na zona da beira-mar, como já disse, chove muito pouco; e esta circumstancia por si só é bastante para indicar que a vegetação deve ir crescendo, em numero e aperfeiçoamento de especies, de sul para norte.

A esta circumstancia acrescem ainda outras, como temperatura e riqueza de solo, que tambem augmentam de sul para norte.

O mesmo, e pelos mesmos motivos, succede de occidente para oriente. De maneira que ao sul e á beira-mar a planicie de areia está completamente despida de vegetação. Nos desertos adjacentes a Mossamedes só será possivel avistar uns tons esverdeados, dentro dos oito dias subsequentes a uma das raras chuvadas que ali caem. Essa pouca chuva, porém, é sufficiente para fazer germinar, crescer e amadurecer algumas pequenas e franzinas gramineas, que são o alimento das timidas gazellas de leque e dos appetecidos galengues; mas em breve aquelle festejado colorido verde descamba para amarello, indo depois confundir-se na cor do areal. As plantazinhas que o produziam perdem-se de tal feitio, que mal se comprehende poderem ainda chegar para o alimento dos pobres ruminantes mencionados.

Apparecem n'esta planicie alguns cactos similhantes ao cacto

chamado vulgarmente melão, muito reduzidos apenas em proporções. E é tal a escacez de vegetaes que possam ser empregados como combustiveis pelos habitantes de Mossamedes, que mandam os seus serviçaes pelo deserto colher este cacto. Cada serviçal consegue reunir e enfeixar um mólho, depois de ter percorrido algumas leguas durante seis ou mais horas. Tem de dar um feixe por dia, que ha de satisfazer em tamanho e qualidade o patrão; arranje-se como quizer, se não será castigado ao entrar em casa, se o feixe parecer pequeno. Este combustivel é geralmente destinado a aquecer os fornos para coser o pão, empregando-se, é claro, só depois de secco.

É tambem n'esta região, e para as visinhanças do rio Curoca, que apparece a *Welvichia mirabilis*, essa conifera de formato tão extraordinario, que se presta, muitas vezes sem trabalho de carpinteiro, a servir de commodo e engraçado banco de jardim. O sr. dr. Julio Henriques já conseguiu reproduzir esta planta na estufa do jardim botanico da Universidade, e tem alguns bonitos exemplares no museu botanico que S. Ex.ª, com a sua conhecida competencia e dedicação, está organisando e enriquecendo.

Apparecem tambem nas proximidades do Curoca e a poucas leguas do mar raras e pequenas moitas d'um pequeno arbusto, junto de cujas raizes se criam uns tuberculos similhantes a mandioca ou ao inhame, que servem de alimentação ao indigena mucuroca nas occasiões de fome. Vi uma vez de passagem e de longe uma d'estas moitas, e nunca vi o tal tuberculo; mas affirmou-me um proprietario do sul, que elle alimenta, e não tem sabor desagradavel.

Taes são os rudimentos da vida vegetal, na extremidade sul e occidental da zona baixa. Ainda assim, parece-me poder af-

firmar que: quem a *vol de oiseau* inspeccionar esta região não divisará, como correctivo d'aquella aridez deserta do areal, senão os taes tons esverdeados, que durante oito ou quinze dias indicam o rapido viver das gramineas, em seguida á chuva que as fez germinar. Eu não fallo por ora da vegetação do leito dos rios, até onde chega a sua humidade.

Da quarta ou sexta legua a contar do litoral para leste vão-se condensando e reforçando as gramineas, e vão apparecendo mais juntos aquelles raros especimens de vegetação mais volumosa. Depois apparecem outros arbustos formando baixas moitas, que vão cada vez mais avisinhando-se umas das outras.

No começo d'este novo aspecto de vegetação, quem fôr de Mossamedes para Capangombe, ao passar na Pedra do Major, no sitio onde começam os afloramentos graniticos, encontra outras plantas de tão extraordinaria fórma, como a Welvichia: são os odres, que justificam na côr, no formato e no aspecto, o nome que os nossos colonos lhe deram. Postos a capricho por entre as pedras, parecem odres cheios de agua para enganar e açular a sêde aos viajantes sequiosos.

Agora começam as moitas do celebre arbusto chamado *unha de gato*, terrivel auxiliar das feras para dilacerar as carnes dos que lhe fogem! E' uma mimosa muito parecida com a nossa espongeira dos jardins, e cujo nome lhe vem da grande similhança dos espinhos com as unhas d'aquelles carnivoros: tem apenas o tronco mais baixo, e, emquanto as moitas estão isoladas, assenta a copa no chão.

Foi tão extraordinaria a impressão, que me causou a dureza do aguçado e adunco espinho d'esta planta, que só me parecia poder obter-se effeitos similhantes d'um arbusto feito

de aço, com o mesmo formato. Quando ao passar por ella pela primeira vez lhe toquei com a mão, tive logo dois sulcos de mais d'um millimetro de profundidade, e tão bem cortados, como se o fossem por um bisturi.

Outro tanto me succedia ao fato, sempre que não podia desvial-o das suas garras. E' preciso ter a epiderme verdadeiramente cornea, e além d'isso uma sensibilidade de todo amortecida, reunido tudo a uma rara habilidade de se desembaraçar, para escapar só com algumas arranhaduras d'uma travessia por entre moitas de unha de gato, como o fazem os mundombes, os mucurocas e os cubaes.

Quando um dia acampei n'esta região para tomar algum alimento e dar descanço á comitiva, tentei vêr a madeira d'esta planta de extraordinaria dureza. Arranhei-me todo, sem conseguir cortar um ramo.

Pedi aos pretos que m'o cortassem, e elles responderam-me que não podiam, com a firmeza de quem está certo do que affirma, e com um sorriso que condemnava a estulticia do meu desejo. Como os espinhos que me impediam de lhe tocar estavam só distribuidos pelos ramusculos, mandei reunir lenha secca em volta do arbusto, e larguei-lhe fogo, do lado de barlavento. Pois ardeu a lenha, sem que o fogo queimasse mais do que as folhas. Ainda não desisti. Eu tinha cada vez mais desejo de ver a madeira. Mandei reunir muita lenha e mais grossa, a que puz fogo, ainda do mesmo lado. A fogueira ardeu, e lançou a final fogo aos ramos do arbusto, que começaram a arder tambem com uma chama muito intensa. Consumiram-se por fim os espinhos, e deixaram-me a descoberto os galhos de que eu com muito custo consegui cortar um, pouco mais grosso que um dedo.

A madeira parecia marfim com a côr da rosa; porém, mais pesada, compacta e dura do que o nosso buxo.

Dos troncos d'estes arbustos poderão apurar-se paus, como os que geralmente se conseguem dos velhos buxos.

Se aquella madeira conservar a côr, exposta á luz, ou mesmo se a mudar para outra, que não seja desagradavel, deve ser preciosissima para os trabalhos de marcenaria, talha e esculptura em madeira.

As moitas de unha de gato vão-se unindo cada vez mais, até formarem um matto cerrado, onde só feras, poderão penetrar. Depois começam a intermediar-se-lhe outros arbustos de pequeno porte, dando o matto aqui ou acolá logar a algumas clareiras cobertas de gramineas e outras plantas annuaes, proprias para pastagens.

Entre as arvores, ainda de pequeno porte, apparece o *muteate*, planta de que os indigenas gostam de se servir como combustivel, porque se parte com facilidade e arde muito bem, ainda mesmo estando verde.

Servem-se dos troncos d'esta arvore para manterem acesa toda a noite uma fogueira, que lhe guarda o frio e lhe afugenta as feras, em quanto dormem. Logo que a caravana pára com tenção de pernoitar por estes sitios, o que só succede junto d'algum raro local, onde haja agua, vão alguns dos pretos buscar paus de *muteate*, que estendem enfileirados, parallelos e equidistantes, no logar onde todos hão de dormir. Depois de comerem e conversarem muito, lançam fogo ao topo dos paus, e deitam-se nos intervallos na mesma disposição, ficando cada preto entre dois toros, e por conseguinte entre duas fogueiras. O colchão é a cinza das antigas fogueiras, ali feitas para o mesmo fim O ceu cobre e protege aquella rude

simplicidade, que tanto confia no seu invento; porque o leão e o leopardo, que muitas vezes rugem em volta, param a respeitosa distancia, e retrocedem amedrontados pelo luzir da braza viva do topo do pau de *muteate*, que vela pelos dormentes.

Depois, mais para leste, começam a apparecer os imbondeiros com quasi todas as plantas que lhe fazem companhia no seu habitat.

O imbondeiro, scientificamente chamado *adansonia digitata*, e ao qual os indigenas chamam n'bonde, donde nós tirámos a palavra, aportuguezando-a, é a arvore caracteristica da zona baixa. Ao sul, porém, d'esta zona, no logar onde a vegetação vem, n'um esbatido decrescente, terminar nos areaes desertos, o imbondeiro é a ultima das arvores a despedir-se do conjuncto; apparecem muitos isolados, e como que nostalgicos, a querer confundir-se na côr e aspecto com a natureza morta, que os cerca. São estes os que justificam o epitheto de, elephante vegetal, com que alguem se lembrou de caracterisal-os. Baixos, com o tronco muito largo e quasi sem copa, vistos de longe, confundir-se-iam com os grandes pachidermes, que n'outro tempo vagueavam por ali. A côr e o aspecto da casca parecem-se inteiramente com a pelle d'aquelles animaes.

O imbondeiro, pois, ao sul da zona baixa só habita a sua parte mais oriental; mas habita toda esta zona, desde a beira-mar até á zona média.

Esta arvore tem varias applicações entre o indigena. Todos aproveitam a placenta branca, pulverulenta e muito acida do seu fructo, para comer. Misturada com agua e assucar dá um bom refresco para gente civilisada. O indigena da Quis-

sama Libollo e Ginga occidental aproveita as ser
cozinha, como se fossem feijões. Todos utilisar
do fructo para vasilha, ou para caixa acustica de
tos musicos. Esta casca é muito dura, e tem similh
do colondro, no formato.

Muitos indigenas aproveitam as folhas ainda te
vore, para fazerem d'ella um cozinhado similhant
esparregado.

Na Quissama servem-se os naturaes dos grand
ôcos do imbondeiro para deposito de agua, d
supprir as faltas que poderão succeder a uma gr
gem; e bebem esta agua corrupta e desnaturada
bor e propriedades essenciaes á alimentação!

A parte, porem, mais util, conhecida e explorada
deiro é a casca, de que os pretos fazem cordas e gr
cidos, e de que as mulheres da Quissama fazem u
de curta saia, que vestem, dando ares do saial es

E' esta casca, tal qual os pretos a empregam,
pois de tiradas as partes mortas do cortex, que
liconde ou fibra de imbondeiro, de que já hoje
mil fardos para a Europa, a fim de serem transfo
papel e outros productos.

O imbondeiro dá, alem d'isso, muitas vezes, um
go dentro do seu tronco ôco. Eu conheci um no
detraz da Quissanga no rio Zaire, que tinha ao
uma porta, e offerecia dentro o ambito de uma
deia, em cuja capacidade cabia uma cama, sobej
espaço para fazer fogo e cozinhar.

A linha, onde na zona baixa termina a vegeta
bondeiro, pode imaginar-se estendida desde o ex

occidental do districto de Benguella, pelos confins de leste do concelho de Mossamedes, a cair sobre as cataractas do Cunene. E parallela a esta linha podemos imaginar outras, que vão sulcando a parte norte da zona baixa, formando com a linha do litoral angulos agudos com a abertura para o sul: estas linhas marcarão na direcção do norte os degraus da escala crescente da vegetação da zona baixa.

N'este primeiro degrau, onde começam os imbondeiros, e á beira-mar, apparece a caçoneira e o cacto candelabro: são duas euphorbias, das quaes a primeira conserva o nome indigena, e a segunda o tirou da similhança que tem com um grande candelabro. O cacto candelabro, quando em bosque compacto, faz lembrar, visto de longe, os nossos bosques de pinheiros mansos. Ambas estas plantas segregam uma enorme quantidade de latex caustico, apenas feridas levemente. São por isso muito perigosas para os incautos. Este latex fornece uma gomma elastica que, com quanto seja de inferior qualidade, pode vir a ter na industria applicações convenientes.

Ouvi que já se tentou fazer d'elle uma especie de verniz ou pintura, que substituisse nas embarcações de pau, o forro de cobre, que reveste a parte immersa do costado, desejando aproveitar-se a propriedade toxica do latex, para impedir que os moluscos adherissem ao casco e o prejudicassem; mas parece que o invento não sortiu o phantasiado effeito, naturalmente porque a preparação ou a agua do mar lhe alteraram a propriedade envenenadora. A industria porém caminha sempre, e não tardará a modificar a preparação, ou a descobrir-lhe novas applicações. O certo é que já se exporta algum latex de caçoneira dos districtos do sul de Angola.

Com estas plantas apparece tambem o aloes, representado ás vezes por formosissimas variedades.

Os indigenas conhecem as propriedades catharticas d'esta planta, e applicam-na na sua rudimentar therapeutica.

Um pouco mais para norte, ou então nas extremidades orientaes do sul da zona baixa habita o iffe, extraordinaria planta que parece ter nascido para servir de azorrague. Os pretos servem-se d'ella para esses effeitos, cortando-a rente do chão. Começa hoje a explorar-se e exportar-se a fibra que já tem applicações industriaes.

Depois, e já do lado do norte do Quanza, vem a região denominada *musseque*, onde habita com todos os exemplares apontados a videira brava, a incendeira, que é uma especie de figueira, o cajueiro, que fornece o precioso—fructo refresco—succulento e adestringente; o jasmineiro bravo, que durante o anno é o valhacoito das cobras, mas que se desforra d'essa má qualidade com o suavissimo aroma das suas pequeninas flores, na quadra das chuvas; e muitas outras plantas e arvores cujos nomes ignoro e entre as quaes ha algumas, a que os indigenas attribuem maravilhosos effeitos medicinaes e de feitiçaria.

Mais para leste toda a vegetação é mais forte, rica e variada. As gramineas attingem proporções taes, que fazem lembrar os grandes herbivoros da paleontologia. Um homem que se arrede do trilho, e tente romper a sua espessura, volta em breve ao trilho, desanimado, ferido pelos limbos serriformes das suas folhas, e todo espicaçado dos seus pellos, que parecem de vidro. Só o fogo o pode desembaraçar de taes obstaculos, e por isso só o fogo se emprega n'esse intuito.

Os imbondeiros chegam a attingir proporções colossaes

nos seus troncos, e perdem um pouco o seu aspecto elephantino, para se aproximarem mais das formas medianas das arvores. E' ali que elles justificam a longevidade de cincoenta seculos, que os naturalistas lhe attribuem. Eu conheci um no Dondo cujo diametro media doze largos passos dos meus. E ha por lá muitos monstros d'este tamanho.

E' muito vulgar n'esta região a *quiutua*, cujo nome quer dizer: que queima muito. E realmente deve queimar muito, por que o dr. Alfredo Troni, viajando uma vez comigo, quiz colher algumas sementes d'esta planta para mandar ao dr. Julio Henriques, e ficou em misero estado, apesar de todas as precauções que tomou. E' uma trepadeira franzina, que dá umas vagens encarnadas, em quanto verdes, e côr de castanha depois de maduras. Estas vagens são revestidas d'uns pequenos pellos que se destacam com facilidade; voam, indo adherir á pelle, de ordinario humedecida pela transpiração, para ahi produzirem uma irritação infernal. Os pellos são conhecidos, creio eu, com o nome de pós de mico.

Ha ainda na mesma região uma outra planta, similhante a uma urtiga monstruosa que produz os mesmos effeitos, quando se lhe toca.

E nos areaes da beira-mar é agora muito vulgar a matebeira, de cujo coco os indigenas comem a casca quando maduro. Das folhas d'esta planta são fabricadas em Loanda, e mais para o norte, as cordas e saccos denominados de mateba, e muitos outros objectos de uso indigena. Tambem costumam fazer uma incisão junto do olho d'esta palmeira, para lhe extrair a seiva, que bebem antes, ou depois de fermentada.

Junto da agua do mar da-se muito bem o coqueiro, e um pouco mais para dentro o tamarindeiro. Os fructos d'um e d'outro são bem conhecidos.

E' assim até ao rio Zaire.

Do lado norte, porém, d'este rio os terrenos são, como já tive occasião de dizer, muito mais beneficiados pelas chuvas, e por isso mais ricos em vegetação. Continua a mesma flora já descripta, exceptuando apenas as principaes plantas que vivem para o sudoeste dos imbondeiros; e existem a mais, em tufos muito frescos e importantes, muitas arvores, trepadeiras e plantas rasteiras, assombrando em lindos bosques, povoados de papagaios e pequenos macacos, as frequentes linhas de agua.

As arvores são de generos e especies muito variadas, e entre ellas apparecem algumas, que dão preciosas madeiras finas. Eu vi na Moanda um cercado feito para curral dos bois do portuguez Manuel Joaquim d'Oliveira, quasi todo de madeira em tudo similhante ao jacarandá ou pau preto: estava ali exposta ao tempo, ao contacto do esterco, que já tinha dentro do cercado um metro de altura, e á erosão destruidora dos insectos havia mais de dez annos, e ainda não tinha nenhuma alteração. Estava pelo contrario muito boa para ser posta em obra.

Os indigenas, nas poucas applicações que dão ás suas madeiras, evitam sempre as mais duras, já por preguiça, já porque não têm ferramenta, ou tendo-a não sabem conserval-a bem afiada. Elles fazem taboas e manipansos etc., mas sempre d'uma madeira branca e molle, a que se dá na costa o nome de madeira de cabinda exactamente por esta razão. O proprietario Oliveira, porém, precisou de madeira mais dura para resistir ao tempo e outras acções destruidoras, e por isso é que approveitou aquellas especies apontadas.

E' na orla d'estas florestas, bastante dentro para partici-

par da frescura, e sufficientemente longe da agua para lhe evitar os effeitos da humidade, que os cabindas fazem as suas pequenas, simples, e relativamente, asseadas vivendas. Disfarçam-nas de tal feitio que, quem passa pela clareira, entre floresta e floresta, mal pode conjecturar que ali dentro esteja a aldeia. A entrada está perfeitamente aberta no massiço da vegetação; mas o seu percurso até aos *chimbeques* é tortuoso ou labyrinthico, de maneira, a só deixar vêr as habitações, e os terreiros muito batidos e limpos entre ellas, quando nos approxima-mos. Fizeram-me lembrar com isto as precauções, que têm certas aves escondendo o ninho na espessura dos silvados; e comprovam a sua indole timida, de que terei occasião de fallar, quando tratar das suas guerras.

N'estes bosques encontrei a trepadeira da borracha, já minha conhecida de Pungo Andongo.

Em toda a costa, nos pontos onde a trincheira é constituida por camadas de rocha dura, especialmente no districto de Benguella, é muito vulgar a urzella de boa qualidade, que é ali colhida para ser exportada.

Nas planicies, que ha pouco indiquei com o nome indigena de *musseque*, do Quanza para o norte, costumam os indigenas fazer algumas plantações na epocha das chuvas: plantam mandioca, milho grosso, uma especie de feijão indigena a que chamam macunde, ginguba e gergelim. Do Zaire para o norte cultivam-se, nas planicies entre as linhas d'agua, alem d'estas plantas, a palmeira chamada, do demdem (elais guineensis), a bananeira, uma especie de lentilha e pouco mais. Mas a planta por excellencia propria para estes terrenos é a mandioca, que nem se dá bem, nem é de tão boa qualidade nos terrenos humidos.

Os logares, porém, que os pretos mais gostam de cultivar são as margens dos rios e ribeiras, mesmo ao pé da agua. Ali cresce a novidade, sem nunca ser preciso regal-a: e pouco serviço é mister para fazer a sementeira ou plantação, porque o terreno está em geral ou roido pelo rio ou coberto de nateiro; e em ambos os casos livre do terrivel capim que seria preciso cortar com muito trabalho, o que incommoda a preguiça do preto.

Estes terrenos que elles possuiam e cultivavam têm a pouco e pouco passado para o poder dos brancos, ficando os indigenas tanto mais excluidos d'elles, quanto mais para o sul da provincia. No districto de Mossamedes, e especialmente no concelho de Mossamedes, raro será o preto que possua hoje um pedaço de terra n'estas condições.

No districto de Benguella ainda ha pretos installados n'estes terrenos, mas já não são muitos. No de Loanda, especialmente no valle do Quanza, é que ainda ha muitas lesirias desaproveitadas por pretos e por brancos; e no Zaire, Chiloango, e mais rios entre estes e o Loge, só os pretos em muito poucos logares cultivam algum milho, feijão, tabaco, aboboras e pouco mais.

A cultura dos valles, ou leitos dos rios, é já hoje feita principalmente por conta dos proprietarios brancos.

Nos concelhos de Mossamedes e Capangombe está cultivado por estes proprietarios todo o terreno a que póde chegar a humidade das enxurradas, ou a sua corrente directa. Começou-se a explorar o algodão que deu muito bons resultados, porque a exploração estava no seu maximo desinvolvimento quando teve logar a crise na America; mas em breve, restabelecido o equilibrio de producção e consumo nos grandes cen-

tros d'essas duas operações, o algodão de Mossamedes ficou a luctar com os seus processos imperfeitos de exploração, com a crise do trabalho occasionada pela grande modificação da lei de 29 de abril de 1875, com a difficuldade de transportes etc.; e poucos proventos poude dar aos agricultores. Começou-se por isso a dar maior desinvolvimento á cultura da canna sacharina, applicando-a apenas á producção de aguardente para consumo indigena, e para exportação para outros pontos da costa e da provincia de S. Thomé. Não se fabrica ainda assucar de canna; vi apenas na fazenda do Bumbo, que deu o nome ao concelho de Capangombe, por ser a primeira que ali se fundou, um ensaio de fabricação de assucar por processo muito imperfeito.

Em todas estas plantações é preciso regar, para que a planta resista a tão prolongada estiagem. Alguns preprietarios já têm bombas a vapor.

Nos concelhos da beira-mar que ficam para o norte de Mossamedes, até ao Ambriz inclusive, é ainda mais importante a cultura da canna e a producção da aguardente. Na fazenda do Luache, que é hoje a primeira, fabricam-se por anno muitas centenas de pipas; e no valle do rio Gunza em Novo Redondo faz-se exploração de modo que dá honra e proveito aos proprietarios. O terreno é de muito boa qualidade, e está muito bem aproveitado.

Na margem direita do rio Quanza, no concelho de Calumbo, está a fazenda do Bom Jesus, que devia ser a primeira pela sua optima situação, pelo seu regimen de trabalho e pelo capital de que dispoz no começo da exploração, e apesar de tudo isso está muito longe de algumas outras propriedades.

Para o norte do Quanza, está nas margens do rio Dande a

fazenda *Gratidão*, que tem assumido um alto grau de prosperidade, e dá honra á intelligencia e sentimentos humanitarios do seu proprietario, Joaquim Martins da Cunha.

Este benemerito tem conseguido, sem prejudicar os seus interesses, transformar os seus antigos libertos em proprietarios cuidadosos e trabalhadores das glebas que lhe aforou, e cuja colheita fazem com alegria por conta propria. Este facto é tanto mais importante, quanto difficil de realisar; por que o preto em geral, declarado senhor da terra, deita-se sobre ella, e dorme. Tem, além d'isso, este industrial proporcionado uma boa solução ás difficuldades da exploração das lesirias infectas dos rios, onde só o preto póde trabalhar e expor-se, ficando para o branco o trabalho da transformação do producto agricola na fabrica, que póde ficar fóra da acção do foco de infecção.

Ha mais duas fazendas importantes nas margens do rio Loge.

A exploração da canna sacharina, para a fabricação da aguardente, tem ainda deante de si um grande futuro. Quando acabar de expulsar do litoral toda a aguardente de Hamburgo, fica-lhe no interior um campo vastissimo e sempre crescente de consumo. Quasi todos os indigenas da Africa austral já hoje conhecem a aguardente; e gostam muito d'ella, todos os que a provaram. Nos centros commerciaes do interior a aguardente assume preços fabulosos, e convida os especuladores a irem fabrical-a na localidade, arrostando com todas as difficuldades de transporte dos volumosos aparelhos precisos para isso. Succedeu assim em Malange, onde já hoje se fabrica muita.

Os terrenos cobertos de gramineas da zona baixa ainda,

n'um ou n'outro ponto, são aproveitados para pastagens de gados, quer por proprietarios civilisados, e europeus mesmo, quer pelos indigenas; mas n'este caso só onde chega a raça pastoril dos mundombes.

V

A vegetação na zona media

A zona media é, como ja disse, toda mais ou menos montanhosa.

Pelo fundo dos valles serpeam ribeiras, engrossando sempre com o tributo das fontes, e confluindo em riachos e rios. E todas estas linhas d'agua estão assombradas de poderosa vegetação arborea em enormes massiços, ligados por cipós e trepadeiras e recheados de plantas parasitas.

Ao sul onde a zona é estreita, e mais para norte onde quer que as condições meteorologicas são menos propicias, a floresta restringe-se a grandes chapadas muito virentes, deixando a descoberto clareiras de gramineas, ou a rocha nua onde pela sua grande inclinação não póde fixar-se o humus, que alimente e desinvolva o arvoredo ou as hervas. Onde porém a floresta assume todo o vigor e continuidade, que absorve e exclue a vida animal, é nas cabeceiras do Lucalla, confluente do Quanza; e d'ahi para norte pelas fontes dos rios, que vem ao litoral, e pelas dos tributarios do Cuango. Em toda essa região impera altivo o reino vegetal, robustecendo-se com a força proveniente da união, e dando lições de sociologia ás sociedades animaes. Notam-se ali verdadeiras cooperativas de alimentação, nas posições das arvores em relação

umas ás outras. A arvore, que se alimenta dos despojos da outra, está visinha d'esta; e nunca duas grandes arvores da mesma variedade se tocam. As partes mortas do cortex das grandes arvores alimentam fetos e outras pequenas plantas, que a seu turno concorrem para a frescura dos grandes troncos, e para a formação das chuvas. Muitas plantas, que por sua natureza não poderiam viver expostas á acção directa do sol, vegetam na penumbra entre os grandes caules, e concorrem para a protecção das grandes raizes e manutenção da humidade...

Estamos em plena floresta virgem, senhores.

Eu tinha lido muitas descripções, e algumas feitas por artistas cuja perfeição eu não pretendo imitar, nem de longe. Mas o certo é que nenhum me tinha feito sentir o conjuncto de impressões, que me deu ali a natureza n'aquella sua grandiosa manifestação.

Sobre toda a superficie accidentada do terreno assenta uma camada de humus coberta de folhas e paus pôdres, que terá muito mais de um metro de altura. E toda esta camada está forrada de fetos e pequenas plantas, que a encobrem e atapetam, dando sahida para cima a uma prodigiosa variedade de caules de todos os formatos e tamanhos: são os pés dos diversissimos arbustos e arvores cujas copas vão formando camadas de verde ramaria, sobrepostas segundo as alturas dos seus diversos portes. A camada mais baixa é formada pelas ramagens do cafeeiro e muitos outros arbustos seus visinhos e congeniaes; depois está a ramaria das palmeiras, rompendo a custo a emmaranhada espessura das copas da sua altura, com os seus braços esguios virados para o céu a pedir alguns raios de sol, que lhe vão amarellecer os fructos;

e por cima de tudo campeia ondulante, e expondo a toda a luz o seu matiz, a monstruosa camada das grandes copas: são as cabendas, as tacúlas, as quibabas e muitas outras arvores, cujos nomes desconheço, as quaes todas se apertam, sem se prejudicarem.

As differentes estratificações de verdura estão entre si ligadas por muitos e extensos cordões de cipós, que se cruzam em todos os sentidos, e lançam folhas onde quer que isso lhes convenha: são como que o nervo da floresta a estabelecer a unidade e o pensamento n'aquella diversidade inconsciente.

E para que em parte nenhuma falte o tom verde da chlorophylla—caracteristica da vida vegetal, no seio da atmosphera illuminada pelo sol—estão ainda todos os caules, troncos, pernadas e ramos cobertos de parasitas phantasticos, de fetos curiosos e d'outras cryptogamas, talvez desconhecidas na sciencia.

La ao fundo da floresta, sobre o humido tapete que forra as podridões subjacentes, mal chega, muito coada já, a luz do dia.

Quem por ali se aventurar, dado que possa romper a espessura, atolar-se-ha nas podridões do humus até acima do joelho, correndo a cada passo perigo de vida pela mortifera dentada da *riuta*, vulgarmente chamada pelos brancos cobra surucucu. Este terrivel ophidiano parece traduzir ali o anathema contra todo o animal, que profanar aquelle sanctuario da vida vegetal!

As veredas pela floresta virgem só pódem ser seguidas a pé, obrigando-se o caminhante a variada gymnastica para avançar pouco, cançando-se muito. Nem já são caminhos de

cabras; parece a trilhada de serpentes. Umas vezes terá de saltar para cima d'uma grossa raiz, outras de se curvar passando sob um seio do cipó, ou por baixo d'um tronco deitado; e muitas vezes terá de rodear como que monstruosas torres, que vê perderem-se para cima na espessura da folhagem, para irem largar as suas pernadas e formar a copa em altura onde a vista não a póde alcançar, por causa da ramaria interposta.

A continuidade da floresta torna muito raro e difficil o espectaculo da sua vista a *vol d'oiseau*. Ainda assim consegui umas duas vezes esse magnifico espectaculo; uma na colonia de S. João de Cazengo, e outra na fazenda denominada Monte Alegre, no Golungo Alto. Parece-me que nunca se apagará da minha memoria a impressão, que esta ultima vista me causou!

A planta que caracterisa a zona média, e em especial as maiores espessuras flôrestaes, é o cafeeiro.

Esta planta foi explorada com grandes vantagens nos concelhos de Cazengo, Golungo Alto, Dembos e Encoge; mas, ha alguns annos a esta parte, a sua cultura soffreu graves detrimentos; e hoje está tão decaida, que pouco ou nenhum interesse dá aos proprietarios.

O systema de cultura nunca chegou a aperfeiçoar-se: foi sempre o mesmo e, a meu ver, muito imperfeito. Consistia em cortar pelo pé todas as pequenas arvores, cipós e trepadeiras, deixando-as ficar pendentes até que a podridão completa as fizesse cair a pedaços, ficando então a fruir todo o campo as plantas do café que se poupavam, e as grandes arvores perante cujos troncos era impotente o braço do homem armado de machado. Chama-se a esta operação *derrubar*, se é feita

pela primeira vez; se é pela segunda ou mais chama-se *descobrir café.*

Depois os cafeeiros, que estavam esguios e mais ou menos estiolados, reforçam-se, e fructificam mais.

Para apanhar o fructo é mister limpar primeiro o terreno das muitas plantas, que renascem dos pés anteriormente cortados. Chama-se a isto *capina* ou *tonga.*

Depois apanha-se á mão o fructo, parecido com uma cereja, que vai para os terreiros seccar, sendo mais tarde pilado etc.

Já para corrigir a decadencia do café se ensaiou, sem bom resultado, a plantação do cacau; e hoje em Cazengo estão muitos proprietarios introduzindo a plantação da canna sacharina, e colhendo optimos resultados, que ainda se conservarão por muito tempo.

A aguardente é de excellente qualidade.

Na região do café dão-se bem quasi todas as preciosas fructas de entre os tropicos, se bem que muitas exoticas estejam introduzidas, ainda ha pouco tempo. Vi por lá, em magnificas condições de vida, bananeiras, mangueiras, abacateiros, jambeiros, pitangueiras, a arvore do pão, a da fructa do conde, a da pinha, do coração da India, a iza quente, a colleira, a goiabeira, o cajueiro, a laranjeira, etc. Tambem se cultiva para alimentação dos indigenas, ou dos serviçaes, muito milho, feijão, batata doce, aboboras, ginguba e mandioca; e para uso dos proprietarios e negociantes muitas das plantas das nossas hortas. É muito vulgar o ananaz.

Todas ou quasi todas estas plantas se cultivam tambem no Congo, em cujas florestas, e nas do Bembe, apparece uma especie de limoeiro, que dá limões pequenos, muito acidos e aromaticos.

Em Ambaca houve já, além de todos estes fructos, grande producção de trigo, arroz, batata e cebola, de que vinham os naturaes vender grandes quantidades até Loanda. Eu já não conheci o trigo de Ambaca; mas ainda comi muito arroz, batata e cebola de lá, quando em 1877 estive delegado da comarca.

Ambaca era o concelho da provincia d'Angola, onde mais radicada estava a civilisação portugueza pelo trabalho agricola; e toda essa grande prosperidade nascente desappareceu perante as extorções e violencias do preto Manoel Mendes da Conceição Machado, para com os moradores que se iam avantajando pelos bons resultados do seu trabalho agricola. O preto Mendes Machado alcançou foros de potentado eleitoral; e desde esse dia abusou do grande poder que lhe depositaram nas mãos os governadores e os ministros, que o viam grande atravez da distancia, e lhe mediam a grandeza pelos doze mil votos, que o velhaco do preto teve uma vez a habilidade de mandar para Loanda ao candidato governamental.

Feito commendador elle era tudo em Ambaca: foi o dragão mandado por Jupiter ás rãs que pediam um rei. Depois da morte de Mendes Machado, em 1878, esteve Ambaca miseravel e despovoada por alguns annos; e quando ultimamente começava de novo a dar signaes de vida, mandaram-lhe officialmente outro homem, que tem feito a sua desgraça. Pobre paiz!

Por toda esta região ha ainda muitos fructos selvagens conhecidos e aproveitados pelos indigenas, pelos macacos e outros animaes. Entre esses fructos merece especial menção o maboque, similhante á romã, muito succulento, acido e aromatico.

Ha tambem muitas plantas medicinaes e venenosas, de que os indigenas conhecem as propriedades e applicações. Eu trouxe para o jardim botanico da Universidade alguns tuberculos d'uma trepadeira, que vive sobre os cafeeiros de Cazengo, a que os indigenas attribuem a propriedade de fazer enlouquecer e morrer em seguida o infeliz, que ingerir uma pequena porção do seu cozimento.

A *quiutua*, de que já fallei, é tambem vulgar entre os pequenos arbustos das clareiras ou planices. Esta traiçoeira planta póde até certo ponto concretizar a mancenilha dos poetas. Quem atravessa pelas horas do calor uma planicie coberta de gramineas, estimulado pelo sol e espicaçado pelas praganas, deseja collocar-se á sombra do primeiro arbusto visinho do logar onde a caravana parou para comer. Pois é sobre esse arbusto, que ella, a traiçoeira *quiutua*, com as folhas já seccas e invisiveis, e com as vagens descoradas por maduras, espera o misero viandante para o abrazar com os seus imperceptiveis dardos envenenados.

Em Pungo Andongo, Ambaca, Congo etc. é tambem muito vulgar uma cicuta, que, além de venenosa, é tambem mechanicamente considerada uma terrivel inimiga dos viandantes, a quem faz uma verdadeira perseguição com as suas sementes em fórma de ponta de setta polyfarpada, que alcançando o fato penetra e avança sempre com todos os movimentos, até ferir a pelle.

As planicies de Ambaca prestam-se em muitas partes para apascentar gados; e ha por lá muitas manadas de bois e bastantes cabras. Nos platós do Congo e Bembe, e nas partes similhantes do districto de Benguella, succede ás vezes outro tanto.

A trepadeira da borracha foi de tal modo perseguida na zona baixa no principio da sua exploração, que hoje só em muito raros e escondidos logares apparece.

Tive occasião de a encontrar entre os penedos de Pungo Andongo e na espessura da floresta virgem, ou nas plantações de café do Golungo Alto.

A borracha, que actualmente sahe de Angola, vem toda de muito mais longe, e muito do planalto.

Logo que a zona media comece a ser explorada a serio, com processos modernos e commodidades civilisadas, offerecerá nas suas preciosas madeiras vasto campo de riqueza. Os indigenas já querem imitar as nossas taboas; mas fazem-no tirando uma só de cada toro, com os seus pequenos machados (*quicésso*), e escolhendo sempre o pau mais molle, sem se preoccuparem com a sua duração e outras qualidades. Estas taboas ficam com aparelho muito grosseiro, e grandes desvios da linha recta. Empregam-se de ordinario com toda a largura, na obra a que se destinam: as portas da cubata, ou o *quialo* (cadeira ou tamborete para uso do soba ou pessoas de consideração).

Comprei em Pungo Andongo algumas d'estas taboas, de que fiz uma estante e prateleiras.

VI

A vegetação na zona alta

A zona alta principalmente nas suas planicies mais elevadas, e para o sul, é protegida por um limpido ceo azul, onde o sol domina com todo o brilho dos seus raios brancos. Na zona

baixa, e á beira-mar, principalmente, o sol nos ultimos 45 graus do seu trajecto da tarde tem a côr avermelhada d'um globo de ferro em braza, a qual vae perdendo, caindo para o escuro até arrefecer: perde-se muitas vezes nas brumas, antes de ter mergulhado no horisonte. Visto lá em cima nem parece o mesmo sol.

Chove muito e regularmente em toda a extensão da zona alta; isto justifica a abundancia de linhas d'agua; e, por vezes, a magreza dos terrenos lavados pelas chuvas. Esta magreza, porém, é só relativa á opulencia vegetativa da zona media, sem prejudicar os proveitos que o homem possa tirar d'ella. Assim as gramineas do planalto, sendo todas mais franzinas, são optimo pasto para os ruminantes, que o povoam, e em especial para os bois d'aquélles povos; e a agricultura indigena, ou mesmo outra mais aperfeiçoada, póde fazer-se sem aquella constante lucta contra a potencia vegetativa do solo, a cançar o trabalhador em destruir as plantas inuteis, que querem assoberbar as cultivadas.

As frequentes linhas d'agua affluem quasi todas para os grandes rios, de que já fallei, sem muitas vezes interromperem a continuidade das campinas.

Em alguns logares apparecem nodoas de vegetação arborea, mas em geral de pequena extensão, e constituidas por arvores de pequeno porte, ou antes por arbustos. É frequente ainda o *muteate*, que tem aqui a mesma applicação; apparece uma especie de ameixieira brava; e por toda a parte se encontra o *munhangolo*, que dá um fructo muito gostoso, simílhante a um pequeno morango. Ha tambem uma figueira brava muito similhante á nossa variedade, que na Beira é conhecida vulgarmente com o nome de barbuda, ou pelle de cação.

Encontrei na Huila silvas, urzes e oregãos muito similhantes aos nossos.

As mulheres indigenas cultivam para alimento da familia milho, feijão aboboras, massango e principalmente massamballa, de que fazem umas pápas,—o seu pão—e uma bebida fermentada similhante á cerveja. A batata vulgar (*solanum tuberosum*) deu-se ali tão bem, que, plantada uma vez, ficou plantada para sempre; mas os indigenas só se lembram de ir colhel-a, quando sentem falta da sua alimentação ordinaria.

Entre as plantas que lá têm provocado uma exploração agricola immediata, poderemos mencionar o trigo e o arroz, que produzem muito com pequeno trabalho de cultura. O arroz ainda hoje se cultiva no concelho de Caconda; e o trigo era semeado na Huila pelos colonos portuguezes, e começou tambem a ser cultivado pela colonia de boers, chamada de S. Januario. Na Huila até havia já uns moinhos d'agua, similhantes aos que se encontram nas ribeiras de Portugal, e eu comi pão criado, moido e cosido na localidade.

Apesar, porém, de tudo isto parece-me que a cultura do trigo tem enthusiasmado exageradamente os que viram ali a prosperidade da planta. Para o trigo, produzido lá, vir competir nos mercados da Europa, ou n'outros civilisados, com o que é produzido em condições economicas pela grande agricultura, precisavamos nós primeiro de revestir aquelles sertões com todos os melhoramentos, que concorrem para a producção barata e para o transporte commodo e rapido. E produzil-o em grande quantidade com os processos actuaes, para ver apodrecer o excedente do consumo da localidade, seria uma loucura, um trabalho perdido.

Parece-me pois que tanto o trigo como as outras plantas

uteis, destinadas á alimentação, devem ser cultivadas ali só em quantidade sufficiente para satisfazer, á vontade, o consumo local; e que, para enriquecer os colonos, se deve pensar n'outra exploração, que vejo perfeitamente indicada na pastoricia local.

O indigena é essencialmente pastor, e possue importantes manadas de gado: ha *secúllo* que tem centenas de cabeças, e ha soba que possue milhares d'ellas; e não tiram de toda esta riqueza senão a manteiga, com que se untão! Raras vezes comem um boi.

Facil será ao nosso colono aproveitar esta propriedade, ficando o indigena no seu logar de pastor, aprendendo a tirar proveito dos gados.

O boi ensinar-se-ha a lavrar, e será o substituto da mulher na agricultura; e além d'isso será a materia prima de muitas industrias, que poderão ser exercidas no litoral, para onde elle proprio se transportará sem necessidade de estradas nem de vehiculos.

Esta exploração, ao passo que está em harmonia com a indole e circumstancias indigenas, tambem vae de accordo com as nossas finanças, e com a indole de quasi todos os nossos emigrantes.

Depois, facil será encontrar e introduzir ali os ruminantes que dão a lã, e se acclimam com facilidade.

Com toda esta exploração conseguiremos, além das vantagens economicas em harmonia com a nossa pobreza, a enorme vantagem politica de occuparmos de um modo barato e effectivo o vasto e rico planalto do sul, que está ameaçado pelas cubiças estrangeiras, e tem para nós muito mais importancia do que o norte d'Angola. É pelo planalto do sul que nós po-

demos, e devemos, atacar a colonisação da Africa. O colono acclimado ali poderá avançar um pouco para o norte; e o seu descendente poderá em breve avisinhar-se impunemente da zona da grande e rica exploração agricola, e trabalhar lá, ou pelo menos dirigir o trabalho dos indigenas.

Parece-me que a Allemanha viu já tudo isto, e pensa muito a serio em aproveitar o que nós temos desprezado. E nós veremos mais esse povo da Europa colonialmente enriquecido á nossa custa, se não nos formos habilitar depressa, com a occupação effectiva e continua do sul, a aparar o golpe de ha muito planeado, e ultimamente apontado pela conferencia de Berlim.

Prosperam ali muitas arvores exoticas, que devem indicar aos peritos a amenidade do clima e a sua compatibilidade com as colonias europeas.

Vi lá pecegueiros, larangeiras, figueiras e eucaliptos tão lindos, como os mais desinvolvidos de Portugal; e o illustre official da nossa armada real o sr. Antonio Joaquim de Mattos [1] tem sido incançavel em introduzir na Huila muitas arvores do nosso Portugal: ainda ultimamente mandou para lá uma collecção de pinheiros, depois de ter levado e enviado quasi todas as nossas arvores de fructo. Tambem ha pouco para lá foram alguns estufins com quinas, de cujo comportamento não tenho ainda noticia. Esta ultima tentativa devese ao patriotico zelo do sr. dr. Julio Henriques, a quem a ilha de S. Thomé é já hoje tambem devedora da sua prosperidade pelas quinas.

---

[1] Este benemerito falleceu ha poucos mezes no Porto, onde estava commandando a escola de marinheiros installada a bordo da corveta *Sagres*.

São tambem muito frequentes as plantas conhecidas e empregadas pelos indigenas como medicinaes. Eu atravessei uma campina de gramineas muito parecidas com o nosso azevem, que exhalavam um delicioso aroma. Disseram-me que a infusão d'esta planta era empregada pelo indigena contra a colica.

Desejaria ainda fallar hoje d'alguns animaes, apresentando tambem uma especie de esboço de geographia zoologica; mas como a hora vae já muito adiantada, páro aqui. Não devo abusar por mais tempo da vossa paciencia.

Opportunamente vos annunciarei pela imprensa a segunda conferencia.

SEGUNDA CONFERENCIA

Geographia zoologica e ethnica

I Quadrumanos—Chimpanzé e gorilha—habitat—costumes—intelligencia do chimpanzé—Macacos bonitos e melindrosos – nadam—assolam plantações—amam as frutas—evitam os tiros—cantam.
II O leão—Habitat—o encontro—alimenta-se...—respeita o homem—montaria—Nestor Costa—o leão é covarde—tende a desaparecer—os boërs.
III Outros carnivoros—Leopardo—habitat—alimenta-se...—os leopardos de Guilherme Capello—Nestor e a aguia—Gato d'algalia—Quimalanca—Magomballa—fera temivel—superstição—variola—dança da magomballa—Mabecos—Raposas.
IV Pachydermes—Elephantes—habitat—exterminio cruel e imprudente—Hippopotamos—habitat—exploração—costumes—caçadas perigosas—Porcos—Rhinoceronte—Hirace—Zebras—Onagros.
V Ruminantes — Hipacaça — caça — hipacaceiros—Gazellas--Alimentos dos boërs—Roedores—Ratos.
VI Aves — Pintada—Tua—Marabú—Perdizes—Rolas—Corvos—Grou—Avestruz—Fringillas—Andua—Sabiá—Periquitos—Papagaios—Aves maritimas.
VII Reptis—Crocodilo—victimas por superstição—costumes—é preciso exterminal-o — Sengue — Python—ataca —Giboia—caça-se—Cobra rateira—Cuspideira—Riuta—espingarda—Tartarugas.
VIII Animaes aquaticos—Pescadores do Algarve—Pescadores indigenas—Tubarão—Ostras—Camarão—*Phosphorescencia*—Peixe dos rios—*Peixe Mulher*.
IX Articulados terrestres—minhas caçadas de insectos—uteis—nocivos—*Atencus sacer*—Gafanhotos—Matrindingue—Baratas—Borboletas—pharoes obscurecidos—Formigas venenosas—ataque do Quissonde—Abelhas—Salalé—Moscas—Mosquitos—Pulex penetrans—uma praga—Mabatas—Escorpiões—*Piolho de Cobra*.
X Raças humanas—Cafres dentro da provincia—São tres as raças—Hottentote, mais antiga, extingue-se—caracteres anthropologicos—Cafres—origem—habitat—designação—caracteres—Congos—origem—caracteres confusos—habitat—Subdivisão dos congos—differenças—mistura.
XI Mestiços—não se fixam—mas aperfeiçoam a raça indigena—Ambaca infeliz—educação dos mestiços—reparos estrangeiros—consequencias funestas.

I

Quadrumanos

Meus senhores—Em continuação do esboço geographico, que tinha principiado na primeira conferencia, passarei hoje

apresentar-vos a região debaixo dos seus pontos de vista zoologico e ethnico.

Não pretendo profanar n'este assumpto os dominios scientificos. Desejo apenas, em quanto tratar dos animaes, apresentar aquelles que são aproveitaveis ou nocivos, indicando de passagem um ou outro indifferente, que me impressionou; e nos dados anthropologicos ou ethnologicos, que apresentar, pretendo expôr as raças, habitantes da provincia d'Angola e do norte, no seu grau ethnometrico actual, tanto quanto isso me seja possivel, para que se torne bem manifesta a necessidade de muitas modificações radicaes na nossa legislação politica, administrativa, civil, criminal etc., antes de pretendermos dar-lhe applicação ali, d'um modo pacifico, evolutivo.

Comecemos pelos animaes.

O chimpanzé e o gorilha vivem na grande floresta, ao norte dos nossos dominios; não teria até de fallar n'elles, se n'um ou n'outro caso raro, não tivessem sido encontrados para o sul do Massabi, e se não fossem bem conhecidos dentro do nosso territorio.

Um medico francez que está em Landana, na foz do Chiloango margem sul, andava ha pouco a criar com um *biberon* um joven gorilha, que quasi sempre trazia ao colo; e o chimpanzé tem muitas vezes chegado até Loanda, a fazer transição e preparar-se para ser mandado para a Europa, com vida e saude. Muito raras vezes se tem conseguido isso.

Eu vi ultimamente um em Loanda que era destinado ao jardim zoologico. O pobre animal sentia-se nostalgico e enfraquecido; e como que pedia protecção e saude, a quem quer que lhe fizesse uma caricia. Na sua respeitosa veneração pelo homem branco fazia lembrar o pequeno mendigo, esfo-

meado e frio, a contemplar o seu bemfeitor opulento, em quanto devora o manjar, e se abriga no fatinho, que lhe foram dados como esmola. Morreu anemico no fim d'algumas semanas de melancholico viver, manifestando apenas alguma animação ao aproximar-se uma pequena criada preta, a quem parecia dedicar verdadeiro amor.

Em Ponta da Lenha, no rio Zaire, houve um, bem conhecido de toda a gente que ali foi quando elle vivia. Manifestava uma intelligencia verdadeiramente notavel; e, como estava perto do seu habitat, e via ainda as suas relações, não tinha tão pronunciada a nota nostalgica—chegava mesmo a ser alegre.

Comia com o dono á meza, dormia em cama com mosquiteiro, e fumava cachimbo. O bom tratamento, que o dono lhe dava, não o impedia de ser ladrão, por vezes. As bananas da dispensa eram a sua tentação, e obrigavam-no a engenhosas invenções, para illudir a vigilancia dos criados.

O dono tinha uma cadeira do lado de fóra da porta, e costumava, sentado ali, ler os jornaes da Europa. Esta posição de senhor era o encanto do pobre animal que, apenas o dono se levantava largando o jornal, ia immediatamente occupar o seu logar, a fingir que lia, com uma gravidade, que resistia ás chufas dos pretos transeuntes, a chamar-lhe impostor.

Quando algum mussorongo chegava em canôa, e a prendia ao molhe, deixando-a só, para ir fazer o seu negocio, o chimpanzé ia surrateiramente soltal-a, e subia para cima da casa a fim de gosar de lá o desespero do dono da canôa, levada pela corrente. Todos os pretos gostavam da partida, menos o prejudicado; e o animal associava-se ás gargalhadas dos trocistas, fazendo verdadeira troça tambem.

Nos bosques de Cabinda são muito frequentes os macacos, como já tive occasião de dizer. Os mais bonitos porém são muito melindrosos, e difficilmente resistem a uma emigração forçada.

No rio Dande, na fazenda Gratidão, vi macacos que desmentem a crença vulgar de elles não nadarem. Era uma só familia, composta de poucos membros, installada n'uma grande *mufumeira* á margem do rio, d'onde fazia sortidas e depredações na plantação da canna, causando grandes estragos. O proprietario resolveu exterminal-os; e eu fui tambem á caçada. Nós, confiados em que elles tinham no rio uma barreira invencivel, atacamol-os contra a margem, não lhe deixando fuga por outra parte. Os animaes viram-nos armados de espingardas, e comprehenderam o nosso plano: ao chegarmos a distancia de tiro ouvimos grande alarido de pretos do outro lado do rio, a perseguir os fugitivos. Presentiram-se perdidos, e por isso resolveram atravessar o rio a nado, tomando tão cautellosas precauções contra o ataque provavel do crocodilo, que escaparam todos sãos e salvos!

Elles são em geral os grandes inimigos das plantações indigenas. Em Pungo Andongo notei eu, que os habitantes já não têm outro recurso contra as suas astucias, senão o de fazerem a plantação muito perto do povoado; e, ainda assim, partilham os fructos com aquelles parasitas mandriões. Alguns pretos, desesperados com os latrocinios dos macacos, chegam a dispensar-lhe os foros de «gente de matto, que não falla, porque não quer trabalhar.»

Em quanto a familia simiana furta, o chefe está de sentinella n'uma posição, d'onde observe tudo, e exerça rigorosa vigilancia. Entretanto os larapios aproximam-se, e fazem pro-

visão, despresando, depois de arrancados, os peores fructos, ou os menos maduros. Se algum perigo os ameaça, o vigia dá o signal; e então é curioso ver como toda a familia salta e foge, levando as mãos e a bocca cheias de massarocas.

Os grandes cynocephalos de Pungo Andongo sentem um amor impetuoso pelas pretas. E succede que, estando ás vezes de sentinella, em quanto a familia pasta e colhe a refeição para elle, o chefe esquece a sua enorme responsabilidade ao ver passar uma preta isolada pelo fundo da garganta proxima, e desce surrateiramente dirigindo-se a ella até poder aproximar-se sem ser presentido e abraçal-a, fazendo-lhe então uma declaração d'amor por todos os meios ao seu alcance. A preta repelle-o e grita; e, cousa notavel, é a propria familia, que vem mordel-o e desembaraçar a transeunte dos seus extremos. O pobre enamorado perdeu a sua importante posição no seio da familia; e, muitas vezes, a vida por aquella imprudencia, que poz em risco a segurança dos seus, por falta de vigilancia.

Tentei muitas vezes em Pungo Andongo, alcançar com um tiro um d'estes macacos; e foi sempre tempo perdido. O animal lá de longe observava todos os meus movimentos, conservando-se inquieto e ameaçador; e, quando via o fumo da explosão do tiro, procurava logo o ponto escuro, que lhe saia do centro, e com um salto para o lado, executado a tempo, livrava-se sempre da melhor pontaria, que eu conseguia fazer. Este facto é tanto mais espantoso, quanto é certo, que a bala devia chegar lá antes do som do tiro. Causei-lhes muitas vezes este susto, só para me divertir com a sua hàbilidade. E bom foi que eu não conseguisse matar nenhum: livreime então d'um quasi remorso, que mais tarde senti, ao ver

agonisante um pobre macaco preto, sobre o qual atirei d'uma grande distancia, sem precisar pontaria, simplesmente para me rir do susto, que por ventura lhe causasse.

Quando eu uma vez subia a serra da Chella pela vereda do Bruco, antes de chegar ao chão da Chella, no bosque do lado direito, observei uma familia numerosa de macacos, que me pareceram papiões, a cantar. O chefe da familia entoava uma curta estrophe, e a familia respondia em côro. E notei mais, que este canto tinha uma grande similhança com um dos Mundombes do Dombe Grande, quando carregam a tipoia nas jornadas de Benguella para a Catumbella. Consigno o facto, sem alcançar bem toda a sua importancia: isso fica para os competentes, que porventura não tenham ainda conhecimento d'elle.

Demos agora logar ao destronado rei dos animaes.

II

O Leão

Este animal, dentro dos territorios de que trato, parece habitar só do Quanza para o Sul. Pelo menos só excepcionalmente terá sido encontrado ao norte deste rio. Lembro-me apenas de uma vez me terem dito, que apparecêra na região do Dondo ou Cazengo um grande bicho, que foi visto só por pretos, e que segundo elles informavam era o leão, porque tinha «cara de gente.»

Na região do Congo, ao sul do Zaire, não tenho conhecimento da sua existencia; e do lado do norte d'este rio affirmaram-me que não apparece.

A região pois, que posso designar para o seu habitat, é a dos districtos de Benguella e Mossamedes, onde elle apparece frequentemente, e faz o theatro das suas proezas.

N'esta região chamam-lhe os indigenas *curica;* e nas linguas do lado do norte do Quanza chama-se *'hoje*.

Os habitantes de Benguella e Mossamedes e os viajantes, que por ali passam, nem se lembram de que podem encontrar o leão, a maior parte das vezes. Eu nunca os vi, nem ouvi rugir, se bem que uma vez passei muito perto d'um.

Um proprietario da Biballa, que veio a Capangombe, quando eu ali estava, depois de se ter demorado quasi todo o dia, e a proposito de não sei que historia, é que se lembrou de me dizer, que tinha encontrado um leão no caminho da Assumpção, por onde eu tinha passado pouco tempo antes d'elle, de madrugada. O homem tomou o partido que, segundo é sabido, deve tomar-se em taes circumstancias; parou, e fitou o animal, que a principio indignado ou admirado terminou por mostrar receio e retirar-se, em attitude similhante á dos gatos, que se affastam d'uma pendencia, sem terem jogado a unhada.

N'estas circumstancias seria temeridade atirar á fera. Só um atirador de primeira ordem, como Serpa Pinto, que contasse com toda a sua presença de espirito e com a força e rapidez dos seus tiros, poderia sem perigo prostrar o animal, ferindo-o no coração ou no cerebro. Se porém o ferisse, deixando-lhe ainda o uso dos sentidos e a faculdade de saltar, poderia considerar-se perdido, a não ser que lhe acudissem, como fizeram a Livingston os seus companheiros.

E' certo, porém, que o leão a maior parte das vezes é inof-

fensivo para o homem: não quer luctar com elle, contenta-se com outras prezas mais modestas.

Em Capangombe e Mossamedes, em geral, alimenta-se de zebras: é o pastor d'aquellas manadas; e busca, para fazer a preza, o momento em que os animaes vão beber, saltando traçoeiramente sobre uma cria, e ficando a devoral-a, em quanto a récua foge espavorida.

Quando este alimento lhe falta, o animal procura outro, é claro; e algumas vezes compellido pela fome chega a fazer victimas humanas. N'estas circumstancias é terrivel, porque, quebrado o encanto que o mantinha temeroso diante do homem, parece pouco resolvido a alimentar-se de outra especie de carne. No caminho de Benguella para a Catumbella, e no sitio denominado Cavaco, andou muitas semanas um leão, que de quando em quando saltava sobre um viandante, e levava-o na bocca para o devorar na espessura do matto; e ha já uns poucos de annos, que um leão em Capangombe devorou em noites quasi successivas as sentinellas da fortaleza, naturalmente porque as encontrava adormecidas.

Em ambos estes casos intervieram os moradores a conjurar a calamidade, e conseguiram matar os ferozes carniceiros.

Um outro caso demonstra ainda, que o leão deixou uma vez de se sentir embaraçado pelo respeito ao homem.

O Dr. Aguiar de Mossamedes ia para Capangombe, montado n'um boi cavallo, e acompanhado sómente pelo seu criado particular. Já ia perto da Pedra Grande, quando viu a saltar sobre si um leão, que o desmontou com o choque, e ficou com as prezas e as garras cravadas sobre as ancas do pobre boi. O Dr. Aguiar, logo que pôde levantar-se, fugiu a pé; e o

criado preto puxou ainda pelas redias ao boi, e *ralhou* com o leão «que queria comer o boi do senhor», sem se importar com o rugir ameaçador da fera, deixando-lhe a preza, quando esta caia prostrada, e lembrando-se só então de fugir tambem!

Estes casos, porém, são excepcionaes e muito raros.

Os leões, ainda mesmo famintos respeitam o homem, ou só o atacam depois de provocados e feridos.

Na fazenda de Seraphim e Victoria, nas margens do rio Curoca, appareceram ha tempo quatro leões, que se installaram dentro da plantação, e faziam ali quartel general das suas correrias sobre as manadas da fazenda. Por fim iam já de noite ao curral, saltando por cima do muro que tem dois metros de altura, e trazendo para fóra, e pelo mesmo caminho, a preza nos dentes.

O proprietario não se atrevia a ir atacar as feras; e ainda não tinha tomado uma resolução para sahir d'aquella situação difficil, quando em uma das manhãs um serviçal preto reconhece nos restos do festim da noite alguns pedaços do seu querido boi, que era toda a sua propriedade. Tanto bastou para que tomasse uma espingarda, amotinasse os companheiros, e fossem todos até junto da plantação, onde se sentia o rugir das feras, dar uma descarga lá para dentro. Os leões, perturbados na sua laboriosa digestão, mal se dispunham ao combate; mas afinal sahiram investindo com os pretos, que apanhando-os a descoberto, fóra do canavial, deixaram estendidos sem vida tres, e correram pelos areaes em perseguição do quarto, que fugio, demorando-se por lá todo o dia.

Chegado a este ponto, senhores, haveis de permittir que vos apresente o nosso Julio Gerard, o intrepido caçador de

leões, Nestor José da Costa. É tão modesto, como valente e bom atirador; e por isso ninguem o conhece no seu paiz, a não serem as poucas pessoas que o tem visto. Rapaz dos seus trinta e quatro annos, robusto e leve, de barba e cabellos pretos, olhar meigo e firme, é proprietario de duas fazendas importantes no concelho de Capangombe, uma na Biballa e outra no Munhino. N'aquella cultiva café e canna, e n'esta algodão. Em ambas tem muito gado.

As edificações da fazenda do Munhino ficam n'um cerro coberto de blocos de granito, que as rodeam em posições caprichosas, tornando os caminhos difficeis. Está tudo dentro d'um muro: para um lado a vivenda do proprietario com os armazens do algodão; para o outro as habitações dos serviçaes; e no centro, em fórma de cidadella, um cercado de paus a prumo, aguçados em cima, que é o curral dos bois.

Isto é já precaução contra as feras.

Certa noite sentiu Nestor os bois muito inquietos no curral; e em breve teve a certeza de que um leão, que tinha saltado pelo muro da cerca, rodeava o cercado, procurando introduzir-se no curral. O proprietario quiz defender a sua propriedade; apezar da escuridão da noite, tomou a sua melhor espingarda, abriu com precaução a porta, e procurou a fera com a vista. Antes, porém, de a ter encontrado, sentiu-lhe o rugido, vendo-a logo saltar sobre si proprio. Mal teve tempo de descarregar e arremessar a espingarda, mettendo-se immediatamente dentro da porta, que estava perto; quando elle batia com a porta fechando-a, batia n'ella tambem pelo lado de fóra o leão a perseguil-o!

Succederam-se horas angustiosas, porque o animal parecia, pelo rugir furioso, que tinho sido ferido pelo tiro. No dia se-

guinte, depois de longo silencio, aventurou o nosso heroe a cabeça por um buraco do telhado, a ver se conseguia saber onde parava a fera; e, depois de demorado exame, viu-a estendida na cozinha com a cabeça em posição escondida, não sabendo por isso se estava morta. Para se certificar disparou-lhe de cima para baixo um tiro no coração. O bicho não se mexeu: estava morto, e estavam todos salvos. Os serviçaes só se atreveram a abrir as portas e sahir, depois do patrão estar no pateo a examinar os effeitos do seu primeiro tiro.

D'outra vez um leão ferido com armadilha, dentro do recinto, teve ainda vida e força para saltar o muro; e rugiu do lado de fóra toda a noite.

De manhã o Nestor queria que os serviçaes fossem trabalhar e os gados fossem pastar, mas isso era uma temeridade que podia custar algumas vidas; e por isso resolveu-se a esperar que a fera morresse, ou se afastasse. Esperou todo o dia e toda a noite seguinte, e a fera continuava a rugir escondida entre os penedos da visinhança.

O gado já estava faminto, e a necessidade dos serviços era urgente. Foi mister tomar uma resolução.

Nestor armou-se, e fez-se acompanhar d'um pequeno moleque, seu criado particular que lhe levava uma outra espingarda. e d'um cãosito que farejaria o leão para o auxiliar na pesquiza.

Avançou cautelosamente na direcção d'onde partiam os rugidos, e em breve notou que o cão fugia para traz, dando todos os signaes de terror. A fera devia estar ali perto, e estava já calada. De repente ouve o rugido, e vê o leão a saltar para elle. Descarregou a espingarda, e mal teve tempo de tomar a outra que o pequeno lhe entregou, já engatilhada. A

fera tocava com a cabeça no cano da espingarda, quando elle disparou o segundo tiro!

Estes, e muitos outros casos difficeis de caçadas, foram-me contados pelo proprio Nestor no theatro das suas façanhas. Já tinha morto a esse tempo, em 1879, uns sete leões, e protestava não tornar a metter-se com similhantes feras; mas eu soube, que o horoe não cumpriu a sua promessa, e já elevou a muito mais do dobro o numero das victimas. Valha a verdade, que os tem morto sempre por necessidade, diz elle.

Afóra estes casos o leão em geral mostra-se cobarde perante o homem. Os seguintes factos demonstram-no bem.

Um proprietario do Curoca estava n'um domingo de tarde estendido sobre a cama a ler os jornaes que recebera da Europa, e, como tinha sentido durante a noite passada o rugir do leão na visinhança, levou para dentro do quarto, e prendeu a um pé da cama, um cãosito que possuia, para que o leão lh'o não levasse, encontrando-o distrahido fóra da porta.

A occasião prestava-se para isso, porque áquella hora todos os pretos andavam a trabalhar nas leiras, que os patrões costumam ceder-lhe para com esse usofructo lhe pagarem os serviços de toda a semana; e nenhum estava em casa, ou perto.

N'esta situação foi o proprietario distrahido da leitura por um vulto, que rapidamente entrava pela porta dentro em direcção ao pé da cama. Era o leão, que ia buscar o cachorro.

O homem sem reflectir no que fazia, levantou-se, e bateu com o jornal no leão gritando-lhe instinctivamente. A fera afastou-se e fugiu, sem ter feito mal ao cãosito.

D'outra vez um proprietario de Mossamedes trouxe para

casa uns leõesitos, que conseguiu arranjar, na mente de os criar e mandar para a Europa.

Já nem se lembrava, que os paes poderiam procurar a sua prole, quando um dia, estando a jogar com alguns amigos sobre a meza de jantar, que estava provisoriamente installada n'uma barraca coberta de esteiras, viram cair do tecto, rompendo-as, um leão que assustado por aquella estranha situação fugiu pela proxima janella aberta, sem já se lembrar dos filhos, que estavam ali perto, e o atrahiram lá pelo cheiro, ou pela voz.

Os donos da casa tambem não esperaram outra visita: foram pressurosos depositar os filhos em logar, onde fosse facil aos paes encontral-os.

Na Iquemina, fazenda muito conhecida e frequentada pelos navios de guerra inglezes, que vão ali tomar gado e refrescos, tambem costumam apparecer leões.

O proprietario quiz uma noite fazer uma espera a uns poucos que lhe rondavam a casa. Armou-se com os seus mais corajosos empregados e serviçaes, e foi esperal-os para cima do terraço, que é superior a um segundo andar.

Os animaes vieram, mas, sem chegar ao alcance dos tiros, retiraram-se. No dia seguinte Bastos Pina dizia para os seus amigos de Benguella, em fórma de telegramma: «Eram cinco leões; esperamol-os no terraço. Cobardes, fugiram!»

Os leões, tendem a desapparecer dentro mesmo da circumscripção, que deixo indicada para o seu habitat.

O indigena do planalto do sul, corajoso e aguerrido, ataca-o por vezes com as suas armas brancas, ou, melhor direi, com as suas armas escuras; porque as zagaias, facas e outras armas de ferro de uso dos pretos, andam sempre untadas de

manteiga e cobertas d'uma camada de pó humedecido por ella, que lhe impede a oxidação, sem lhe deixar o brilho, que entre nós deu a armas similhantes, o nome de brancas. O indigena dizia eu, ataca-o por vezes, e consegue matal-o, e fazer-se heroe na tribu por esse motivo.

Os boeres, ultimamente estabelecidos na Humpata, tambem tem morto muitos leões.

Empregam para esse fim um meio mais racional e seguro.

Quando apparece um leão na visinhança, sempre que o sitio é descoberto, vão immediatamente matal-o. Partem, um ou dois, montados em cavallos muito habituados a galopar pelas campinas, apezar dos buracos do porco espinho, que tornam perigosa a carreira para outros cavallos, e dirigem-se á fera, atacando-a frente a frente. Chegados a uma distancia de cincoenta ou sessenta metros, apontam, e atiram. Raras vezes o tiro lhes falha, porque são muito bons atiradores.

Em seguida a este primeiro ataque fogem para respeitosa distancia, e d'ahi observam o animal. Quando a agonia se lhe prolonga muito, voltam á mesma distancia, e dão-lhe outro tiro.

Este processo não tem os perigos que alguem poderá imaginar, porque o leão não corre atraz das suas victimas; limita-se a saltar sobre ellas, uma, duas ou tres vezes, transpondo de cada salto o vão maximo de dez metros.

Os perigos portanto d'este systema de perseguição do leão limitam-se ao do cavallo partir as pernas mettendo-as nos buracos de que fallei, e tornar assim difficil a situação do cavalleiro, que póde chegar a ser victima, se a distancia é pequena, e o leão vae saltando sobre elle.

III

Outros carnivoros

O leopardo é muito vulgar em todo o territorio de Angola e Congo, e tanto mais perigoso, quanto mais raream os mammiferos de que elle mais vulgarmente se alimenta. Chamam-lhe por lá tigre e onça; mas parecem-me improprias estas designações, pelo menos para as duas variedades, que lá conheci, e são frequentes.

Onde a população é menos densa e o sertão mais habitado de herbivoros, são tambem mais frequentes estes carniceiros. Mas isto não impede, que elles habitem a região florestal, onde os mammiferos estão apenas reduzidos a alguns porcos bravos, como representantes dos pachidermes; á pequena e formosa *seixa* representando os ruminantes; a alguns pequenos roedores; e pouco mais.

Em Cazengo é elle muito frequente, e tem até feito victimas humanas, muitas vezes. Costuma atacar as creanças e leval-as para o matto, antes de ter sido possivel accudir-se-lhes.

N'uma das fazendas saltou uma vez sobre um pequeno serviçal, que levava da cozinha para a casa de jantar um prato para a meza dos patrões, em quanto atravessava um pequeno pateo interposto.

Quando estive em Landana soube ali que o leopardo rondava de noite as moradas dos negociantes, e se tornava perigoso, até ao ponto de ser imprudente passar em noites es-

curas d'umas para as outras casas, atravez do arvoredo na encosta do Colibri.

O sr. Guilherme Capello, muito illustrado e util official superior da nossa armada real, obteve dois bonitos exemplares vivos, que tinham sido capturados e criados em Cazengo, e trouxe-os para Portugal: creio que os offereceu á Camara Municipal do Porto.

O destemido Nestor não tem dado provas da sua coragem só contra o leão: tambem tem atacado e morto alguns leopardos. Parece-lhe até, que o leopardo é mais temivel, que o leão, e por isso arreceia-se mais d'elle.

Na minha digressão pelo districto de Mossamedes e concelho de Capangombe, passava eu uma vez com o Nestor e muitos outros cavalheiros, quasi todos a cavallo, da séde do concelho para a fazenda do Munhino, de que já fallei; e, quando ladeavamos um cabeço todo coberto de enormes blocos de granito, vimos sobre uma pequena arvore isolada, lá em cima, um vulto que todos suppozemos seria um leopardo. O proprio Nestor estava convencido d'isso.

O proprietario Campos, convidou-o a ir matar a fera; e tanto bastou para que o Nestor se apeasse do seu jumento, e tomasse a espingarda, que lhe conduzia o moleque, partindo em direcção á arvore, saltando de bloco em bloco. Nós estavamos todos anciosos e de carabinas aperradas para nos defendermos, caso o bicho saltasse para o nosso lado; e Nestor ia tranquillamente subindo, e approximando-se a uma distancia rasoavel. Estou certo, que todos tinhamos desejo de o impedir d'aquella temeridade, mas nenhum se atreveu a formular o seu desejo, receiando que fosse lançado á conta de medo pessoal.

Esta situação angustiosa dissipou-se n'uma gargalhada, quando todos vimos uma monstruosa aguia cinzenta abrir a sua envergadura e levantar da arvore, librando-se nas alturas. Nestor retrocedeu, e montou com a mesma placidez com que se apeára e subira -- balbuciando apenas «enganámo-nos».

Em toda a região do Congo, por ambas as margens do rio Zaire, é muito vulgar, ainda hoje, o gato d'Algalia, de cujos productos se fazia d'antes um commercio importante.

Estando eu em 1882 em Banana, na foz do grande rio, vi a minha cadella *Piápia*, muito empenhada em perseguir um animal, que se lhe escondia por entre uns paus; e dirigindo-me lá encontrei-a a morder e matar um, de que aproveitei a pelle, que era muito bonita e perfeita. A carne foi devorada com sofreguidão por alguns dos miseros serviçaes da companhia ingleza «Congo and Central African C.º»

E' muito vulgar tambem em todo o territorio de Angola e Congo, especialmente na zona baixa, a hyena, a que em Loanda se chama *quimalanca*.

Senti-a muitas vezes uivar mesmo debaixo da janella do meu quarto nas noites escuras. Os cães da cidade respondem aos seus uivos ladrando muito, mas não a perseguem; e ella por seu turno é ali inoffensiva. Vem de noite ás proximidades da cidade, ou mesmo dentro d'ella, farejar os monturos e alimentar-se do que encontra, livrando os habitantes de parte das exhalações pestilenciaes, a que os sujeita uma limpeza muito imperfeita da cidade.

Ou por alli, ou nos cadaveres de peixes e aves que o mar arroja á praia, encontra ella bastante alimento para não precisar de atacar os viventes.

Em Loanda ninguem se arreceia d'ella. Eu encontrei uma vez, quando á noite recolhia para casa, dois policias a perseguirem uma com os sabres.

No Ambriz, já se lhe tem um bocadinho de receio. Ella devora habitualmente os cadaveres do cemiterio publico, apesar da precaução de lhe pôrem em cima uma grande porção de pedras soltas. E este facto tem-lhe dado mais alguma coragem, chegando mesmo algumas vezes a atacar os tardivagos, logo que lhe pareçam de pequena estatura, ou crianças indefesas.

Tudo isto é muito pouco, ou mesmo nada, em comparação do que uma variedade de hyena, a que os naturaes chamam *magomballa*, costuma fazer na região florestal de Cazengo, e especialmente no Golungo Alto. Aqui é ella a mais temivel de todas as feras. Ataca atrevidamente, até de dia, e a muitas pessoas juntas.

Uma vez acommetteu, e matou, umas poucas de pretas, que estavam a cozinhar n'uma lavra na hora de descanço a refeição do meio dia: rompeu-lhes as carotidas, e contentou-se com lamber-lhes o sangue.

Certo dia, um soba da localidade, mandou um filho á banza d'um soba visinho levar um recado; e, como o rapaz tardasse, o pai, receioso de que o filho se aventurasse de noite só pelo caminho e fosse victima, deliberou ir ao seu encontro, fazendo-se acompanhar de muitos dos seus, alumiando-se com archotes. Pois, apesar de todas estas precauções, o pobre velho soffreu a sorte que receiava para o filho; porque a temivel *magomballa* vendo-o na frente, atirou-se a elle, e matou-o, emquanto toda a comitiva fugia apavorada.

Quando eu fui visitar a fazenda de Santo Antonio do Qui-

lando, pertencente ao Dr. Antonio Garrido, fallecido ha pouco, causei a este bondoso cavalheiro um grande susto por me ter desviado, á noite, alguns metros da porta da casa para o lado do pomar; porque, dizia elle, podia ser atacado pela *magomballa.*

E' certo, porém, que a *magomballa* nem tem força, nem organisação, para luctar com o homem, e colher tão rapidos e completos triumphos; pois que, não tendo garras, só póde ferir com a bocca, e facil seria a um homem desembaraçado, armado d'um casse-têle, defender-se, e matal-a mesmo, se ella não fugisse.

Os pretos, porém, não o fazem, nem podem conceber que se faça tal; porque tem a respeito d'ella a mesma superstição, que o nosso povo tem com o phantastico lobis-homem.

A *magomballa* para elles não é uma fera, mas sim um homem, um feiticeiro, que tem o poder sobrenatural de tomar aquella fórma feroz, para matar e comer os homens.

Eu perguntei a um preto meu criado, natural do Libollo, se elle já tinha visto alguma *magomballa*, e o misero respondeu-me ainda assustado: «que tinha visto uma na cadeia do Dondo». Era algum preto vadio, ou escravo fugido, que alli foi encontrado a furtar, sendo por isso preso, naturalmente; e, como não era conhecido pelo povoleu do Dondo, passou logo por *magomballa.*

O animal, portanto, não está habituado a encontrar resistencia, e isso tem-o tornado muito atrevido.

Mas ha um outro facto, que teve natural influencia para determinar, ou aggravar muito, esta deploravel situação.

Quando em 1864, se bem me lembro, grassou na localidade uma epidemia de variola, que fez por dia muitas victimas entre os serviçaes das diversas fazendas, os proprietarios

não sepultavam os cadaveres: mandavam-nos abandonar ás feras, na espessura do matto. A *magomballa,* n'essa epocha, habituou-se de tal fórma a comer carne de gente, que, quando lhe faltaram os cadaveres, começou a usar do seu prestigio para com os vivos, devorando-os tambem.

Os proprietarios, agora, arrependem-se da sua impiedade para com os mortos, e pensam a serio em tomar providencias contra os ataques da fera. Vão explicando aos pretos que a *magomballa* é simplesmente um bicho, mas por ahi nada conseguem. A crença é muito velha, e está já traduzida em formulas d'arte, como adiante direi. De maneira que têm, elles mesmo em pessoa, atacado o animal, onde quer que o encontram; e teem-lhe feito armadilhas em que vão apanhando algumas. Quando eu passei na fazenda de Monte Alegre, tinham ali apanhado um bonito exemplar. O dono empregou todos os esforços para que um dos pretos fosse dar-lhe um tiro, e não conseguio simillhante cousa. Foi elle dar-lh'o. A armadilha era uma especie de jaula de pau, grande e forte, onde o animal entrava para comer um pedaço de carne, e onde ficava fechado, mas vivo e incolume.

Disse eu que a crença é muito velha, e assim me parece em virtude d'uma especie de representação tragica, muito usada pelos pretos da localidade e do Libollo. Chama-se-lhe dança da *magomballa.*

Serve de theatro o terreiro da senzalla, onde os pretos costumam dançar as outras danças, sem necessidade de mais scenario, vestuario ou caracterisação. Todos os pretos gostam muito d'esta representação, mas nenhum quer fazer o papel de *magomballa,* que de ordinario é distribuido á força, áquelle que tem menos prestigio entre os companheiros.

A tragedia é muito simples; e tudo se passa a dançar e a cantar.

Depois de escolhido o *magomballa*, que destaca para fóra do terreiro, indo esconder-se atraz d'uma arvore ou d'uma cubata d'onde espreita a dança; e depois de escolhido tambem o que ha de ser victimado pela *magomballa;* collocam-se todos de cocôras em circulo no meio do terreiro, cantando, dançando n'aquella posição e fingindo comer.

A scena representa um banquete. Chegados a uma certa altura do banquete, muda a musica e o passo da dança; e o que foi escolhido para victima toma uma pedra, ou uma cousa qualquer, que finja uma vasilha, e parte a buscar bebida para o banquete. Entretanto o grupo dança e canta.

Quando a victima passa junto do *magomballa*, este atira-se sobre ella, e prostra-a, fugindo em seguida.

Então o grupo dos dançadores ouvindo o grito da victima corre em seu soccorro, dividindo-se. Dois ficam a conduzir a victima para o terreiro, em braços; e os demais correm todos sobre o *magomballa*, espancando-o muito e arrastando-o pelo chão até ao terreiro, onde acaba o espancamento quando o morto se levanta incolume, no meio de grandes applausos e alaridos.

Tal é a tragedia, que elles repetem muitas vezes, deliciando-se sempre da mesma maneira.

Serve geralmente de brinquedo ás crianças.

Consegui uma vez em Loanda levar alguns serviçaes oriundos de Libollo a representar, á minha vista a dança da *magomballa*, a vêr se lhe encontrava alguma differença; e pareceu-me que era tal, qual a que observei em Cazengo.

Ha ainda alguns carnivoros de menos importancia, podendo

mencionar-se como principaes os *mabecos*, que atacam em grupo animaes muito maiores. Diz-se até que chegam a perseguir o hipacaça e o leão! Um morador da foz do Quanza contou-me que viu uma matilha de mabecos, atacando fortemente uma palanca (grande ruminante), que fugia d'elles com grande avanço, mas que afinal foi victima da sua voracidade, porque os matreiros a traziam contra o vertice do angulo formado pela margem esquerda do Quanza e a praia, d'onde ella não conseguiu escapar sem lhe cahir nos dentes.

Em Benguella as raposas andam de noite pela cidade, á vista de toda a gente, como os cães.

IV

Pachydermes

Entre os herbivoros pachydermes teve de certo o primeiro logar em tempos, que já lá vão, o elephante. Mas a caça constante e barbara, que se lhe tem dado, no intuito de explorar o marfim, tem-no feito rarear de tal modo, que só por acaso poderá apparecer um ou outro dentro dos territorios de Angola e suas dependencias. Esses raros, que se viam ainda ha pouco, vão de certo acabar agora.

Estavam acantonados no sertão de Macuta e Zondo, lá n'esse territorio que fica entre as cataractas inferiores do Zaire e a margem esquerda do Cuango, n'esse grande tracto de terreno, ultimamente extorquido a Portugal pela Conferencia de Berlim, para ser gratuitamente offerecido á Internacional Africana.

O sul da provincia de Angola já hoje não tem elephantes; e ainda vivem lá muitos colonos, que se lembram de os terem visto em grandes manadas.

Ainda depois que eu fui para Africa, em 1877, appareceu um nas margens do baixo Quanza, mas a sua visita causou espanto, e não me consta que se tenha repetido.

Pois o elephante era tão vulgar em Angola na epocha da descoberta e installação do nosso dominio alli, que as armas da cidade de Benguella lá o tem no seu escudo, e não ha chronista que não falle da grande abundancia dos *aliphantes*.

Tem sido, além de cruel, imprudente e anti-economica esta guerra de exterminio ao intelligente e poderoso animal, que poderiamos e deviamos ter aproveitado para nosso auxiliar nos usos da vida. Nem o exame e a fruição dos serviços que o elephante presta n'esse oriente, que devastámos, nos abriu os olhos, corrigindo a nossa barbaridade imprevidente!

O elephante, com a sua prodigiosa força muscular, teria antecedido a machina a vapor, e seria hoje para a introducção d'ella o unico portador possivel.

Só quem sabe por experiencia directa quanto custa o transporte das grandes peças de machinas pelo sertão, e quanta repugnancia e difficuldade os pretos mostram em lhe pegar, poderá bem comprehender a perda que eu lamento.

Stanley pensou já em corrigil-a introduzindo, como é sabido, elephantes da India por Zanzibar para a sua expedição; mas os pobres animaes morreram, antes de ter prestado qualquer serviço; e fizeram desanimar aquelle homem de vontade de ferro, a respeito d'este artigo das suas pretenções. O elephante soffre, como qualquer outro animal, com a mudança

de meio; e só com muitos cuidados e annos poderá conseguir-se a sua acclimação, para substituir o d'Africa.

Se a Internacional Africana pensar bem n'isto, talvez ainda possa salvar as preciosas reliquias dos elephantes d'Africa, refugiados no logar que indiquei, e mais a leste nos sertões intermediarios entre o Cuango e o Lualaba, e tornal-as utilissimas á civilisação do continente negro.

Na falta do elephante é hoje o hyppopotamo o mais importante pachyderme pelas vantagens, que por alli nos presta.

O hyppopotamo habita em todo o territorio de Angola e Congo, onde quer que exista um rio, ou lagoa, com aguas sufficientemente fundas para elle se immergir, e com margens bastante cobertas de viçosas gramineas, que são a sua despensa.

Ha muitos no planalto do sul, entre a Huilla e Caconda, onde está situada uma lagoa denominada dos cavallos marinhos, por causa da grande quantidade d'elles que alli havia.

Os boers, ultimamente estabelecidos n'essa região, têm feito n'elles uma chacina de tal ordem, que já muito poucos restam.

As lagoas do Quanza têm muitos, e todos os pequenos rios que correm entre o Quanza e o Zaire, e mesmo alguns dos mais importantes que correm ao sul do Quanza, estão cheios.

No Zaire, e nos outros rios que correm ao norte d'elle, ainda ha muitos tambem, apezar da grande guerra, que alli se lhe tem feito.

O hyppopotamo é designado em todas as linguas de Angola e Congo com o nome *n'guvo*. E este nome é onomatopaico, porque o animal parece pronuncial-o, quando vem resfolegar á superficie da agua.

Tem sido systematicamente caçado no Zaire, para se lhe aproveitar a carne, que é boa, apezar de algum tanto dura. Faz lembrar a carne de urco. A casa hollandeza de Banana teve até de proposito para isso um caçador allemão, chamado Otto Lindner, que depois foi empregado de Stanley.

Este caçador matou muitos. A carne era salgada, e opportunamente distribuida aos serviçaes das feitorias. Os brancos tambem a comem, ás vezes, fresca ou salgada; mas o que mais apreciam do animal, são os pés e as mãos, que cozinhados de certa maneira tem grande voga: o prato chama-se *macotó de n'guvo.*

Eu, sempre que andei pelo Zaire, entretive-me mais ou menos a caçar hyppopotamos; e, quando lá fui em 1882, n'uma commissão do governo, disfarcei-me em caçador d'aquelles animaes. E foi feliz o disfarce, porque matei dois, e toda a gente me julgou a tratar simplesmente d'aquillo. Tive muito trabalho para aproveitar todos os ossos e a pelle completa de um d'elles, para que o esqueleto e o animal, empalhado, viessem ornar um dos nossos museus; e apezar d'isso a pelle corrompeu-se. O esqueleto porém está no museu de Lisboa.

São muito perigosas as caçadas aos hyppopotamos, tão perigosas até, que eu tenho resolvido não voltar a ellas; e aconselho as pessoas inexperientes que o não fação, ao menos pelo systema que eu segui, e que é por lá vulgarmente empregado.

Os animaes tem habitos nocturnos. Ao escurecer sobem a margem do rio ou lagoa e vão pastar pelas lezirias, affastando-se ás vezes até uma legua de distancia. Desgraçada da plantação que elles explorem durante estes passeios noctur-

nos: o que escapa da sua voracidade fica esmagado debaixo das patas monstruosas! Os pretos costumam affugental-os das suas pequenas lavras, dormindo junto d'ellas, e gritando sempre que o sentem perto; e os animaes que são estupidos e timidos, antes de sériamente provocados, affastam-se.

Antes de amanhecer reunem-se em pequenas clareiras de capim tozado pelo seu dente poderoso, deixando ahi os vestigios de uma estação mais ou menos prolongada; e vão depois para a agua, onde em geral passam o dia a nadar, mostrando só as cabeças em posição tal, que dão ares da cabeça do cavallo. Talvez esta circumstancia tenha concorrido para a sua designação de cavallos marinhos.

Se no sitio reina uma solidão tranquilla, determinada pela ausencia do homem, a récua procura um banco de areia ou uma clareira á margem, e vae deitar-se lá; mas n'este caso a aproximação de gente obriga-os logo a tomar a precaução de se immergir, e percorrer grandes distancias por baixo da agua, vindo apenas a largos intervallos respirar de pressa á superficie. E' n'estas circumstancias que são perseguidos e mortos.

Os caçadores, munidos de poderosas armas aperfeiçoadas, vão n'uma canôa a remos, postar-se no meio da récua immersa, e esperam attentos o primeiro que appareça a geito, atirando-lhe logo.

O tiro é muito difficil pela distancia a que o animal se mostra, pelo inesperado do sitio e pela rapidez do movimento; mas apezar d'isso alguns caçadores conseguem com mais ou menos facilidade metter a bala no logar proprio, que é junto d'um olho. O animal ferido alli a uma distancia e posição rasoaveis morre em geral, porque a bala fura-lhe o craneo pou-

co espesso n'aquelle sitio, e fere-o no cerebro. Conhece-se que foi tocado mortalmente pelo modo de mergulhar.

Ferido assim o animal afunda-se; e só apparece á tona d'agua depois de tres a cinco horas, quando a formação de gazes nos intestinos obriga o cadaver a deslocar mais agua e immergir. Em muitos casos o caçador não chega a fruir a sua caça, que é levada pela corrente. Os indigenas são muito perspicazes em os reconhecer; e rapidamente apanham e esquartejam, comendo-o depois, algum que assim desça o rio. Tambem ás vezes se persegue em terra os que alli são surprehendidos.

O ataque, quer no rio quer em terra, é muito perigoso sendo feito a um macho adulto ou a uma femea com cria. Demonstram-no bem os seguintes factos:

Um negociante do Zaire, chamado Rozendo, que perseguia um na agua perto da sua feitoria, conseguio feril-o sem ser mortalmente. O animal enfurecido foi por baixo da agua dar uma dentada na embarcação, levando-lhe na bocca o leme e o patilhão, e deixando os tripulantes em perigo de se afundarem. Salvou-os o terem podido diminuir o rombo com os casacos e alcançar depressa a margem. Se cahissem na agua morreriam talvez todos, ainda que soubessem nadar, porque os crocodilos espreitam sempre estas occasiões, e atacam logo.

Em 1883 foi uma canhoneira ingleza a Maiumba, e um negociante d'alli offereceu uma caçada aos officiaes no rio proximo. Preparou-se tudo, e partiram todos muito satisfeitos, sem se esquecerem do piquenique.

Um hyppopotamo mal ferido deu tal trombada na embarcação, que a arrombou indo todos á agua. Os que sabiam nadar morreram todos, incluindo n'esse numero o ne-

gociante. Salvou-se apenas um, porque não sabendo nadar agarrou-se aos destroços da canôa, e esperou que o soccorressem.

O almirantado inglez tem até prohibido aos seus officiaes este recreio, por causa d'este e outros factos deploraveis.

Um preto serviçal do negociante Domingos José de Sousa da Quissanga, a quem o patrão, que é caçador eximio, conseguira habituar e apaixonar pela caça, ia um dia n'uma canôa e viu um hyppopotamo em terra. Foi perseguil-o apezar da opinião contraria dos companheiros, que se fizeram ao largo depois de o terem largado em terra. O caçador queria aproximar-se muito da caça, porque não tinha grande confiança na sua espingarda *reiuna*, e o animal, incommodado com a perseguição e não podendo fugir para a agua senão pelo sitio por onde era atacado, investiu com o caçador, e partiu-o ao meio com uma dentada, logo depois de levar o tiro.

Foi tal o susto dos companheiros, que ainda não podiam fallar, quando chegaram á presença do patrão a dar-lhe a triste nova!

O perigo da perseguição do hyppopotamo na agua é imminente, se o animal tem occasião de, com os pés firmes no fundo, alcançar por baixo com uma trombada o fundo da embarcação.

Em Cabinda no sitio denominado a Vista, informaram-me que alguns hyppopotamos das cercanias vão passar o dia ao mar, causando grandes sustos aos transeuntes pela praia, que é a sua melhor estrada. Não tenho noticia de que em outra parte succeda isto.

Os porcos bravos são muito vulgares, e os domesticos pros-

peram tanto, e com tal facilidade, que os proprietarios difficilmente saberão quantos possuem. Estes animaes sustentam-se a pastar nas proximidades do Zaire, sem mais incommodo nem cuidado dos donos.

Os cabindas não têm o porco, porque não o comem: as varas d'elles que por lá existem pertencem a negociantes. Mas os mussorongos e muxicongos já o possuem e comem.

O rhinoceronte é frequente na visinhança das cataractas do Cunene até á serra da Chella, e mesmo mais para o norte.

O seu congenere, o pequeno hyrace, habita os penedos da zona media e alta. Na bacia do Quanza chamam-lhe *célle*. Em Pungo Andongo é muito vulgar. Os indigenas caçam-no, e comem-no.

Nas planicies do districto de Mossamedes, onde as pastagens tem uma certa importancia, são muito vulgares as manadas de zebras. O leão alimenta-se habitualmente d'ellas, e os indigenas tambem lhe dão caça para o mesmo fim.

Nos mattos visinhos das fazendas do Munhino, no concelho de Capangombe, apparece o onagro.

Nem este animal, nem a zebra, têm sido alli domesticados. Alguns proprietarios, que têm conseguido apanhar viva alguma joven zebra dentro das suas plantações de algodão, têm preferido matal-a e comel-a, a tentar domestical-a e utilisal-a.

V

Ruminantes, Roedores

E' espantosa a variedade e quantidade de ruminantes, que vivem pela provincia de Angola, desde a pequenina e timida sexa até ao agigantado e temivel hipacaça.

Os maiores são o hipacaça, o cefo, a gunga o angire, a palanca, o galengue, etc.; seguem-se depois a formosa gazella de leque e outras mais pequenas;—muito variados todos em formatos, côres, disposição das armas, etc.

Todos estes animaes fornecem excellente carne, e são por isso muito perseguidos quer dos colonos, quer dos naturaes do paiz, quer mesmo das feras.

A caçada faz-se em geral sem perigos. Entretanto o hipacaça ataca immediatamente o caçador, apenas se julgue perseguido; e esta circumstancia costuma ser aproveitada pelos caçadores, para compromettter o feroz animal.

Visto de longe um hipacaça, o caçador procura uma arvore na visinhança, acima da qual possa subir. Aproximando-se da arvore provoca o animal, e sobe. O estupido bicho investe com tal cegueira, que começa a marrar na arvore e a feril-a com as armas; entretanto o caçador de cima dá-lhe um tiro em sitio mortal, ou mata-o com uma zagaia ou pequena lança. Se, porém, se lhe acabou a polvora antes de matar o animal, e não tem outra arma com que o fira, póde o caçador considerar-se perdido, porque o teimoso não se retira em quanto vir o caçador em cima da arvore: depois de cançado deita-se, e espera. O preto, caçador de hipacaças, tem muita consideração entre os seus.

Houve em Loanda um corpo de policia chamado de hipacaceiros, por ser formado d'estes caçadores.

Quando a ultima vez fui ao Dondo em companhia do meu amigo Alberto Eça de Queiroz, vimos de bordo do vapor um d'estes animaes, a que este cavalheiro atirou com a minha espingarda comportando-se, elle o parisiense, como um velho caçador do sertão.

Quando eu, pela primeira vez, vi diante de mim as gazellas de leque, nas visinhanças da Pedra Grande, senti um enthusiasmo tal, que prejudiquei todos, ou quasi todos os tiros. Andei duas horas a perseguil-as, e não tenho a certeza de ter ferido nenhuma. Renasceu em mim o barbaro caçador do tempo da primeira dynastia: eu nem via! Depois ri-me da minha loucura, em correr atraz de gazellas, e aventurar-me, só, por de traz das moitas, onde costuma esconder-se o leão para caçar tambem.

Os boers estabelecidos na provincia alimentam-se, quasi exclusivamente, da carne dos ruminantes, que caçam e seccam em tiras, pendurando-as depois nos tectos das suas habitações. Ultimamente, como já disse, juntaram a esta carne a dos hyppopotamos.

São ainda vulgares e frequentes muitos roedores, que os indigenas apanham em armadilha para comer. No concelho do Dondo vende-se grande quantidade de ratos que os pretos devoram depois de assados inteiros sobre as brazas, sem mesmo lhe tirarem o pello!

VI

Aves

As aves são muito abundantes e variadas em todo aquelle territorio. As aproveitaveis são muitas.

A saborosa pintada, já está domesticada e introduzida no reino. Outro tanto devia já ter succedido com a tua, que é do tamanho de um perú, e parecida com elle. Esta ave é muito frequente nas planicies de gramineas da zona baixa, e fornece muita e deliciosa carne.

A domesticidade d'ella parece-me facil, porque já vi n'uma fazenda do Curoca, no concelho de Mossamedes, algumas crias, que tinham sido achadas no ninho, vivendo agora em intimo convivio com as gallinhas.

O marabú, ave util para a exploração das plumas, domestica-se, e alimenta-se com facilidade; póde sustentar-se só com ossos. É muito frequente para leste de Pungo Andongo.

As perdizes, e principalmente as rolas, são muito abundantes, e estas muito variadas. São em geral pouco perseguidas para usos alimenticios, porque ha caça facil muito maior.

Em toda a zona baixa são vulgares uns corvos, da mesma forma pintados que as pêgas de Portugal: parecem a ampliação d'ellas. Estas preciosas aves são em Loanda, em Benguella e em geral em todas as povoações, gratuitamente encarregadas da limpeza dos monturos. São n'esse trabalho os socios das hyenas, e das rapozas.

A *pauda* de Capange e a *gruis-paouia* de Caconda, são bonitas aves para ornamentação de jardim, e domesticam-se com muita facilidade.

Em parte nenhuma da provincia me accusaram a existencia da avestruz.

As fringillas cantoras são vulgarissimas e muito variadas; todos os paquetes trazem de Benguella centenas d'estas aves.

A colorida *andua* é muito vulgar em Pungo Andongo. Quando nas horas do maior calor ellas vêem lá de cima das altas arvores passar alguem extenuado de fadiga pelo fundo dos corredores, entre os penedos, rompem o silencio morno com uns gritos tão estridulos, que parecem demonios, zombando em infernaes gargalhadas, do misero e abrazado transeunte!

As motacillas são menos frequentes. Apparece no emtanto em toda a parte uma ou outra, para nos deliciar com o seu canto suave. Ha uma verdadeiramente notavel a que os colonos chamam sabiá, pela similhança que ella tem com o do Brazil.

Os periquitos são vulgares e varios. Os papagaios cinzentos habitam, como já tive occasião de dizer, no baixo Zaire, e d'ahi para o norte; mas os melhores são os que procedem de Cassange e da Lunda. N'esses paizes são criados pelos indigenas, para lhes aproveitarem as pennas encarnadas da cauda. Estas pennas são alli muito estimadas para enfeites dos ricos, e constituem a moeda do paiz.

Os papagaios d'esta região conhecem-se, porque, apezar de serem muito mansos e consentirem todas as caricias, indignam-se, quando se lhes toca na cauda, receando certamente que lhe arranquem as pennas.

Alguns são atacados d'uma doença, que lhes faz encarnadas as pennas do corpo, tornando-os exquisitos, e por isso muito procurados e caros. Tem havido quem tenha pago estes papagaios por cem mil réis, e muito mais.

Na costa ha muitos pelicanos, alcatrazes e patos varios, cujas pelles seriam com vantagem exploradas, hoje principalmente que estão tanto em moda, como complemento do vestuario feminino europeu. E ha para o sul grandes bandos de flamingos, que justificam o seu nome francez com o aspecto, quando observados de longe e em bando: estranha ave, que parece ter só pescoço e pernas! È a caricatura das grandes aves.

VII

Reptis

São muito abundantes tambem todos os reptis, e principalmente os saurianos e ophidianos.

Entre os primeiros tem uma importancia de primeira ordem o crocodilo, pelo grande numero de victimas humanas, que faz por anno.

O nome scientifico d'este animal *aligator* traz a sua origem de palavra portugueza lagarto. Graças ás nossas navegações e descobertas, até do portuguez se fez latim. Nas linguas indigenas chama-se *n'gando*.

Todos os rios e lagoas, desde que tenham a profundidade aproximada d'um metro, ou mais, estão cheios d'estes monstros cuja presença irrita os animaes superiores, e faz lembrar ao homem a necessidade instante de o degredar para o lado dos seus congeneres paleontologicos, exterminando-o.

Quantas vezes o pobre mammifero sequioso deixa de beber agua, porque se arreceia da voracidade do monstro, para a final, vencido pela sede, ir-lhe cair nas guellas!

Quantas vezes o viandante, abrazado de calor e irritado pelo pó e transpiração d'uns poucos de dias, sente um supplicio de Tantalo ao aproximar-se d'um rio com limpo fundo de areia onde não póde banhar-se, sob pena de morte!

O crocodilo é de todos os animaes, inimigos do homem, o que alli faz maior numero de victimas.

Os pretos em geral acreditam que o crocodilo só come os feiticeiros; e como cada um, mettendo a mão em sua conscien-

cia, a julga livre d'esse peccado, não pensam em tomar precauções. Além d'isso o crocodilo, conhecido por ter uma vez comido um preto, ou mais, fica desde logo tido n'um respeito supersticioso: é verdadeiramente adorado, como um deus terrivel. De sorte que, quando um de dois pretos muito amigos, e que se conheciam ha muito, é apanhado pelo crocodilo, o outro, muito longe de lastimar a infelicidade do amigo, limita-se a exclamar: «Ora esta!... então fulano não era feiticeiro. sem eu saber?!» Este ingenuo, mais tarde, causa muitas vezes o mesmo espanto a outro amigo ou parente.

O crocodilo, logo que vê algum animal aproximar-se da agua, colloca-se em posição, ao longe, só com os olhos á tona d'agua, de modo que seja impossivel vel-o da margem, por causa do reflexo sobre a superficie liquida. D'alli espreita a occasião opportuna; e, quando lhe parece que chegou, mergulha, e vae rapidamente surdir ao pé da victima, que a maior parte das vezes se compromette mais ainda por causa do susto. A tactica do monstro consiste em dar uma pancada na presa e fazel-a cair na agua; ahi pega-lhe com a bocca e pucha-a para o fundo, onde a conserva presa em quanto lhe sente movimentos de vida, e espera que se afogue. Logo, porém, que a julga morta, leva-a para qualquer escondrijo, indo mais tarde lá banquetear-se.

Certo preto, apanhado uma vez por um crocodilo no Quanza, accordou pouco depois como que d'um sonho, e abrindo os olhos viu-se n'um buraco humido e escuro, onde só chegava alguma luz pelo lado superior; e, logo que teve a consciencia da sua situação, tratou de se escapar por esse buraco, que lhe dava luz. Surdiu á margem do rio debaixo de uma grande porção de plantas podres, que tinham constituido uma ilha

fluctuante, agora encalhada. O monstro queria fazer alli a sua ucharia. O desgraçado preto trazia a mão e o braço, por onde a fera o tinha apanhado, horrivelmente despedaçados; mas escapou para contar a aventura. Valeu-lhe o ter depressa perdido os sentidos, e o ter sido abandonado pelo animal em posição favoravel, com o nariz e bocca fóra d'agua.

Sente-se imperiosamente a necessidade de tomar medidas, tendentes ao exterminio d'esta fera das aguas. Os proprietarios das fazendas e feitorias á beira-rio empregam algumas armadilhas; e o proprietario Martins da Cunha, do Dande, depois de ter esgotados os seus melhores argumentos para convencer os serviçaes, de que devem acautellar-se ao ir buscar agua ao rio, tirando-a só d'onde o crocodilo não possa chegar, resolveu dar-lhe uma caça constante por si proprio. Tem morto muitos, mas ainda restam alguns para o inquietar.

Bom fôra que se empregasse uma medida geral n'este sentido, estudando-se detidamente a questão. A mim parece-me de facil pratica, desde já, procurar-lhe os ovos e destruil-os.

Eu fiz sempre propaganda contra elles, e matei muitos a tiro no Quanza, no Zaire e nos outros rios que visitei. De bordo dos vapores do Quanza tem-se morto muitas centenas d'elles; mas ainda restão muitos.

Alguns crocodilos mais velhos, e por isso d'um tamanho colossal, tem adquirido verdadeira celebridade.

Havia um na barra do Quanza, que era conhecido pelo nome de *piloto da barra*, tristemente notado pelas muitas victimas que fez. Certo dia teve a coragem de se atirar a um pobre cavallo do proprietario Peres d'alli; e, sem conseguir arrastal-o para o rio, despedaçou-lhe uma anca. Esse monstro

foi morto ha pouco pelo escossez Young, chefe da officina dos vapores do Quanza, que tem sido um infatigavel caçador ha uns dez annos, que por alli anda. Media vinte e tres pés inglezes de comprido (7 metros): deve figurar hoje n'um dos museus de Inglaterra.

Na ilha da Quissanga, no Zaire, havia um que devorou muitos mussorongos. Esperava-os n'uma passagem difficil por causa da corrente, e, dando uma pancada na popa da estreita canoa, onde o remador ia em pé, este desequilibrava-se e caia na agua, e portanto nos dentes de fera.

Em certo dia, haverá dois annos, passava por alli um inglez estendido n'uma cadeira-cama de lona, dentro d'uma larga canoa, levando as pernas sobre as bordas, um pouco pendentes para fóra. O crocodilo emergiu n'um salto, apanhou-lhe um pé, e puchou-o. O homem foi ao rio, e só poude segurar-se com as mãos, tendo já os braços e a cabeça quasi debaixo d'agua. Os remadores, que iam á prôa, ficaram paralisados de terror; e o criado particular, entre crente e assustado, perguntou ao patrão, se elle queria ir com o crocodilo? Só depois que o patrão, cobrando animo, poude dizer-lhe que não, é que elle se resolveu a puchal-o pelas axillas. Entretanto o monstro largava-lhe o pé, todo esphacellado, contentando-se com o sapato, que levara nos dentes.

O crocodilo, assim temivel na agua, é covarde, e até medroso em terra.

Na fazenda do Bom Jesus houve um que de noite subia muitas vezes a encosta, e chegava a introduzir-se no cercado onde dormiam as vaccas, para furtar alguma cria, como succedeu mais d'uma vez. O dono da fazenda tomou providencias, e não conseguiu nada. Em certa noite, porém, uns pretos ladinos que

recolhiam tarde encontraram-no longe da agua, e mataram-no á paulada, sem ficarem com uma arranhadura sequer.

D'outra vez, em seguida a uma noite de muita chuva, appareceu um pela manhã a querer esconder-se n'um charco, que se tinha formado no meio d'uma praça do Dondo. Como a agua era muito baixa, e o animal não podesse immergir n'ella, foi observado pelos pretos, que fizeram grande alarido em volta do charco, propondo-se os mais destemidos matal-o. Assim perseguido resolveu sahir do charco a procurar o rio, que era perto; mas, desnorteado, enfiou por a porta d'uma cubata dentro, desalojando o dono. Os corajosos chegaram á porta para o matar a tiro; e o animal açulado investiu então atravez da multidão por uma rua e um largo, indo depois para o rio, sem ter soffrido mais que o susto. Uns não se atreveram, outros, provavelmente, não poderam fazer-lhe mal.

Há outro sauriano, o *sengue*, menor que o crocodilo, que se diz ser seu inimigo e comer-lhe os ovos; um outro do tamanho do nosso lagarto, é interessante, porque muda de côr, como os camaleões. Estes ultimos tambem são muito vulgares por sobre os arbustos ou pequenas arvores visinhas das ribeiras; e ha uma especie muito curiosa e rara, que habita os areaes de Mossamedes.

Os ophidianos são tambem, como já disse, muito vulgares e variados. Entre elles avulta a monstruosa python, que procura victimas humanas com frequencia.

Durante a minha estada em Pungo Andongo entrou uma vez uma d'estas serpentes n'uma cubata, onde estava um pretito de sete annos. A pobre creança, obedecendo a um instincto que é desconhecido das nossas espontaneidades europeas, segundo me parece, deitou-se no decubito ventral, pondo a cabeça

de lado, unindo as pernas, assentando os pés, e tapando com os braços assentes no chão, qualquer passagem possivel por baixo do pescoço; em summa, collocando-se em posição de não dar logar a que a serpente podesse enroscar-se-lhe no corpo. E n'esta posição gritava por soccorro.

Quando lhe acudiram encontraram, o monstro a perpassar em muitas voltas e ziguezagues por sobre o pequeno, procurando espaço do lado de baixo, por onde podesse passar a cabeça e dar depois o terrivel nó estrangulador.

Surprehendida assim, foi morta com um tiro de chumbo, quando ella já fugia; e a pobre creança soffreu apenas um grande susto.

O instincto que assim o determinou deve ser similhante em origem, ao que determina os pintainhos e os perdigotos, apenas sahidos dos ovos, a esconder-se, immobilisando-se e disfarçando a sua côr com a da terra, quando ouvem da mãe um certo signal, ou avistam uma ave de rapina.

Na fazenda Quimpampla, situada nas margens do rio Loge, passava um dia um pastor preto, muito brutinho, junto d'uma arvore, de sobre a qual se atirou a elle uma grande python. A serpente não o attingiu com a bocca, por elle lhe passar fóra do alcance; mas o nosso homem, ainda sem ver o que para elle avançava de lado, dirigiu para ahi, em posição de instinctiva defeza, uma velha bayoneta, que levava enfiada n'um cajado. E foi tão feliz com esta manobra inconsciente, que espetou a bayoneta no palatino da cobra, ferindo-a no cerebro. Dominado assim o monstro, o preto não o largou; e, pondo o pau ao hombro, com a bayoneta levantada e espetada na cabeça da cobra, foi-a arrastando até casa do patrão, onde a apresentou ainda com vida, e colleando muito.

Nas ilhas do Zaire são muito frequentes. A primeira vez que fui á ilha de Molembembe, ao pôr pé em terra, vi desenrolar-se uma enorme diante de mim e perder-se logo na espessura do capim.

No Giraul falleceu ha pouco um proprietario, que costumava caçar giboias vivas para fazer presentes. O sr. dr. José Bernardino d'Abreu Gouvea trouxe uma para Portugal, que tinha sido caçada e offerecida por aquelle proprietario; e o meu bom amigo e companheiro em Angola, sr. dr. Antonio Duarte Ramada Curto, recebeu ha dois annos em Loanda uma da mesma procedencia, que conseguiu evadir-se da jaula, e esconder-se dentro de casa, por onde andou uns quarenta dias, sendo afinal morta por um creado, que a entalou na porta do seu quarto, quando ella ia n'uma tarde a entrar alli, naturalmente para atacar uma gaiola de passaros de Benguella, que lá estavam. Foi debalde que eu e o dr. Ramada a procuramos, durante muitos dias antes de ser morta. Não tinhamos medo d'ella, porque era muito nova ainda. Quando vim trouxe-a em alcool, e offereci-a ao sr. dr. Bocage.

O proprietario Soares caçava-as com cães, que as apontavam ladrando-lhes a distancia e entretendo-as, em quanto o caçador pelo lado opposto lhes ajustava uma forquilha de pau no pescoço, apertando-lh'o contra o chão, dominando-as assim e mettendo-as em seguida na jaula.

Os pretos raras vezes conseguem matar alguma; mas, quando o conseguem, comem-n'a com delicia.

Ha ainda muitas mais cobras sem dentes venenosos. A principal d'ellas—a rateira—vive com os pretos na mesma cubata, e é chamada a cobra da felicidade, por acreditarem que, em quanto a cobra estiver na cubata, nenhuma desgraça

succederá á familia. Estas alimentam-se habitualmente de ratos.

É tambem muito vulgar a cuspideira, de que ha muitas variedades. No palacio dos governadores appareceu uma manhã uma d'estas cobras dentro da gaiola d'um canario, em substituição do pobre passarinho, que ella tinha devorado.

A cuspideira cega os mammiferos para cujos olhos cuspir. Muitas das cabras, que pastam em volta de Loanda, andam cegas, ou quasi cegas, por este motivo.

As mais terriveis porém de todas as serpentes são as de mordedura venenosa, e entre estas a ri-uta, que habita em todo o territorio de Angola e suas dependencias. E' muito frequente em volta de Loanda.

Eu tive occasião de matar uma com a bengala, andando a passear proximo da cidade com alguns amigos, no sitio denominado a Ponte de Calumbo. Era um bonito exemplar, que tambem offereci ao sr. dr. Bocage A mordedura da ri-uta mata em meia hora, com uma agonia horrivel. Os pretos não lhe conhecem nenhum remedio além da succão, que elles praticam geralmente com bom resultado em si proprios, se o logar se presta.

O nome, que elles dão a esta cobra, é de tal sorte significativo, que, quando pela primeira vez observaram os effeitos fulminantes do tiro da espingarda, ficaram-n'a designando com o nome da cobra: a espingarda em lingua indigena chama-se tambem, *uta*, ou *ri-uta: ri* é o artigo definido ou indefinido masculino ou femenino, mas só singular.

Ha tambem tartarugas em toda a provincia, e especialmente junto das embocaduras dos rios. Os mussorongos pescam muitas no cabo Padrão, na foz do Zaire.

Tambem tive occasião de apanhar alli uma, que pesava duzentos arrateis. Quando vim, trazia dois exemplares para o jardim zoologico, que me pareciam raros, mas um desappareceu a bordo do paquete, e o outro que era muito pequeno morreu em meu poder.

VIII

Animaes aquaticos

Toda a costa é muito abundante em peixe.

Em Mossamedes, e d'ahi para o sul, em Pinda, Porto Alexandre e bahia dos Tigres estão alguns pescadores algarvios, que tem prosperado, apesar dos processos imperfeitos que empregam. Escalam o peixe, e seccam-no estendido ao sol na praia, apanhando muita areia da que o vento levanta. Enfardam-n'o toscamente, e vão vendel-o ás fazendas e feitorias do norte, embarcando-se ainda muito em Mossamedes para S. Thomé. Ha em Mossamedes um homem muito rico á custa d'esta industria, de cujos productos elle ainda hoje explora o commercio.

Em Benguella é muito bom, e muito barato, o peixe.

Em Loanda, e para o norte, ainda ha muito peixe; mas já nem é tanto, nem tão fino como o do sul. Os Cabindas e os Mussorongos pescam já com uma certa arte, como terei de dizer em occasião opportuna.

Toda a costa tem muito tubarão. Dentro da bahia de Loanda giram muitos; mas parece que não têm feito victimas. Conheço apenas um caso occorrido alli, haverá pouco mais d'um anno. Um preto da ilha andando a pescar á linha notou que um tubarão enguliu o anzol e ficou preso. Tratou de o

cançar, para depois poder matal-o e mettel-o no *dongo*. Quando já o suppunha estafado, armou-se d'uma clava, e puxou o animal para junto da embarcação para lhe bater na cabeça. O monstro, estando já perto, deu um salto fóra da agua, e abocanhou o braço do pescador despedaçando-lh'o de tal modo, que foi preciso acudir-lhe immediatamente e fazer-lhe a amputação

Os pretos do litoral não comem o tubarão, mas pescam-n'o e seccam-n'o, para vender aos do interior.

Ha tambem muitas e boas ostras, tanto nas rochas do litoral, como nas raizes do mangue. As ostras do Sacco do Giraul são deliciosas.

Ha muito camarão em Cabinda, e em muitos outros pontos da costa, incluida a bahia de Loanda.

As praias em noites escuras apresentam magnificos phenomenos de phosphorescencia; e no mar proximo são formosissimos esses espectaculos. As toninhas, que brincam em volta d'um vapor n'uma d'essas noites, parecem gigantescas cobras de fogo, ou amplos cometas descrevendo rapidas e caprichosas trajectorias; e a ardentia da esteira do navio chega a illuminar o busto de quem se approxima do castello da popa!

Nos rios, lá para o interior, tambem ha algum peixe, mas em geral de má qualidade. No emtanto devo mencionar o robalo e a choupa do Quanza, como muito bons. Os mais vulgares dos peixes ordinarios são o bagre, e o *cacusso* ou *macuanza*.

Nos rios Quanza e Zaire apparecem animaes, que não posso classificar, porque nunca cheguei a vel-os, nem a obter d'elles informações uniformes. Umas vezes me parecia um lamantino, outras uma phoca, outras um roedor, como o cabiae. No Quanza chamam-lhe, peixe mulher; e no Zaire chamam ao

outro, que nem sei se é o mesmo, porco d'agua. Os indigenas apanham-n'os, e comem-nos, em ambas as partes.

IX

Articulados terrestres

A ordem dos insectos está por ali largamente representada; e provocou-me o apetite de collecionador, proporcionando-me um passatempo magnifico nas horas vagas do sertão. Iam-se-me os olhos nas borboletas. Que abundancia, que variedade, e que belleza! Mas as borboletas exigiam tempo e meios, de que eu não podia dispor, e por isso limitei a minha exploração aos coleopteros, os mais faceis de caçar e conservar. Alguns frascos e um pouco d'alcool foram empregados em conservar umas poucas de centenas de variedades muito repetidas, com que presenteei o nosso primeiro entomologista, o sr. dr. Manuel Paulino d'Oliveira, e o meu collega e amigo Antonio da Silva Carrelhas, ficando eu ainda com uma collecção, e o museu de Coimbra com mais de uma.

Entre os coleopteros uteis podem collocar-se os coprophagos e os necrophoros, que auxiliam muito o trabalho das hyenas raposas e corvos na limpeza das povoações principaes; differentes especies carniceiras, que nas plantações perseguem as larvas e os insectos damninhos; e alguns grandes capricorneos, cujas larvas os pretos procuram e comem.

Os insectos damninhos são muito abundantes e variados. Os lamellicornes, chamados em Mossamedes, *broca*, e *rosca*, produzem alli uma devastação horrivel nas plantações de canna, que já pela magreza e restricção do terreno são pouco importantes.

Onde quer que appareça a videira brava encontra-se vivendo á sua custa uma cetonia, que nos tira a esperança de virmos com vantagem a explorar o vinho na localidade. Os curculionites e capricornios, que devoram madeiras, são tambem muito frequentes, e nem o pau duro d'algumas mimosas lhe escapa!

Quando visitei o concelho de Capangombe, fui ver uma libata (povoação) de mundombes n'um sitio denominado Tampa, no contraforte da Chella e um pouco ao norte do Bruco. Estava pouca gente na libata, que tambem era pequena e miseravel. Um velho, sentado n'uma pedra, agitava uma grande cabaça sobre os joelhos. Em quanto as creancas fugiam a esconder-se pelo matto, o velho, sem se levantar nem interromper os movimentos da cabaça, saudava-me com um sorriso, que traduzia a sua confiança em todos os brancos.

Aproximei-me, e observei todos os petrechos, de que elle se servia para fabricar a manteiga: eram a cabaça de que fallei e mais duas e um funil feito d'uma secção d'outra cabaça, tendo a servir de tubo um corno de gazella. No logar da inserção do tubo na cabaça estava pendente d'um fio um insecto sujo e mutilado, que apezar d'isso me pareceu ser um *ateucus* e por ventura o *sacer*. O facto despertou-me séria curiosidade. Quiz comprar o funil, e não me foi possivel; e quando lhe pedi o insecto, o homem mostrou-se espantado, e respondeu-me que não. Instando por explicações, apenas consegui que elle me dissesse: feitiço, senhor!

Não haverá aqui alguma cousa de commum com o culto d'aquelle insecto no velho Egypto? Não estaria ali o escravelho sagrado a presidir e operar a transformação do leite em manteiga?

Na nossa provincia da Beira, e por ventura em outras, existe uma pratica popular, similhante a esta minha hypothese. Quando o pão amassado tem difficuldade em fermentar, procuram-se umas calças de homem novo, já usadas, e collocam-se sobre a massa, acreditando-se piamente que o poder masculino, symbolisado d'aquella maneira, fará depressa fermentar o pão.

Quando eu tinha vinte annos causei uma grande perturbação a uma santa mulher solteira e honesta, desejando saber o extraordinario motivo que a levava a ir collocar umas calças minhas, ás escondidas, sobre a massa do pão. Tive então conhecimento d'esta pratica.

Os orthopteros são tambem muito abundantes em todas as planicies e clareiras de gramineas. Em Pungo Andongo e Ambaca, veem-se de vez em quando, pragas de gafanhotos, que, se por um lado devastam tudo, por outro dão ao indigena uma compensação, proporcionando-lhe um alimento de que se serve com delicia. De sorte que cada nuvem de gafanhotos traz como sequito muitos pretos em grande folia apanhando-os e assando-os para os guardar. Só depois de encher o seu sacco, é que o preto, ou mais geralmente, a preta deixa ir a nuvem.

Os pretos em Pungo Andongo e Ambaca fazem, além d'isso, verdadeiras caçadas aos gafanhotos, que sem caracter de praga, vivem nas visinhanças da povoação. Andam em linha com um ramo na mão esquerda, batendo o capim, e apanhando com a mão direita algum que salta.

As plantações de algodão do sul tem como inimigo um grande orthoptero, chamado lá *matrindingue*, que é d'uma voracidade estupenda.

Merece ainda especial menção a barata, pelos estragos que faz dentro de casa. A mim devoraram ellas em muito pouco tempo os collarinhos, punhos e peitilhos d'uma duzia de camizas que tinha comprado, e estavam á espera de começar a servir.

Os lepidopteros apparecem a saudar o renascer da natureza no começo das chuvas, n'uma quantidade enorme; e as borboletas nocturnas fervilham na zona da beira mar em cardumes taes, que em noites escuras todas as luzes são prejudicadas por ellas.

N'este ponto até me parece conveniente lembrar aos navegantes, que se acautelem com os pharoes da costa em taes occasiões, porque os pharoleiros não teem meio de destruir ou affugentar os milhões d'ellas, que de todos os pontos da planicie correm alli, e ficam esvoaçando em volta dos cristaes do pharol, escurecendo-o e chegando mesmo a encobril-o, para uma distancia muito menor, que a do seu alcance.

As borboletas diurnas constituem, na zona media principalmente e junto das aguas correntes, verdadeiras maravilhas de colorido e movimento, quando se reunem a beber sobre a areia humedecida. Parecem papeis cortados de mil côres e tamanhos, agitados pelo vento e caindo pouco a pouco no sitio onde ellas bebem.

Entre os hymenopteros avultam por lá as formigas e as abelhas. As formigas são mais abundantes e variadas do que as nossas. Entre ellas apparecem duas especies venenosas, que são guerreiras e muito corajosas. São o *quissonde* e o *ginzeu*.

O quissonde é côr de castanha; e o ginzeu é preto.

O quissonde vive em colonias numerosissimas, e faz verda-

deiras razias, espalhando o terror e a desolação por onde quer que passe.

Quando visitei o concelho do Golungo Alto, ao passar em Cambondo encontrei o negociante José Ferrão, unico estabelecido alli, tratando de affugentar com trapos de lã a arder uma invasão de quissonde, que o tinha posto fóra de casa devorando-lhe umas pombas, que estavam no ninho, e toda a carne que elle tinha na despensa.

Eu fui duas vezes atacado na cama, em Pungo Andongo, pelo terrivel insecto; e tive de isolar os pés do leito com camphora, para poder dormir á minha vontade nas noites seguintes.

Basta simplesmente pôr um pé, por imprudencia, sobre uma linha d'elles, em quanto passamos por um caminho, para que nos ataquem, e subam pelas pernas, indo cravar as suas mandibulas envenenadas na parte mais fina e sensivel da nossa pelle.

O *ginzeu* avança em legião, da fórma d'um triangulo, levando o vertice para a frente. Ao aproximar-se de lado qualquer animal, ataca-o logo. Se, porém, essa aproximação é pela frente, o batalhão tornea-o, e passa adiante.

Eu vi um dos pretos da minha comitiva, para me indicar o phenomeno, pôr o pé descalço na frente da legião; e a formiga da vanguarda aproximar-se, tateal-o com as antennas, rodeal-o em seguida, levando a legião atraz de si. O mesmo pé posto de lado era immediatamente accomettido pelas praças do batalhão, que mostravam uma grande effervescencia. Dir-se-ia que na frente vae o general manhoso e experimentado, perfeitamente conhecedor de que o pé lhe foi alli posto por um animal mais intelligente e forte, sem intenção hostil; e que nos

flancos vão os galluchos, saturados d'um furor bellico imprudente e allucinado.

A preciosa abelha, fabricante do mel de que os pretos se servem e da cera que Angola exporta, tem sido muito barbaramente tratada. Extermina-se o enxame, para a extracção d'um e d'outra. E ainda não se pensou em dar morada aos pobres animaes, que procuram os velhos troncos ocos na espessura do matto, onde o cuco indicador vae conduzir o preto guloso. Já, porém, n'um ou n'outro ponto se vê sobre as arvores alguma velha sanga ou pedaço de tronco oco em posição horisontal e convenientemente orientado, servindo de cortiço tosco.

Entre os nevropteros avulta muito a termita, a que os indigenas chamam *salála*, de que nós fizemos a palavra *salalé* com que lá o designamos.

São muito variadas as fórmas de construcção das differentes termitas. Vi no concelho de Capangombe verdadeiras torres, ou agulhas gothicas, na fórma e no tamanho; e vi em Cabinda outras que se assimilhavam a cogumellos. Vi ainda outras parecidas com as cubatas dos pretos do planalto, etc.

O salalé que vive junto das casas, ou dentro d'ellas, é um terrivel inimigo de todos os nossos objectos, que a sua voracidade omnivora póde alcançar.

Eu tinha um guarda-sol de sêda encostado á parede do quarto, e vendo-o coberto de barro peguei-lhe, sacudi-o, e fiquei só com a canna e as varetas na mão. Estes e outros factos similhantes são vulgarissimos.

O salalé trabalha sempre debaixo de um túnnel de terra feito de bocadinhos agglutinados com baba, avançando de sorte, que nunca se descubra, nem mesmo possa ser alcançado pela luz.

8

Nas tardes serenas de ceu limpo na proximidade das chuvas, abrem-se solemnemente as portas de sahida ás termitas reproductoras; e estas levantam o vôo indeciso, deixando-se levar pela aragem até encontrarem o seu par, ou a morte. Pobres enamoradas! Provocam a perseguição universal contra si de todos os animaes, atropellando-se para as devorar. Até os pretos se associam ás andorinhas n'esta carniçaria, apanhando e comendo grande quantidade de insectos! São assim os processos da natureza, na lucta pela vida!

Entre os dipteros avultam as estras e porventura a *tsètsé*, que habitam a região florestal, tornando-a incompativel com o boi e o cavallo; e assume as proporções d'uma fera o feroz mosquito, que nos não deixa um minuto de socego, nem de noite, nem de dia. Ha mosquitos cujo dardo atravessa um ou mais tecidos d'uns poucos de millimetros de espessura para nos sugar o sangue, envenenando a ferida que fazem!

Dos apteros o *pulex penetrans* está assumindo em Angola as proporções d'uma calamidade.

Importado ainda ha pouco da America, prosperou depressa nas povoações do litoral, e vae avançando para o interior, por todos os caminhos percorridos pelas caravanas. Em todos os pontos de paragem ha grandes quantidades; e os pretos que alli vem levam constantemente a semente para mais longe.

Os pretos são muito pouco cuidadosos, e d'uma imprevidencia quasi bestial. Só tiram o pulex, quando se sentem muito incommodados, e nunca matam o que tiram: limitam-se a deital-o fóra, para outro, ou elles mesmos, o apanharem d'ahi a pouco. E muitas vezes não os tiram: deixam-se accommetter, até ser necessario amputar-lhe as pernas. Vi muitos casos d'estes no hospital de Loanda.

São tambem muito incommodos uns outros apteros, talvez mais repugnantes, se bem que menos nocivos: são as *mabates* muito parecidas com as carraças, que pelos mattos de Portugal costumam pegar-se aos cães miseraveis. Em Angola vivem dentro das cubatas, tirando talvez d'ahi o seu nome, e atacam o homem, em quanto dorme.

Na primeira noite que passei em Pungo Andongo, quando accordei a primeira vez, encontrei com o dedo sobre uma clavicula uma coisa molle e elastica do tamanho de um feijão que tomei entre os dedos accendendo depressa a luz. Quando vi o que era, tive nojo de mim mesmo. Estava todo ensanguentado, e coberto d'aquelles terriveis parasitas!

O maldito bicho tem a habilidade de nos ferir e sugar o sangue, sem o sentirmos, deixando apenas um grande prurido na cesúra, depois que se despega para se ir esconder. Tem os mesmos habitos que o percevejo, e vae alojar-se nas fendas da parede.

São tambem vulgares os escorpiões, especialmente em Benguella, onde ha uma especie que pode matar uma pessoa com uma picada. Este escorpião costuma passeiar de noite pelas casas d'alli, e muitas vezes vae esconder-se dentro das botas que estão para serviço no dia seguinte. E' sempre bom sacudil-as, antes de as calçar, para evitar um desastre.

No meu quarto em Loanda matei muitos, mas d'uma outra especie menos perigosa.

Tambem matei frequentes vezes no meu quarto um grande myriapode de mordedura venenosa e muito vulgar, especialmente no tempo das chuvas. O meu amigo Ramada foi mordido por um d'estes bichos alojado na manga d'um casaco, vestido sem ser sacudido. Chamam-lhe em Loanda *piolho de cobra.*

X

Raças humanas

Parece-me que, apesar das opiniões em contrario dos mestres em antropologia e ethnographia, poderei affirmar a existencia da raça cafre dentro dos limites da nossa provincia d'Angola, em quasi toda a extensão dos dois districtos de Benguella e Mossamedes. E não é meu intuito apregoar sciencia; e muito menos accusar de ignorancia os sabios, que muito respeito e admiro, e a quem confesso dever alguma luz, que em meu espirito entrou acerca da materia. Mas n'este assumpto, bem como em outros, a nossa provincia d'Angola tem constituido para a sciencia um campo tenebroso, menos explorado ainda que os sertões visinhos; e por isso os sabios, tendo de aproveitar os poucos, incompletos, e muitas vezes imaginosos elementos existentes ao alcance das suas eruditas lucubrações de gabinete, não poderam ainda, creio eu, affirmar a verdade n'este capitulo da sciencia, com relação ao local de que trato.

Tanto isto é verdade, que o grande sociologista Charles Letourneau affirma no seu precioso livro *La Sociologie* pagina 24 da 2.ª edição de 1884, d'um modo cathegorico: «Nulle part, et cela est à remarquer, on ne mange le chien, repandu d'ailleurs à peu près par toute l'Afrique» e eu posso affirmar ao illustre sabio, com o testemunho de todos os negociantes do Dondo, que o gentio libollo, habitante da margem esquerda do Quanza, come o cão, indicando até, se for preciso, o modo como elle o mata e cozinha. E não me admiro de que

ignore isto, porque certamente ainda ninguem lh'o referiu; mas, dil-o-hei de passagem, admiro-me de que formule assim em absoluto a sua these contra o testemunho expresso de Schweinfurth, que lhe mereceu a honra de ser citado, entre outras, logo na pagina antecedente. Schweinfurth affirma que os nian-nians comem o cão.

Affirmarei, pois, eu tambem, dentro da provincia d'Angola e Congo a existencia das tres raças, *hottentote*, *cafre* e *congo*, apesar dos mestres não darem como existentes lá, senão a hottentote e a congo.

A raça hottentote deve ter sido a primeira—a authoctone, se porventura ella o foi—a habitar não só todo o territorio onde ainda hoje apparece, mas mesmo tudo quanto fica para norte até ao Zaire, pelo menos. E' a stratificação ethnica mais antiga que alli se observa.

Muito miseraveis e definhadas, as tribus hottentotes estão hoje reduzidas a duas, parcamente representadas: os mucuissos e os mugangallas.

Os mucuissos habitam as trincheiras da beiramar, onde quer que uma stratificação de rocha dura sobre uma outra de arêa deu logar á formação natural d'um abrigo, em fórma de gruta mais ou menos extensa e profunda; e habitam tambem os cerros alpestres e inaccessiveis das visinhanças de Capangombe.

Tanto n'uma, como n'outra parte, estão muito reduzidos em numero; e vivem n'uma bestialidade tão cheia de cruezas e privações, que de certo se extinguirão em breve.

Refractarios a todas as tentativas de civilisação, parecem já na agonia do seu duro viver, sem que uma idéa, um sentimento, gravados em sua memoria, lhes despertem saudades do mundo.

São muito timidos para com os mundombes, a quem reputam seus senhores; e estes a seu turno, indicando-nos o facto da invasão e conquista, reputam-nos escravos, e dão-lhe, na cabeça palmadas de brincadeira barbara, quando os encontram.

Para me informar directamente dos habitos da vida d'estes animaes de figura humana, fui uma vez visitar os do Sacco do Giraul, no lado norte da bahia de Mossamedes.

A gruta tinha todo o aspecto de ser habitada por feras: o mesmo cheiro fetido, o mesmo velho deposito de podridões fecaes, o mesmo remexido pó, que costuma servir-lhes de cama—sem nada indicar o homem. Não havia uma arma, um artigo de vestuario, um utensilio de cozinha! Os miseraveis alimentam-se de caranguejos e ostras da praia, ou d'algum peixe que conseguem apanhar á mão, tudo sem preparação culinaria; e vão pela calada da noite ao sitio mais proximo e humido do leito do rio visinho cavar com a mão na areia até descobrirem agua, que bebem de bruços.

O proprietario mais visinho d'este sitio tentou por vezes chamal-os ao seu serviço, proporcionando-lhes melhor vida; e todas as tentativas foram baldadas. Se algum pequeno serviço lhe conseguiu, foi este sempre de má qualidade, e mais prestado pelo medo, do que pelo interesse.

Os mucuissos dos cerros de Capangombe vivem na mesma miseria, e são talvez ainda mais bravios, em virtude do isolamento em que se collocaram. Alimentam-se de raizes, fructos selvagens, reptis e outros pequenos animaes que podem apanhar á mão. E não sei bem como elles conseguem beber agua no tempo da estiagem.

Os mugangallas são errantes, e costumam apparecer pelos

mattos de Quillengues. Levam uma vida semelhante á d'alguns macacos, que mudam de districto, depois de terem devastado os fructos que encontraram.

Nunca vi uma d'estas hordas no sertão; mas vi em Loanda, em Benguella e em muitos outros logares da provincia, serviçaes provenientes d'ellas, chegados alli por meio de resgate.

Os caracteres antropologicos d'ambas estas tribus são: côr amarella mais ou menos escura; pequena estatura; braços compridos; cabello raro e em tufos, abatidos em espiral sobre a base; dolichocephalia e prognathismo pronunciados; orelhas pequenas e quadradas; malares volumosos, fazendo a cara larga na sua altura; olhos obliquos; beiços medianamente grossos; queixo curto e ponteagudo; um certo cheiro, observado só nos serviçaes que se lavam, semelhante ao da caspa das cabeças incultas europeas; falta de barba nos homens; e steatopigia nas mulheres. A steatopigia é, como todos nós sabemos, o extraordinario desinvolvimento da parte posterior das nadegas da mulher. A natureza parece indicar, com aquella original manifestação, que as hottentotes ainda ha muito pouco tempo usam a posição erecta, e que, para se conservarem n'ella, foi preciso collocar ali um contrapeso, que lhe impeça o tronco de cair para diante e apoiar as mãos no chão. A arte humana precisou de inventar alguma cousa semelhante, para sustentar em pé no fundo do mar o mergulhador com o seu escaphandro: foram as barras de chumbo, que lhe collocou nos pés e nas costas.

Os negros, a que me atrevo a chamar cafres, estendem-se por todo o districto de Mossamedes e de Benguella.

São, certamente, as guardas avançadas d'uma grande migra-

ção cafre, que em tempos mais ou menos remotos se dirigiu de oriente para occidente, até aos confins do planalto.

A épocha d'esta migração, com a sua epopéa e tragedias, não póde ser-nos apresentada pela historia, porque aquelles povos ainda não a têm: terá de ser reconstruida pelos processos modernos da prehistoria.

Estacionados alli por algum tempo, os cafres observaram das cortinas do terraço da Chella e serra de Neve, bem como das cumiadas do Bailundo, as planicies da zona baixa, em cujas solidões aridas ou alpestres se ia alastrando, já para o sul do Quanza, o representante da raça congo invasora, levando de vencida o timido hottentote, que se refugiava lá mais para o sul nos areaes desolados.

Este espectaculo devia provocar, uma ou outra vez, o cafre guerreiro e barbaro a descer lá das alturas, e vir á liça repellir o congo ou esmagar o hottentote. E, conhecidas por estas correrias as aptidões da zona baixa para a pastoricia, especialmente em certa épocha do anno em que os pastos d'alli, por serem salgados, são o melhor remedio para as doenças dos bois que tem pastado lá em cima, começaram a trazer comsigo as suas queridas manadas, e, mais tarde, a estabelecer-se por alli com ellas. Este facto, e porventura algumas guerras dentro da propria raça cafre, devem ter dado origem ás colonias mucuroca e mundombe, estabelecidas na zona baixa até ao litoral dos districtos de Mossamedes e Benguella.

E assim a raça cafre, na sua migração de oriente para occidente, chegou até ao oceano atlantico, assoberbando o districto de Mossamèdes, onde deixa afflorar da stratificação hottentote apenas os dois filões que mencionei; e estendendo-se em onda continua para o norte, no districto de Benguella,

só parou perto dos confins austraes do Libollo e da Quissama.

Os principaes povos em que se subdivide esta raça são: na zona baixa, e ao sul, os mucurocas, e de Mossamedes para o norte, os numerosos e variados mumdombes; e na zona alta, ao sul, os muhumbes, depois os munhanecas os munanos e os bailundos.

Os caracteres antropologicos da raça cafre são muito voluveis e difficeis de precisar, permittindo por vezes a confusão com a raça congo; offerecem todavia traços que se não confundem com os d'esta raça. Estes traços são tanto mais salientes, quanto mais elevada é a posição do individuo no seio da tribu. O secúllo ou o principe cafre fazem uma differença muito notavel do macota, ou do soba, do districto de Loanda; e maior ainda dos principes do Congo e Cabinda. Estas variantes já por si indicam os movimentos e por conseguinte a energia da raça, que nos crusamentos e na differença dos meios que atravessou adquiriu differenciações. N'estas circumstancias, os caracteres de inferioridade perpetuam-se, e agravam-se até algumas vezes, nas classes opprimidas; mas os caracteres de superioridade conservam-se, e multiplicam-se nas classes dominadoras. E assim, entre estes povos facil será encontrar nas classes inferiores, semelhanças com as classes inferiores ou mesmo com a generalidade dos povos da raça congo; mas entre os principes e secúllos cafres apparecem caracteristicos do homem que já póde desinvolver uma grande capacidade intellectual.

São seus caracteristicos uma estatura, geralmente elevada e esculptural; barba ás vezes espessa; rosto comprido; naríz algum tanto saliente; um certo desinvolvimento de craneo em

relação á cara; e um cheiro que se póde reconhecer, cheirando, nas collecções antropologicas, os objectos que foram do seu uso. As mulheres chegam a ser bonitas.

Estes caracteristicos de nobreza e da intellectualidade não mentem; e dão logar a que estes povos cafres se manifestem n'um grau ethnometrico muito superior ao dos congos, patenteando a possibilidade facil d'uma civilisação proxima, importante.

Eu tive de admirar um principe do Lupollo, que n'uma conferencia com o governador do districto de Mossamedes, havida na fortaleza da Huilla no anno de 1879, teve melhores e mais dignos argumentos do que este, para recusar o sobado em que o governador se propunha investil-o, com o sacrificio da vida do actual soba, seu irmão.

Mas o que vem muito em auxilio d'esta minha opinião, é a enorme differença ethnographica, que se dá entre estes povos a que chamo cafres e os outros, a que concordo pertencer a designação de congos.

Em primeiro logar, o cafre é corajoso e guerreiro, e mal deixará passar um anno em que se não empenhe em verdadeira guerra com uma tribu mais ou menos proxima, da sua ou d'outra raça: o congo raras vezes vai á guerra; e quando vae, faz mais pantomimas e barulho, do que sangue. O cafre é pastor, e já sabe extrahir do leite a manteiga: e o congo ainda não é pastor, nem tem senão algumas gallinhas ou cabras, que não guarda nem alimenta. O cafre tem danças violentas, em que chega a dar saltos da altura d'um homem, não só em assumptos de caça e guerra, mas até mesmo no do amor: e os congos limitam sempre a sua dança a uma mimica de luxuria, em que nem se movem os pés, salvo tendo de marchar

dançando, como acontece nos enterros. O cafre tem a nobreza e a lealdade do barbaro: o congo a cobardia e a perfidia do selvagem. Em summa o cafre é muito mais intelligente, corajoso, *civilisado* e nobre do que o congo.

Não posso soccorrer-me d'argumentos tirados da linguistica, porque os mestres, partindo da falsa hypothese que estes povos são congos, não frisam nada; e ainda porque só tive tempo de ver de passagem os povos do districto de Mossamedes, sem poder observar o nucleo d'estas lingoas, que é o Nano, pois, como já disse, nunca tive occasião de visitar este paiz, unico de que não tenho conhecimento directo, dentro do vasto territorio d'Angola e suas dependencias.

Os negros congos devem ter procedido de nordeste para noroeste, seguindo o valle do Zaire por uma larga faxa d'uma e outra margem, avançando a pouco e pouco e destruindo sempre ou assimilando os hottentotes que encontravam, parando só quando lhes appareceram os cafres pelo sul e sueste. A migração, e sobretudo a escravidão, produziu n'estes povos uma variedade de caracteres antropologicos, onde é muito difficil, como nos cafres, fixar os topicos da raça.

Têm em commum com a raça cafre muitos dos caracteres dos *negros africanos inferiores*, como por exemplo, a côr, que varia desde o amarello hottentote até ao preto retinto, e a macieza da pelle. Nota-se n'elles a ausencia dos topicos que apresentei acima, como caracteristicos da raça cafre. E, além d'isso, têm tambem os seus distinctivos antropologicos, que podem resumir-se: em cheiro vulgarmente chamado de catinga, que é bem conhecido; nariz muito largo e chato; ventas abertas para diante e largas; arcadas dentarias muito amplas; incisivos muito fortes e inclinados para diante; musculatura dos

queixos muito reforçada; mento retrahido curto e ponteagudo; e beiços muito grossos. A facilidade com que elles chupam um fructo ou a canna sacharina, demonstra o vigor dos beiços; e a sua poderosa força de queixos e dentes demonstrou-ma uma pretita de doze annos a quem uma vez dei um coco, descascando-o a dente e quebrando em seguida a noz contra uma pedra, exactamente como procederia um gorilha. O que mais lhe custava, era resistir com os bracitos á força de tracção, desenvolvida pelos queixos a puchar o feixe de fibras, talhado pela dentada.

Estes caracteres privativos, porém, aparecem baralhados n'uma grande confusão, onde ás vezes se encontram quasi todos os topicos hottentotes e outros muitos dos cafres. Isto é, certamente, devido á absorpção da raça hottentote preexistente, ás misturas provenientes da escravidão e, ao menos em parte, a influencias de meio.

Assim, são muito raros os pretos congos que tenham barba; e os que possam gabar-se d'isso tem-na muito reduzida. São frequentes tambem os casos de cabelleira em tufos, côr amarellada e estatura reduzida entre os libollos, que são fracos e miseraveis.

A steatopigia é frequente por toda a parte. Póde até affirmar-se que, se a mulher da raça congo tivesse a velleidade de se vestir segundo os figurinos actuaes, escusaria de cousas postiças, para que as abas d'um casaco lhe assentassem bem.

Os pretos congos podem considerar-se distribuidos pelos seguintes povos principaes: quissamas, libollos, gingas e congos propriamente ditos.

Os quissamas habitam a margem esquerda do Quanza, desde

o mar até ás alturas das suas cataractas, estendendo-se para o sul até distancias variaveis. Os libollos habitam a leste dos quissamas na mesma margem do Quanza: são, de todas as variantes da raça congo, talvez a mais abjecta, fraca e miseravel: ainda são antropophagos! E tudo isto talvez por terem no seu sangue os elementos mais miseraveis da raça hottentote, que elles absorveram. O sertão do Libollo foi, até ha poucos annos, um viveiro de escravos.

Os gingas habitavam, quando occupámos Angola, o territorio comprehendido entre o Quanza e o Dande, e para leste o logar onde ainda hoje estão. Foram desalojados por nós da beira mar, e internados por tentarem revoltar-se contra o nosso dominio. Habitam hoje do concelho do Duque de Bragança para o norte, na bacia do Cuango. Estes povos tambem se chamam angolas, e foram os que deram o nome a Angola, exactamente por terem possuido o territorio, onde hoje está Loanda, a capital de Angola.

Do rio Dande e da Ginga para o Norte, d'um e outro lado do rio Zaire, ficam os povos do Congo propriamente dito.

Estes constituiam antigamente o importante estado do Congo, hoje muito decahido e reduzido a um dominio que vae pouco além da capital—S. Salvador.

Os povos do Congo, propriamente dito, podem subdividir-se ainda: em Muxicongos, que habitam de S. Salvador para o sul; mussorongos que habitam do lado esquerdo do Zaire, tendo apenas algumas pequenas colonias nos charcos da margem direita; e cacongos, que habitam da margem direita do Zaire para o norte. E estes cacongos, finalmente, ainda podem subdividir-se em Cabindas, malembos, e loangos, habitando cada um d'estes povos a região que está marcada nos

mappas com os seus nomes—isto é: cabindas sobre o Zaire; malembos sobre o Chiloango; e os loangos para o norte, nos territorios ultimamente occupados pela França.

D'entre os povos da raça congo propriamente dita, são talvez os mussorongos os mais fortes e intelligentes. E têm sido elles os que, em todos os tempos, mais nos têm inquietado, apesar de serem os primeiros que conhecemos e com quem travámos relações. Foi na sua capital, em Pinda, no fundo da bahia de Santo Antonio, que os reis de Portugal tiveram a sua primeira feitoria d'aquella costa, e do equador para o sul.

Apparecem alguns povos no sertão intermediario— n'aquella especie de rotura que une os congos aos cafres—que difficilmente poderão classificar-se, n'uma ou n'outra. Constituem a transição, e esta circumstancia basta para motivar a difficuldade, em povos onde a escravidão e a condição da mulher alimentam constantemente a mistura. Alem de que esses povos pouco conhecidos são, e pouca importancia têm mesmo para as pessoas melhor informadas do que por lá se passa.

Uma confusão, maior ainda, dá-se nos grandes centros, em communicação mais ou menos facil com grandes distancias. Loanda é uma babel de raças negras, misturadas em todas as proporções com as proveniencias hottentotes; e domina alli tanto mais a confusão, quanto é certo que o antigo ginga fugiu em massa para o interior diante das nossas armas, deixando o campo todo para ser povoado, como foi, pelas sobras da escravidão de diversas proveniencias, que concorria áquelle antigo emporio.

Quasi nas mesmas circumstancias estão os povos de Cabinda, que vivem junto da praia. Os homens d'ali começaram cedo a navegar ao nosso serviço, e a levar de longe para o seu

paiz a escrava, que ia ser a mãe dos seus filhos, no regimen da polygamia; e bem assim o escravo que um dia se emancipava, e se tornava um cabinda, sendo alem d'isso quasi sempre o pae de filhos cabindas, por causa da poliandria em que vivem as mulheres, antes de casar. A steatopigia tambem é commum em Cabinda; e talvez estas sejam as principaes razões do phenomeno.

XI

Mestiços

Por toda a região onde tem chegado o branco appareceu sempre mais ou menos o mestiço. Mas a experiencia de quatro seculos parece ser já sufficiente para demonstrar que o mestiço não se fixa. Ou vae para branco, ou para preto.

Quem se demorar por Ambaca, e tiver tempo de conversar com os ambaquistas, hade ouvil-os fallar da sua nobre ascendencia: dizem-se descendentes de Paulo Dias de Novaes, de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, do capitão general Mendes etc., etc.; e por isso usam os appellidos de Sá, de Corrêa, de Mendes, gostam muito de usar sapatos, calças e chapeu alto nas occasiões solemnes, e empenham tudo para obter uma farda de officiaes da segunda linha. Além d'isso todos sabem ler e escrever, porque os paes ensinam os filhos. Fazem requerimentos a proposito de tudo, e citam imaginosos artigos de lei, sempre para cima do artigo mil.

Muitos tem folhas avulsas da Carta Constitucional, da Novissima Reforma Judicial e do Codigo Penal, que consideram verdadeiro fetiche juridico: está alli a alma da lei. Certo negociante conseguiu afreguezar o seu estabelecimento e fazer muito

negocio, distribuindo como *malufo quitanda* (presente) a cada ambaquista negociador, que lá ia, uma folha avulsa d'um velho Codigo Penal.

E' certo, porém, que os ambaquistas, apesar da sua côr negra bem pronunciada, têm o nariz mais saliente, e o desenvolvimento da face um pouco mais sacrificado ao do craneo, indicando uma capacidade intellectual superior á dos congos puros.

Elles revelam esta capacidade como commerciantes, vagueando por toda a Africa central e austral e, como homens de lettras e bom conselho, sendo por toda a parte os secretarios dos sobas.

Este desditoso povo poderia ser hoje um bonito specimen da civilisação portugueza em Africa, se não tivesse sido assolado pelo preto Mendes Machado, e outros a quem o governo entregou poder, de que não sabem senão abusar.

Da mestiçagem perdida no meio dos brancos poderemos encontrar muitos exemplos em Portugal.

Em todo o paiz houve muitos escravos pretos que se dissolveram na população. Das colonias vieram sempre muitos mestiços; e o Brazil ainda hoje despeja em Portugal uma grande quantidade d'elles que, por causa de haveres, se enxertam em familias de pouco escrupulo. Não quero investigar onde estejam. Deixo esse trabalho ao Sr. Camillo Castello Branco, que pode, melhor do que eu, com as responsabilidades emergentes d'elle. Lamento, porém, que ella se dê n'estas circumstancias isto é, que os mestiços d'Angola sejam systematicamente trazidos para Portugal, sem respeito pela pureza da raça branca, que elles vem abastardar, nem consideração nenhuma pela prosperidade das raças indigenas, que elles elevariam e

aperfeiçoariam, constituindo uma nobreza, cercada de regalias.

E' tempo de pararmos com tal desacerto, tão prejudicial para a metropole, como para a colonia.

Até mesmo para as creanças, mestiças individualmente consideradas, eu julgo nociva uma tal manifestação de amor paternal. Essa creança que em Angola cresceria rodeada de respeitos indigenas por ser filha do branco, passa a ser cá em Portugal uma creança infeliz e desconsiderada, por ser filha d'uma preta; e estes factos, incidindo sobre aquellas almas em formação, produzem o effeito desgraçado do odio do mestiço, educado assim, ao pae e á mãe. São frequentes em Angola extraordinarias manifestações d'este desvario nos mestiços que foram educados em Portugal, ou á portugueza lá na colonia.

Pelo contrario a creança mestiça que cresce no meio dos seus parentes maternos e visinhos indigenas, sem ter da raça branca senão o titulo e o appellido com que se honra, produz mais tarde o ambaquista, trabalhador util e distincto entre os seus—produz um aperfeiçoamento da raça, com todos os gosos e satisfações de quem se sente prosperar.

Esta situação da creança mestiça no meio da familia preta será, de certo, mal comprehendida por quem não procurar o verdadeiro ponto de vista—por quem a apreciar segundo os nossos costumes, segundo a nossa organisação da familia. Mas os costumes das raças negras, no que respeita a organisação de familia, são diametralmente oppostos aos nossos.

Uma rapariga, que em Portugal teve um filho antes de casar, pode considerar-se perdida para o casamento; e, pelo contrario, a preta pubere casa tanto mais depressa, e em tanto

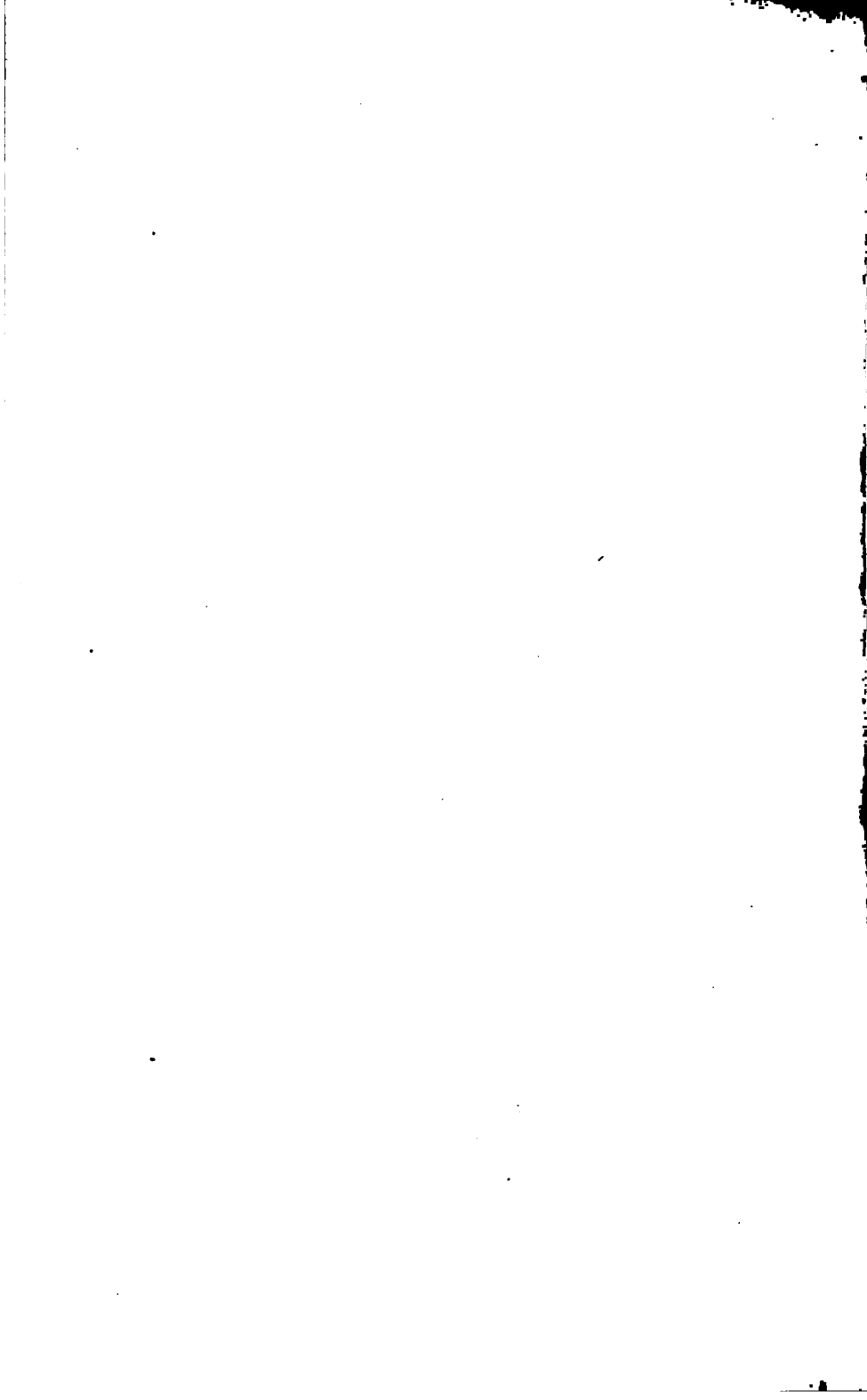
melhores condições, quanto mais cedo deu provas de fecundidade. Os filhos que ella levar para o poder do marido são a principal fortuna da familia. Em summa, entre os pretos, como terei occasião de desenvolver no logar proprio, existe a polyandria para a mulher solteira, e a polygamia no casamento; e estas bases da organisação da familia negra serão o verdadeiro ponto de vista, para quem quizer criticar a questão sem se sujeitar a erros graves.

Os hollandezes e os inglezes por cousa nenhuma levariam para o seu paiz filhos mestiços, gerados em Angola ou pela costa do *norte*. Seria uma offensa á dignidade da sua raça, que os patricios lhe não perdoariam. Scientes, porém, da nossa frouxidão de costumes, aproveitam-n'a n'este ponto, e mandam os filhos para Lisboa, juntando-os aos muitos que os colonos portuguezes enviam.

A questão das subsistencias não pode ter influencia nenhuma n'esta solução por se tratar d'um paiz no qual, com uma hora de trabalho por anno, se sustenta uma familia. Parece-me, pois, muito conveniente para Portugal, para a colonia e para elles proprios, que os mestiços fiquem lá, sendo educados de modo, a não se distanciarem muito do meio. Quando algum revelar um talento especial, esperemos por elle, que apparecerá, util para si e para os seus. Ha muitos mestiços, n'estas circumstancias, com verdadeiro merecimento, tendo-se elevado por evolução, sem saltos estonteadores de mudança de meio e condições de educação.

Se não quizermos olhar para estas indicações da experiencia, e tomar d'ellas proveitosa lição, justificaremos a opinião scientifica d'alguns antropologistas a nosso respeito:—que somos uma raça a degenerar, sem capacidade intellectual para

nos fazermos prosperar, dispondo de muitos elementos invejaveis. Justificaremos os que assim pensam a nosso respeito, preparando em Portugal uma successão selvagem, como a que já nos apontam na Malaca!

Ficaremos hoje por aqui, meus senhores, que a hora vai já muito adiantada.

TERCEIRA CONFERENCIA

Ethnographia

I Alimentos, fumo—Só um esboço—Carnes—de porco—de cão—de gente—Cozinha—Bebidas—vinho de palma—cerveja—agoas-ardentes—Tabaco—em pó—charutos—Cachimbos—*Liamba.*

II Ornatos do corpo, vestuario—Deformações estheticas—dentes limados—arrancados—*gimbumba*—orelhas e septo nazal furados—circumcisão—Cabellos--Pulseiras—Collares—Vestuario resumido—Untura do corpo—*Ponda*—Os seios—Côr preferida.

III Bellas artes—Dança—é uma paixão—dança d'amor—religiosa—juridica—de guerra—dos mundombes—Orchestra—Tudo a cantar—A musica civilisa-se—Instrumentos—*batuque—quipuita—marimbas—gonga—quissange*—instrumentos de sopro—Canto onomatopaico—Poesia—Desenho—Esculptura.

IV Familia—Polygamia—*Lemba*—Casamento — Adulterio—*Upanda*—Pàtrio poder—Polyandria—*Casa da tinta—Dumba*, esposa e mãi—Circumcisão é influencia semita?—Escravidão—origens.

V Propriedade—A terra—Pastagens—Gado—Plantações—Queimadas—caçadas da queimada!—Sementeira—Colheita—Casa—*Chimbeque*—mobilia—*Cubata*—mobilia—*Senzalla—Banza*—Casa do barão de Cabinda—Propriedade individual.

VI Religião—Terror—Sua evolução—nos animaes—no homem—Deuses, coisa má—Fetichismo—Idolatria antopomorphica—Supplicas e ameaças—Alma—Outra vida—Dogmas—Feitiços – Feiticeiros—Idolos—Culto—*Zambi—Bunze*—Penates—Amuletos—*Ganga.*

VII Moral, Morte—*Quigilla*—evolução do dever moral—falsos preceitos—A morte é maleficio—sua comprehensão—*Cazumbi—Ufua*—Immortalidade—Ritos funerarios—*itambi*—enterro—sepulturas—tropheus e resguardos—pyramides—A vida futura—Sacrificios humanos—Symbolos dos mortos—As *missas.*

VIII Organisação social—Reino do Congo—O nosso estabelecimento—Fraccionamento politico—Poderio e distinctivos da realeza—corôa—*chingongo—Fundação—Mucorunto—Palavra—Beber agua—Boca do rei—Juramento—Tomar casa.*

IX Guerra—A crise—Feitiço de guerra—Combate—Captivos—Sortidas—O Nemeláo e Otto Lindner—*Pôr chiqueiro*—O vapor de Castro & Leitão—Idolos em campanha—Corneta de guerra.

X Feitiço do Inquimba—O encontro—Jonhston—Definição—Convento—Alfaias—*Ganga* — Alumnos — Iniciação — Pintura — Saial — Nomes — Manipanso—*Bingo*—Lingoa lithurgica—Informações erradas—Vocabulario—Mysterios—Deveres e direitos dos *Inquimbas*—Critica.

XI Industria—Armas—clava—*quicesso*—faca—Armas europeias—Olaria—panella—*sanga*—moringue—*Binda*—Louças europeias—Vestuario—mabella—tangas d'Ambaca—pelles—barretes—*n'zita*—Pente—Cama—Travesseiro—Loandos—Quindas—*Gonga*—Taboas—Esculpturas em madeira—em marfim—*Ximbando*—Canoas—Remos—Velas—Vara—Pesca—instrumentos—Ferreiros—instrumentos—Transportes.

XII Imprevidencia—Imprevidentes—Fome—Escravidão—Como tudo se evitava.

I

Alimentos, Fumo.

Meus senhores: — Para poder bem estudar-se a ethnographia d'um povo, tendo como unico elemento de estudo o exame directo dos seus habitos de vida, é preciso uma longa permanencia e um intimo convivio com esse povo, alem do cuidado de surprehender todas as suas espontaneidades e observar com attenção todos os seus actos reflectidos.

Bastam estas simples considerações, para de mim ninguem dever esperar um estudo perfeito de ethnographia das raças que povoam a região de que se trata. Mas succede mais que, não tendo eu visitado o paiz do Nano, nem tido d'elle senão informações muito escassas, pouco poderei dizer a seu respeito; e esse pouco será antes devido ao que observei no paiz dos munhanecas e dos mundombes, do que propriamente ás informações do Nano, que é, nos territorios da provincia de Angola, o centro da expansão da raça cafre.

E' claro, portanto, que em ethnographia, bem como nos outros ramos da geographia, de que já tratei, não posso apresentar, senão um simples esboço, a traços muito largos e ligeiros; e este será só da raça do territorio que vamos agora occupar, contendo apenas uma ou outra indicação de factos, meus conhecidos, relativos aos cafres, para esclarecimento da questão e coordenação das ideias.

Começarei pela alimentação.

Todos os pretos congos comem carne, peixe e alguns vegetaes, entre os quaes figura, como principal, a mandioca. Cos-

tumam comer carne de cabra, carneiro, porco, gallinha, pato e ainda d'algumas peças de caça, que elles obtêm, em geral, por meio de armadilhas. Figuram, como principaes, alguns ruminantes e roedores, e, uma ou outra vez, o pachyderme hippopotamo, e raros outros animaes. Entre os peixes figuram o pargo, tainha, *malevo*, *pungo* e poucos mais do mar; e figuram tambem todos os peixes do rio que tive occasião de enumerar, quando tractei d'elles no logar competente. Comem além d'isso, a tartaruga, o camarão e as ostras. Dos vegetaes comem principalmente a mandioca, depois a *ginguba*, depois o milho e o feijão, depois a lentilha, o *demdem*, a banana, e outros fructos; mas a base da sua alimentação, é como já disse, a mandioca, que elles comem preparada por diversos processos. Os cabindas, na sua terra, não comem a carne de porco; e, fóra de lá, só em circumstancias excepcionaes, e sempre com mais ou menos repugnancia, se resolvem a comel-a. Esta repugnancia parece ser antes motivada pelo preceito religioso, do que pela hygiene, por isso que, quando interrogados ácerca dos motivos da sua abstinencia, se limitam simplesmente a declarar «*quigilla, senhor*». Adeante explicarei o valor d'esta palavra. E' possivel que n'este preceito esteja o echo longinquo do grito mahometano ou hebreu, contra a carne de porco, perdido ali no termo do seu percurso, por isso que o mussorongo visinho, que é da mesma raça, mas fica do outro lado do Zaire, já não tem esse escrupulo.

Os libollos comem os mortos das senzallas visinhas e o cão.

A cozinha dos congos tem utensilios muito rudimentares e reduzidos em numero. Tres pedras no chão fazem o forno, sobre o qual se colloca a panella, que é uma calotte de barro vermelho mal cosida e moldada á mão. Esta panella não tem

tampa nem azas. Algumas cabaças, *quindas* e *gougas* constituem as vasilhas em que guardam os seccos e os liquidos; e para comer não teem vaso especial. Da mandioca comem as folhas tenras, preparadas á maneira do nosso esparregado com ou sem, ginguba e azeite de palma; e comem os tuberculos, já crus, já macerados e seccos em compridos biscoutos, a que chamam *fadiço*; tambem a comem em farinhas. Uma d'estas farinhas, a chamada *fuba*, é feita do fadiço reduzido a pó, e come-se geralmente em papas, a que chamam *infunde*, ou *funge*. A outra é feita ralando o tuberculo, ainda fresco, e extrahindo-lhe por meio da pressão os succos venenosos, que elle contem, torrando em seguida a farinha, que fica no estado em que é conhecida, cá em Portugal, com o nome de farinha de pau. Esta farinha serve de pão para conductar qualquer peixe ou carne, mas, mais geralmente, come-se em papas a que chamam pirão.

O principal emprego da mandioca tem logar na preparação da *chicoanga*. Esta faz-se escaldando a farinha com agua quente, e formando um bolo, que se embrulha em folhas de bananeira, ou palmeira, cozendo-se em seguida debaixo das cinzas quentes.

Todas as carnes e peixes, ou são assados sobre as brazas, ou são cozidos em agua, ou oleo de palma, nas panellas mencionadas.

Todos os môlhos são temperados com uma pequena malagueta muito picante, chamada *gin-dungo;* e quasi todos levam oleo de palma. Ha, porém, uma iguaria a que chamam *moamba*, que é especialmente temperada com muito oleo de palma. Uma outra, a que chamam *quitaba*, que é feita de ginguba e gindungo, tem o aspecto d'um salame embrulhado em palhas de bananeira, e é horrivelmente picante.

Bebem, além da agua, a seiva da palmeira, quer fermentada quer em mosto; e abusam muito d'esta bebida. Quando eu visitei a princeza da Moanda, encontrei-a sentada n'uma esteira, rodeada das suas escravas, tendo deante de si uma grande palangana de origem ingleza, cheia d'esta bebida, e uma pequena caneca de barro da mesma procedencia, com a qual fazia frequentes libações, conservando-se em estado perenne de embriaguez. Durante a minha visita, que não se demorou mais de vinte minutos, entraram dois moleques, trazendo cada um sua cabaça de vinho de palma, para reforço do cangirão da rainha.

O vinho de palma extrahe-se, praticando uma incisão funda e larga junto do olho da palmeira, *elais guineensis*, e aproveitando para uma cabaça toda a seiva, que sahe da ferida. A cabaça, que geralmente não traz mais de um ou dois litros de cada vez, demora-se um dia ou dois a aparar o succo, e muitas vezes demora-se mais, dando logar a que elle fermente. Esta operação, comquanto não mate a arvore, definha-a muito, e impede a fructificação. Muitos palmares, que constituiriam uma grande riqueza, se fossem regularmente cultivados e explorados, teem sido destruidos pela gula dos indigenas, que abatem as palmeiras para lhe tirarem a seiva, por terem notado que assim obteem muito mais vinho d'uma só vez.

Os negros cafres do planalto sabem preparar uma especie de cerveja com farinha de massamballa, outra com farinha de milho, e uma bebida fermentada com agua e mel. Os pretos gingas e muxicongos e os ambaquistas sabem tambem preparar uma especie de bebida fermentada com farinha de milho; mas bebem-n'a agitando-a primeiro, e suspendendo a farinha, achando-a tanto mais appetitosa, quanto mais carregada fôr aquella especie de lavagem de porcos!

No rio Zaire, em Cabinda e no Chiloango, entra já grande quantidade de genebra e licor engarrafado e encaixotado de proposito para uso dos indigenas, que já não se contentam com a antiga aguardente de Hamburgo, ou mesmo com aguardente de canna, proveniente da provincia de Angola, que ultimamente tem feito algumas tentativas de penetrar ali.

Todos os pretos em geral consomem mais ou menos tabaco e *liamba,* fumando do tabaco mais as mulheres do que os homens, e da liamba mais estes do que aquellas. O tabaco parece ter sido introduzido depois da descoberta d'America, no principio do seculo dezeseis; e apesar d'isso está de tal modo generalizado o seu uso em toda a Africa austral, que parece ter sido sempre lá conhecido e aproveitado. Fuma-se em cachimbos imitando mais ou menos os nossos typos europeus; mas a certa distancia do littoral começam os cachimbos a tomar feitios *sui generis,* indicando mais ou menos pela sua fórma o povo d'onde procedem, quando observados em collecções ethnographicas. Junto do littoral, na região do Golungo Alto, Dembos e Congo, ha cachimbos feitos de barro cozido com uma certa arte. Em Loanda, Benguella e Mossamedes ha tambem cachimbos feitos por artistas indigenas, de lata e latão.

Os pretos d'Ambaca são os unicos que já sabem fazer charutos, e fazem-nos em taes condições de economia, que eu, quando estive em Pungo Andongo, comprei a um ambaquista uns poucos de centos de charutos por quatrocentos réis.

Tambem empregam o tabaco reduzido a pó, cheirando-o como em Portugal se cheira o simonte.

São notaveis, pelos muitos bordados e esculpturas, algumas caixas para uso d'este tabaco, feitas pelos indigenas do inte-

rior. Estas caixas trazem-se geralmente á cinta, pendentes d'uma tira de couro cru. Antes de tomar a pitada moe-se sempre o tabaco dentro da caixa, que é cylindrica, com uma especie de vareta, em geral feita d'uma pequena arma de antilope, que tambem se traz pendurada á cinta. Para tomar a pitada, despeja-se a caixa no centro da palma da mão esquerda, sobrepondo-lhe logo em cima ambas as ventas, e sorvendo-a com uma funda aspiração.

Nunca vi a planta, chamada liamba; não faço por isso ideia nenhuma do que seja. Vi-lhe apenas as folhas, preparadas já, para o uso do fumo, e ouvi dizer, que a planta se parecia com o estramonio vulgar, achando esta indicação, um certo apoio em algumas auctoridades botanicas.

A preparação da folha para uso do fumo parece ter semelhança com a preparação do tabaco; e o cachimbo por onde se fuma a liamba, comquanto na forma diffira muito dos outros cachimbos, na essencia só é diverso, por fazer passar o fumo atravez d'uma pouca d'agua. O cachimbo da liamba compõe-se de duas partes. Uma, em tudo semelhante ao forño de barro dos outros cachimbos, só diverge d'elles, em ter o tubo na mesma direcção do eixo do forno e bastante prolongado. A outra peça é feita d'uma arma de boi, á semelhança d'um polvorinho, tendo o fundo tapado e a ponta aberta; e tendo junto do fundo um buraco, pelo qual passa o tubo do forno, até mergulhar na agua que está dentro, e tapar bem o buraco por onde entra.

Carregado e acceso o cachimbo, que em geral serve para uns poucos de pretos, toma cada um d'elles grandes fumaças, introduzindo até ao fundo dos pulmões, em aspirações muito amplas, todo o fumo que pode obter da combustão; e,

sentindo-se em seguida atacado d'um violento accesso de tosse e ptyalismo, passa o cachimbo ao companheiro, cahindo depois n'uma prostração de narcotizado.

Os pretos, que abusam do fumo da liamba, embrutecem-se, e chegam até a enlouquecer, morrendo em seguida, depois de passarem uma vida de miseravel bestialidade. É muito frequente este abuso entre os serviçaes das fazendas agricolas que, apezar de toda a vigilancia dos patrões, conseguem ás escondidas fumar a liamba, quando os patrões lhe não permittem o uso moderado, ás claras.

Em Loanda, Benguella e Mossamedes, e mesmo em alguns outros pontos do littoral, ou do interior, todas as mulheres mestiças, ou pretas que tenham um certo bem estar, fumam charutos dos nossos, mas pondo o fogo para o lado de dentro da bocca.

II

Ornatos do corpo, vestuario

Todos os pretos congos usam, mais ou menos, as deformações estheticas.

Todos os habitantes da região florestal limam os dentes incisivos de modo a tornal-os ponteagudos, como os dentes dos grandes carniceiros. Na Ginga, não passará por homem livre todo o que apparecer sem esta distincção. Em Cabinda tambem liman os incisivos superiores maiores de maneira symetrica, mas sem os tornar ponteagudos. Usam d'esta especie de ornamentação, especialmente, as mulheres.

A deformação dos dentes, tornando-os ponteagudos, parece

accusar um desejo dos homens se parecerem com o leão, ou leopardo.

No Libollo, onde ella é frequente, ainda se pratica o canibalismo bestial! Não é, portanto, impossivel que esta pratica tenha alguma cousa de commum com um canibalismo, ainda não muito remoto.

O cafre do planalto do sul arranca os incisivos superiores, de certo para se parecer com os seus queridos bois.

O instrumento, com que todas as operações são praticadas, é a faca. Para limar o dente percute-se-lhe a ponta, com uma paciencia de preto durante muitos dias successivos, com o gume da faca; e para o arrancar, applicam-se duas pontas de faca em sentido opposto por baixo do collete do dente, puchando-o depois com ellas.

Os negros congos costumam tambem praticar deformações na pelle, produzindo desenhos com cicatrizes em relevo. Chamam-lhe *gimbumba*.

Estas cicatrizes são feitas por peritos em desenho; e não só nas crianças, que ainda não sabem oppôr-se a que as molestem, mas tambem em adultos, e especialmente nas mulheres, que procuram quem lhas faça por paga. São tambem praticadas com a faca.

Tambem se introduziu já a pintura azul indelevel, que usão os nossos soldados e marinheiros nos braços. Empregam-na principalmente as raparigas mestiças e as pretas bem collocadas e importantes. E' signal de distincção; e chamam-lhe *gimbumba do reino*.

O processo de fazer esta pintura é o mesmo que usam cá os marinheiros.

Os quissamas, os mucelles e alguns gingas e muxicongos

costumam furar o septo nasal, para lhe pendurarem uma argola de cobre, ou atravessarem um pau; e costumam as mulheres d'estes, e todas as outras e mesmo alguns homens de Cabinda, furar as orelhas para lhe pendurarem brincos.

Todos os rapazes da raça congo, ou cafre, praticam a circumcisão, com caracter mais ou menos pronunciadamente religioso. Entre os munanos, a cerimonia é muito complicada, e chega muitas vezes a pôr em perigo de vida os pacientes, e até a ser a causa da morte d'alguns.

D'entre os negros congos, os cabindas, e principalmente as mulheres, costumam rapar o cabello, no todo ou em parte, á navalha de barba. A navalha, geralmente empregada hoje, é producto da industria europea; mas antigamente fabricavam-n'as elles proprios. Alguns povos mais remotos ainda usam as suas. Dentre os cafres costumam fazer esta mesma operação aos rapazes mundombes, deixando sobre a cabeça desenhos muito caprichosos, feitos com o cabello que fica.

Em Loanda tambem se pratica esta operação rapando o cabello todo, mas parece ser já por motivo hygienico.

Quasi todos os negros e negras, tanto congos como cafres que, por terem tido menos contacto comnosco, conservam ainda os seus costumes puros, usam penteados muito complicados e variados. Estes penteados differem segundo o estado da mulher. A virgem usa em geral pequenas tranças cahidas; e a mulher casada usa o penteado mais complicado. A mulher mumdombe, além d'isso, não póde mostrar o cabello, senão ao seu marido; tral-o coberto com uma pelle de carneiro. Esta manifestação de pudor é tanto mais estranha, quanto estas mulheres trazem o seio, e quasi todo o corpo, a descoberto.

Ambas as raças negras usam grande quantidade de pul-

seiras de ferro e de latão. Os mussorongos têem-n'as de prata.

Tambem no terço inferior da perna se trazem argolas. Os cabindas usam-n'as de ferro e muito asperas, os mussorongos pobres tambem; mas os ricos e os principes usam-n'as de prata, e tão pesadas, que é preciso suspendel-as por um fio grosso na parte de cima do terço superior da perna.

As mulheres de Cabinda, e do mussorongo, usam umas argolas de latão nos artelhos d'uma grossura e peso taes, que não podem andar, senão com difficuldade e com passo muito pesado, forrando a pelle do lado de baixo da argola com um farrapo. Todo este sacrificiò se faz para n'uma dança que é o seu enlevo poderem bater com as argolas, quasi sem moverem os pés, marcando a cadencia.

As virgens mumdombes usam, como distinctivo, pulseiras e argolas nas pernas feitas de pequenas vergas vegetaes torcidas.

Todos os negros congos e cafres usam mais ou menos, ao pescoço, collares que variam em materia e forma. Ha-os de ferro, cobre, latão, pau, palha, conchas, coraes e missangas, todos mais ou menos volumosos e artisticamente feitos.

Os cabindas usam um simples pello de cauda de elephante, tendo enfiado um pequeno buzio, ou um bago de coral.

O vestuario congo e cafre resume-se ao necessario para se cobrirem pela frente, da cinta até ao meio das coxas, e do lado opposto uma zona paralella, das mesmas dimensões.

Os congos empregavam para isso pelles e as conhecidas *mabellas*, e os cafres só pelles. Hoje, porém, já vão usando, uns e outros, os tecidos de algodão de Manchester, que nunca lavam.

Os vestuarios das mulheres da Quissama é feito do entre-

casco fibroso do imbondeiro, e dá ares do saial escocez. Estas mulheres, bem como algumas cafres, no seu traje primitivo apresentam muita originalidade e uns certos toques artisticos, quando observados a distancia. De perto sômos, em geral, muito mal impressionados pela porcaria da untura e suas consequencias.

Todo o preto cafre se unta com manteiga, e todo o congo com oleo de palma.

A razão da untura, em ambas as raças, parece ser a mesma: prevenção contra os parasitas da pelle, que morrem asphyxiados pela gordura; e prevenção contra as mudanças de temperatura, e sobre tudo contra o frio. Esta pratica, porém, vai já tendo excepções n'aquelles povos, que mais contacto têem tido comnosco, e que por isso aprenderam a substituir a sua untura suja, pela lavagem asseada e pelo vestuario lavado. Alguns pretos cabindas estão já n'este caso—lavam-se e vestem-se depois, de maneira a forrar a pelle contra as intemperies. Conservam apenas do seu antigo vestuario, como sobrevivencia d'elle, uma pequena pelle de lontra ou macaco, cahida da cinta para o lado de diante.

Em geral os povos congos estão agora operando a transição dos seus vestuarios para o dos algodões de Manchester; e por isso ainda pintam, a seu modo, esses algodões com tacúla e oleo de palma, tornando-os d'uma immundicie repugnante para as nossas pituitarias. Estes, e os que já se lavam, vestem uma tanga em volta dos rins, apertando-a na cinta com uma tira de couro ou fibras vegetaes, a que chamam *ponda;* e vestem depois os hombros com uma outra. A tanga tem o formato de um pequeno lençol. Trazem geralmente a cabeça descoberta.

Os pretos cabindas, mais civilisados, já vestem casacos sobre a tanga inferior, põem chapeo de côco ou bonnet, e até usam calças, alguns—em todo o caso sempre lavados e descalços.

O vestuario da mulher congo varia com o seu estado. A criança usa apenas o *cinto do pudor*, um simples fio em volta da cinta, que ella jámais poderá tirar, a não ser para o substituir, quando gasto. A virgem pubere usa, além d'este cinto, um farrapo pendente d'elle para o lado de diante. A solteira de Cabinda, que vive no regimen da polyandria e por isso se chama *dumba*, traz pendente da cinta uma tanga, cobrindo-a em toda a volta d'alli até ao joelho, e um lenço amarrado ao pescoço pelas duas pontas d'um só lado e pendente para diante sobre os seios, mas sem uma grande intenção de os esconder. A mulher casada usa este mesmo vestuario, indo apenas o lenço de sobre os seios pelas axillas prender-se atraz pelas duas pontas d'um só lado, e conseguindo assim encobril-os mais um pouco, ao passo que tambem consegue deformal-os tornando-os muito compridos e cahidos, o que para ellas é uma grande belleza. Ha pretas cujos seios parecem grandes saccos de coar café, pendentes até abaixo do umbigo—estas são as bonitas, não só em Cabinda, mas em todos os outros povos congos e cafres.

Os negros, em geral, preferem na sua ornamentação e vestuario as côres encarnadas: os algodões, especialmente lenços e chitas, são quasi todos estampados com essa côr; e os indigenas dão-n'a com tacúla, já aos tecidos brancos, já á propria pelle e cabellos.

III

Bellas artes

A arte da dança é, com certeza, a que mais enthusiasma os pretos. São capazes de dançar durante dias e noites successivas, sem mostrarem cançaço ou enfado. Qualquer musica, qualquer bater cadenciado, lhes provoca um irresistivel appetite choreographico. Em Loanda, se um moleque passa por uma casa onde ouve tocar um piano, dança mesmo de passagem. Quando a musica do batalhão toca nas praças e jardins publicos, ou acompanhando o batalhão, etc., é sempre rodeada por uma nuvem de pretos a dançar. Quando o proprietario da fazenda *Gratidão* do Dande pôz alli a primeira machina a vapor, a tocar uma bomba centrifuga para a rega da plantação, todos os pretos que passavam, não podendo resistir ao convidativo bater alternado do movimento dos embolos, começavam a dançar com tal enthusiasmo, que por vezes foi preciso chamal-os á realidade da vida laboriosa, accordando-os d'aquelle sonho de baile. Os pretos mundombes que costumam fazer os transportes entre Benguella e o Dombe Grande, que distarão quatorze leguas, emquanto estão parados no meio do caminho a *descançar*, aproveitam a occasião, e dançam, principalmente se o patrão lhes distribue um copo d'aguardente. E note-se que elles, na maior parte dos casos, fazem aquelle trajecto em nove ou dez horas.

A dança mais frequentemente usada entre os pretos muchicongos e cacongos é a do amor, que se resume em mimicas eroticas executadas com a região media do corpo, sem me-

xer os pés. A das mulheres, com especialidade, é tão ingenuamente expressiva, que se tornaria de todo incompativel com a tolerancia, demasiada, das nossas platéas. A dos homens seria a mesma cousa, se o exaggero dos movimentos não os desnaturasse um pouco, encobrindo-lhe as semelhanças. As danças dos povos gingas são ainda muito eroticas, mas tem já passos cadenciados a poetisar a *semba* (pancada). Estas danças devem ter dado origem á dos *fadistas*, porque se parecem muito; e é natural que esta tenha sido introduzida no reino pelos escravos negros. Entre estes povos são tambem usadas umas danças religiosas nos obitos, funeraes, e actos dos feiticeiros; as danças juridicas nas *fundações;* e, sobre tudo, as danças guerreiras, em que se consome quasi toda a sua actividade bellicosa. As guerras em Cabinda difficilmente irão além d'uma dança de passos violentos, executada por entre as moitas com gritos atroadores.

As danças dos cafres, mesmo as do amor, em que entram as mulheres, têm uma extraordinaria violencia de movimentos e saltos, e mal poderão dar origem a um pensamento erotico. Parecem um culto original pela agilidade deificada. As danças guerreiras, e as de caça, são incriveis debaixo d'este ponto de vista. Eu vi pretos mundombes a dar saltos no meio da roda, passando com os pés pela altura dos olhos dos circumstantes, e descrevendo no ar um circulo completo em volta do eixo do corpo!

O instrumento mais geralmente usado para as danças é o tambor, que tem sempre um só tympano. Muitas vezes, porém, a orchestra assume uma certa importancia, quando os diversos instrumentos se addicionam, ou quando se lhes reune o canto; mas dispensa-se tudo isto, sempre que ha vontade de dan-

çar—as palmas das mãos, batendo em contratempos, chegam para orchestra de baile de muitas horas.

A musica é sempre muito simples: resume-se n'uma melopéa com variações singellas, e parece que nunca falta ao compasso, principalmente quando se dança. Quando muitos cantam, levanta sempre um a estrophe, e os outros respondem em côro.

Empregam contratempos e harmonias com certa felicidade.

A musica não serve só para a dança; pode dizer-se que tem applicação a todos os movimentos, sempre que tenham, ou possam ter, uma certa uniformidade. Assim, os pretos fazem todo o serviço a cantar. Os pretos cabindas cantam a remar; os carregadores cantam durante o transporte do objecto que levam, e sobretudo os portadores da tipoia, emquanto se viaja no sertão, cantam sempre; os latoeiros, carpinteiros e tanoeiros de Loanda, em sendo mais de dois ou tres, organizam cantorias enthusiasmadas ao cadenciado bater dos respectivos martellos, sacrificando muitas vezes o tempo e a obra á perfeição do tamborilado.

Parece que o canto lhes produz uma excitação nervosa e uma tensão muscular, que não supportariam muito tempo sem cantar. Logo que as pessoas, conduzidas na embarcação a remos, prohibam o canto dos cabindas, estes começam a affrouxar, e dentro em breve estão cançados. O mesmo succede com os portadores no sertão, ou nas cidades em que os transportes duram muito pouco tempo. Pelo contrario, o canto produz-lhes um enthusiasmo que os deixa supportar durante longas horas uma fadiga desmarcada debaixo d'um sol abrazador, muitas vezes.

Os pretos cafres do planalto, e mesmo os mundombes do

sul, têm lindos cantos de caça e guerra, principalmente. Os córos dos bailundos ao entrar no Dondo carregados de generos coloniaes, que trazem do interior, são tão bellos, e dão tanta vida ao quadro, que me parece poder ser reconstruido na imaginação d'um cego, que os ouvisse cantar.

Os canticos dos pretos congos, em comparação com os dos cafres, parecem-me muito inferiores, ou, pelo menos, impressionam-me muito menos agradavelmente. E notei tambem que os canticos dos congos vão sendo tanto mais agradaveis, quanto mais os povos estão perto dos cafres, sem relação nenhuma com o grau ethnometrico dos diversos povos. Os pretos libollos, que são visinhos dos bailundos, cantam muito melhor do que os cabindas, apesar de estarem muito inferiores a elles, debaixo dos outros pontos de vista ethnographicos.

Nos centros civilisados, como Loanda, Benguella, Dondo etc., vae-se sentindo na musica, bem como em todas as manifestações ethnographicas, a influencia da nossa civilisação. Em Loanda tocam-se musicas para danças de pretos que, não sei mesmo, se foram mais influenciadas pela nossa arte, do que pelos fundamentos fornecidos pela arte indigena. Entretanto devo confessar que me parecem estranhas ao nosso estylo, ou, pelo menos, terão perante elle muita originalidade.

Os instrumentos musicos offerecem uma variedade maior, do que seria de esperar da sua rude simplicidade.

O mais commum é o tambor comprido, a que chamam *batuque*: é um monstruoso calice de pau, sem pé, tendo a bocca tapada com um tympano de coiro cru despellado. Bate-se com as mãos, sustentando-o em posição com as pernas. Depois a *quipuita,* um cylindro ôcco, tendo um só tympano e, ao meio d'este pelo lado interno, presa uma haste de pau, sobre

a qual se passa a mão bem lavada e molhada, para produzir saltos, que vão trinar o som do tympano. Este instrumento faz as vezes da caixa forte das nossas bandas de musica.

Têm as *marimbas*, ultimamente imitadas pela nossa industria com parallelepipedos de vidro suspensos em dois fios; têm instrumentos, que arremedam as harpas e rabecas; têm a *gonga*, especie de arco de guerra sobre cuja corda se bate com uma vareta, reforçando o som produzido com uma cabaça truncada, cuja abertura assenta sobre o estomago do tocador servindo de caixa acustica; tem o *quissange*—talvez o precursor do pente metallico da caixa de musica—cujas hastes se põem em vibração com os dedos pollegares d'ambas as mãos; etc.

Em instrumentos de sopro, estão ainda muito no começo. Mal empregam, para produzir assobios desafinados, alguma haste de pequeno antilope, ou instrumentos artificiaes inspirados alli. Estes instrumentos, em geral, não são empregados para fazer musica a serio; parecem uma sobrevivencia de epochas mais imperfeitas.

Nos seus canticos, os indigenas têm muitos sons imitativos, onomatopéas. Imitam os animaes e os ruidos da natureza. Já fallei do canto dos mundombes a imitar o dos macacos da Chella; e poderei acrescentar que elles imitam as aves e outros animaes.

Quando visitei o districto de Mossamedes, ia commigo um engenheiro das obras publicas da provincia, que levou uma das mulas da expedição. Este animal era o assombro dos indigenas, que nunca tinham visto outro assim; e em breve todos lhe imitavam o ornear. Uma preta serviçal da casa ingleza de Banana, encarregada de regar a pequena horta, imitava constantemente uma ave que alli ouvia cantar a miudo.

Mas em geral o preto canta, ajustando á musica a sua poesia rudimentar. Tem cantos de guerra, em que se descreve o combate e o destino dos vencidos; e tem, sobre tudo, os canticos funebres em que se faz o elogio do morto. Em assumptos d'amor a sua poesia é tão ingenua como a dança.

Formar-se-ha uma pallida idéa d'essas cruezas realistas, lendo o capitulo 23 de Ezequiel. O santo propheta descreve os horrores babylonicos para os fulminar com as iras de Jehovah; os congos descrevem-nos com toda a naturalidade, de quem os julga bons e justos.

O meu amigo, o sr. Alberto Carlos Eça de Queiroz, quando secretario da junta da fazenda da ilha de S. Thomé, visitou a ilha; e, alma de artista, impressionou-se ao contemplar a floresta e o rude trabalho do negro alli. As suas impressões condensaram-se em formosos contos que viram a luz da publicidade, e são bem conhecidos. N'um d'esses contos poz o meu amigo o texto d'uma estrophe em ambundo, que ouviu cantar aos pretos machadeiros, durante o trabalho da derrubada. Mais tarde, depois de estar já em Loanda como secretario do governo, sabendo o que significavam as palavras que escreveu n'aquella lingua, sua desconhecida, absolveu-se da indiscripção com uma gargalhada, que traduzia a certeza da absolvição do publico, motivada pelo desconhecimento geral da lingua e dos costumes dos pretos.

Quando lhes falta inspiração, nem por isso deixam de cantar. Uma só palavra, ou phrase, dá assumpto para longas horas de cantoria, repetindo-se sempre a mesma.

Em desenho e esculptura estão ainda todos os congos bastante atrazados, mas já mostram uma certa comprehensão das fórmas e alguma habilidade em as representar.

O seu desenho limita-se em geral a traços parallelos, dispostos em fórma de losango, ou semelhantes; em figura, fazem lembrar os desenhos das nossas crianças. A sua esculptura em pau, vae pouco além de figuras humanas.

O esforço para chegar a este resultado em esculptura deve ter sido produzido pelo animismo, que os levou á criação de idolos anthropomorphos. Apparecem em todo o paiz dos mochicongos, e nos dos cabindas principalmente, muitos d'esses idolos, alguns dos quaes revelam uma antiguidade secular; e á semelhança d'estes encontram-se vulgarmente estatuas de pau, representando costumes indigenas, que accusam a sua insistencia em se aperfeiçoar na esculptura.

No Loango esculpem-se, em dentes de elephante e de hippopotamo, pequenas figuras humanas e d'alguns animaes sobre uma linha espiral, que vae desde a base até á ponta do dente; mas o que mostra bem a habilidade manual d'estes esculptores é a exactidão, com que elles copiam uma firma n'uma argola de guardanapo feita de marfim, sem saberem ler nem escrever.

IV

Familia

A familia do negro congo está organisada segundo o regimen da polygamia. Cada cidadão possue tantas mulheres, quantas póde alcançar, havendo comtudo entre ellas uma chamada «*lemba*» que é a primeira, e exerce uma certa auctoridade sobre todas as outras, usando para esse fim uma vara curta com que tem o direito de as castigar—é a regente do collegio.

As mulheres são adquiridas pelo marido por meio de *empção*, resolvendo-se o contracto, entre o marido e a familia da mulher, quando ella recebe os ultimos ajustes do preço. Depois de ter entrado para o poder do marido, a mulher fica sendo propriedade sua: póde bater-lhe, até a matar; póde vendel-a, em determinadas circumstancias, e póde até alugal-a, ou emprestal-a, segundo o seu livre arbitrio. A mulher, pelo contrario, deve ao marido inteira obediencia; e tem de lhe cultivar a terra, colher os fructos e preparar a comida, tractando além d'isso dos filhos, não podendo dispôr do seu corpo, sem commetter o crime de adulterio.

Este crime, sendo commettido por princeza contra o principe, tem pena de morte por meio de cremação para a adultera e seu cumplice; e sendo commettido contra qualquer homem do povo, é equiparado a um simples furto, que obriga o seu auctor, o adultero, a pagar ao queixoso uma indemnisação conveniente. O crime, e a indemnisação respectiva chama-se *upanda*. Ainda ha pouco uma das mulheres do principe Mamputo commetteu o crime de adulterio, com um dos subditos do principe; e, quando se reconheceu no estado interessante, julgou-se perdida, por isso que o principe está muito velho e paralytico, já ha uns poucos de annos; resolveu por isso fugir e ir *vestir-se* (offerecer-se para escrava) com o principe do Cacongo, desapparecendo tambem por essa occasião o subdito seu cumplice. O caso produziu uma certa extranheza e desconfiança mesmo, em virtude da qual o principe Mamputo mandou procurar a princeza fugitiva; e logo que soube que ella estava em poder do principe do Cacongo, e se certificou de que tinha havido adulterio, ordenou á familia da princeza que fosse resgatal-a para vir ser queimada, tendo

de dar em seu logar uma irmã para soffrer a pena, quando não podessem conseguir o resgate. A familia foi, e conseguiu havel-a as mãos por alto preço, e apresental-a ao seu verdugo que esperava poder marcar dia para a execução, quando o administrador do concelho de Banana, ultimamente nomeado pelo governador geral d'Angola, teve conhecimento do facto e interveio, mais como particular, do que usando da auctoridade, conseguindo afinal salvar a victima d'aquella morte affrontosa. Ainda que o administrador do concelho de Banana não tivesse prestado se não este serviço á causa da humanidade, durante o seu curto exercicio de auctoridade portugueza n'aquelle ponto, tem Portugal motivo de se honrar por mais este facto, no momento solemne em que, obedecendo aos dictames da conferencia de Berlim, entregar á Associação Internacional Africana o territorio do Zaire onde ella lhe succedeu.

O simples crime de upanda faz pois tanta differença do adulterio commettido contra um principe, quanto vae d'uma pequena multa, a esta horrivel pena capital. Mas succede ainda, que os maridos estimam tanto mais as mulheres, quantas mais vezes ellas commetterem o crime de adulterio; e chegam até a desprezar a esposa que não consegue seduzir um adultero —pela simples razão do marido encontrar n'aquelle facto uma grande e commoda fonte de receita.

O marido não é só proprietario das mulheres: tambem o é dos filhos, tendo comtudo preferencia a elle, n'este ultimo direito de propriedade, o tio irmão da mãe d'esses filhos, o qual é para com os sobrinhos o chefe da familia, sendo estes para com elle, reciprocamente, os herdeiros e representantes. O pae, portanto, só será senhor dos filhos, para os

effeitos de poder dispor d'elles, quando lhes faltar o tio, irmão da mãe.

A mulher antes de casar segue o regimen da polyandria; e só entra para este regimen depois d'uma iniciação, que tem logar na chamada *casa da tinta*.

A casa da tinta é construida como as outras, com paredes de *loando* (uma especie de esteira grossa) e tectos de palha de palmeira, tendo dentro tres câmas, das quaes a do meio é para a inicianda e as duas dos lados para as mestras.

A virgem só entra na casa da tinta, quando mostra os primeiros signaes de adolescencia, tendo a familia, ou ella mesma, escolhido previamente o homem, que vá colher as primicias da sua virgindade. Feita esta escolha, e ultimada a negociação com os presentes finaes, é a virgem entregue ás mestras na casa da tinta, e estas ensinam-lhe tudo quanto convenha saber para deixar de ser virgem, para bem se comportar no exercicio da polyandria e mesmo depois durante o casamento polygamico.

Esta aprendizagem dura de quatro a vinte dias, findos os quaes a virgem vae ser solemnemente entregue pela familia ao varão escolhido, levando-lhe ella n'essa occasião um presente.

Se a moça é tão pobre ou miseravel, que não conseguiu escolher e alcançar esse varão, os parentes levam-na, depois de sahir da casa da tinta, em procissão solemne pelos povos vizinhos, á procura do homem que lhe proporcione a mudança de estado—fazem lembrar os paes pobres das criancinhas por baptisar que, não tendo conseguido compadres para padrinhos, recorrem aos santos. Desde esse momento a virgem fica sendo *dumba*, e inteiramente senhora de si para poder en-

tregar-se temporariamente a quem melhor lhe parecer; bem como fica tambem obrigada a obedecer, quando pela familia for entregue temporariamente, ainda que seja contra sua vontade.

E' d'estas mulheres que são recrutadas as esposas; e podem ellas ter a certeza de serem tanto mais depressa procuradas para esse fim, quanto mais cedo conseguirem dar provas de fecundidade. O filho, assim gerado, vae ser propriedade do marido, se porventura a mulher não tem irmãos masculinos.

A mulher casada, emquanto amamenta o filho, vive separada do marido, e entrega-se aos cuidados da maternidade, trazendo a criança sempre sobre si, e em geral ás costas, escanchada sobre as nadegas e segura por uma tanga, que vem prender-se-lhe ao seio.

Nas suas crises periodicas, a mulher casada pinta a cara de encarnado, esconde-se do marido, e não póde tocar em cousa nenhuma que elle coma—*está na casa do diabo.*

O homem, antes de casar, deve ter praticado a circumcisão; porque o incircumciso é rejeitado para esposo.

A circumcisão, por si só, não é sufficiente para demonstrar relações com as religiões semitas do norte da Africa; mas este facto, junto á abstinencia da carne de porco e ainda a outros que opportunamente vão apontados, permitte a suspeita da influencia d'essas religiões sobre este povo, exercendo-se por expansão de perto para perto, principalmente se attender-mos a que, com todas as probabilidades, os povos congos na sua migração vieram de nordeste para sudoeste.

Este assumpto escandaliza a nossa civilização e bons costumes; mas é absolutamente preciso conhecel-o para bem se legislar para aquelles povos, e realisar a tarefa, difficil, que

nos propomos de os civilisar. Se o seu conhecimento tivesse chegado ás altas regiões legislativas, não veriamos hoje em vigor nos territorios effectivamente occupados da provincia de Angola a parte do nosso codigo civil, que regula esta materia, e não póde ser comprehendida nem obedecida pelos indigenas. O codigo civil é a expressão d'uma civilização, que dista muitos seculos d'aquelle atrazo selvagem!

Demais, a lingoagem da sciencia é sempre casta.

A escravidão é entre os negros d'ambas as raças, Cafre e Congo, o complemento da familia.

O chefe ou pae de familia tem para com os seus escravos quasi os mesmos direitos que tem para com os sobrinhos, as mulheres e os filhos. Quando qualquer necessidade obriga um chefe de familia a vender um dos membros d'ella, o vendido será primeiro o escravo, depois o sobrinho, depois a mulher, depois o filho; e por ultimo poderá até alienar a sua propria liberdade, entregando-se como escravo ao senhor, o que na linguagem branca da localidade se chama *vestir-se com* o senhor.

O escravo não está tão absolutamente privado de direitos, que não possa exercer alguns, como por exemplo, o de mudar de senhor, que geralmente se pratica dirigindo-se o escravo a casa do escolhido senhor e quebrando-lhe um prato, ou outro objecto de pequeno valor.

O principe chama filhos aos subditos; e aqui a palavra filhos deve ter a accepção de escravos, por isso que exerce para com elles, como chefe do estado, o mesmo direito que o pae de familia para com os seus escravos e filhos. Portanto a *familia* negra parece ter a mesma comprehensão, que tinha a palavra *familia* em Roma.

Os pretos compram escravos; mas com intenção de os in-

corporarem na familia, succedendo rarissimas vezes que os revendam, e dando-se sempre a circumstancia de o fazerem por necessidade urgente, quando assim aconteça.

Vê-se pois que o escravo da familia preta tem uma condição social muito diversa da que tinha—nos povos neo-latinos pelo seu direito, e em Roma segundo as leis romanas do tempo do imperio, que mais ou menos originaram aquelle.

A escravidão entre os indigenas póde ter uma das seguintes origens: o crime do proprio escravo, ou da pessoa que sobre elle exercia direitos de alienação; a guerra; a necessidade da familia, para pagamento de dividas; e a voluntaria alienação da propria liberdade.

O criminoso de feitiçaria é geralmente morto pelos seus; e só será vendido, quando o comprador der garantias de o levar para muito longe, d'onde elle jámais possa voltar. O outro criminoso, ou o que em seu logar foi vendido, fica em geral em poder do proprio offendido, ou da sua familia; mas tambem póde ser vendido para mais ou menos longe. O prisioneiro de guerra será morto, vendido para longe, resgatado pelos seus, ou então ficará escravo em poder do vencedor—mas esta hypothese raras vezes se realisará.

Sempre que o escravo fique dentro do seu povo, a sua sorte não tem mudança sensivel: póde apenas considerar-se um membro da familia que mudou de patrio poder. Além d'isso, o escravo será tanto melhor tratado no seio da familia, a que pertencer, quanto mais tempo de permanencia tiver alli, chegando mesmo a sua ligação artificial com o chefe da familia a ponto de se confundir com as ligações naturaes, e vindo os seus filhos a perder, muitas vezes, a qualidade de escravos, que em rigor deveriam ter herdado.

V

Propriedade

A propriedade do territorio occupado pelo estado negro, congo ou cafre, pertence á communidade representada pelo chefe: pertence ao rei, ou soba. Este distribue pelas familias o territorio que poderão cultivar, sem alcançarem por isso mais que o usufructo da colheita. A cultura será feita pelos escravos e pelas mulheres, que são os encarregados de prover á sustentação da familia.

Quando a terra já não produz, por ter emmagrecido, muda-se a cultura para outra gleba mais ou menos proxima.

Entre os povos cafres, que possuem manadas de bois, succede outro tanto com as pastagens, havendo apenas a differença do campo de exploração ser maior. Os sobas cafres, que vivem sobre a serra da Chella perto da zona baixa, têm além d'isso territorios n'esta zona para onde, em determinadas epochas do anno, costumam mandar apascentar os seus rebanhos, afim de que os bois comendo alli pastos salgados melhorem de certa doença, proveniente da exuberancia das pastagens do planalto, criadas em campinas muito humedecidas por agua doce.

As plantações costumam fazer-se no principio da epocha das chuvas, sendo precedidas de queimadas, que servem para arrotear e limpar o terreno.

Nos fins do mez de agosto e principio de setembro, quem de dia atravessar no sertão o territorio que costuma ser limpo a fogo para as plantações póde, se não tiver muito cuidado,

ser surprehendido pelas chammas, e ver-se em grave risco de vida. Succedeu-me duas vezes passar por meio de queimadas assim; e n'uma d'ellas ia sendo victima um *boi cavallo* que se espantou, mettendo-se para o capim d'onde foi muito difficil tiral-o a tempo de não ser colhido pelas chammas. Da outra vez, em caminho do Dondo para Pungo Andongo, ainda chegou a queimar-se um dos meus portadores, na cabeça, por ser retardatario.

Estas queimadas tambem servem para espantar as feras que infestam a visinhança—o leopardo, especialmente.

Os pretos da cercania dos logares, que têem de ser incendiados, avisam-se para limpar os terrenos em volta das habitações, para que as chammas não lh'as alcancem e devorem; e, depois de lançado o fogo na occasião que julgam propria, reunem-se todos, armados, nos logares escolhidos para esperarem a caça que foge em tropel.

No logar do costume, e no dia proprio, começam a apparecer os caçadores armados, a tomar posição e escolher a arvore de sobre a qual atirem ao tropel que foge assustado. Logo depois de installados, começam a apparecer as rezes mais timidas, e em seguida a vanguarda da multidão, onde desfilam em turba multa os hipacaças, e outros, bufalos e antilopes, correndo ao lado de porcos bravos, hyenas e leopardos. Todas aquellas naturezas, diversas e hostis, levam agora os seus instinctos de conservação de tal modo dominados pelo horror ao fogo, que nem veem, nem ouvem, os caçadores com seus tiros e alaridos.

Quando a crepitação das chammas passou já para sotavento, e os troncos denegridos fumegam apenas, permittindo a approximação dos mais audazes para verificar os resulta-

dos da caçada, nota-se então que esta foi, ás vezes, mais abundante em victimas humanas, do que em rezes!

Os pretos congos, tendo muita difficuldade em apontar os tiros, disparam a maior parte das vezes ao acaso; e ferem-se reciprocamente, por não terem a prudencia de tomar posições estudadas.

Apesar dos perigos que estas caçadas offerecem, ha colono portuguez que tem o arrojo de ir a ellas! Os pretos vão, como iriam as creanças, por mera imprudencia.

Preparado assim o terreno pelo fogo, que devorou as hervas seccas e carbonisou os arbustos e os troncos das arvores, logo depois da sufficiente chuva começa a sementeira.

O instrumento agricola empregado é uma pequena enxada de ferro, de fabricação indigena, em fórma de folha de hera, tendo o pé cravado junto do angulo agudo de duas hastes de pau naturalmente pegadas que lhe servem de cabo. Cada uma das mãos péga em sua haste do cabo da enxada para trabalhar com ella. Só se remove a terra sufficiente para cobrir o grão que se semeia; e não se volta junto da planta, em geral, senão para lhe colher os fructos.

No emtanto a plantação da mandioca é mais difficil; e algumas sementeiras precisam de ser desembaraçadas das plantas inuteis, que não as deixariam prosperar.

Nas lezirias do rio Dande vi empregar, para a sementeira do milho e feijão no lodo que o rio deixa a descoberto quando a inundação recúa, uma simples vara com a ponta carbonizada em bico. Espetava-se o bico, e levantava-se uma pequena leiva, com a qual se cobria a semente mettida no buraco.

A mandioca vae-se colhendo, á medida que se vae consumindo; mas as outras plantas, não se prestando tanto a esse

systema de colheita, são consumidas na quasi totalidade até ao fim da sua completa maturação, porque o indigena ainda não inventou o celleiro conveniente. Guarda-se apenas por pouco tempo algum feijão e ginguba em *quindas* ou *gongas*, e guarda-se o milho, ainda nas palhas, n'um pequeno recinto destinado a isso junto d'algumas cubatas.

Os negros da raça cafre, até n'isto, são superiores aos outros: já têm o celleiro mais bem construido e generalisado.

A casa de habitação do cafre differe muito d'aquella em que habita o preto congo.

A casa cafre é de barro cheio de paus cravados no solo e entrelaçados, de fórma circular, tendo o diametro de tres a cinco metros, com tecto conico de capim secco, porta baixa como a d'um forno, e duas divisões internas, uma para dormir, outra para fazer fogo; a casa congo é de fórma quadrilonga, coberta por um tecto de duas aguas. Do lado do norte do Zaire, e mesmo em alguns povos do lado do sul que vivem juntos ao grande rio, as paredes são de esteiras de *loando* (similhantes ás nossas de bunho, sendo apenas muito mais duras) e os tectos são artisticamente feitos de palhas de palmeira, tecidas á mão.

As portas são tambem de loandos, rasgadas na parede em altura sufficiente para se poder passar em pé, mas tendo de levantar muito a perna para entrar ou sahir; porque o vão da porta não chega até ao chão—fica distante d'elle uns trinta a cincoenta centimetros.

A casa, assim construida, chama-se *chimbéque* em lingua indigena; e em geral não tem capacidade para mais de duas ou tres camas. A sua unica mobilia são essas camas e algum *chimbando*.

As camas são levantadas do chão cerca de cincoenta centimetros, e firmes em quatro estacas cravadas no solo com travessas em que assentam muitas cannas juntas. Sobre as cannas está uma esteira de junco, que serve de colchão e roupa de cama. O travesseiro é muitas vezes de pau, feito com alguma arte, a lembrar pela fórma certos travesseiros de charão da China.

As casas dos povos congos, que ficam para o sul d'estes, são, como já disse, do mesmo formato, mas feitas de paus cravados no chão ligados por outros atravessados, e tudo depois revestido de barro; de sorte que as paredes parecem feitas só de barro, em quanto não mostram a ossada.

Os tectos são de gramineas seccas em grandes paveias juntas e acamadas, ficando as pontas em sobreposição similhante á das escamas, com a inclinação sufficiente para que a agua derive sem penetrar.

Estas casas chamam-se *cubatas*. Têm portas rasgadas até ao chão, ou até á mesma altura das dos *chimbeques*, feitas de ramos de palmeira entrelaçados. Dentro poderá encontrar-se a cama, que vae sendo tanto mais imperfeita, quanto mais para sul, nos povos congos onde a nossa acção civilisadora não tem sido tão energica. Apparecem tambem em algumas os *quiálos* (cadeiras) toscamente feitos.

A povoação de casas congos chama-se *sanzalla*: a do soba chama-se *banza*.

A povoação cafre chama-se *libáta;* e a do soba de lá chama-se *ombálla*.

Em Pungo Andongo e Ambaca, já alguns indigenas sabem construir cubatas de adobe de terra com portas de madeira. Aprenderam com os colonos portuguezes, e especialmente com

os frades de Massangano, que tinham por ali muitas dependencias e collegios.

A casa do Barão de Cabinda é um curiosissimo exemplar, para estudo da capacidade intellectual e artistica d'aquelle povo, mostrando-nos, bem ao claro, as difficuldades que o homem tem a vencer para sahir dos seus habitos de vida, em tão baixo grau de civilisação. E' o cabinda a construir um palacio, como os de Lisboa, servindo-se dos elementos da sua terra.

A casa é de taboas, com tecto de feltro. Está toda caiada. Vista por fóra parece ter um andar nobre sobre amplas lojas inferiores. Mas entremos. Uma larga porta, imitando o portão de palacio, dá entrada para um grande armazem, sem luz e todo cheio de paus a prumo. Se o chão estivesse inundado, poder-nos-hiamos suppor entre as palafitas, debaixo do pavimento d'uma habitação lacustre. Avança-se com difficuldade, evitando os pilotes e em perigo de escorregar até ao fundo d'uma escada; e subindo por ella vae-se ter a meio d'um pavimento que, se fosse terreo e sem tecto, seria similhante ao terreiro d'uma sanzalla com os chimbeques todos em volta: é o amplo corredor que dá para os pequenos quartos e salas do palacio, tendo largos ramaes até á parede exterior, direitos ás janellas do edificio, que por alli lhe dão luz para dentro.

Devo entretanto dizer para satisfação do bondoso e patriota proprietario que só chamei chimbeques ás suas salas e quartos por terem similhanças com elles nas posições relativas, visto que no mais são casas de madeira com todas as perfeições possiveis em Cabinda, offerecendo commodidade e conforto ao seu dono e familiares.

As cubatas e chimbeques são, mais propriamente, proprie-

dade individual dos chefes de familia; mas estão muito longe ainda da noção de propriedade individual immovel, segundo o nosso direito, por isso que o solo continua a não pertencer ao proprietario que só tem o usufructo, em quanto alli permanecer a casa. Além d'isso o predio não tem a duração, nem a integridade respeitavel do nosso, visto que o dono com facilidade se desfaz d'elle, lançando-lhe o fogo e indo construir outro n'outra parte, sempre que foi invadido por parasitas importunos ou por alguma doença terrivel.

A unica propriedade, pois, absoluta e perfeita para o seu dono é a propriedade movel, quando elle pela sua posição na familia seja o verdadeiro dono, sem sujeições provenientes dos laços de familia ou de servidão. São objecto d'esta especie de direito de propriedade as armas, utensilios, instrumentos musicos, artigos de vestuario e fazendas que entram em permutações, como valores monetarios. As proprias manadas de bois dos cafres não constituem propriedade plena dos seus donos, porque estão sujeitas, mais ou menos, á fruição dos sobas.

Os penates, feitiços e manipanços são propriamente propriedade da familia, e não do seu chefe, por isso que não podem ser alienados, senão em circumstancias muito especiaes; e têm de ser transmittidos ao herdeiro com todos os direitos de successão.

Já tive occasião de dizer que os povos congos ainda não são pastores, mas possuem algumas cabras, ovelhas, gallinhas e patos, de que dispõem como proprietarios plenos. Quando eu estive em Cabinda pela primeira vez, fui visitado por um meu antigo creado que me presenteou com alguns d'estes animaes—propriedade sua.

VI

Religião

E' muito difficil distinguir, em consciencias tão nebulosas, quaes as noções que ellas têm ácerca de Deus.

Como poderia explicar-me um preto congo em que deus acredita, definindo-me esse deus? Não vamos mais longe: — teria as mesmas difficuldades que o nosso aldeão, apezar de todos os annos, em determinados dias, ouvir sermões que cada vez mais confundem a cartilha christã e os contos de infancia, todo o seu fundo de sciencia religiosa.

Portanto, só uma observação muito prudente e demorada, alumiada sempre pelos preceitos da sciencia nova, poderia guiar-me n'essa investigação, quando eu tivesse tempo de proceder a ella; e eu nem tive tempo para averiguações, nem me julgo sufficientemente esclarecido para as criticar e coordenar.

N'este assumpto, porém, bem como em todos os de que trato, não tenho em vista mais, do que apresentar factos aos eruditos, que não podem ir lá vel-os, nem tiveram ainda quem, mais habilitado, lh'os apresentasse já criticados, livres de impurezas.

Apresento-os pois—os poucos que pude observar directamente, ou cuja observação parcial completei com informações colhidas de quem viu — indicando em todo o caso o meu ponto de vista, para que melhor se comprehenda o curso das minhas idéas, e se aproveite alguma cousa util que por ventura se involva nas minhas affirmações.

Parece-me que os negros congos, comquanto em assumptos

de religião tenham á sua esquerda, em degrau inferior de evolução, outros povos, estão ainda muito no começo da definição das crenças:—n'aquella epocha em que o homem, bem como a humanidade, creança ainda, sente medo; e pelos movimentos espontaneos que elle lhe causa tenta evitar o mal. A causa do medo, mais ou menos generalisada e abstracta—o terror—revestindo varias fórmas será a substancia dos seus deuses.

O medo assim considerado, manifestando-se nos homens e nos animaes superiores, é um atavismo das mais remotas phases da escala da creação. Deve ter a sua origem nos movimentos de retrocesso, praticados pelos primeiros animaes da série haeckeliana, a fugir d'outros que os devorariam. Estes movimentos no progresso da evolução vão-se praticando sempre com precisão crescente, sem nunca se notar, no periodo da animalidade, a consciencia clara das causas que os determinam.

Os molluscos fecham as conchas, ou escondem-se n'ellas; alguns coleopteros fingem-se mortos; outros segregam um succo caustico; os pequenos peixes evitam as aguas onde vogam os grandes; os jovens gallinaceos escondem-se, ao ver um rapador; os implumes palmipedes, que ainda não viram agua, mergulham e escondem-se, quando ao chegar lá foram assustados pelo incomprehensivel; etc. E, para continuar a indicar esta manifestação na série, eu teria milhares de factos bem conhecidos.

Não resisto á tentação de apontar um occorrido, na minha terra, com que muitas vezes me diverti, quando era creança. Nas noites escuras um rapaz, serviçal de minha casa, costumava, quando passava pela rua, provocar os cães e irrital-os a ponto, de todos quererem mordel-o, chegando a pegar-lhe no

cajado com os dentes; n'este momento escondia-se a um canto, ou atraz d'uma arvore; ahi enfiava uma bengala nas mangas do gabão, para lhe alargar os braços, e com o cajado mettido no capuz levantava o gabão, apparecendo de repente aos animaes, transformado em phantasma, com uma altura dobrada da sua, porque levantava o gabão, quanto podia. Os pobres cães — aterrados — fugiam, a ganir de medo; e só dentro da porta dos donos se julgavam seguros.

É obedecendo a este impulso que a creança, no alvorecer da curiosidade, quando ainda ao colo da mãe, a cada momento assustada de tudo, esconde o rosto entre os seus seios; como que a forrar-se alli, no meio das fontes da vida, contra verdadeiras causas de morte.

N'esta phase está ainda o preto congo: é uma creança grande.

Mas, se quizessemos ir mais longe observar o homem adulto e civilizado perante verdadeiras causas de morte, notar-lhe-iamos involuntarios movimentos de fuga, que são ainda determinados pelo habito ancestral, transmittido por hereditariedade. Quem seguirá o conselho de se conservar firme deante do leão, encontrado pela primeira vez no matto?

E' pois muito natural que os congos tenham medo, e hajam divinisado o terror, a principio inconsciente, depois vago e por ultimo, mais ou menos, abstracto.

Demais, a creança vê, observa; e, quando recebe uma impressão forte, sente-a logo fundamente gravada na sua memoria virgem. A natural curiosidade pede-lhe a explicação do facto; e a imaginação, fazendo reviver outras impressões, emmaranha e complica a explicação, vindo a assentar nas mais absurdas e imprevistas affirmações, que pela sua solemnidade

se conservam na memoria do individuo e perpetuam na da geração. A intelligencia faz ainda pouco, e mal, para este trabalho.

Assim se criam os deuses, que são logo julgados animados e conscientes, porque são vistos atravez da propria animação e consciencia.

Um crocodilo comeu um homem? uma serpente venenosa matou outro? vê-se logo encarnado alli o terror vago; e, como nem ha invento que garanta a vida contra o crocodilo, luctando com elle na agua e vencendo-o, nem remedio contra o veneno da serpente, supplica-se-lhes que não façam mal, introduzindo assim o seu culto e adoração.

Da mesma maneira se adora a arvore que envenena, o raio que fulmina, a agua que asphyxia etc. etc.; e assim se cria o fetichismo.

N'este ponto os progressos sociaes, ampliando o poder do patriarcha, criam o monarcha, que em breve se faz tyranno e despota para manter a unidade e a cohesão do estado. O despota arvora o abuso em direito; e a longa duração do exercicio d'este direito dá-lhe a sagração da moralidade: está apto para entrar nos dominios da religião. N'esta altura a intelligencia popular abstrahe; tira do seu despota a imagem, e encarna n'essa imagem o terror vago—cria a idolatria anthropomorphica, carregando os idolos com a responsabilidade dos maleficios, e procurando por meio d'um culto, mais ou menos complicado, tornal-os propicios.

Creado assim o deus—*coisa má*—segue-se a lucta do homem contra o seu chimerico inimigo. Cifra-se n'essa lucta o culto d'este periodo da evolução religiosa, a maior parte das vezes. Espetar um prego, um dardo, no idolo de Cabinda

é mais do que ameaçal-o, é feril-o, para que não faça mal, ou para que retire o mal que fez.

Talvez fosse esta a genesis e a evolução do fetichismo, da zoolatria e da idolatria anthropomorphica dos povos congos.

Por este tempo já a incomprehensão da morte e os sonhos têm creado a alma e a outra vida; e estas duas creações, que germinaram e cresceram separadas dos deuses, em breve se lhes unirão, serzindo-se no systema religioso.

Depois, os periodos da evolução prehistorica das sociedades são demasiadamente longos para proporcionarem a crystallização das suas creações, dando-lhe no futuro os foros de verdades absolutas, por mais absurdas que sejam. D'ahi os dogmas; etc.

Mas vamos aos factos.

O terror vago tem a sua concreção em muitos *muquiches* (feitiços) inanimados, e bem assim em alguns animaes inimigos do homem, como o crocodilo, porque a todos estes entes se attribue o poder de fazer o mal, n'uma tal ou qual especialidade.

Os idolos anthropomorphos são muito frequentes entre os povos cacongos, e têm já o seu templo rudimentar, que é um pequeno chimbeque, como os dos pretos, ou uma simples esteira, servindo de tecto, apoiada em quatro estacas. Os templos mais notaveis até já têm o seu feiticeiro ou sacerdote que, comquanto não viva exclusivamente do exercicio do culto, já tem sobre os seus vizinhos um ascendente bastante grande, para os explorar em seu proveito, servindo-lhes de medianeiro para com o idolo, e procurando aplacar as suas iras nas proximidades d'alguma calamidade publica, que lhe seja attribuida.

Os idolos têm grosseiramente contornadas as fórmas humanas. A cara approxima-se do seu ideal de belleza de raça: dolichocephalia com malares largos, beiços grossos, queixo curto e agudo e nariz muito chato. Têm geralmente grandes traços de pintura branca e encarnada, a sahirem da palpebra inferior; e no ventre uma especie de relicario, tapado por um vidro, ou uma palheta de mica.

Os traços que saem dos olhos significam lagrimas, porque o deus, segundo dizem os indigenas, está sempre a chorar, quando não faz mal; e chora até lagrimas de sangue! Dentro do relicario estão os *milongos* que constituem, mais particularmente, a substancia do idolo.

Quando visitei o idolo denominado—Mancaca,—residente no seu templo rudimentar entre a Moanda e a Vista, vi junto d'elle no chão um velho e tosco alfange, que me disseram ser o instrumento das suas iras. Este alfange porém era de fabricação europea, dos destinados para o serviço das plantações de café e canna saccharina; e não pude averiguar qual era o instrumento anterior, substituido por elle. A substituição deve ter tido logar para lá do periodo, a que alcançava a memoria dos meus informadores.

Qualquer devoto, que queira fazer-lhe um pedido, chega junto d'elle, prostra-se, espeta-lhe um prego, e formula a prece; e por isso todos os idolos teem tanto mais pregos espetados sobre a sua superficie, quanto mais antigos são.

O idolo Mancaca, bem como outros antigos que tenho visto, têm espetados, além de pregos fabricados na Europa, antigas hastes de ferro evidentemente forjadas pelos indigenas, com fórma mais ou menos similhante á lamina d'um punhal ou faca. A substituição d'estes punhaes pelo nosso prego mostra

bem, quanto os povos cacongos estão desejosos de introduzir os aspectos da nossa civilisação. A religião, essencialmente conservadora, como é, não póde resistir a este desejo, que já se vae manifestando em tudo.

Além d'estes deuses anthropomorphos, parece existir outro mais ou menos vago e abstracto, a que todos os povos negros, congos e cafres, chamam *Zambi*.

Em Cabinda diz-se existir o deus *Bunze*, que será a manifestação do Zambi por meio d'uns sons quaesquer da natureza, porventura o murmurio do bosque, a que se attribue o poder de fazer chover. Este deus costuma ser invocado para dar chuva. O feiticeiro tem o cuidado de espreitar a vizinhança das trovoadas, e de prolongar as preces, se a chuva se lhe não segue immediatamente; mas conseguiu grangear para si, e para o seu deus, o poder magico de fazer chover, porque todo o cabinda acredita piamente que—*quando Bunze falla, chuva já venha.*—São as pantomimas do feiticeiro que obrigam Bunze a fallar.

Os idolos têm em lingua indigena o nome generico de *muquiche*, d'onde parece ter vindo a palavra fetiche fundir-se com feitiço para designar estes idolos, e fetichismo para caracterisar o nome da religião a que pertençem.

Além de todos os idolos, que parecem communs á tribu, ha outros de menor importancia, particularmente encarregados de proteger as familias a cujo cargo estão—são uma especie de lares, ou penates. E, além d'estes, ha ainda os symbolos protectores nas diversas doenças, ou perigos de vida.

O feiticeiro, ou sacerdote, reune muitas vezes as attribuições de *quimbanda* (medico); e é procurado n'essa qualidade para applicar os *milongos* (remedios). Desempenha-se d'estas fun-

ções, fazendo intervir a divindade a quem dirige complicadas supplicas misturadas muitas vezes de dança religiosa e visagens delirantes, terminando por dar ao doente um amuleto e pintar-lhe a cara, ou o corpo, com as suas drogas.

Seria omnipotente, se a sua posição official o não obrigasse tambem a dar saude aos principes enfermos. A morte d'um principe, que foi tratado pelo quimbanda, importa, em regra, a morte d'este para o castigar *de ter morto, ou deixado morrer, o principe.*

VII

Moral, Morte

A moral de todos os povos congos póde resumir-se na palavra *quigilla*, que póde traduzir-se pela phrase portugueza— *é prohibido.*

O negro simples, sem comprehender bem a causa da prohibição d'um acto, deixa de o praticar, porque a lembrança de que é prohibido lhe assaltou a mente formulada n'esta palavra; e essa prohibição, muitas vezes, provém de interesses inteiramente oppostos aos seus, mas que elle está no habito de respeitar e garantir, d'um modo quasi inconsciente.

A solemnidade d'esta prohibição consegue-se muitas vezes com o sacrificio da liberdade, e da vida até, das pessoas que estabeleceram e transmittiram o habito d'aquelle respeito, elevando-o á altura de dever moral, e consagrando-o como tal. O respeito, quasi religioso, que todo o portuguez popular tem pela propriedade dos outros, julgando-a mais sagrada do que a saude e a vida alheia parece ter uma origem similhante.

Durante os periodos monarchico e feudal da nossa historia

os servos nem poderiam pensar em attentar contra a vida dos senhores; e por isso todos os crimes que contra estes podessem ser commettidos—e só estes seriam os importantes—se resumiriam em furtos, ou crimes contra a propriedade. E' verdade que o vassalo fiel era o que estava sempre prompto a defender o senhor, indo com elle á guerra e arriscando a vida, sempre que fosse preciso; mas tambem é certo que serviçal fiel, na accepção vulgar da palavra, é o que serve o patrão, sem nunca praticar contra a sua propriedade o mais pequeno furto.

Esta especie de fidelidade foi canonisada em preceito moral; e chegou até o nosso tempo, como sobrevivencia das épocas barbaras, atravez de todas as transformações porque passou o regimen da propriedade, impondo-se ainda hoje ás consciencias simples, como dever moral, em muitos casos em que a civilisação destruiu o dever juridico correlativo retirando-lhe a sancção, por ser injustificavel ou abusivo. Estão n'estas circumstancias alguns dos nossos populares, que sentem remorsos por não pagarem os dizimos e as primicias.

A crystallização d'estas praticas em deveres moraes não se operou só na consciencia que lhe soffria os encargos: formou-se tambem na que os fruia. Ambas transmittiram á sua descendencia o habito da pratica que, reforçando o principio com sancções pesadas e abusivas, terminou por se impor como dever sagrado, tão indiscutivel, como incomprehensivel.

O outro, o dever de respeitar a vida e a saude do nosso similhante, está ainda muito longe de ter na moral a sagração que lhe compete, porque a vida do vassallo barbaro era cousa de pouca monta, e só tem crescido de importancia com os progressos da civilisação.

A do senhor era sagrada; quem attentasse contra ella commettia o crime da sua magestade, que creou outra ordem de deveres—está, para o effeito, fóra da discussão. E' por isso que nós ouvimos todos os dias aos criminosos homicidas, ou espancadores, declarar, para allivio da sua imputação, que *não estão presos por ladrões*, nem *furtaram nada a ninguem;* e isto, quando a lei penal já ha muito tempo considera o homicidio mais grave que o furto!

Assim estão tambem consagrados na moral dos negros muitos falsos preceitos, que a civilisação portugueza terá grande difficuldade em modificar e substituir.

E, visto querermos civilisar por evolução, lembremo-nos sempre de quanto o dever moral impera nas consciencias simples, para nunca levarmos o negro a transgredil-o. Sempre que elle ingenuamente declarar—*quigilla, senhor*—não insistamos, por mais absurda que nos pareça a prohibição, antes de o termos elucidado, para não ficarmos com a responsabilidade dos desvarios a que possa ser levado pelo remorso, que tambem é tanto mais intenso e funesto, quanto mais simples a consciencia em que se manifesta.

Por, na maior parte dos casos, parecerem absurdas as *quigillas* aos portuguezes nossos antepassados, é que a palavra *quigilla*, ou quisilia, passou dos antigos escravos congos para a linguagem popular portugueza, como equivalente de aversão, antipathia obstinada.

A morte para o negro congo raras vezes é aceite, como cousa naturalmente succedida, sem a intervenção do maleficio. São os feiticeiros,—os sacerdotes—quem mais contribue para a manutenção d'esta superstição; porque são elles os arbitros da propriedade, da liberdade e, muitas vezes, da vida do

primeiro infeliz que se lembraram de indicar, como autor do maleficio.

Quando morre alguem por motivo de feitiçaria, reune-se todo o povo no meio da sanzalla, toma-se o cadaver, e transporta-se suspenso d'um bordão que assenta nos hombros de dois homens, conduzindo-o no meio da multidão segundo as indicações do sacerdote, o qual por meio de magias obriga o cadaver a apontar d'entre os presentes o seu assassino.

O infeliz assim escolhido tem de livrar-se d'um crime de morte, ou de morrer, muitas vezes, tambem.

Apesar d'esta circumstancia os negros congos não têm a comprehensão do que seja a morte, que para elles é um simples accidente da vida—uma doença tão prolongada no estado de quietação absoluta, que o doente chega a esquecer de todo aos seus parentes e ao seu povo, por terem perdido o habito de o ver. A morte é em tudo similhante ao somno, mas muito mais duradoira, do que elle costuma ser.

No emtanto o morto vive, apesar da quietação. A sua alma —o *cazumbi*—separa-se muitas vezes do cadaver para ir vaguear pelos mesmos logares onde o vivo era encontrado.

Esta alma, muito grosseira ainda, não chega a distinguir-se da sombra do corpo; e a sombra, segundo a sua comprehensão, póde separar-se do corpo por um tempo mais ou menos longo. Durante o somno vai a alma muitas vezes a regiões longinquas, e mantem conversas, e pratíca feitos em cuja realidade se acredita.

O cazumbí não affecta sómente o sentido da vista; a sua substancia corporea é susceptivel de impressionar o sentido do ouvido, e mesmo o do tacto, como o sopro; e por isso quem morre sopra a alma, exhalando-a. A palavra bunda—*úfua*—

(morreu) é accentuadamente onomatopaica, para nos parecer, ao ouvil-a pronunciar, sentir um sopro a sahir dos fortes beiços dos congos.

Começa agora a formar-se a crença na immortalidade do *cazumbi*, que já sobrevive por um tempo tanto mais longo, quanto maior foi a importancia do vivo a que pertenceu, não indo em caso nenhum a sua duração, além da memoria que os vivos têm do morto.

Tem-se formado assim a crença da immortalidade da alma, em todas as religiões. Quanto mais a imaginação persegue no tempo e no espaço os confins e o modo de ser d'essa chimera, subtilizando-a em metaphysicas allucinadas, tanto mais, descuidando-se do ponto de partida, a deixa entregue á sciencia, para ella definir a situação.

O *cazumbi* nos primeiros tempos que se succedem ao obito, em quanto vibram as cordas da sentimentalidade na familia, é exigente: é preciso satisfazel-o, como se vivo fôra, e podesse d'um para outro momento resurgir em corpo e alma, e pedir contas pelas faltas e desconsiderações.

De todas estas concepções procedem os ritos funerarios.

A *lemba*, a primeira esposa, deve deitar-se com o cadaver do marido na cama, logo em seguida ao passamento, e tratal-o, como se estivera vivo, e são. Em seguida entram os parentes mais proximos; e começam junto do cadaver os prantos cantados em côro, e dançados pelos mais doridos. Vão-se reunindo os parentes, os amigos e os vizinhos; e todos choram, cantando o elogio do defuncto, deplorando a sua quietação e fazendo-lhe curiosas encommendas para os outros *cazumbis*. No entretanto as mulheres, sempre junto do morto, flectem-lhe todas as articulações, para evitar a rigidez cadaverica que o

impediria de se mover, quando accordasse; impedem o contagio dos vermes, sacudindo constantemente as moscas com ramos; e evitam a corrupção, mantendo sob o leito brazeiros queimando balsamos cujo fumo envolve todo o cadaver.

Esta operação chega a durar muitos dias, e mesmo mezes, se o morto é um principe. Á medida que o cadaver vae perdendo os succos que, ou se evaporam, ou caem em gotas atravez do leito, vão-lhe enrolando peças de fazenda, comprimindo-o sempre, até o mumificar. [1] Ha principes mussorongos e cabindas que não são dados á sepultura, senão um anno, ou mais, depois do obito!

Em quanto tudo isto se passa na camara funeraria, os parentes, os amigos e os vizinhos comem, bebem, e dançam furiosamente no terreiro, em frente da cubata. Os parentes mais proximos dançam tambem, e cantam, a chorar verdadeiras lagrimas, vindo muitas vezes ao terreiro misturar a sua dôr com a excitação alcoolica dos dançadores mercenarios.

Quando observei o primeiro obito, em Pungo Andongo, estava uma rapariga de dez annos dançando em volta do cadaver da mãe, cantando e chorando tão sentidas lagrimas, que eu comprehendi desde logo a natural reunião de todas estas manifestações de sentimento, que até ahi me parecia impossivel, por ser simplesmente estranha aos nossos costumes. Em signal de lucto, estava despida, e tinha a tiracollo, e em volta da cinta, pampanos da videira brava.

Os caçadores parentes e amigos apparecem todos com as

---

(1) Parece-nos ver n'esta pratica um dos graus de aperfeiçoamento, por onde deviam ter passado as mumificações egypcias, antes de chegarem á suprema perfeição que nos é attestada pelos trabalhos e explorações dos egyptologos.

suas espingardas, e dão muitos tiros de polvora secca. Este costume deve ser uma imitação das nossas descargas em funeral; bem como estas são a sobrevivencia dos archaicos estampidos com que era costume saudar os mortos, e a transformação d'elles, provocada pela magnitude civilisadora da descoberta da polvora.

Ao conjuncto de todas estas ceremonias, que duram em quanto dura o que o morto deixou para gastar, e tudo o que os parentes poderam reunir, chama-se *itambi.*

O enterro é o fim do *itambi*, e por isso é ainda acompanhado por grandes choros, cantados e dançados.

Estas danças em volta do cadaver que vai para a sepultura têm tanta importancia em Cabinda, que só por causa d'ellas é que os indigenas se resolvem a abrir caminhos atravez do bosque, cortando o arvoredo, desfazendo as barrocas e, muitas vezes, até lançando sobre as ribeiras grandes troncos, que servem de pontes.

O enterramento é feito n'uma cova em fórma de meia lua no fundo da qual, para o lado da abertura do crescente, se cava um nicho ónde se colloca o cadaver, de modo que a terra não o opprima—para que a terra lhe seja leve. Sobre a cova empilha-se uma pouca de terra, collocando-se alli a comida e a bebida destinada ao uso do morto, as suas armas quebradas (mortas) para que lhe não faltem, quando tenha de as empregar, e finalmente os seus tropheus de gloria, as caveiras dos animaes que matou e que conservava junto da cubata como brazão de nobreza, se era caçador.

Alguns povos costumam, alem d'isso, collocar sobre as sepulturas uma pilha de pedras, que parece ter o fim de defender o cadaver da voracidade das hyenas. No cemiterio da po-

voação do Ambriz usam systematicamente essa precaução, em todos os enterramentos; e apezar d'isso as hyenas devoram quasi todos os cadaveres, sepultados alli, porque a camara ainda não conseguiu fazer um muro em volta d'aquella mansão dos mortos.

Nos povos mundombes, de perto de Benguella, observei a pratica de collocarem sobre as sepulturas uma pilha de ramos, que cresce todos os dias nos primeiros tempos subsequentes a inhumação, porque todo o mundombe que passa, apesar de ir depressa n'um delirio de canto e gritos conduzindo a tipoia, corta um ramo, e deposita-o piedosamente em cima do monte.

Os antecessores do soba Cabôco estão sepultados debaixo de pilhas conicas de grandes calhaus rolados, as quaes têm uns cinco a oito metros de altura, sobre uma base de perto de dez metros de diametro.

As simples pedras dos congos, ou os ramos dos mundombes, parecem indicar o primeiro degrau da serie, que passando pelas pyramides dos Cabôcos, termina nas monumentaes pyramides do Egypto. O ponto de partida, para a suggestão d'estes monumentos, parece ter sido o mesmo, o receio de que as hyenas vão devorar o dormente.

A noção da vida futura começa tambem a esboçar-se.

Para que collocam os congos sobre as sepulturas, *quebrados*, todos os objectos que destinam ao uso do morto? Certamente para os matarem tambem, isto é, para os fazerem passar para o mundo dos mortos, onde se vive uma outra vida.

Esta suspeita confirma-se, crudelissimamente, quando morre o soba Cabôco. É preciso metter-lhe na cova algumas victimas expressamente apanhadas na estrada proxima e mortas

para esse fim: serão os seus servidores no outro mundo, onde os vivos não podem ir accender-lhe o cachimbo, dar-lhe agua, transportal-o e guardal-o.

Esta crueldade tem sido impunemente praticada, sempre que tem morrido algum Dembo Cabôco, mesmo depois da vigencia das Ordenações e do Codigo Penal n'aquella provincia, apesar deste sobado estar collocado dentro do concelho mais central e civilizado de toda a bacia do Quanza. E não tem havido meio de a evitar, porque as nossas formas de processo, para applicação da lei penal foram sempre e continuarão a ser, impotentes contra os subterfugios dos indigenas, tendentes a salvar a seu uso e costume, que é para elles muito mais poderoso e respeitavel, do que a nossa prohibição—que não podem comprehender.

Os mortos—que assim vivem na outra vida—já algumas vezes se fazem representar symbolicamente entre os vivos.

Os regulos congos, especialmente os muchicongos e os cacongos, usam uma *malunga* (pulseira) que pertenceu aos seus antecessores e é representante das suas pessoas junto do successor reinante, o qual tem por ella todo o respeito e consideração que tributou em vida aos senhores que conheceu. Não come, nem bebe, sem primeiro offerecer á pulseira do que hade comer, ou beber.

Quando um destes regulos entra no estabelecimento do negociante, e recebe o copo de entrada, é curioso ver como elle, apesar de gulosissimo de aguardente, cospe sobre a pulseira o primeiro bochecho, antes de engulir a primeira gota.

E' muito difficil introduzir n'um povo, que tem um grau de civilização inferior, uma religião pertencente a uma raça superior, e superiormente civilizada. Dil-o a sciencia, e compro-

va-o a nossa provincia d'Angola, em todas as manifestações de culto que foram mais calorosamente acceites e implantadas, e, com especialidade, nos ritos funerarios catholicos.

Para exemplo demonstrativo da verdade d'esta asserção, temos ahi as missas que a piedade christã costuma celebrar para o eterno descanço dos mortos, em dias anniversarios. A commemoração christã está tão desnaturada, que não differe em nada do *itambi*, a não ser por não estar presente o cadaver, e, uma vez ou outra, em realmente se rezar uma missa, como parte insignificante da festa. Ao conjuncto da solemnidade chama-se *missas;* e parece ser esta palavra a unica cousa a indicar a acção do christianismo que a pouco e pouco, decerto, afrouxou e decahiu para a pratica do rito indigena, já hoje tolerado e respeitado, até por alguns parochos.

VIII

Organisação social

Os povos congos propriamente ditos, isto é, os que vivem do rio Dande para o norte, estavam todos constituidos n'um só estado, quando travamos relações com elles em 1484. Este estado era governado pelo rei do Congo, da sua capital de S. Salvador; e estendia-se para o sul sobre toda a ilha de Loanda. Esta ilha servia para a pesca do buzio que n'esse estado era a moeda corrente, e que já não se usa, senão como enfeite, em alguns povos do interior. Ainda em 1882 o vi alli pescar para esse fim segundo o antigo processo.

A ilha de Loanda foi-nos cedida pelo rei do Congo, logo

depois da descoberta, para o nosso estabelecimento; e foi d'alli que partimos para a conquista da Ginga que começava então nas praias do continente fronteiro.

O rei do Congo estendia pois os seus direitos de suserano por todos os povos congos, d'áquem e d'alem do Zaire, muito para leste do territorio que ora vai ficar debaixo da nossa posse e occupação effectiva.

As nossas relações com o Congo foram a principio commerciaes, sendo o emporio Pinda, no fundo da bahia de S. Antonio ou do Sonho, onde esteve a primeira feitoria que os reis de Portugal tiveram n'aquella costa, do equador para o sul. Com o primeiro commerciante, porém, foi o primeiro missionario; e este em breve penetrou até S. Salvador, estabelecendo-se junto do rei, christianizando-lhe a côrte e dando azo a que ahi se fundasse a egreja e a civilisação portugueza, ficando desde logo o rei do Congo na dependencia de el-rei de Portugal.

Esta dependencia e a civilização christã, longe de lhe darem força e importancia para com os seus subordinados, diminuiram-lha, até ao ponto de dentro em breve o rei do Congo não poder conter na obediencia muitos principes que a pouco e pouco se foram proclamando independentes.

A nossa presença amollecera-o. Os presentes e a riqueza que tirava do negocio, feito comnosco, proporcionavam-lhe prazeres que o tornaram frouxo, a elle e á sua côrte, para resistir ás armas dos rebeldes. Poz de parte o pensamento da unidade politica, que só com dura força e tyrannia poderia manter; e começou a viver a vida preguiçosa e parasita que ainda hoje leva, deixando que o estado se fraccionasse em tantas particulas independentes e hostis umas para as outras,

quantos eram os ultimos representantes administrativos do seu poder central.

Pontos houve em que este fraccionamento chegou até á ultima expressão.

Em Cabinda são, por assim dizer, tantos os estados independentes, quantas as familias; e, ainda assim, no estado do barão de Cabinda já ha muitos annos que não ha rei, porque ninguem quer ser eleito. O cargo do rei tem hoje, por ser muito pequeno o numero de subditos, encargos que não são de modo nenhum compensados pelas regalias: não vale a pena. Todos os evitam; e o povo lá se vai governando, sem rei nem roque.

Ora, representando a forma monarchica da organização social, como ella estava constituida em 1484, um aperfeiçoamento politico em relação ao regimen patriarchal anterior, em que posteriormente tornou a cahir, segue-se que o choque da nossa influencia alli determinou n'aquelle povo uma regressão politica, sem comtudo a produzir na sua civilização geral, o que sempre será bom affirmar-se para honra nossa.

E' preciso não perdermos de vista esta circumstancia do fraccionamento politico, já que ella se deu; bem como a outra, da hostilidade reciproca dos povos separados.

Estas circumstancias, habilmente aproveitadas, podem fornecer-nos um grande elemento de força, para a implantação e manutenção do nosso dominio effectivo, sem sacrificio de vidas portuguezas, e sem encargos para o thesouro publico.

Quando precisarmos de bater o indigena, batel-o-hemos com o outro indigena, que é seu inimigo e terá n'isso uma grande satisfação. Na occasião competente, desenvolverei este pensamento, como puder.

O rei do Congo, e bem assim todos os outros da raça con-

go propriamente dita que se foram tornando independentes, perderam a sua antiga designação indigena, para tomarem a portugueza de—*rei*.

Os reis e sobas da raça congo, são os senhores dos vassallos, que se dizem seus filhos; e usam todos como distinctivo da sua auctoridade, um barrete de fibras de annanaz, artisticamente tecido á mão. Alguns trazem sobre esse barrete, como enfeites, garras de leopardo, ou leão, pennas de papagaio etc.

Quasi todos possuem tambem um bastão symbolico; e alguns destes bastões têm castão de prata. Os reis de Cabinda, em logar de bastão usam uma especie de sceptro de pau, d'um feitio especial, todo esculpido, e um capello de palha de annanaz, feito e bordado com arte.

Os principes das margens do Zaire, onde mais actuou a nossa influencia religiosa e politica, substituiram as suas antigas insignias pela corôa, a que deram a forma religiosa do rozario, com um Christo crucificado pendente, e, significação politica da corôa real. Todos trazem ao peito este collar symbolico; e, quando o principe quer fazer-se obedecer lá longe da sua presença, manda por um seu cortezão a corôa que representa o rei, como se elle fôra presente, e pronunciasse as palavras do seu plenipotenciario.

Ha um instrumento, muito usado em ambas as margens do baixo Zaire, que annuncia a presença do rei, ou a transmissão das suas ordens: é o *chingongo* ou *gingongo*, um crescente de ferro d'um decimetro de diametro, tendo em cada extremidade uma campanula do mesmo metal tudo forjado n'uma só peça. O prefixo *chin*, ou *gin*, indica o plural da palavra *gongo*, ou *gonga*, que significa a campanula metalica. Os pretos

de Loanda chamam aos sinos *gonga*, depois, por translação, ás badaladas das horas, bem como ao tempo que ellas medem, *gingonga*.

O chingongo não tem badalos: toca-se sustentando a meia-lua com a mão esquerda e batendo nas campanulas com uma batuta de pau, com a mão direita.

Os diversos toques do chingongo annunciam as diversas ordens do rei; e são tão conhecidos do povo, como os toques das cornetas pelos militares.

Os negociantes das margens do Zaire acharam aproveitavel o invento. Costumam ter vigias em volta das feitorias, para annunciarem qualquer perigo, em geral o de incendio que é o mais temido. Este serviço é feito por turno entre os serviçaes da feitoria; e os pretos que estão de vigia têm obrigação de estar ininterruptamente a tocar *chingongo*, para o patrão ter a certeza de que elles velam. Se o *chingongo* deixou de tocar, foi porque o vigia adormeceu; tem por isso de ser castigado.

Os principes costumam reunir-se em assembléas, chamadas *fundações*, já para tratar das suas questões de interesse politico, já para julgar solemnemente as causas importantes. Preside a estas assembléas o mais velho dos principes que se chama o *mucorunto*, e toda a sua auctoridade sobre os outros principes, parece limitar-se ás attribuições de presidentes da assembléa, em quanto ella está reunida; porque dentro dos seus povos cada um manda independentemente dos outros.

As questões entre os brancos e os povos ou principes indigenas são tambem ventiladas e resolvidas n'estas assembléas. Estas questões são mais particularmente chamadas *palavras*.

É curioso ver como os extrangeiros empregam este termo, pronunciando-o e escrevendo-o, segundo a indole da sua res-

pectiva lingua, por ignorarem que é portuguez, muitas vezes em discursos e argumentos contra a nossa influencia e dominação n'aquelles povos!

Ha logares solemnemente destinados para as grandes fundações. Em Bôma havia um grande imbomdeiro junto da feitoria de Valle & Azevedo, sob cuja cópa costumavam reunir-se certas assembléas dos reis de Bôma.

Um dia o proprietario da feitoria, por intender que o imbondeiro o prejudicava, mandou-lhe cortar muitos ramos, apezar dos conselhos dos visinhos em sentido contrario. Os principes levaram o caso tanto a mal, que foi difficil evitar n'elle um verdadeiro *casus belli.*

Annunciada a convocação da assembléa, dirigem-se os principes para ella com o seu cortejo, a pé e a um de fundo. Na frente vai o tocador do *chingongo*, annunciando a passagem do rei. Reunidos os principes, e trocados os cumprimentos, toma a presidencia o *mucorunto*, têm logar as danças da pragmatica, e começa a exposição da questão, succedendo-se longos debates.

A questão, em geral, vai muito estudada, e com a solução assente; mas, se por ventura apparece argumento imprevisto d'alguma gravidade, suspende-se a sessão e a assembléa vai *beber agua*, isto é, vai reflectir em particular e discutir o caso em familia, cada principe com os seus. Esta hypothese dá-se amiudadas vezes, sempre que a questão é com brancos.

Quando na *fundação* intervem branco, ou pessoa estranha ao povo, os principes, apesar de fallarem o portuguez, tem sempre o chamado *bocca do rei*, para lhe transmittir tudo o que se diz e traduzir o que elle responde: muitas vezes é só um meio

de terem mais tempo para reflectir, ouvindo duas vezes a exposição.

Alem do *bocca do rei*, podem tambem intervir advogados. O Sacara N'baco (ou Ambaca) principe mussorongo ultimamente fallecido, era habitualmente o advogado dos brancos nas fundações de Bôma.

A fundação pode julgar questões civis, ou criminaes. A execução das deliberações pertence ao principe respectivo.

Nas questões civis, e nos crimes de feitiçaria, é muito empregado o *juramento*, como meio de prova.

O *juramento* consiste na propinacão d'um veneno ao accusado: vomital-o-ha, se estiver innocente; e morrerá, se estiver culpado, ficando n'este caso os parentes obrigados a indemnisação para com o queixoso, ou sua familia. Este veneno é sempre preparado e applicado pelo *quimbanda*, ou *ganga* (o medico, feiticeiro ou sacerdote), com muita solemnidade.

Poderá haver um ou outro *quimbanda* de boa fé; na generalidade, porém, são uns velhacos que sabem tirar todo o proveito do extraordinario poder de que dispõem.

Ha differentes especies de *juramento*, conforme os povos e as causas. O das margens do baixo Zaire chama-se *casca*, por ser preparado com uma casca venenosa. Prestar juramento, é *tomar casca*.

IX

Guerra

Os povos congos são, como já disse, menos guerreiros, do que os cafres; e, principalmente, menos sanguinarios e valorosos em combate.

Quando a guerra está imminente, começam, aquellas almas de creança, a ferver n'uma grande excitação. Nota-se, nos pequenos povos, qualquer coisa de semelhante ao que se passa nos formigueiros e nos cortiços d'abelhas, na proximidade das suas crises sociaes: movimentos mais accelerados; agitação manifestada em todos os sentidos; e um vozear que imita perfeitamente o murmurio dos momentos criticos das sociedades de hymenopteros. Até na uniformidade dos aspectos, na ausencia de fardamentos e apparatos bellicos, se parecem com aquelles animaes!

O principe discute muito com os *macotas*; e o *quimbanda* prepara as suas drogas, para o feitiço que por vias secretas matará os inimigos, evitando os seus golpes. *Cota* significa mais velho, e o perfixo *ma* indica plural, de sorte que *macota* são os anciãos.

Preparado o feitiço, expõe-se no centro da povoação para que todos se animem. Quando eu visitei Cabinda a primeira vez, vi uma grande panella de barro, cheia d'uma especie de lodo preto que exhalava mau cheiro, misturado com alguns vapores amoniacaes: era o feitiço de guerra onde os guerreiros iam todos os dias derramar os liquidos, segregados pelos proprios rins, a fim de se habilitarem para vencer. Dir-se-hia, que iam alli depositar o medo. Foram os filhos do barão de Cabinda que me mostraram esta curiosidade, e ma explicaram.

Assim prevenidos, com uma longa preparação, começam em fim a apparecer homens com armas, em pequenos grupos que se distribuem por traz das moitas proximas da povoação; dando tiros para o ar, gritando como possessos e fazendo pantomimas de ameaça simiana, contra uma arvore ou um

ter uma certa vantagem para o novo Estado Livre do Congo, em quanto não organiza a sua marinha de guerra, e não faz um tratado comnosco, para irmos lá pôr cobro aos disturbios dos mussorongos, como ha pouco tempo ainda fomos a Catalla e outros pontos.

Os povos das margens do Chiloango, tão fortes e guerreiros, como os mussorongos, tambem costumam fazer por alli disturbios e guerras, com que muito prejudicám o commercio cujos transportes se fazem todos pelo rio. Declarada a guerra, fica *posto chiqueiro* no rio, isto é, ficam sujeitos a ser presos e roubados todos os portadores de generos para permutar nas feitorias; e fica por conseguinte paralysado o commercio, em beneficio do principie que *pôz o chiqueiro*, e em prejuizo de todos os outros principes vizinhos, e dos negociantes.

Para evitar os maus effeitos d'este barbaro costume, mandou a casa Castro & Leitão, de Landana, construir em Inglaterra um pequeno vapor, proprio para os transportes no rio, e ao mesmo tempo para fazer fogo ao indigena da margem que incomodasse a navegação.

O vapor, esperou uma occasião opportuna para poder entrar na barra, e começou a fazer bom serviço no rio, acabando todos os *chiqueiros*, como por encanto. Mas uma vez deixou de navegar porque lhe faltaram alguns tubos na caldeira, e logo um dos principes mais atrevidos *poz chiqueiros*, e inquietou o commercio.

Rodrigues Leitão, actual visconde de Cacongo que é corajoso e respeitado, interveio directamente, e conseguiu a prisão do principe que devia ser julgado em fundação pouco depois da minha visita. Seria com todas as probabilidades, condemnado á morte; mas pouco se incommodaria com isso,

porque se faria substituir por um escravo que morresse em seu logar.

D'accordo com o desejo da colonia europea de Landana e Chiloango, representada pelo sr. Leitão, propuz ao governo que interviesse a tomar conta do principe, para o castigar efficazmente e evitar a morte do misero innocente escravo. Não seria preciso mais, do que leval-o para Loanda, ou Mossamedes, e deixal-o ficar lá.

Alguns povos tambem costumam levar á guerra, no centro da expedição, os seus mais respeitados idolos.

A casa franceza de Boma tomou uma vez ao gentio vizinho um idolo no campo da batalha. Os pobres pretos, depois, transigiam com todas as imposições, para obterem o seu deus; mas não cedeu o adversario e o idolo foi para um museu de França. O povo que o perdeu ficou desanimado, e creio mesmo que dissolvido.

Era um dos taes idolos anthropomorphos, todo coberto de grandes pregos pouco espetados dando ares d'um enorme ouriço cacheiro em pé. Vi-o n'um dos armazens da casa, quando fui a primeira vez a Boma, em 1881.

Ha ainda um outro objecto que tambem tem um grande prestigio para a guerra dos pretos congos: é uma corneta de marfim, que tem o bocal de lado. Esta corneta só toca nas occasiões solemnes das grandes expedições, ou de *terriveis* luctas; e, uma vez perdida, porque o inimigo a tomou, vae-se com ella toda a força moral.

X

Inquimbas

Vou fallar agora d'uma instituição que é uma verdadeira curiosidade ethnica no meio de povos tão atrazados: é um d'aquelles esforços, que as diversas civilizações fazem durante epochas muito longas da sua prehistoria, para afinal conseguirem um pequeno passo no caminho do progresso. Mesmo que a iniciativa da instituição não pertença áquelles povos, por a terem imitado d'algum outro, nem por isso fica menos verdadeira a minha asserção: demonstra-se n'esta instituição anceio de civilização, evidentemente.

Não sei se é só politica, se só religiosa, ou se é mixta. Parece ter de tudo um pouco; e isso é bem natural, porque as differenciações, em si, são já um indicio de grande adiantamento: só ha *divisão de trabalho* nos organismos superiores e nas sociedades aperfeiçoadas; e só ha divisões e classificações systematicas nos periodos superiores da manifestação do pensamento. Parecendo-me pois que a instituição tem elementos d'ambas as naturezas, trato d'ella em seguida a ambos os assumptos.

Quando em 1881 visitei o grande rio pela primeira vez, toda a minha attenção se empregou nos mais pequenos incidentes e objectos que via, sendo em muitos casos essa visão a primeira noticia que tinha d'elles. Eu ia, como a creança que tivesse vivido nas trevas até ao terceiro anno da sua vida, e de repente desse um passeio pelo mundo illuminado: a minha curiosidade infantil devia causar esta impressão aos meus

companheiros de viagem. Queria ver tudo, e ter explicações de tudo o que via. Já se me tinha deparado alguns minutos antes um hyppopotamo, esse phantastico pachiderme que com o vizinho crocodilo, no seu habitat, nos transporta por magicos encantos ás edades paleontologicas. A minha imaginação pairava ainda por esses mundos archaicos, povoando-os caprichosamente, quando por sobre as pontas d'uma cortina viva de viçoso capim se me apresentam, mesmo á margem direita do rio proximo da qual navegava, subindo, a lancha a vapor que me conduzia, uma fileira de quinze a vinte figuras humanas, extraordinariamente vestidas e pintadas de branco, dando todos os signaes de curiosidade e simultaneo medo supersticioso. Queriam observar de perto o vehiculo, mas temiam o seu extraordinario feitiço... um barco a navegar sem remos, e tão á sua vontade que ia tocando musica de batuque!

Depois — iam brancos no barco — era o omnipotente, o incomprehensivel feitiço dos brancos, contra o qual sempre será bom empregar o feitiço dos pretos. E agitavam um manipanso que tinham na mão, pronunciando a phrase magica de exorcismo,— *trrrra-ta-ta-ta-ta-ta-ta-ta!*...

— Que é isto, que gente é esta, perguntei eu, aturdido, aos meus companheiros, negociantes do Zaire?

— São os *inquimbas*, responderam elles, sorrindo-se entre admirados e complacentes da minha ignorancia.

— Mas o que são os *inquimbas*?

— São uns pretos...

Eram uns pretos que elles estavam habituados a ver, pintados assim de branco e vestidos com a sua extraordinaria saia de franjas, mas cuja razão de existencia, em tal modo de ser, conheciam quasi tão bem, como eu.

Os *inquimbas* foram todo o meu cuidado, em quanto me demorei em Boma—uns oito dias, approximadamente. Fui visital-os no seu convento; e procurei todas as informações que pude colher, de todas as pessoas que verosimilmente podessem dar-mas. Mas sahi do Zaire, em 1881, sem ainda ter podido definir bem o que fossem.

Voltei lá em 1882, na commissão do governo, a que já me referi, e ainda lá tornei em 1883, continuando sempre a tomar informações; e adiantei muito pouco ao que já sabia em 1881, e tinha apontado na minha carteira de viagem.

Em 1883 foi visitar o Zaire o inglez Johnston, que tinha ido a Angola em companhia de lord Mayo; e, na sua passagem por perto de Boma, sentiu, provavelmente, como eu, uma extraordinaria impressão ao contemplar os *inquimbas*. Dá summariamente conta d'essa impressão no seu livro editado ha pouco em Inglaterra.

Quando vi esta noticia, senti um certo despeito que a final não tem razão de ser, por não ter sido eu o primeiro a dar modernamente, ao mundo scientifico conhecimento d'um facto ethnico que me parece tão curioso. Em quanto eu esperava completar as minhas informações, foi elle dando as poucas que poude obter, e fez muito bem.

Resta-me porém a consolação de poder agora dal-as mais extensas do que as suas, apesar de incompletas ainda, e tomadas antes d'elle ir á Africa.

Os *inquimbas* são os alumnos do *feitiço* de *Inquimba;* e o *feitiço* de *Inquimba* é uma instituição cujas origens se perdem nas brumas do tempo, e cuja principal funcção é dar aos alumnos, seus iniciados, a sciencia de bem viver.

Esta instituição parece achar-se espalhada por toda a raça

congo propriamente dita. Nas proximidades de Boma ha uns poucos de conventos; em Cabinda accusaram-me a existencia da instituição; e, pelo pouco que me disseram a esse respeito, notei que a *casa da tinta* ou é uma instituição parallela, ou então o seu complemento.

Junto da Pedra do Feitiço vi um convento que, com o penedo proximo, deram o nome ao sitio.

O convento, ou seminario, dos inquimbas é constituido por um cercado de pavêas de palha aprumadas, juntas, com uma só entrada, e tendo a um dos cantos um espaço coberto, ou alpendre, tambem de palha.

Dentro do cercado, ou debaixo do alpendre, não se encontra nenhum movel, nem utensilio de cozinha: vêem-se apenas alguns manipansos, saiaes, *batuques* e mais artigos do uso do *ganga* (sacerdote, ou feiticeiro) ou dos alumnos, como *inquimbas*. E' vedada alli a entrada aos profanos: eu tive de observar do lado de fóra do portal do cercado — e por muito favor do ganga a quem dei de presente uma caixa de genebra.

O *ganga* é um preto velho de olhar intelligente e velhaco, mostrando que acredita só até meio na efficacia dos seus

ensinamentos: dispõe d'um grande prestigio sobre os seus; e é muito perito nas praticas dos seus ritos, dançando, tocando o batuque e agitando os manipansos e fetiches com pantomimas, complicadas de fingidas allucinações.

Os iniciados são creancas masculinas de qualquer extracção nobre, plebeia ou servil, contanto que sejam dos povos proximos. O escravo pode ser oriundo de muito longe. Entram em geral para o feitiço dos sete até aos doze annos; e demoram-se a fazer a sua instrucção tres ou quatro. Todas as creanças, sobrinhas dos principes ou seus parentes proximos, têm a educação do feitiço de Inquimba: seria uma vilania imperdoavel para um parente do rei, não ter sido educado alli. Os sobrinhos dos moradores ricos são os freqaentadores ordinarios. E até o escravo do senhor de consideração, ou que não tenha successor, pode ser admittido como *inquimba*, tornando-se pela iniciação pessoa livre: sómente lhe será prohibido tomar o nome de Matundo e Malanda que são destinados aos principes, e pessoas já distinctas antes da iniciação.

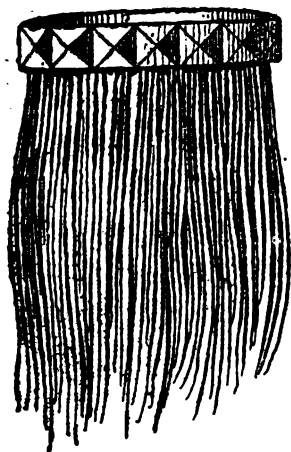
A cerimonia da iniciação tem logar de noite. A creança é tomada de improviso, conduzida pela familia, e entregue solemnemente ao feiticeiro, que a recebe com grande desenvolvimento d'um cerimonial de pantomimas e toques de batuque. Entretanto ministra-lhe um narcotico, e obriga-a a prestar um juramento solemne, de que nunca dirá a nenhum profano coisa nenhuma do que se passa no convento, nem ensinará nada do que alli aprendeu.

Este preceito fica solidamente guardado com a pena de morte que lhe será applicada pelo principe do seu povo, quando o transgredir.

Depois rapam-lhe o cabello, pintam-lhe todo o corpo de

branco, e vestem-lhe o saial. Nunca deixará de andar pintado de branco, nem de trazer vestido o saial, desde que no dia seguinte accorda n'este estado, em quanto fôr alumno do feitiço.

Se a creança não estava ainda circumcisada, acresce a todas as cerimonias da iniciação mais essa.

A pintura branca faz-se em todo o corpo, ficando apenas a carapinha preta, com uma especie de barro que exploram para esse fim; e tem de ser reformada sempre que não está bem viva e os inquimbas têm de apparecer diante de gente mas, se n'estas circumstancias lhe falta o barro, podem tambem caiar-se com farinha fina de mandioca, no caso de a terem á mão. Parece-me que esta caiação é sempre feita a secco, esfregando-se apenas com o pó.

Porque se pintarão elles de branco, e não d'outra côr?

Não consegui explicação. E' certo, porém, que a côr branca nem é a que agrada mais á sua esthetica, nem a das drogas que a sua intelligencia reputa de mais valor na feitiçaria, e na medicina.

Não haverá n'isto um anceio de se assemelharem ao branco? Sendo assim, o branco com quem desejam parecer-se não pode ser portuguez; porque os inquimbas existiam já, quando descubrimos o Zaire. Estará, muito longe no tempo, e no espaço — porventura no velho Egypto — o typo que desejam imitar.

O saial é formado por um arco de pau d'onde pende uma abundante franja, feita das nervuras medias das folhas de pal-

meira: cobre-lhe o corpo, desde a altura das mamillas até ao terço medio das tibias.

O arco é circular; e tem um diametro muito maior, do que o maior do thorax: parece-me até que poderia ser enfiado por cima nos hombros. A sua altura cylindrica terá uns cinco a oito centimetros; e a superficie externa do cylindro está toda ornada com desenhos quadrados recortados em diagonal.

A franja insere no arco pelo lado de dentro, e de modo que não se vê. Da mesma maneira se não vê como o saial se prende na cinta, notando-se comtudo que está seguro, deixando livre o arco, que pode de qualquer lado interno aproximar-se do corpo desviando-se do opposto. A franja chama-se em lingua de fiote (filhote, indigena) *guidemba* e na lingua sagrada chama-se *gimpoanva*; e ambas estas palavras significam em portuguez, cabellos. A translação de cabellos para franja é manifesta e natural. Mas note-se que esta franja sagrada é corredia, como os cabellos dos homens brancos.

Não sei que nome tem o saial em lingua de inquimba, nem mesmo sei se tem algum. Verifiquei todavia que pode ser designado com os nomes da franja, em ambas as linguas.

Só quem fôr inquimba pode tocar-lhe, sem commetter uma grande profanação.

Os inquimbas no acto da iniciação tomam nomes que só

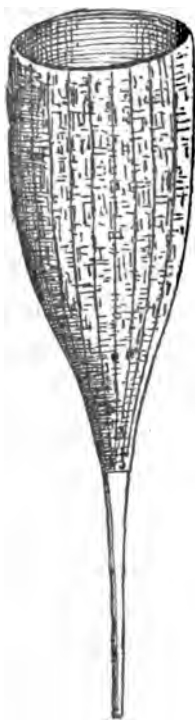
elles pódem usar. Os principaes d'esses nomes de que pude tomar nota são: Matúndo, Malânda, Sácara, Chinquélla, Lussálla, Luvúngo, Lutéte, Mavânvo, Chico, Massunda, Lubélla, Mamambondo, Júca, Quaquegicôngo, Chiâma, Pêso.

E' para notar que os nomes, Chico e Júca, sejam exactamente eguaes a duas abreviaturas de nomes nossos usados no Brazil e em Angola e Congo.

Os principes mussorongos gostam do nome Sácara, e uzam-no muito. O *inquimba* que foi escravo não pode tomar o nome de Matundo e Malanda, que são os dois idolos do manipanso dos exorcismos.

Desde a iniciação, o inquimba usa este manipanso que é do formato seguinte:

Sobre um cabo cylindrico de quinze centimetros d'altura estão esculpidas duas figuras humanas, ajoelhadas e assentadas sobre os calcanhares, pegadas pelas costas até á altura dos hombros, e tendo em cima das cabeças, a unil-as, um parallelepipedo de tres centimetros de altura, a que servem de cariatides. A figura que se chama Matundo, o deus masculino, tem na cara o desenho com que os indigenas costumam significar a barba; a outra, Malanda, o deus femenino, tem a cara lisa e seios de mulher. Ambas têm os braços flectidos e assentes sobre o thorax, com as mãos levantadas diante do esterno, em posição semelhante á que nós empregamos para rezar. A altura total do manipanso andará por quarenta centimetros.

Da cinta das figuras estão pendentes muitos fios com pedaços de casca d'um fructo de certa leguminosa presos na ponta formando uma especie de franja que lhes cobre as pernas e, ao agitar-se o manipanso, produz uma casquinada especial.

A arvore que produz estas grandes vagens chama-se *Mabulan-panza maçansangana* em fiote; e compõe-se das palavras *búla*, (quebrar), *panza*, (feijão), *maçansangana*, (espalhar). Todas estas palavras servem para indicar a rapidez e estrondo com que a vagem abre, depois de madura, arremessando os grãos para longe. E é d'esta circumstancia que se tirou o poder sobrenatural que tem o manipanso de destruir todos os feitiços, desviando-os para longe.

No exercicio dos mysterios de Inquimba o *ganga* emprega tres bocetas d'um feitio conico, com o vertice muito prolongado, servindo de cabo.

Estas bocetas são de pau e palhas muito bem tecidas; e estão cheias de grãos e *milongos:* quando se agitam fazem um sussurro especial. A mais pequena denomina-se *Xangamo* em fiote, e *Chiofe* em lingua de inquimba, e terá 27 centimetros de comprimento; a media é *Xambumba* em fiote, e *Nemoa* em inquimba; e a maior denomina-se *Bingo* e terá 32 centimetros de comprimento.

Ha tambem uma especie de sceptro de que o ganga se serve no exercicio dos mysterios para impôr a sua authoridade, gesticulando com elle em momentos solemnes. Chama-se em fiote *côco*, e em inquimba *cancato:* é feito d'um pau chamado *lembanzau* que quer dizer feitiço (lemba) do elephante (n'zau). Este sceptro é cylindrico no cabo e quadrado para diante,

tendo a separação bordada por cintas salientes e todo o comprimento coberto de desenhos de estylo indigena.[1]

Logo em seguida á iniciação aprendem as creanças uma lingua liturgica que só é conhecida dos inquimbas, e guardada em segredo com a mencionada pena de morte. E' esta lingua a que se falla no feitiço, quer nos mysterios, quer fóra d'elles.

Desejei obter um vocabulario dos termos, e metti bons empenhos para que um perito desempoado e irresponsavel m'o ensinasse. O homem escolhido foi o principe Sacara Ambaca, que se prestou com a melhor boa vontade apparente.

Começei a escrever, e, depois de muitas emendas para firmar bem a pronuncia que elle ia mudando, notei que o homem me repetia palavras com significações diversas. Arguido por mim, declarou que estava um pouco perturbado pelo alcool, e por isso não sabia bem o que dizia.

Todo o meu trabalho estava perdido. O patife tinha-me enganado, para não violar o seu juramento de inquimba: nem uma só palavra era verdadeira!

Depois, pude tirar algumas a um pequeno Sácara, ao serviço d'uma casa portugueza de Boma. Por ingenuidade disse-as verdadeiras, mas muito poucas, declarando que seria morto, se alguem do seu povo soubesse que elle me tinha ensinado aquelle pouco.

Mais tarde encontrei o sobrinho do barão de Cabinda, chamado Frederico, rapaz que foi educado na Europa e vive como

---

[1] Os desenhos, relativos aos inquimbas, foram obsequiosamente feitos pelo nosso eximio artista, o sr. Raphael Bordallo Pinheiro, á vista dos meus mal-ageitados croquis, que tive de completar com informações verbaes.

Aqui lhe deixo consignado o meu agradecimento, bem certo de que as figuras serão a parte mais apreciavel de toda a noticia que dou dos inquimbas.

branco, e foi esse quem me disse tudo aquillo de que ainda se lembrava, suggerindo-me de novo, ou confirmando apenas as informações, e a quasi totalidade de vocabulos que aqui aponto.

Ahi vai o vocabulario que pude obter, nas tres linguas: inquimba, portuguez e fiote. Procurei escrevel-o com as letras do nosso alphabeto que melhor se prestassem á producção dos sons respectivos, em harmonia com a nossa orthographia.

Inquimba	Portuguez	Fiote
Béfa	Cabra	N'combo
Befa-quianchiefa	Veado	N'bige-a-sube
Benvunguilla	Prato	Lubuque
Boamoaresa	Trazer	Tuála
Boveliate	Morrer	Fui
Buênvela	Garrafa	Boata
Buinva	Dedo	Lembo
Cáfa	Tabaco	Songa
Cáfado	Faca	N'belle
Cava	Gato	Inhau
Coezia	Sim	*Um signal com os olhos*
	Pintura dos inquimbas	Cucúça
	Pintar o corpo	Cucúça impêso
Cufaca guve	Alto	Cula
Cufaca guve coene	Baixo	Cufe
Cufe	Mulher	Uuquentu
Cufe nenonisa ximexime	Parir	Buta
Cumualabula	Cama	Chica
Cunva	Colher de pau	Luto
Dafuca	Sahir	Bótuca, Cátuca
Dáfula	Tirar	Bótula
Deva	Boi	N'gombe
Douve	Palmeira	N'ba
Dufa	Barriga	N'vumo
Dúnvila	Panella	Tunda
Dunviláte	Cabeça	N'tu
Giana	Dar	Vándica
Gimpoanva	Saial do inquimba	Gindemba
Gimpoanva	Cabellos	Gindemba
Gimpoanva	Testiculos	Macata

Inquimba	Portuguez	Fiote
Gimpulanca	Nariz	Zuno
Ginchiunvo	Cabello	Gindemba, Malange
Ginguiálo	Mãos	Maco
Ginguiálo	Braços	Maco
Ginguiofa	Pés	Málo
Ginguiofa	Pernas	Malo
Gíri	Escravo	Moái
Goene	Não	Cána
Gubia nxomba	De sua mãe	Guaco
Guebo	Vossa Mercê	N'guce
Guiove	Fogo	N'baso
Inlucuefo	Comida	Iúma
Itanve	Vinho de palma	Nhava
Iubuca	Morte	Fuá
Jábana	Alli	Baná
Jabo	D'ahi	Banà
Jaca jabuege	Por	Tula
Jangamenomudufa	Fecundar a femea	Cumele-ime
Jangire	Oito	Nana
Jarba douvele	Estou aqui	
Jianta	Copular	Chemba
Julufo	Feijão	Madezo
Julumoa	Dor	Muitanta
Julumoa	Doença	N'bella
Julumoa-goene	Saude	Cubote
Lábula	Dormir	Lala
Lábula	Agua	Maza
Lafá quiaba	Toma, leva isto	
Lanve	Mulher	N'xeto, Unquento
Levo laboanvo	Espelho	
	O cercado dos inquimbas	Livoála
Lumbôfa	Deus mau, Lua	N'gonde
Lumbôfa	Cèo	Muine
Lumbôfa	Estrella	Nanimbota
Lunguenva	Vagina	Nono, bolo, inquindi
Mabenvuguilla	Pancada	Bula, Oanda
Macêvo	Ouvidos	Mato
Machenva	Dançar	Muquina
Maiossa	Polvora	Ginfula
Majarta	Crocodilo	N'gando

Inquimba	Portuguez	Fiote
Majarta	Gato	Inhau
Mancufa	Correr	Viasintino
Minguinvica	Lenha	Cune
Moimvomoa	Penis	Mossete
Movemene	Homem branco	Mondelle
Munifa	Porco	N'gullo
Namongire	Nove	Évoa
N'bifo	Excremento	Tuvi
N'boanva	Olhos	Meço
N'ófila	Carneiro	Meme
N'çado	Mão, dedos	Mioco, Milembo
N'çado-culo	Pernas, Pés	Tambi
N'dafa	Feitiço	N'quiche
N'dafo	Tres	Tato
N'gofe	Um	Coche
	Tambor comprido	N'goma
N'guiove	Dois	Cóle
N'guiove	Fogo	N'bazo
N'hunva	Agua	Lango, Maza
Nifa	Rato	Impuco
Ninva	Andar	Uliáta
N'jabolo	Cachimbo	Timba
N'jana	Dar	Pániça
N'jômo	Eu	Mono
N'julufo	Comida	Uria
N'sandi	Fructo	Bulenfumo
N'sumpu	Agua	Maza
N'tamo	Cinco	Tano
N'xalangana	Seis	Sambamo
N'xalo	Carvão	Macálla
N'xana	Dez	Acume
N'xofe	Câo	Imboa
N'xovo	Casa	Chimbeque
N'xufu	Prato	Longa
	Barrete do rei	N'zita
N'zubo	Cinza	Mabufo
Puinva	Ginguba	Pinda
Quefequefe	Penis	Mossete, N'via
Quembumua	Dança	China
Quianguba	Bom	Chibote

Inquimba	Portuguez	Flote
Quianguba goene	Mau	Chibi
Quigibu	Terra	Serguenene
Quileca, Coezia	Sim	*Movimento de sobran.***
Quinguanva	Gente	Iántu
Quinguene	Urina	Massuba
Quinguianva	Homem preto	N'dombe
Quinhonva	Que vem	
Riafa	Tirar	Bonga
Ritenva	Espingarda	N'quella
Sobo	Mandioca	Manioca
Subuca	Morte	Fuá
Tongoa	Deus	Zambi
Téfila	Comer	Uriá, liá, riá
Tenve	Sol	Muine
Tofa	Nadegas	Mataco, Fune
Tonve	Aguardente	Malavo, Manguála
Tucufo	Tecidos d'algodão	Bongo
Txinguensanguenva	Vento	Pemo
Xamongire	Sete	Samboar
Xatampaomba	Tabaco	Songa
Xefa	Pedir	Tambica
Xicine	Bocca	Mûa
Xiefa	Grande	Xenene
Xinguiana	Filho	Moano
Xinguava	Homem que não esteve no feitiço do inquimba	N'bacala
Xiorase	Gallinha	N'çuço
Xufu, Cufu	Mulher	Unquentu
Zinvo	Milho	Manha

Tal é o vocabulario que pude obter.

Tinha ainda mais algumas palavras, mas por via de duvidas na interpretação dos meus apontamentos, que são do anno de 1881, resolvi omittil-as, dando apenas conta d'aquellas que pude ler bem. Algumas vão repetidas por assim me terem sido apresentadas, com alterações de pronuncia nas diversas localidades onde colhi informações; outras vão escriptas

com orthographias diversas, a ver se melhor se lhe pode apanhar a pronuncia especial.

Os iniciados aprendem esta lingua e as lições do mestre. O objecto porém do ensino é conservado em segredo, bem como as praticas mysteriosas que se cifram em danças, pantomimas, toques de batuque e gestos cadenciados do ganga, com o *bingo,* ou o *côco,* na mão.

Os inquimbas comtudo podem sahir do convento; e sahem muitas vezes em serviço d'elle, ou do ganga, ou mesmo de pessoas de fóra. Tambem podem dançar cá fóra; e são até muito celebres no sitio as suas danças. Devem porém andar sempre munidos do manipanso dos exorcismos, para que nenhum mal lhes aconteça.

Os deveres dos inquimbas resumem-se: em guardar segredo, sob pena de morte; não se lavar nunca; fugir da comida cozinhada, e até da louça; evitar o contacto de mulheres; trabalhar pela instituição; e ter sempre prompto o manipanso dos exorcismos. Os seus direitos são: ter um nome respeitado; uma sciencia reconhecida; o poder de desfazer todos os feitiços e prender todos os feiticeiros; entrada franca em casa dos principes, a toda a hora; na das princezas, e até na da *lemba* — o que para qualquer mortal implica pena de morte.

E aqui está quanto pude averiguar do feitiço de inquimba.

A lingua liturgica será uma sobrevivencia, conservada na religião como o nosso latim? Será uma invenção especial, aperfeiçoada constantemente para encobrir aos profanos os mysterios?

Respondam os peritos, se para isso chegam os apontamentos que ahi deixamos. Notam-se, porém, no pequeno glossario que apresento alguns nomes que são de coisas novas,

importadas e conhecidas depois do contacto comnosco; e, se não são translações de idéas e palavras antigas, devem ser invenção especial para denominar essas cousas. Tambem se nota um certo parentesco entre a lingua sagrada e o *fiote*.

Não devo omittir que os meus esforços, para chegar á definição da instituição, pararam sempre n'esta informação suprema — os ricos mandam as creanças para inquimba, a fim de aplacar as iras dos idolos e arredar as calamidades.

Este traço parece accentuar a natureza religiosa da instituição. Estará porventura n'ella um esforço para destruir a adoração dos idolos maus, creados pela religião do terror?

Estar-se-ha, n'aquella especie de maçonaria, lançando os fundamentos da religião do amor? Para que se eleva o inquimba? Para que se liberta o escravo? Que razão póde ter o extraordinario poder do inquimba em arredar todos os feitiços, destruindo-os com o seu?

Não sei.

Quando pela primeira vez os observei, enfileirados, examinando a lancha a vapor em que eu navegava, e agitando o manipanso para evitar os meus feitiços, contrastava o meu pasmo excitado, com a attitude melancholica d'uma ibis pousada n'uma palmeira ao lado contemplando tudo, immovel, com o longo bico inclinado — parecia-me um ponto de interrogação, representativo da minha curiosidade e duvidas, insinuando meditações do Egypto.

XI

Industria

A industria dos povos congos está ainda muito longe de merecer, a sério, este pomposo titulo. É forçoso, todavia, confessar que outros povos a têm mais atrazada.

As suas armas são a clava curta, o *quicesso* e a faca.

A clava é sempre feita d'um pau muito duro e pesado, tendo, para o lado opposto ao cabo, um grande desenvolvimento de madeira que lhe dá o aspecto da mão d'um grande gral, e a torna muito geitosa para dar fortes pancadas. Ás vezes é levemente cannelada em quasi toda a sua superficie, e outras tem a moca em fórma de cabeça humana, ou eriçada de bicos.

O *quicesso* é a clava, tendo espetada na sua parte mais grossa uma haste de ferro que termina em gume, ficando este no mesmo plano do cabo e em posição semelhante á dos nossos machados: póde servir de arma para a guerra, mas emprega-se vulgarmente nos usos da vida de paz. Os de guerra são em geral mais finos, e têm o limbo do gume de fórmas variadas.

Nas povoações civilizadas do littoral, costumam alguns pretos bordar os cabos dos *quicessos* de guerra, e das clavas de luxo, vestindo-os de missanga de côres, formando desenhos no seu estylo.

Em parte nenhuma, dos povos a que tenho chamado congos, encontrei o arco de guerra, ou de caça, com as settas respectivas; nem a azagaia, que só vi usar aos povos a que chamei cafres. Este traço ethnographico ainda serve para mostrar a superioridade dos cafres sobre os congos, quando seja

preciso mais um argumento, visto que o arco já representa uma grande descoberta na industria humana.

Os congos já hoje quasi não usam as suas armas na caça, nem na guerra. Trocaram-nas pelas nossas. Empregam a espingarda antiga de silex de carregar pela bocca, lazarina ou reiuna, conforme os povos; e usam as nossas facas, e uma especie de tosco alfange que a industria europêa destina aos usos agricolas, das fazendas dos tropicos. O quicesso dos usos domesticos continua a estar em voga; mas o outro e a clava, apesar de não servirem, são ainda tidos em estimação e empregados, geralmente como ornato. O facto de os cobrirem de missangas indica a consideração que lhes tributam.

Fabricavam toscas facas de ferro que conseguiam afiar, até ao ponto de se servirem d'ellas para rapar o cabello, e ainda hoje alguns povos mais internados as fazem e usam; mas os do littoral empregam todos as facas da Europa nos usos da vida e até já se servem das nossas navalhas de barba.

A olaria está ainda muito no principio. Fabricam só panellas, *sangas* e *moringues*, tudo sem azas e feito á mão. Desconhecem o emprego da roda. A panella e a sanga têm os fundos ovaes; e só os moringues é que vão agora tentando um fundo chato, por ora muito mal feito, sobre o qual a vasilha se mantenha na posição vertical, n'uma superficie liza e dura.

A sanga e o moringue servem para agua; e a panella serve para cozinhar e comer. Mas ha sangas de bocal muito estreito que tambem se empregam nos *batuques* (bailes) para dar notas graves, soprando-lhe com a bocca.

Começam já a gravar-se uns toscos desenhos sobre estas peças.

Servem-se tambem para conter liquidos das cabaças vege-

taes a que chamam *binda*. Os cabindas e os mussorongos desenham sobre estas cabaças, com a ponta da faca, cintas e quadrilateros compostos de muitas linhas parallelas.

Os povos congos vão substituindo as suas louças pelas nossas—o mesmo que fazem com as armas. Um dos grandes artigos de permutação entre estes povos são os pratos, canecas, bacias, jarros, etc., da producção barata de Inglaterra. Fomos nós quem os habituamos com as nossas louças que os extrangeiros a principio tinham de imitar para serem aceites: hoje ninguem procura já falsificar os nossos antigos padrões, que vão caindo em desuso, apezar de ainda não terem tido tempo de se aperfeiçoar!

Tambem já usam garrafas, frascos, garrafões e copos de vidro, para as suas bebidas alcoolicas.

O principal artigo de vestuario dos povos congos era, e ainda é para alguns, a *mabella* que é uma esteira de palha fina, amarella e tecida á mão, do tamanho d'um grande guardanapo.

A mabella em si já representa um grande progresso; mas os ambaquistas aperfeiçoaram-na ainda mais, fiando o algodão e tecendo com elle tangas grossas e fartas com que se cobrem do frio. Estas tangas são hoje muito raras, por causa da decadencia d'aquelle povo a que por vezes me tenho referido. Fiavam o algodão com um pau que ainda não tinha o volante do nosso fuso popular; e teciam, empregando simplesmente uma regua para endireitar e bater o fio — sem mais complicações de tear, ou outros machinismos.

Hoje, porém, quasi todos os povos se vestem com tecidos de algodão de Manchester; exceptuam-se apenas, como já disse, alguns que ainda vestem a sua mabella.

Como sobrevivencia do primitivo vestuario, apparece ainda, até nos cabindas que já vestem casaco, uma pequena pelle de macaco, ou de lontra, pendente da cinta para o lado de diante.

Todos os povos congos fazem uns barretes, mais ou menos perfeitos, da mesma palha das mabellas, ou então de fios do ananaz. Quanto mais para o norte, mais perfeitos e usados são estes barretes. Os dos povos congos são de fios de ananaz e feitos com muita arte apresentando bonitos desenhos do seu estylo, em alto relevo. O barrete d'esta ordem é destinado ao uso dos reis — era a sua antiga corôa — e ainda hoje é usado como symbolo, ao lado dos outros de que fallei. Chama-se *n'zita*.

Os populares tambem se enfeitam com barretes mais simples;—são baixos, e do feitio dos bonnets de fachina das nossas praças de pret.

Os cabindas fazem, para seu uso, pentes muito fortes, unindo com fios de palha, em disposição de tecido com lavores, muitas hastes da casca dura da folha da palmeira, que são os dentes. Estes pentes têm um feitio original: vão sendo tambem substituidos pelos da nossa fabricação européa.

Todos usam para cama uma esteira forte, feita de junco molle, do tamanho do corpo e um pouco mais larga, do que elle. Os cabindas, e outros que não têm o habito de dormir no chão, estendem esta esteira sobre uma pequena tarimba da sua largura e comprimento feita de cannas atravessadas sobre dois paus compridos que são sustentados por quatro estacas cravadas no chão. A esteira chama-se *chiça* entre quasi todos os povos que a usam.

Alguns fabricam tambem, para lhes servir de travesseiro

uma pequena peça de pau, com superficies planas em cinco lados, tendo para assento da cabeça, no sexto lado, a fórma d'um crescente. Este travesseiro, ás vezes, é ao mesmo tempo uma caixa.

Os cabindas já usam uma pequena almofada, cheia de sumauma e apesar d'isso muito dura, porque está muito apertada e suja, em geral. Mas a maioria dos pretos congos não procuram travesseiro para dormir: apoiam a cabeça sobre um dos braços.

Muito maiores do que estas esteiras fabricam elles os *loandos*, grandes esteiras semelhantes ás nossas de bunho, com a differença de ser o junco muito mais rijo e atravessado pelos fios de urdir, que são uns quatro ou seis. Os loandos são em geral destinados a servir de paredes lateraes dos *chimbeques*, e em muitos casos têm entretecidos desenhos feitos de palhas, mais finas e flexiveis que corroboram a urdidura. Tambem podem servir excepcionalmente para cama, quando se reune muita gente, e não ha esteiras para todos, como acontece frequentemente nos *obitos*.

Todos os congos sabem fazer *quindas*, cestos de palha muito semelhantes na textura, e até no formato, ás nossas teigas: fazem umas tão bem tecidas, que seguram a agua, e são empregadas para fazer as papas de farinha. As de Loanda, Malange, Golungo Alto, Cabinda e outras, são celebres por este motivo; e as de Pungo Andongo, que são mais particularmente designadas com o nome de balaios, são notaveis pelo colorido da palha e pelos bordados de missanga, de que algumas são litteralmente cobertas.

As palhas dos balaios de Pungo Andongo são pintadas com tintas vegetaes; e, apesar d'isso, são notaveis pela viveza e duração do colorido.

Os formatos das quindas eram originariamente semelhantes; depois, o desejo de imitar a arte europea levou os auctores a fazer bandejas com chavenas e bule, pratos etc.

Os cabindas fazem tambem umas caixas de madeira, de fórma geralmente cylindrica, cobertas d'um tecido bordado de palha de côres: chamam-lhe *gongas*. Têm tampa de encaixe; e são feitas de modo tal, que a mais pequena da duzia entra dentro da immediatamente maior, e esta na outra etc: — de maneira que todas ficam dentro da maior.

Os mussorongos fabricam tambem, de varetas tiradas da folha da palmeira, tecidas com junco, uns cestos semelhantes aos que se usam em Coimbra feitos de correias de madeira de castanho, faltando apenas aos dos mussorongos o arco, ou as azas.

Todos os congos tentam já tirar d'algum tronco mais molle uma só taboa, debastando o madeiro d'ambos os lados com o *quicesso*. Comprei em Pungo Andondo algumas d'estas taboas para fazer, como fiz por minhas proprias mãos, uma estante para os meus livros e prateleiras para a minha dispensa. Foi-me preciso este expediente, porque nem tinha onde as comprar, nem quem m'as fizesse.

Estas taboas em Pungo Andongo são geralmente destinadas para portas das *cubatas*, levando cada portal uma só; ou para mesas e *quialos* dos sobas e ricos moradores. Em Cabinda são para remos das embarcações indigenas; para alizares d'algumas portas; ou mesmo, já algumas vezes, para construcções urbanas e navaes mais aprimoradas.

Os cabindas escolhem, para tirar estas taboas, uma madeira muito compacta, molle e leve, semelhante, até na côr, á madeira das nossas figueiras. Esta madeira é conheci-

da, por antonomasia, com o nome de madeira de Cabinda, em rasão das taboas e esculpturas ordinarias a terem tornado conhecida fóra.

Para o destino especial do remo já empregam uma outra madeira mais dura, sem ser todavia das optimas madeiras duras, pesadas, compactas e lindissimas em que o paiz abunda, como já tive ensejo de dizer.

É da madeira, chamada de Cabinda, que os esculptores indigenas fazem os idolos, os manipansos, e tambem as estatuas de costumes que parecem ensaios para o aperfeiçoamento dos idolos. Não me consta que haja industriaes vivendo d'isso: apparece um ou outro curioso que os faz, sem os destinar ao mercado, muito embora venha a vendel-os para as collecções europeas, ou para ornamento do *feitiço* dos negociantes; e d'entre estes curiosos o mais importante e conhecido será o fabricante do idolo da tribu, quando ella precise de o reformar, ou inventar.

Os pretos do Loango são insignes em esculpir o dente do elephante e do hyppopotamo. Costumam traçar uma espiral em alto relevo desde a base do dente até á sua ponta, e sobre ella esculpir tambem em relevo sobre o dente figuras humanas, outras vezes traçam quadros completos de costumes indigenas.

São tambem eximios em imitar a firma do *branco* sobre uma argola de guardanapo feita da base d'um dente de elephante ou hyppopotamo. Houve no Zaire, em Boma, um preto que fazia d'estas argolas, mas era do Loango; e não me consta que os outros congos do sul levem a arte de trabalhar o marfim tão longe, como os loangos.

Os mussorongos usam pulseiras de marfim, fabricadas

pelos seus artifices; mas são todas lisas, e ainda assim trazidas sómente pelos principes, *lingsteres* e *curadores*.

Os cabindas e mussorongos usam em logar do *quialo* (cadeira) dos outros povos congos, o *ximbando*, que é um tamborete feito de toros de bordão enfiados por ambas as pontas em quatro hastes verticaes até á altura d'um assento regular, tendo ahi uma cobertura rasa feita de correias do bordão tecidas a imitar grosseiramente os nossos assentos de palhinha. Alguns ximbandos são compridos e largos parodiando sophas; e estes muitas vezes são empregados, pelos negociantes menos abonados, como leitos, sobre os quaes se colloca um colchão e se faz a cama. Os ximbandos não têm espaldar; e alguns pretendem até imitar commodas, com uma ou mais gavetas, grosseirissimas.

As canôas indigenas, como já tive occasião de dizer, são tanto mais perfeitas, quanto mais de sul para o norte se avança. São todas d'um pau só, exceptuando as do Quicembo, que são feitas de dois. O pau em geral escolhido para a construcção das canôas é a *mufumeira*, grande arvore que habita a zona baixa junto das margens dos rios, ou então as florestas da zona media.

A arvore é abatida com muito trabalho, se o indigena não consegue alcançar um machado dos nossos, o que raras vezes succederá. Depois de estendido o tronco, e separado das pernadas inuteis, talha-se a parte exterior do fundo, deixando-a, tanto quanto possivel, proxima d'um só plano horisontal.

Em seguida vira-se o pau, e começa-se então a escavar a cavidade empregando-se na tarefa dois ou mais operarios muitos dias.

No districto de Loanda a capacidade da canôa (*dongo*) obe-

dece ao formato exterior do lenho: e assim succede d'alli até ao Zaire, inclusive; mas d'ahi para o norte já a borda leva algum apparelho exterior, e até a embarcação chega a ter esboçada a pôpa e a prôa, e mesmo uma quilha rudimentar.

As canôas com que os pretos do Quicembo se aventuram no mar são, como disse, feitas de dois troncos, cavados e unidos de maneira a semelhar as duas cascas d'uma vagem cylindrica, unidas ainda por uma parte e levemente abertas e pouco separadas pela outra. Os dois madeiros conservam a posição indicada, porque estão muito ligados com cavilhas de pau e cipós, e tudo muito calafetado com fios e resinas.

Esta disposição da canôa torna muito incommoda a posição dos tripulantes, porque só podem por um pé adiante do outro no fundo da embarcação por ser a fenda muito estreita; mas dá-lhe a grande vantagem de não deixar entrar senão muito pouca agua da vaga, que lhe passe por cima — constituindo uma especie de tombadilho rudimentar. A agua que entra com a agitação da mareta, que é alli quasi constante, esgota-se com facilidade, dando tempo a que a tripulação manobre e pesque á sua vontade.

Estas canôas têm, como é obvio, a vantagem de entrar no mar em occasião em que outras, de bocca completamente aberta, não poderiam.

Os remos são em geral d'um pau só e curtos; mas perto de Loanda usa-se ás vezes servindo de remo uma vara de bordão (palmeira assim chamada) tendo na extremidade dois pedaços pregados dos lados a formar o espalmado do remo.

As canôas assim construidas servem para navegar no mar, ou nos rios: as dos quicembos são especialmente destinadas para o mar.

No mar são em geral levadas a remos. Só os pretos da ilha de Loanda, os *muchiloandas*, sabem armar uma ou duas velas, feitas de mabellas cosidas, sobre os seus toscos *dongos*; mas isto é evidentemente uma imitação da nossa arte de navegar. Nos rios são as canôas levadas tambem a remos, quando a agua é funda, e á vara quando é baixa. Levar o barco á vara diz-se *chambica*, propellil-o a remos é *vuilla*.

Os remos sustentam-se nas mãos, indo os remadores em pé. Quando é um só, o remador vai á pôpa, e com o remo governa; quando são muitos vão os principaes á prôa a remar e um ou dois, o maximo, á pôpa a governar.

Os pretos da ilha de Loanda tambem já usam, por excepção, o remo apoiado na borda do *dongo*, como alavanca interfixa. Aprenderam comnosco.

Vi uma vez no Zaire, perto da ilha denominada, Quissanga, dois mussorongos vogando rio acima, tranquillamente sentados no fundo da sua canôa que uma viração fresca pela pôpa impellia, fazendo vergar um ramo de palmeira, que elles tinham armado em guiza de vela: era, evidentemente, o saborear da primeira tentativa da descoberta de novo propulsor para a sua tosca embarcação!

Todos os povos congos que vivem perto do mar ou dos rios são pescadores.

Nos rios servem-se de tres especies de armadilhas para apanhar o peixe. Empregam uma semelhante á nossa e assentando no mesmo principio, feita de varetas de *bordão* ligadas por cordas de junco a tecer, onde apanham pequenos peixes e camarões, havendo-os no sitio. Fazem junto das restingas de areia cercados de estacas muito juntas, tecidas depois com hervas, tendo apenas uma pequena entrada por onde se in-

troduza o peixe, em geral *cacusso* ou *bagre;* e, quando algum entrou, vedam-lhe a abertura, e perseguem-no sobre a areia, apanhando-o muitas vezes com a mão. E no Zaire fazem, entre as raizes do *mangue* um cercado semelhante a este ultimo, sómente mais forte, deixando-lhe a entrada em disposição tal, que qualquer animal ao transpol-a faz baixar automaticamente um madeiro que a fecha.

Esta armadilha é destinada a apanhar o animal de que fallei, o qual não pude classificar, por nunca o ter visto, nem obtido d'elle informações congruentes: não sei se será um cetaceo, semelhante ao lamantino, ou se um roedor semelhante ao cabiae da America. Chamam-lhe lá *porco de agua.*

No mar servem-se de instrumentos que accusam a nossa influencia e civilisação, apesar de fabricados já por elles.

Usa-se em toda a costa a linha de pesca, armada de anzoes de aço. Os cabindas fazem de cipós muito delgados e compridos, a que chamam *muchinga* (cordas), uma rede de mangas que lançam junto da praia, servindo-se das canôas para dar o lanço, e tirando depois a rede para a praia, como se faz nas costas do norte de Portugal.

N'esta rede pescam por vezes muito peixe; e, apesar das malhas serem irregulares e muito largas, tiram grande quantidade de camarão em que a costa abunda.

Os mussorongos de junto da foz do Zaire, e os cabindas, usam tambem a tarrafa; fazem-na e servem-se d'ella, como os nossos pescadores. Os mussorongos costumam dar carreiras sobre os bancos d'arêa, quando a agua sobre elles tem apenas dois a quatro decimetros d'altura; e, depois de terem corrido durante uns dez a vinte metros, param de repente, e lançam a tarrafa muito para diante. O seu fim parece ser es-

pantar o peixe, e obrigal-o a ajuntar-se na orbita d'uma linha de respeito sobre a qual depois deixam cair a rede. É de notar, que não tenham medo dos crocodilos, abundantes no sitio.

Os pretos congos são ferreiros, desde a mais remota antiguidade; e têm para extrahir e forjar o ferro, os instrumentos e a habilidade de que n'outro logar já dei conta. Activam a combustão por meio d'um folle de dois tympanos, os quaes ambos vão impellir a corrente de ar contra um tubo de barro cozido que a leva até ao centro dos carvões incandescentes. Este folle sem valvulas é já hoje bem conhecido, pela descripção dos exploradores: é em geral tocado por um rapaz aproveitando a occasião para marcar, com o bater alternado, a cadencia d'uma melopéa que canta.

Todos os artifices pretos fazem o mesmo. Os tanoeiros a rebater pipas, os latoeiros a bater a lata e os carpinteiros a ripar tectos, fazem cadencias, contratempos e trinados com o martellar, que são bem conhecidos em Loanda, no Dondo etc.

Todos os transportes são ainda hoje feitos ás costas dos pretos carregadores. O pouco que os boers, e os proprietarios de Mossamedes e Loanda transportam nos seus carros de bois, e os pequenos auxilios prestados por alguns bons cavallos a leste de Loanda, não são ainda sufficientes para fazerem uma excepção notavel, a esta regra geral dos transportes em Angola. E então nos territorios do Congo podemos affirmar que nem essa excepção existe: todos os transportes são alli feitos, ou ás costas de pretos, ou nas embarcações.

Cada preto affeiçôa a sua carga, quando ella é divisivel, dentro d'uma especie de cesto (*mutete, moamba*) feito de duas folhas de palmeira com as palmas entretecidas e as hastes sa-

lientes para diante. Esta disposição das hastes auxilia o descanço do carregador, quando elle não encontra um poiso elevado onde descançar a carga: nesse caso inclina as hastes para o chão, e descança-lhe a carga em cima, limitando-se apenas a mantel-a em equilibrio.

Os europeus, e os indigenas civilisados ou muito importantes, nas suas jornadas pelo sertão, são tambem conduzidos por pretos carregadores na *tipoia*, que é uma rede á moda das americanas, presa junto das extremidades d'um bordão, e estendida por baixo d'elle. O viajante deita-se ao comprido dentro da rede depois de apeiado o bordão nos hombros dos portadores. Do Ambriz para o sul têm ainda as tipoias um tampo, ou tejadilho de oleado e umas cortinas que impedem a chuva, guardam o sol, e podem abrigar um pouco do sereno durante a noite. Os pretos do norte não querem pegar n'uma tipoia assim apparelhada.

Dentro das cidades, e povoações mais importantes, os moradores que se prezam são tambem transportados por carregadores na *machilla* que é a tipoia, modificada em ter um catre, como o d'um sofa, substituindo a rede suspensa do bordão: tem tambem sempre tampo e cortinas.

XII

Imprevidencia

Apesar de toda esta rudimentar industria chegar muito bem para a satisfação das necessidades dos pretos, a quem um solo fertilissimo alimentaria muito facilmente com muito pouco trabalho, chegam elles muitas vezes á ultima miseria e de-

gradação, levados pela sua imprevidencia. N'isto mais do que em cousa nenhuma mostram que são a *creança grande*.

Houve em setenta e tantos uma secca no Congo que não deixou produzir as plantações, nem metade do que esperavam d'ellas; e como consequencia inevitavel seguiu-se uma fome tão intensa, que os indigenas iam ao Ambriz offerecer-se como escravos aos negociantes, para que estes lhe matassem a fome.

A principio ainda alguns foram caridosamente tratados, mas depois a affluencia foi tal, que, sendo impossivel sustental-os todos, morriam muitos de fome em volta da povoação, e pelas poisadas dos caminhos que conduziam a ella. Esta calamidade ter-se-ia evitado, se cada semeador tivesse trabalhado mais um dia — notando-se que o trabalho das sementeiras leva-lhes, quando muito, uma semana cada anno!

Este mal accusa tambem o baixo grau ethnometrico dos mestiços, que em geral não sabem guardar sobras dos tempos felizes para mitigar as amarguras dos calamitosos. E nós, cá no nosso paiz, em certas classes que impam de civilisadas, observamos frequentemente o mesmo, sem notarmos, senão nos outros, que a imprevidencia é um signal ethnico de selvageria ou barbaridade, pelo menos.

Tenho abusado extraordinariamente da vossa attenção, senhores. Termino hoje aqui, pedindo-vos mil desculpas.

Na proxima conferencia, cujo dia e hora opportunamente vos indicarei pela imprensa, começarei a tratar mais especialmente ainda do Zaire, promettendo desde já dizer-vos a verdade, tal qual a conhecer e sentir.

Tenho dito.

QUARTA CONFERENCIA

Commercio na costa do norte

I **Resposta e agradecimento** — A Vasconcellos Abreu — A sua carta — Motivos da narração geographica — Processo critico do auctor—*Musseque*, *Cacongo* — A Ernesto de Vasconcellos.

II **Phases do commercio** — Descoberta do Zaire — Padrão — Relações com o rei do Congo — Rei de Portugal commerciante — *Pinda* — Importancia do commercio — Descentralização d'elle — Commercio estrangeiro—prosperou na rasão inversa do nosso — A industria moderna e o velho tear — Nós, os serventuarios! — Tradições, ruinas.

III **Vestigios da nossa civilização pelo commercio** — Moeda — *garrafa* — *panno* — *cortado* — *peça* — *espingarda* —Vestidura— Espingarda lazarina e reiuna — Stanley e a espingarda lazarina — Lingua do commercio — lingua do *branco* — A casa hollandeza e a escola portugueza.

V **Commercio em 1882** — Importancia do empregado portuguez — Má vontade contra elle — Crueldade ingleza em Maiumba — Estatistica — Fornecedores de fazendas — Veja-se o relatorio de 1882 — Amarga situação dos portuguezes — Papeis invertidos.

V **Empregados portuguezes** — Mal estar na patria — Emigração — A bordo — O futuro — Recepção na feitoria — Apprendizagem — Chefe de feitoria — Acquisição do local — Partida da lancha — Installação — *Familia do branco* — Os *kurumanos* — O negocio — Distracções.

VI **Remedio ao mal** — Outra vez o relatorio de 82 — Companhia portugueza — Vantagens para ella e para Portugal—Recommendações do auctor julgadas uteis, porque não se realizaram—Rodrigues Leitão um benemerito— Vantagens politicas da companhia diminuiram — Capital proposto — *Aviados* — Oliveira Martins.

I

Resposta e agradecimento

Meus senhores—Antes de entrar no assumpto que desejo tratar hoje haveis de permittir-me algumas palavras menos re-

lacionadas com elle, mas que têm algum nexo com a minha exposição da ultima conferencia, e com as condições do plano geral da minha obra.

Fui honrado com uma carta do nosso illustre orientalista, o sr. Vasconcellos Abreu, na qual vejo que s. ex.ª se dignou lisongear-me, attribuindo-me sciencias e merecimento que não tenho. A carta está publicada na *Era Nova*—pertence já ao dominio do publico; e por isso escuso de a ler aqui.

Eu fiz a exposição dos factos da ordem da chorographia zoologica e ethnica da provincia d'Angola, e em especial da região do Congo, por dois principaes motivos entre outros: 1.º para apresentar aos sabios, que não pódem lá ir (não me cançarei de o repetir) o minerio cheio de impurezas, de certo, mas onde elles procurem e apurem os metaes preciosos; 2.º porque, tendo de referir-me na minha ultima conferencia aos inconvenientes da applicação das nossas leis áquelles povos, sem ter em vista a sua situação ethnometrica, me pareceu indispensavel apresentar em rapido esboço o seu modo de ser social.

Não me admirava por isso de que me encontrasse falhas, superfluidades ou erros; nem ninguem devia admirar-se disso, desde que confrontasse as minhas habilitações com as suas, que são de especialista com todos predicados, geralmente reconhecidos desde longa data.

Para sua excellencia ver quaes os processos de critica que eu empregava, e a causa determinante d'elles, vou contar-lhe um caso:

Impressionava-me o nome geral de *musseque*, dado a todos os terrenos em volta de Loanda; e quiz um dia interpretar a palavra, segundo a indole da lingua indigena e as corrupções

que, por causa d'ella, os pretos vão introduzindo na nossa. Interveio como coefficiente indispensavel o patriotismo: —*musseque* devia provir d'uma palavra portugueza, porque os pretos generalizam pouco. Qual seria essa palavra?

Procurei e encontrei a palavra *sequeiro*, usada nas nossas provincias para significar os terrenos altos que produzem a seara sem rega. O meu processo ia d'harmonia com o costume dos pretos, que nas palavras compridas supprimem as ultimas syllabas; assim por exemplo elles pronunciam o nome de Theodora, chamando-lhe simplesmente Thia (porque ouvem pronunciar *Thiadora* aos nossos populares). Tratada assim a palavra *sequeiro*, ficaria com facilidade *seque* á qual accrescentando-se o prefixo *mu*, que indica logar onde, estava construida a palavra *musseque*, com o principal elemento portuguez e a significação que tem junto de Loanda.

Certo dia estava eu a ver trabalhar uns pedreiros indigenas, na margem esquerda do rio Dande na fazenda Gratidão, e ouvi esta phrase que destruiu a minha creação — *ta musseque* — deita-lhe arêa. Era o mestre a recommendar ao amassador da cal que lhe deitasse arêa. E eu conhecia esta significação da palavra *musseque*, e até a do seu diminutivo *cassequelle*; e bem via que os musseques são constituidos por areaes seccos, onde só poucas chuvas annuaes e a humidade athmospherica sustentam uma vegetação especial e pobre!

Muita razão tem H. Spencer, quando declara o patriotismo causa de muitos erros nos estudos sociaes!

Eu, por mim, já hoje reconheço outro que está escripto na minha «Missão ao Zaire» Interpretei lá a palavra *Cacongo, áquem* do Congo, impingindo-lhe o prefixo portuguez; e hoje acho mais provavel a applicação do prefixo diminutivo

indigena *cá*, significando *pequeno* Congo, ou, como os pretos poeticamente costumam traduzir, o filho do Congo.

Felicito-me por ter dado azo a que sua excellencia mais uma vez nos illuminasse com a sua brilhante erudição, saboreando a subida honra de o haver feito sem que as minhas humildes affirmações fossem contrariadas pelo illustre especialista.

Agradeço tambem ao sr. Ernesto de Vasconcellos a fineza que me fez, offerecendo-me para uso das minhas conferencias um mappa do Zaire, ultimamente elaborado na secretaria da marinha debaixo das vistas do illustre offerente, com informações de diversos e minhas. Permitta-me sua excellencia que eu lhe faça aqui em publico o meu agradecimento, visto que ainda não tive occasião de me informar da sua morada.

Estão terminadas as minhas explicações; vou entrar na ordem do dia, tratando da região do Zaire debaixo do seu ponto de vista commercial.

II

Phases do commercio

Quando em 1484 o nosso grande navegador Diogo Cam descobriu o Zaire, fundou junto da sua foz o padrão da descoberta que deu o nome á ponta onde foi collocado e ao rio, que a principio se chamou rio do Padrão, como é sabido.

Posto alli o pé em terra, foram logo travadas relações com o principe de Pinda, e por intervenção deste com o seu suzerano, o rei do Congo.

Os nossos navegadores tambem eram homens para as explorações sertanejas: bem o mostraram desde logo, aventu-

rando-se por alli dentro, penetrando até S. Salvador do Congo e estabelecendo ahi com o rei os primeiros pactos do commercio, que ficou a ser explorado por el-rei de Portugal. Póde dizer-se que os navegadores da descoberta foram os primeiros commerciantes: e, assim como o padrão significava que as terras foram descobertas para o rei de Portugal, assim tambem ficou sendo para elle o commercio do Congo.

Os galeões de Portugal sustentaram por muito tempo o seu exclusivo fazendo carreiras entre Lisboa e Pinda, no fundo da bahia de Santo Antonio, ou do Sonho. Era alli, na capital do paiz do mesmo nome povoado pelos mussorongos subditos do rei do Congo a quem prestava vassallagem o principe mussorongo, que o rei de Portugal tinha a sua feitoria. Foi alli que durante muito tempo os navegadores subsequentes fizeram aguada, e tomaram refrescos, para poderem continuar nas suas derrotas até á India, á China e pelas solidões do Pacifico, chegando alguns, como é sabido, a dar a volta ao mundo.

A feitoria teve uma importancia crescente, em proporção com a civilisação religiosa dos nossos missionarios e com a dominação politica proveniente da nossa superioridade reconhecida e, por vezes, do emprego das armas.

O commercio, emquanto enriquecia a côrte de Portugal e civilizava os indigenas, tomava proporções taes, que já não podia ser contido por um só commerciante, ainda que elle fosse o primeiro do seu tempo. Começou a descentralizar-se, a principio para os cortezãos mais validos, e depois para os ricos armadores e auxiliares das emprezas do monarcha.

N'esta situação alastrou-se elle por todo o territorio do Congo; e estabeleceu mais alguns portos que em breve come-

çaram a ser visitados por navios extrangeiros — a quem a fama dos grandes lucros attrahira de longe.

Repellidos a principio os extrangeiros, vieram afinal a fixar-se n'um ou n'outro ponto, depois de varios recontros e de repetidas barbaridades com que a epocha ainda se conformava. Até quizeram por vezes a dominação politica — de que foram sempre exauctorados pela força das nossas armas!

Logo depois de installado, e officialmente reconhecido o commercio extrangeiro, começou a prosperar, de modo a fazer sombra ao nosso. Estava descoberto e conquistado o tozão d'ouro, gosasse-o o mundo!

Aventurosos, sentimentalistas, os filhos do velho Portugal só se lembravam do commercio, quando as necessidades da vida organica exigiam o consumo dos seus productos. Fóra d'ahi... o mundo era vasto! conhecel-o e conquistal-o era a sua divisa: parar, e calcular lucros, seria confundirem-se com a velha dona de casa que queimou já nos fogos da juventude todos os anceios d'uma alma virgem e idealista, para se entregar desprendida do mundo e das phantasias aos cuidados da educação da prole — para diante era o seu caminho! E foi, até que todas aquellas rijas temperas se oxydassem de todo no fogo em que ardiam, ficando reduzidas ao pó da pobreza.

Nem sustentámos o commercio da costa, nem soubemos alimental-o com o desenvolvimento da nossa industria, conservação e aperfeiçoamento da nossa navegação. Quando por toda a parte os que vieram depois, e muito depois de nós, começaram a fazer exforços supremos para alcançar os velhos portuguezes, nós, ja decrepitos, paravamos e adormeciamos, permittindo que o mundo se nos avantajasse deixando-nos a per-

dei de vista. Quando a industria nova, assoberbando as forças da natureza começou a fazer prodigios de producção, perdiamos nós o nosso ultimo navio, e mal moviamos com a mão já extenuada o velho tear de Penelope!

E assim, olvidando o nosso gloriosissimo passado, por não termos sabido empregar a força de que dispunhamos em nos manter os donos do commercio, conservando como serventuarios nossos os extrangeiros que o procuravam, deixámos inverter os papeis, e fomos nós ser os serventuarios dos extrangeiros!

E' n'esta situação dolorosissima, e humilhante para Portugal, que eu fui encontrar o commercio d'aquella região, quando a visitei officialmente em 1882.

III

Vestigios da nossa civilização pelo commercio

De todo o nosso glorioso passado restavam, como um brado de Jeremias, as tradições e as ruinas; e era isto — a velocidade adquirida — que ainda mantinha alli o prestigio do nome portuguez.

Foi tão profundamente gravada a nossa civilização pelo commercio, que o indigena perdeu a sua antiga moeda, o buzio, que era pescado na ilha de Loanda, para a substituir pelos nossos valores abstractos; e note-se que não foi a nossa moeda propriamente dita que desthronou a sua. A nossa moeda nunca chegou mesmo a ser introduzida alli. O commercio dava tão largos lucros, que nunca foi preciso esse auxiliar das transacções. Os simples artigos da primitiva permu-

tação foram sufficientes para retirar o buzio da circulação; e foram introduzidos e usados por tanto tempo, que desde ha muito estão considerados como valores abstractos, tendo-se perdido mesmo a noção da qualidade das substancias e da sua quantidade. Estão n'estas circumstancias a *garrafa*, o *panno*, o *cortado*, a *peça* e a *espingarda*.

A *garrafa* seria originariamente o liquido necessario para a encher d'uma bebida alcoolica qualquer, por ventura da agoardente.

O *panno* seria talvez uma porção de tecido ordinario, do tamanho approximado d'uma *matella*, que serviria para o mesmo fim. O *panno* deveria ter o valor approximado da *garrafa*, que ainda hoje conserva. *Cortado* é um determinado numero de *pannos;* e deveria ser na origem o tecido sufficiente para vestir um preto ou uma preta, cingindo a cinta com um pedaço e os hombros com outro. A peça deveria ter sido a porção do tecido que o tear dava de cada vez, com um determinado numero de varas, que passou a ser de jardas, quando as peças consumidas alli começaram a ser importadas da Inglaterra. E a *espingarda*, a mais valiosa das moedas, deveria ter sido na origem a espingarda *lazarina* de silex e fabricação nacional—a unica que alguns indigenas ainda hoje acreditam capaz de poder desenvolver nas suas mãos os terriveis effeitos do veneno da *ri-uta*, serpente venenosa de que tiraram o nome para a espingarda.

Todas estas unidades monetarias são empregadas hoje d'um modo tão abstracto para designar determinados valores, que difficil será precisar esses valores, ou quantidades, na origem. Alem d'isso eu estou convencido de que esses valores e quantidades deviam ser moveis, dentro d'uma certa orbita.

Hoje ninguem se póde vestir com a porção de tecido correspondente á fracção do *cortado* que o panno representa; e ao *cortado*, quando considerado o tecido sufficiente para fazer as duas tangas com que o preto se veste, chama-se hoje em todo aquelle paiz geralmente *vestidura*. A peça do tecido d'algodão, actualmente vinda de Manchester, tem um numero de jardas muito variavel, só conhecido ao certo do fabricante e do negociante que lhas encommenda com um determinado numero de jardas e um outro de dobras, para com essas subtilezas *puchar negocio*.

A *espingarda*, que era para elles como para nós o dobrão — a maior moeda — está tão desnaturada por causa da abstracção, que, quando um preto do Congo, em Boma por exemplo, quer em pagamento dos seus generos uma espingarda para dár tiros, não acha outro meio de se exprimir, senão chamando-lhe — *espingarda, mesmo de pau*.

Alem d'isso, a antiga espingarda lazarina já foi posta de parte pelos pretos *muchicongos* e *cacongos*, que preferem a chamada, *reiuma*. Deve ter concorrido para isto o esforço, empregado pela industria ingleza em desacreditar a espingarda lazarina, visto ser a que mais lhe custava a fabricar para o pequeno preço a que o commercio a fez descer.

Eu vi em Banana, na casa ingleza, uma caixa d'estas espingardas que foram evidentemente fabricadas com esse fim, aliás conseguido ha muito tempo. O infeliz preto que carregasse uma, como elles costumam, e a disparasse, ficaria dilacerado com os estilhaços do cano que rebentaria, com certeza na primeira experiencia.

Esta falsificação era certamente para desacreditar a espingarda lazarina lá muito para o interior, onde o indigena

não quer ainda receber outra, por só ter conhecimento d'aquella desde longa data.

É sabido que Stanley, na travessia d'Africa, encontrou uma d'essas espingardas, como primeiro signal da influencia do *branco*, em cujo cano leu as palavras — *Lazaro-Lazarino Legitimo de Braga* — lá muito no centro do medio Zaire, em pleno paiz de anthropophagos que gritavam pela sua carne para a devorarem!

Mas o maior e mais importante dos vestigios da nossa civilização pelo commercio é a sua lingua official—o portuguez. Todo o indigena entende e falla mais ou menos o portuguez; e em todas as casas de commercio, sejam ellas de que nacionalidade forem, não se falla entre europeus e indigenas, ou entre europeus de diversas nacionalidades, senão a lingua portugueza. Até os criados que servem a meza e o quarto dos diversos extrangeiros tem de receber as ordens em portuguez para que as entendam e cumpram.

Nas negociações só se emprega a lingua portugueza; e, se intervem o *linguester* que traduz do portuguez para o *fiote* as palavras do contracto, é na maior parte dos casos como o *bôcca* do rei nas *fundações*: repete a phrase em lingua diversa, simplesmente para que fique mais bem gravada na mente do interessado que a ouve duas vezes. O que em todo o caso é preciso, é que os europeus mostrem que são brancos por fallarem a lingua do *branco* — sem o que não poderão fazer negocio alli.

Esta condição ainda mantem uma certa importancia para os empregados portuguezes, visto que todas as feitorias das diversas casas têm de ser presididas por portuguezes, que depois a seu turno preferem ser servidos por empregados

portuguezes. Só me lembro d'umas quatro feitorias importantes presididas por extrangeiros.

Para obtemperar a este inconveniente — que habilmente aproveitado pelo nosso governo podia atirar um golpe mortal ao commercio extrangeiro, fundou a casa hollandeza uma eschola de portuguez em Rotterdam, onde manda ensinar esta lingua aos empregados que destina ás suas cincoenta e tantas feitorias da região do Zaire. Apurou-se, e preveniu-se para a introducção da primeira remessa e não conseguiu fazer passar por verdadeiros aquelles louros portuguezes falsificados. Os pretos diziam-lhe a cada momento: «você falla lingua de *branco*, mas não é *branco*». O *branco* é o portuguez, que é o unico dono da terra do outro lado do mar, na sua imaginosa geographia; os outros europeus são filhos do mar, e chamam-se — *ingrezos*, *frinceezos*, *randazos etc.*

Em todo o caso, a permutação só será confiadamente feita com o *branco*; e por isso arranjem-se as casas extrangeiras como quizerem, mas tenham ao seu serviço os *brancos* para fazer negocio com os pretos.

IV

Commercio em 1882

D'esta situação, se por um lado nasce a grande importancia dos portuguezes na localidade nasce tambem uma recalcada má vontade que de tempos a tempos se manifesta por modos duros e crueis. Talvez esta má vontade não fosse de todo extranha a um acto de inaudita crueldade, ha pouco tempo praticado em Maiumba por um subdito de Sua Graciosissima Majestade contra um portuguez.

Era este nosso infeliz compatriota empregado do inglez, e teve a infelicidade de quebrar um braço: foi-lhe amputado a bordo do paquete inglez, em quanto esteve fundeado a tomar carga em frente da feitoria. Depois de feita a operação, o doente voltou para terra; e ahi sentindo dores horriveis, transtornado por ellas, pediu ao patrão que o matasse. A fera annuiu, mandando-o enforcar: os executores foram os serviçaes da feitoria, que, por não terem ido aprender ás cadeias de Inglaterra a praticar esta operação, martyrisaram o pobre doente — enterrando-o afinal ainda com vida, como depois se verificou!

Quando a noticia d'esta crueldade bestial chegou ao conhecimento dos outros negociantes mais proximos, correram alli, e prenderam o bruto á ordem do consul inglez de Loanda.

É possivel que tudo isto fosse obra da excepcional situação d'aquellas consciencias, habituadas desde longa data a viver fóra da lei; mas tambem me parece, repito, que devia entrar como coefficiente d'uma deliberação de tal ordem algum tanto da má vontade que o extrangeiro por alli tem ao portuguez, de quem depende, apesar de mais rico.

Mas vejamos qual era a importancia do commercio na *costa do norte*, quando eu a visitei em 1882.

Todas as fazendas eram fornecidas: pela casa hollandeza que traz em giro um capital de 3.000:000$000 réis; pela ingleza, com 1.000:000$000 réis; por duas franceзas, ambas com 1.500:000$000 réis; e pela casa belga, complementar da expedição de Stanley, com muito mais de 1.000:000$000 réis. Poucos mais fornecedores havia; e pouco forneceriam, a não ser Edwards Brothers de Liverpool que ainda é importante, debaixo d'este ponto de vista.

De Portugal iam apenas alguns artigos para alimentação dos europeus, n'um valor relativamente insignificante: iam nos paquetes portuguezes para o Ambriz, e de lá eram distribuidos pelas diversas casas e suas filiaes e *aviados*, com as pequenas embarcações do serviço da costa.

Não apresento aqui informações mais minuciosas, ácerca da situação topographica das feitorias filiaes e aviados; bem como do numero de navios, suas nacionalidades, especies, tonelagem, procedencia e destino; e ainda das especies de mercadorias, nacionalidades que as fabricam e exportam, quantidades e valores; — porque tudo isso se acha consignado na minha—*Missão ao Zaire* que vae integralmente reproduzida no fim d'esta obra pelas razões apresentadas n'outro logar.

N'esse mesmo trabalho, e no capitulo respectivo, poderá ver-se: quaes as especies, quantidades e valores dos generos coloniaes exportados; quaes os pontos da costa onde cada especie mais se permuta; quantas e quaes embarcações de. cabotagem são empregadas em distribuir as fazendas pelas feitorias e aviados, e em centralizar nos logares de carga para exportação os generos coloniaes; qual o numero, nacionalidade e mais circumstancias dos tripulantes, e dos donos, etc. Ver-se-ha ainda no mesmo trabalho, o numero e nacionalidade dos brancos empregados em todo este movimento, bem como o numero, condição e nacionalidade dos pretos auxiliares ou serviçaes—notando-se que os brancos eram uns 250 a 270, sendo 85 a 90 por cento portuguezes e estando os portuguezes de Angola para os do continente do reino e ilhas adjacentes como 10 para 100; e verificar-se-ha que os serviçaes pretos eram uns 4:000, distribuidos numericamente por condições, nacionalidades, officios etc.

Depois de cotejados todos estes dados e informações, o portuguez, que tenha pelas glorias da patria o respeito e consideração que ellas merecem, sentirá invadida a sua alma por uma profunda melancholia: amargar-lhe-ha, mais do que nunca, a saudade do nosso passado.

Os filhos dos nobres guerreiros d'outr'ora, que não conheciam, nem comprehendiam, para a sua stirpe, altiva e aprumada, uma posição que não fosse a do mando orgulhoso e forte, são hoje os mandados--os agentes dos *tratantes*—que só chegaram a nobilitar-se depois por via da razão de Estado, ficando sempre desdenhados e repellidos por os intransigentes herdeiros das glorias barbaras dos cruzados! E por lá andam muitos senhores dos nobres appellidos portuguezes vencendo ordenados de casas extrangeiras, e trabalhando para ellas como subalternos! Refugiaram-se alli, de certo para n'um meio desconhecido iniciarem o movimento da vida nova, rehabilitando-se; mas... miseros herdeiros de tradições gloriosas! o mundo não tem cantos desconhecidos da bravura lusitana; por ahi foram talvez conquistados os mais bellos emblemas que ornam os vossos brazões!...

Que conservassemos no fundo d'alma todo o travor d'esta amargura servindo-nos de tonico salutar, estimulando os nossos brios e aptidões para a vida nova, aconselhei eu ao governo de Sua Majestade no mencionado relatorio; como, em que circumstancias e com que resultado, dil-o-hei n'outro logar.

E como vivem por lá os nossos patricios?

Vejamos.

V

Empregados portuguezes

O adolescente de alma pura e forte, quando reconheçe as falhas da sua educação, para as luctas da vida nova, sente todo o seu organismo excitado contra a causa que em geral as determinou — a falta de meios.

As propriedades, exploradas pelos velhos systemas, não cobriam as despezas de cultura, ou deixavam um insignificante saldo que não chegava para manter a decencia da familia— para dar educação e collocação conveniente aos filhos. A falta de instrucção, profissional e mesmo da elementar e secundaria, muitas vezes impede qualquer tentativa de regeneração, entrevista nebulosamente, por não ser sanccionada pelo antigo uso; e d'ahi a decadencia a que não se sabe, nem se póde resistir; d'ahi o envelhecer, a caducidade, com que mal póde conformar-se, a alma juvenil, cheia de vigor e esperanças.

Elle, o mancebo forte e dedicado, observou um dia que todo aquelle mal estar se remediaria com alguns contos de réis, ganhos pelo seu braço vigoroso e applicados generosamente em proveito commum da familia. O rapaz ainda não sente o exclusivismo egoista da edade madura. Vota-se, e parte rallado de saudades, mas tirando forças do que parece deveria ser a sua maior causa de desalento — a vida precaria da familia, e o problematico remedio que lhe dará. Pede cartas de apresentação, prepara-se, e concentra todas as suas forças para o adeus de despedida, amarissimo e afflictivo, como um adeus eterno!...

Vão-se-lhe os olhos na esteira do navio; e estalam-lhe a

uma por uma, as cordas d'alma, á medida que a distancia do horisonte vai engulindo as cumeadas da terra patria.

Depois, o mar immenso e uniforme assemelha-se ao seu nebuloso futuro onde, por mais que queira, não encontra um ponto sobre que assente as suas esperanças!... Supremo desalento a que só a volubilidade juvenil sabe resistir!

Algumas horas d'estas vibrações sentimentaes chegam para estabelecer a bordo uma sympathia fraternal, entre todos os que vão transportados por aquelle ventre inanimado que o marinheiro idealiza—o navio é a mãe que protege, alimenta e conduz em seu seio os desventurados filhos da triste sorte.

Aonde os levará?

As conjecturas esboçam-se, e as informações gravam-se fundas na memoria de quem as deseja com a força da novidade. O passado obliterou-se diluindo-se e concentrando-se no *gosto amargo de infelizes*, que estimula e alenta; e o futuro começa agora a deixar-se ver em longinquos horisontes, onde já se enchergam os verdes tons da esperança...

N'estas disposições de espirito chega o nosso emigrante á feitoria para onde vai recommendado, e onde é recebido cordialmente pelos seus futuros companheiros de trabalho. A recepção amiga dos patricios encobre, muitas vezes durante alguns dias, as durezas, que seriam manifestas, em muitos casos, desde a chegada. A curiosidade e o empenho que o recemchegado desenvolve nos primeiros tempos salvam-no muitas vezes da consciencia dos perigos que o cercam; e depois, quando tem a consciencia d'elles, já está habituado—já não sente tão profundamente os receios.

Nos primeiros tempos, á sombra do empregado a quem foi adjuncto, aprende as praticas do commercio, os usos da loca-

lidade, a linguagem propria e um certo numero de preceitos que serão no futuro a norma da sua vida, debaixo dos pontos de vista hygienico, economico, etc.

Quanto mais depressa tiver mostrado a desejada capacidade, tanto mais cedo lhe será entregue uma feitoria filial, ou um logar importante na casa chefe.

Feliz será aquelle que fôr julgado digno de em breve se lhe incumbir uma filial. Feliz, porque ahi será elle o primeiro e não terá de soffrer os vexames provenientes do continuo viver com os seus superiores extrangeiros, que muitas vezes são os seus tyrannos. Será feliz, apesar da vida isolada, inconfortavel — quasi selvagem — que vai levar á beira do charco, ou do rio, onde fôr estabelecer-se.

Mas supponhamos que o nosso homem vai ser o chefe de uma d'essas feitorias.

Foram já chamados os principes da terra onde ella ha de estabelecer-se, para justar os *costumes*. Chama-se costumes, em toda a costa do norte, á renda annual que o negociante paga aos principes, donos da terra, pelo facto de ir lá construir a feitoria — a *barraca* — como vulgarmente se diz; e ainda aos presentes que é costume dar aos regulos, quando se estipulam as condições do contracto, ou quando se lhe fazem visitas, ou elles as fazem á feitoria. É talvez d'aqui que veio a designação de *costumes* para todos estes diversos pagamentos.

Os principes, como ainda não comprehendem a propriedade territorial individual, tambem não podem comprehender a alienação *in perpetuum* d'essa propriedade; e por isso todo o contracto d'esta ordem poderá ser definido na nossa legislação civil pelo arrendamento do terreno durante um tempo mais

ou menos longo, chegando mesmo algumas vezes a sublocar-se a fruição com os encargos constituidos no contracto primitivo. Só os principes de Banana e Boma começam agora a comprehender o que seja a propriedade individual do territorio, e a sua alienação *perpetua.*

Todos os principes pretos gostam de ter a feitoria do *branco* junto do seu povo; e andam sempre a pedir aos *brancos mucoruntos* (chefes) que mandem collocar uma barraca em tal ou tal ponto, junto do rio e do seu povo, promettendo levar a ella muito *negocio.* Estes pedidos e promessas são muitas vezes dictados simplesmente pela perspectiva d'alguns copos de aguardente que beberão amiudadas vezes nas suas visitas á *barraca,* e do pagamento annual dos costumes.

Mas, sempre que o *mocurunto* o julga conveniente para os seus interesses, e tem algum empregado idoneo a quem confie os destinos da nova feitoria, fecha o contracto com os principes; passa-lhes as *mucandas* (titulos), e apresenta-lhes o branco que ha de ir gerir a feitoria nova.

Escolhido assim o local, e assente a sua acquisição, preparam-se as cousas para a partida do *branco.*

Uma das lanchas da casa atraca ao molhe, e recebe a bordo dois fardos de fazendas sortidas, alguns garrafões de aguardente e caixas de genebra e uma pequena pacotilha de missangas, louças, coraes, armas, etc. Estivado tudo isto, carrega-se a madeira apparelhada para portas, as palhas tecidas para o tecto, a cama, a mesa, o *ximbando* e alguns artigos para a alimentação e usos particulares do *branco,* ao lado do fardo de peixe secco e saccos de arroz, ou feijão, para alimento dos serviçaes. Por ultimo entram estes, o carpinteiro da feitoria que muitas vezes mal sabe pegar na serra ou na enxó, o *mo-*

leque particular do *branco*, a preta, ou a mestiça, que ha de ser a mãe dos seus filhos, e no fim entra elle, depois de ter feito as suas despedidas aos patricios companheiros de trabalho, já agora todos seus amigos.

A lancha vae tripulada pelos seus cabindas; mas os *kurumanos* (serviçaes da feitoria, antigos escravos), que serão os tripulantes da canôa da barraca e os seus serviçaes e defensores, tambem auxiliam os cabindas na manobra.

Chegados ao logar do destino, os *kurumanos* limpam o terreno á beira do rio ou charco, no logar onde com mais facilidade possa chegar a lancha ou a canôa, e cortam no matto proximo os paus que sirvam para o arcabouço da casa.

As forquilhas cravam-se no alinhamento; as travessas atam-se, o tecto urde-se e assenta-se, tapando-se afinal as paredes lateraes com *loandos* ou *bordões* aprumados—tudo debaixo da direcção do branco que calcula e risca, assentado n'um fardo ou no *ximbando*, começando desde logo a sentir os effeitos da infecção, quando elle já a esse tempo não está minado pela anemia e pela hepatite, adquiridas inconscientemente durante os primeiros tempos dos seus mais dedicados e duros serviços de provação.

Ao lado o moleque sopra uma fogueira entre tres pedras, sobre as quaes está fervendo a canja para o *branco;* e a preta ou parda, preguiçosamente sentada sobre uma esteira indigena, falla em ambundo com o moleque, requebrando a voz e o gesto n'um intuito que é denunciado pelos frequentes olhares languidos de soslaio para o *senhor*.

O moleque e a preta serão a sua familia: partilharão com o *senhor* as alegrias intimas e os intimos pezares, e serão na doença os seus anjos tutellares e protectores. E, diga-se em

abono d'essas almas simples, rudes mas completamente dedicadas, será a ellas que elle muitas vezes deverá a vida; e esta divida será tanto mais sagrada e estimavel, quanto é certo que, em circumstancias identicas, eu não sei se aquellas creaturas desenvolveriam tal affecto e carinho pelos proprios paes!

O *branco* não é só querido e estimado por estes pretos: é verdadeiramete adorado.

Quando se tratar de o defender contra hostilidades extranhas, lá estão os kurumanos—miseros brutinhos quasi sempre esquecidos, e muitas vezes maltratados! Arrisque-se alguem a ameaçar, ou offender o *senhor*, e não tenha elle tempo de cohibir a sua excitação; e ver-se-ha de quanto elles são capazes. Só então se mostram verdadeiramente homens, desenvolvendo uma intelligencia que toda a gente está muito longe de esperar da sua habitual estupidez e impassibilidade, ainda mesmo nas circumstancias que mais deviam interessar toda a sua vida, como por exemplo diante dos barbaros castigos e crueldades de que muitas vezes têm sido victimas por allucinação dos patrões.

Quando a primeira noite cae sobre aquelle pobre tegurio, improvisado assim lá no meio da selvageria, o branco sente todo o peso da sua responsabilidade a allivial-o, disfarçando e encobrindo tristes idéas, que lhe fariam tormentosa a vigilia.

Está installado. Fará mais negocio nos primeiros tempos —ao contrario do que succederia nos nossos estabelecimentos da Europa—porque o indigena conta já com as prodigalidades do principio para *puxar negocio*, e concorre para as aproveitar. O *copo* de despedida produzirá a embriaguez completa,

para *fama ir no matto*; o presente, essa parcella dos *costumes*, será mais avantajado e repetido: e todas estas cousas seduzem e attrahem o indigena com fundamentos obvios, claramente comprehendidos.

Segue-se o seu viver monotono, triste, doentio—gastando as horas de trabalho entre os pretos do negocio ajustando as compras, ou no *feitiço* a pagal-as e passando os momentos de descanço a curar feridas e febres já suas, já da sua gente, ou a conversar com a sua companheira. Muitos lêem avidamente romances dramaticos e livros de viagens; e todos devoram com anciedade as cartas e os jornaes, que mensalmente recebem do seu querido Portugal.

Ao domingo, quando algum vizinho apparece, tiram partido de qualquer cousa para se alegrar; e geralmente passam o melhor do tempo atirando ao alvo. Em geral, todos têm boas armas, e atiram bem. Esta qualidade é preciosa, não tanto para defender a vida e a propriedade, como porque é muito admirado, e mais respeitado pelo indigena, o *branco* que a tem.

VI

Remedio ao mal

Como fazem o commercio?

Isso vai descripto no fim, no meu relatorio de 1882. Lá digo o que seja o *curador* e o *linguester;* como o primeiro vai muito longe attrahir os freguezes, e como o segundo se emprega na feitoria a traduzir as phrases da transacção e auxiliar as pesagens medidas e pagamentos; lá defino o que sejam as *mucandas* e em que consiste o *feitiço*, o que significa *curar negocio*, e o que é preciso fazer para *puxar negocio*.

Lá digo tambem a quantos vexames e imposições estão sujeitos os portuguezes, que conseguiram com o seu trabalho d'alguns annos reunir o capital sufficiente para negociar por sua conta, como *aviados* das grandes casas.

E, finalmente, lá apresento tambem, como remedio para todos estes males, a necessidade urgente da creação d'uma companhia portugueza que vá, com 2.000:000$000 réis, explorar o commercio n'aquella região e levantar do abatimento em que estão os nossos patricios, enriquecendo-se a si e trazendo para o nosso paiz todas as vantagens da sua riqueza—sendo a maior de todas o reforço da nossa antiga influencia n'aquellas paragens, a fim de dispôr e preparar tudo para uma occupação effectiva e pacifica, que não désse azo a contestações das potencias europeas. Lá exponho ainda algumas outras vantagens que a companhia poderia tirar do emprego do seu capital na exploração agricola; e pondero o que por parte do governo deveria fazer-se, para que ella tivesse protecção effectiva, sem perigos para os seus interesses, nem para a nossa politica.

Esta companhia seria um golpe mortal dado em todas as casas extrangeiras que, não podendo fazer negocio sem os portuguezes, abandonariam o campo, por serem abandonadas por elles. Os portuguezes procederiam assim por patriotismo, por interesse proprio, e até por desforço contra quem os tem vexado; e o commercio d'aquella região tornaria a ser nosso. Tudo se conseguiria, se tivessemos ido depressa, antes dos ultimos golpes contra o nosso prestigio serem vibrados, como já foram, e então previ que o seriam em breve. Não cessei de recommendar que fossemos depressa accudir e conjurar a calamidade imminente.

As minhas recommendações mereceram a honra de ser julgadas uteis e realisaveis, pelo sr. ministro que então geria a pasta do ultramar. Sua ex.ª reuniu em volta de si os seus amigos, commerciantes da praça de Lisboa; expoz-lhes as vantagens que tirariam d'uma empresa fundada nas condições, que eu recommendava; e esforçou-se por lhes demonstrar que o governo protegeria essa empreza, declarando mesmo que teria n'ella um instrumento de soberania, e por tal motivo tinha interesse immediato em que vivesse, e prosperasse: e, apesar de todas estas instancias e lisongeiras offertas, não conseguiu um vintem para tal empresa!

Factos d'estes demonstram, senhores, que não são só os governos os culpados do abatimento do nosso paiz. Aqui, a culpa foi toda do nosso grande capital que, por desmoralisado ou incredulo, não quiz trabalhar no engrandecimento da patria, prosperando e enriquecendo-se a si proprio.

Mas eu deixára em Landana um patriota illustre enthusiasmado com a minha idéa, o actual visconde de Cacongo, que então se chamava ainda só João José Rodrigues Leitão. Estava elle em negociações com uma casa ingleza de Liverpool, para lhe passar os seus estabelecimentos da costa, porque tinha resolvido terminar alli os seus negocios, e vir para Portugal gosar, o melhor que podesse, o producto do seu trabalho, que já era grande n'esse tempo; e, quando eu lhe dei conta do meu projecto, promptificou-se logo para ajudar a pol-o em pratica, offerecendo-se para auxiliar do governo, e indicando um outro patriota, seu amigo e correspondente para o mesmo fim, o sr. visconde da Gandarinha.

Suspendeu as negociações entaboladas com a casa de Liverpool, e esperou que o seu governo providenciasse; e, como

fosse grande a demora, e quasi certo que o governo nada poderia fazer com todo o seu valimento e prestigio o illustre patriota resolveu vir a Europa e metter hombros á obra, por si só.

Demonstrou este portuguez illustre, no nosso tempo de egoismo e descrença, quanto póde a força da fé—já nossa desconhecida até ao ponto de nos não lembrarmos que foi impellidos por ella, que nos abalançámos ás descobertas e conquistas, de cujas tradições e gloria ainda hoje vivemos—thesouro inexhaudivel de estimulos, onde deveriamos recorrer com mais propicios resultados!

Veio, viu e venceu, este Cezar da conquista do capital. Honra lhe seja. Que a benção do ceo desça sobre a sua obra. Se Portugal não póde tirar d'ella todo o interesse politico, phantasiado por mim, que ao menos, para o nobre visconde do Cacongo os areaes da costa se transformem em pilhas d'ouro! Gose elle só o que tão generosa e espontaneamente quiz partilhar com a patria, e ella não quiz acceitar!

O interesse politico, que Portugal devia tirar d'esta companhia, diminuiu consideravelmente, em virtude das circumstancias occoridas em 1882.

A declaração da liberdade do commercio em toda a bacia do Zaire, e a leonina demarcação d'essa bacia, vieram ferir o nosso systema financial da colonia, e preparar uma crise de que só com muito tempo e prudencia poderemos sahir. Creada a companhia antes d'este facto, seria de portuguezes todo o lucro do seu trafego, e seria tambem de Portugal—para o custeio dos encargos de occupação—o tributo razoavel, que incidisse sobre o commercio. Assim, ficará sendo de portuguezes o lucro; mas Portugal, se quizer occupar em condições, que não lhe importem um onus sem compensação, terá de

descurar um pouco as condições economicas do commercio.

É bem natural que assim succeda, por ter sido esta, infelizmente, a sua indole, e n'este caso ir a preguiça um pouco de accordo com o interesse, ao menos em quanto se não estuda e aponta um plano financeiro novo, que salve a situação, e garanta a prosperidade futura.

Alem d'isso a perda do Zaire—mas a perda sem esperança de recuperação!—levou-nos, d'um só golpe, toda a base das minhas esperanças. Qual a vantagem politica da creação da companhia commercial no Zaire, para os effeitos da nossa dominação alli, depois de supprimida essa dominação?!...

Lucrem ao menos os associados da companhia; e que os seus lucros venham para Portugal alimentar os seus gosos e engrandecer a riqueza publica, como os capitaes procedentes do Brazil. Serei muito feliz, se me conservar seguro n'este ultimo reducto do meu desejo...

Poderá parecer insignificante a quantia de 2.000:000$000 réis, que eu aconselhava para capital da companhia, a quem veja as sommas apontadas que as casas extrangeiras trazem em giro. Assim succederia, se a nossa empresa tivesse necessidade de empregar os meios que as outras se viram forçadas a usar.

A casa hollandeza tem cincoenta e tantas feitorias suas, sendo muitas d'ellas de construcção europea; e tem uma quantidade enorme de embarcações e pessoal: e tudo isto immobiliza a maior parte do seu capital, deixando para o giro de mercadorias e generos coloniaes uma parte d'elle, muito pequena.

Com todas as outras grandes casas succede, mais ou menos, a mesma cousa; e isto tudo por virtude do systema de

negociar, que têm seguido — por não quererem consentir o portuguez a negociar por sua conta. Como eu digo no relatorio de 1882, os aviados são raros, e vivem em condições muito restrictas; de sorte que para a fundação da *barraca* do aviado não é preciso o grande capital — o capital da empresa: as suas economias de um anno de ordenado chegam.

Ora, sendo as cousas assim, a companhia portugueza não precisava mais do que, um deposito central, n'um ponto bem escolhido da costa; um vapor, que fizesse viagens periodicas entre esse deposito e as praças fornecedoras das mercadorias e importadoras dos generos; um pequeno vapor para distribuir as fazendas pelos aviados, e receber d'elles os generos e concentral-os no deposito, e o mais material e pessoal indispensavel para este trafego.

A companhia não iria em feitorias suas fazer o negocio por sua conta: deixaria essa tarefa á iniciativa dos aviados, e de todos os portuguezes actualmente empregados das casas extrangeiras, que em breve concorreriam a receber mercadorias para as ir negociar na *barraca* construida por sua conta, no logar que melhor lhes parecesse. E assim, quasi todo o capital da companhia ficava mobilisado em mercadorias e generos, augmentando-lhe d'um modo importantissimo o giro commercial e, portanto, as vantagens.

Acresce a tudo isto, o ter eu indicado a somma que me pareceu deveria ser minima, para conseguir o meu fim. Não desejava assustar o nosso capital — que é pequeno e timido, e está escarmentado de negociações d'Africa. Mas, apontando aquella somma, contava com a sua realização inteira e nitida, e não com os sophismas empregados muitas vezes na *alta finança* europea, em virtude dos quaes o valor real dos

milhares de libras se cifra, muitas vezes, na tinta e papel dispendido para o representar graphicamente.

Tratando d'esta companhia, não posso calar o desaccordo da minha humilde opinião com a do sr. Oliveira Martins, um dos talentos mais laboriosamente illustrados de toda a peninsula; e sinto tanto mais este desaccordo, quanto é certo que eu estou habituado desde ha muito, a avançar um pouco nos campos luminosos da sciencia nova, abordoado á sua grande auctoridade e guia; e n'este ponto, ou não comprehendi bem a opinião de sua Ex.ª, ou, se a comprehendi, não posso levar o meu espirito pelo caudal da sua deducção.

Dizia sua Ex.ª n'uma conferencia, a que eu tive a honra de assistir como ouvinte, na Sociedade de Geographia Commercial do Porto, criticando ultimamente um projecto de colonisação das margens do rio Cunene e tocando incidentemente o ponto, que Portugal nenhuma vantagem tiraria da creação da minha phantasiada companhia, por isso que todos os proveitos d'ella seriam, para os indigenas que fruiam as mercadorias de Manchester—e para Manchester, e outras praças extrangeiras, que tirariam os lucros da sua fabricação de mercadorias e transformação, ou applicação, de generos coloniaes.

Ora, a mim parece-me que entre o indigena, que produz o genero, e a Europa, que produz a mercadoria, está justamente o commercio com o seu capital e agentes, lucrando todas as suas vantagens peculiares e tão necessarias, que sem ellas não existiria.

Manchester e Hamburgo produzem, e vendem, com um lucro maior ou menor, geralmente fixo; e o preto dispende, sem que se possa computar em cifras a vantagem que tira, porque um tal computo é a manifestação d'um grau

de civilização, ainda não attingido por elle: mas o commercio atravez das difficuldades e riscos do seu exercicio tirará de certo um lucro que, comquanto seja muito voluvel, dará uma media superior ao lucro industrial europeu que já está civilizado, e por isso mais assente. Esse lucro será distribuido em dividendo pelos accionistas, e em ordenados e soldadas pelos gerentes, caixeiros, agentes etc.; sendo certo que todos por serem portuguezes trarão para Portugal, e gosarão cá, todo o capital que accumularem, contribuindo assim para o augmento da riqueza publica—exactamente como sua Ex.ª intende que contribuem os nossos colonos do Brazil. E tudo isto, sem fallar ainda dos lucros de toda a ordem, que tirarão os aviados portuguezes a negociar com a companhia. Esses tambem virão para Portugal enriquecer o paiz.

Tenho dito por hoje, meus senhores.

QUINTA CONFERENCIA

Religião e politica

I Influencia Religiosa—Assumpto—O missionario—Fé ardente—Confiança em nós—Dominação portugueza—Decadencia—Restos—Sé do Congo—*Quinganga*—Capella do Mangue Pequeno—Canticos mussorongos—Baptismo dos cabindas—Padre Barroso—Convento de Santo Antonio—Missão franceza.

II Influencia politica—Documentos escriptos—Observações do autor—Titulo de rei—*Coróa*—Padrão da foz—O do Ielalla—Missão de S. Salvador.

III Minas da França—Missão de Lândana—seus antecedentes—estabelecimento—consolidação—filiaes—Prefeitura apostolica—Nossos defensores—A «Sagittaire»—Brazza—Abas do Gabão.

IV Tramas inglezes—O lobo e o cordeiro—O padrão—Intrigas com os indigenas—Calumnias—Dadivas—Attrictos levantados—Bandeira ingleza—Attestados—Missões inglezas—Proselytos por dadivas—Presentes ao rei do Congo.

V Inveja hollandeza—Casa hollandeza—*A soberana* do Banana—O lettreiro em portuguez—Cabindas d'agua doce—Os hollandezes e Stanley.

VI Trapaças de Stanley—Propaganda contra nós—Sonhos de gloria—O Congo é seu—O portal—Caminho de ferro das cataractas—Guerra ao morgado—Partilha da tunica.

VII Missão da Moanda—Missão chefe—Mantenha-se a missão do Congo—sem prejuizo do novo plano—Trabalho do autor sobre a missão da Moanda—Vantagens da creação—A cidade da foz do Zaire—Sem reclamações—Casa de saude—O modello da missão—Alumnos—Colonos—Auxiliares—Meios de realisação.

VIII Outros conselhos—Posto de pilotos—Introducção da nossa moeda—Nacionalisação dos padres francezes—Paquetes portuguezes em Banana—*Interesse immediato*—Propheta!—Vasco Guedes e os serviçaes do Zaire.

IX Conferencia de Berlim—Nossos representantes—*Beber agoa*—Explorações e objectivo da Allemanha—A preparar o terreno—A inglaterra desdiz-se—A Italia desinteressada—A Internacional beijada—Auxilio da França—O que nos deu a conferencia—limites.

X Defeza da causa—Mais do que mereciamos—Menos do que queria o marquez de Sá—A nossá defeza foi insufficiente—Cassange na bacia livre do Congo—Razão ethnica—Só parte de Cabinda e Molembo.

XI O governo e a conferencia—Cedemos á força—Compensação de cedencia—Banana e Moanda—*O traçado do Czar*—Critica severa—Onde por a cidade? Em Pinda?—Aonde?—em Noqui?—Já não precisamos d'ella—Cacongo e Massabi—Intenções do autor—Os culpados.

I

Influencia religiosa

Meus senhores. — Tenciono occupar-me hoje da nossa influencia religiosa e politica na região do Zaire; das minas que fui encontrar a destruil-as; e das contraminas que eu aconselhei ao governo em 1882; historiando depois, summarissimamente, as phases por que foi passando a questão, até ao *veredictum* da conferencia de Berlim.

Com o grande navegador descobridor do Zaire ia a missão que trouxe ao gremio da communhão christã o rei do Congo, e a sua corte. E a expansibilidade da fé ardente do nosso missionario d'então era de tal modo extraordinaria, que em pouco tempo cada principe suffraganeo do rei do Congo tinha junto de si um, pelo menos, a ensinar-lhe como se acredita em Deus, e como se faz o bem só por amor d'elle.

Homens de pouca fé, egoistas frios das edades sociaes decrepitas, se quereis comprehender o fervor religioso d'aquelles pregoeiros do nome de Deus e da civilização christã, evocae as vossas reminiscencias da juventude, e escolhei lá a memoria do vosso maior enthusiasmo; doutra sorte não podereis traduzir, nem comprehender a singella divisa, que eu fui encontrar no sino do antigo convento de Santo Antonio de Pinda—*Si Deus pro nobis, quis contra nós?*

Armado com a cruz da redempção, e tendo como bagagem unica o seu habito e o breviario, onde só sabia ler o nome de Deus, o missionario penetrava no Congo, arredando-se dos guerreiros e de toda a subvenção patria que lhe protegesse a vida e mitigasse a fome e a sêde, sem ao menos se

lembrar de que poderia ser devorado pelas feras, ou pelos cannibaes, e impossibilitado da integridade precisa para a *ressurreição da carne,* no valle de Josaphat!

E como se lembraria de todos esses perigos? Não eram elles impossiveis? não estava Deus a protegel-o? Tudo se cifraria em supportar um pouco de calor e fadiga, e dár ao corpo —a vil materia—menos e peor alimento, do que appetecia. Mas tudo isso era feito em nome de Deus, e por amor de Deus. Sublime dedicação, de que só os nescios poderão desdenhar! Não tivesse ella existido em todas as manifestações da actividade humana que o homem ainda hoje seria, como qualquer animal inferior, um dos seres mais infelizes de toda a creação!

A confiança em nós, adquirida assim, estabeleceu e alargou o commercio, e permittiu desde logo que o rei preto entregasse os seus embaixadores aos nossos navios, para que podessem prestar homenagem ao *ditoso rei de tão ditosu gente.*

Entaboladas e estreitas as nossas relações com aquelle povo, em breve foi preciso erigir a sé do Congo sob o padroado do rei de Portugal, que já ao tempo era senhor da ilha de Loanda. A dominação religiosa estendeu-se por todo o paiz, com effectiva organização de pequenas agremiações christãs, e as guardas avançadas da propagação da fé iam sempre tão longe, como o mais aventuroso negociante, ou destemido explorador, que buscava o caminho mais proximo para chegar ao reino do Preste João.

Os principes pretos iam já habitualmente a Lisboa receber educação congruente, e tudo nos assegurava a suzerania sobre o Congo, quando Paulo Dias de Novaes, atravessando a estreita bahia de Loanda, fundou no continente a cidade d'este nome, e internou os *gingas* irrequietos, indo depois contel-os em

Massangano—na fortaleza que fundou, e guarda as suas cinzas.

Foi depois mudada a séde episcopal de S. Salvador do Congo para Loanda, ficando o prelado com o titulo que ainda hoje usa de bispo d'Angola e Congo; e póde dizer-se que este passo foi o começo da nossa decadencia religiosa, ou, pelo menos, marcou o inicio d'um longo estacionamento a que depois se seguiu uma decadencia constante, mal interrompida, uma ou outra vez, por um brado de desforço contra invasores ambiciosos.

Entretanto, a nossa influencia religiosa manteve-se sempre, ainda mesmo durante as escaramuças que por vezes tivemos de sustentar, para corrigir os excessos d'um ou outro principe. Se por este motivo ás vezes diminuiu em alguns pontos, tornou em breve a restabelecer-se com o restabelecimento da suzerania politica, sem comtudo nunca chegar a extinguir-se a existencia dos sacerdotes, que mantiveram sempre o fogo sagrado, desde que foi solemnemente acceso.

De todo este progresso religioso e dominação politica o que resta?

Encontram-se em S. Salvador, e por outras partes, muitas ruinas de templos. A capella mór da antiga sé do Congo ainda conserva o culto: é o ultimo reducto da civilização christã portugueza, ainda hoje denodadamente defendida por benemeritos da tempera dos antigos missionarios.

Quem viajar de S. Salvador para o Bembe—e quem poderá fazel-o hoje, a não ser um missionario portuguez?—encontra a meio caminho o sitio denominado *Quinganga* cujo nome significa *pousada do padre*, e vem da antiga albergaria estabelecida habitualmente alli para todos os padres que

iam para o Congo, ou vinham de lá. Desde a fundação de Loanda, o caminho de S. Salvador era por terra, como é sabido, por o Dande, Encoge, Bembe e Quinganga. Só antes de Paulo Dias de Novaes e agora, depois de aberta a todos a navegação do grande rio, é que o caminho para o Congo começou a ter diversos pontos de partida da margem direita do baixo Zaire.

No Mangue Pequeno, conserva ainda a piedade dos pretos dentro d'um *chimbeque* de construcção indigena—imitando no formato uma ermida—tudo o que lhe tem sido possivel conservar d'uma antiga capella, fundada pelos nossos padres.

Já tive occasião de referir, como ouvi aos pretos mussorongos que remavam n'uma canôa, em que eu atravessava o rio, o psalmear dos frades em côro.

Os cabindas têm tão profundamente gravada na sua caliginosa mente a necessidade do baptismo, que abusam d'este sacramento, tomando-o muitas vezes. Eu tive em Loanda um criado cabinda que se baptisava, sempre que alcançasse o dinheiro preciso para pagar os emolumentos ao parocho e fazer uma festa. Não sei bem porque motivo deixará o parocho de explicar, como lhe cumpria, a estes exaggerados devotos que o baptismo imprime caracter, e não póde ser ministrado mais que uma vez. Estou convencido de que alguns parochos pelo menos desconfiam do abuso.

Quando ha pouco tempo o governo precisou de ter informações do Bembe, valeu-se dos serviços do benemerito chefe da nossa missão do Congo, o sr. Padre Barroso.

Algumas tentativas de penetrar até lá tinham sido mal succedidas, porque os povos do trajecto hostilizavam os transeuntes. Houve negociantes que tentaram de balde fazer va-

ler todo o seu prestigio para com os regulos com quem tinham boas relações commerciaes. Os povos vizinhos da antiga estrada estavam agora desconfiados de grandes hostilidades nossas, porque ainda se lembravam da rija tempera do valente almirante Andrade; e de modo nenhum se dispunham a receber-nos como amigos.

Pois foi n'estas circumstancias que o padre Barroso, valendo-se apenas do prestigio da sua qualidade de missionario portuguez — que tem sabido honrar e engrandecer — se dirigiu do Congo ao Bembe, sendo em toda a parte recebido como o pai espiritual, e desfez todas as difficuldades e intrigas que produziam as hostilidades, deixando o caminho aberto para o commercio e a industria mineira irem alli, quando quizessem civilisar e enriquecer.

Restam ainda, no logar do antigo convento de Santo Antonio perto de Pinda, todas as imagens, alfaias e moveis do culto que a piedade indigena conserva religiosamente dentro d'um *chimbeque* construido á similhança da antiga egreja do convento. O local onde encontrei esse humilde, mas valioso, monumento do nosso passado, e a indicação de tudo o que estava dentro, consta do primeiro capitulo do meu relatorio de 1882. Acompanhou-me n'essa visita o chefe da missão franceza proxima.

Como me foi grato e melancholico notar o contraste da veneração e respeito em que é tida a memoria dos padres portuguezes — ausentes ha mais de cincoenta annos — em comparação do desdem com que são recebidos os francezes, que foram installar-se alli perto para explorar em seu proveito e da França aquellas boas disposições christãs! E elles installaram-se perto por terem sido repellidos pelos indigenas,

quando se apresentavam como padres catholicos a tomar conta do que restava do antigo culto!...

«Podeis ficar junto do povo: iremos fazer negocio á vossa *barraca*. Aqui, não entra nem manda, senão o *ganga* (sacerdote) do *maniputo*. Vós não sois *brancos*: sois *frincezos!*...»

Taes são os vestigios da nossa influencia religiosa por todo aquelle vasto paiz. Quem poderá contemplal-os, sendo portuguez, sem sentir a inspiração d'aquella poesia nostalgica, que ditou os threnos de Jeremias!?

II

Influencia politica

A nossa influencia e dominação politica está bem solidamente consignada nas paginas da historia; não precisa o abono do meu trabalho. Quando ultimamente se discutiam em negociações diplomaticas os direitos de Portugal ao Congo, evocou-se o nosso passado, inteiro, fazendo-o resurgir das paginas dos chronistas e dos documentos officiaes. Nada tenho que acrescentar, valendo-me do que está escripto.

Mas ha factos que só podem ser apreciados com os olhos da fé politica; e esses têm andado mais ou menos ignorados, porque passam muitas vezes desapercebidos a quem os observa.

O chefe do estado do Congo e os mussorongos e cacongos trocaram o seu antigo titulo pelo de rei; e alguns levam tão longe a comprehensão d'este titulo, que chamam a el-rei de Portugal seu senhor e primo.

Da mesma maneira o barrete do rei—a primitiva *n'zita*—cedeu o passo á corôa, para symbolo da realeza.

E note-se a mystificação: a corôa tem a significação politica da corôa real portugueza; mas tem a fórma religiosa d'um rosario, com o Christo crucificado em cruz de bronze, e usa-se em posição de collar, com a cruz pendente sobre o peito. O rei mussorongo traz ainda o *bastão* e a *n'zita*; mas, quando quer fazer valer a sua auctoridade lá longe, ou tem de fazer-se representar pelo embaixador, entrega-lhe a *corôa*—todos obedecerão ao seu legado que a mostre, como se o proprio rei fosse presente, e fallasse. Além d'isso, nas successões só está feita a transmissão do poder real com a imposição da *corôa*.

O padrão da foz do Zaire ainda existia ha muito pouco tempo, mas... foi levado pela cheia, como dizem os roteiros! E o padrão do Ielálla, esse protesto mudo e firme contra a usurpação de Stanley, ainda existirá? A sua gente terá tido por elle a mesma consideração e respeito, que o ambicioso explorador votou ao portulano do Zaire, levantado por Diogo Cam?

Conheci pessoalmente alguns dos mancebos, que auxiliavam Stanley na realisação da sua empreza; e, avaliando-os todos pela nobreza dos sentimentos destes, alenta-me a triste esperança de que o padrão do Ielálla ficará para sempre a dizer ao mundo de quanto eram capazes os nossos navegadores quinhentistas: será a crystallisação d'uma lagrima de saudade, vertida pelo grande rio em memoria d'aquelles, que primeiro o visitaram... Stanley quer honrar a coragem de que já deu provas? têça-lhe uma grinalda de carvalho e louro, e vá cercal-o com ella, se é capaz!

Tal é a importancia dos vestigios da nossa denominação por alli.

Com vida, porém, só resta, como foco unico de luz illuminando um passado inteiro, a missão de S. Salvador do Congo, que nos ultimos tempos tem dado lampejos de animação devidos ao zelo do chefe e ao auxilio do seu companheiro, o padre Sebastião. E por isso o abutre, que lá em Landana paira ha uns poucos d'annos com os olhos fitos no moribundo á espera do cadaver para descer sobre elle, tem de balde afiado as garras.

Mas vejamos como estas sombras do nosso passado ainda assustam os ambiciosos d'hoje, que têm poder para trabalhar a descoberto, mas preferem a sapa traiçoeira para minar o nosso prestigio.

Começemos pela França, visto que fallei na missão de Landana, e esta lhe serviu de broca.

III

Minas da França

A missão de Landana tem uma premeditação que se perde no tempo dos Filippes; e já hoje é mais alguma cousa, do que uma simples missão.

No calamitoso tempo em que esteve suspensa a autonomia do nosso paiz foi Angola invadida pelos hollandezes, e a missão do Congo por padres francezes que, tendo entrado a titulo de auxiliares do nosso clero, projectavam ficar como senhores, com tal ou qual annuencia da santa sé que, apezar

de santa e justa, pendeu sempre um poucochinho para o lado do mais forte.

Reclamámos devidamente contra a invasão dos direitos de padroado da corôa de Portugal, e foi-nos feita justiça — depois de demorada discussão. Estes factos repetiram-se sempre com as mesmas reclamações, e, seja dito em abono da verdade, sempre com o mesmo resultado: era incontestavelmente nosso o direito de padroado em todo o territorio do Congo, sobre os sertões vizinhos, muito além dos confins das nossas actuaes aspirações de dominação effectiva.

Pois apesar d'isso, appareceram em Landana ultimamente os missionarios francezes a pedir ao nosso benemerito compatriota, o actual visconde de Cacongo, que os protegesse para com os principes indigenas, e auxiliasse o seu estabelecimento visto que iam em nome de Deus e da humanidade civilisal-os.

O nosso patricio, alma bondosa e despreoccupada de intrigas politicas, conseguiu tudo e auxiliou os padres que a principio eram os mais humildes de todos os christãos.

Logo depois de installados, e consolidada a installação, appareceu ao lado d'elles um inoffensivo e util medico francez, fazendo as delicias de todos os negociantes que o conheciam: tratal-os-ia, quando doentes; e era um bom companheiro, para os intervallos de ocio que o commercio e a doença permittissem.

A' medida que a missão e o dr. Lucan iam prosperando, foram os padres julgando menos necessaria a sua reserva absoluta; e permittiram-se um dia, para com o seu antigo protector, uma expansão que o poz de sobreaviso: o padre Antonio Carrie, que era o chefe, «lastimava que os negociantes

não fossem instruir-se na missão em assumptos religiosos, levando lá para o mesmo fim todos os empregados e serviçaes; e pedia ao seu protector Leitão que, como amigo, ficasse considerando os padres parochos de Landana, que lhe comprasse bullas, e mandasse os serviçaes á doutrina, indo elle e levando os outros negociantes e empregados, ao menos aos domingos e dias santificados, assistir aos officios divinos».

O nosso compatriota—que não tinha ido a Landana para se instruir na religião christã—achou especioso o desejo do reverendo Carrie; e prometteu que o satisfaria, quando o governo de Portugal, a quem pertencia a dominação politica do territorio, tivesse *apresentado* aquelles parochos na sua parochia. O padre Antonio Carrie, sentindo-se denunciado um pouco extemporaneamente, recolheu o pedido, e protestou que nenhum desejo tinha, além do de conduzir para o céu todas as almas que podesse pescar n'aquelles turvos mares, onde dominava o diabo.

Frustrada esta primeira tentativa de dominio directo, era preciso preparar o campo para outras que no futuro seriam porventura mais felizes. Estava consolidada a missão de Landana; podia, e devia, destacar filiaes para onde mais prospero se afigurasse o futuro.

Foi muitas vezes a Cabinda, e fallou sempre em correcto portuguez aos cabindas, dizendo-lhe que era tão portuguez como elles, visto que tinha aprendido em Portugal tudo o que sabia etc. etc.; mas os cabindas extremam bem os verdadeiros portuguezes dos falsificados, e responderam simplesmente—que não tinha que fazer alli, porque era «frincezo» e elles eram portuguezes. Apoiou então um pé em Molembo, e d'ahi saltou para Bôma: sempre era bom viver á sombra da

influencia dos portuguezes. Bôma prestava-se a isso, porque havia lá muitas casas de commercio, que tinham aproveitado a mesma vantagem.

Estava a França finalmente installada sobre a margem direita do Zaire: agora faltava apenas estabelecer a continuidade da occupação e arrancar a mascara, dizendo ao mundo que tudo era seu até alli.

Mas os padres queriam mais ainda.

Da outra margem do rio jazia, esquecido e abandonado dos portuguezes, tudo o que restava do convento de Santo Antonio; — o esquecimento da feitoria de Pinda era já tão completo, que muita gente, mesmo na provincia, quando lia o nome de Pinda na historia de Angola, julgava que se tratava do sitio assim designado junto da foz do Curoca, trazido para a margem do Zaire por um erro de topographia, similhante a muitos outros quotidianamente commettidos.

Tudo estava abandonado e indefeso para provocar os appetites injustos dos amigos do alheio. Faltava apenas uma circumstancia: como iriam os padres francezes estabelecer-se do outro lado do Zaire dentro do territorio da jurisdicção, reconhecida por elles, do bispo de Angola, sem lhe pedirem a sua annuencia?

—Fossem, que depois tudo se arranjaria...

E foram; e arranjaram tudo; porque em breve conseguiram do papa a criação d'uma prefeitura apostolica, independente do bispo do Gabão — a quem não cerceava a jurisdicção, — simplesmente para o ser tambem do bispo de Angola, em cujo territorio e dominios espirituaes era constituida.

Não sei, se esta ultima violação dos nossos direitos de pa-

droado, e da integridade da jurisdicção do bispo de Angola e dominação politica de Portugal, já teve reclamação; ella foi, como todas as anteriores que acima indiquei, praticada pela Santa Sé contra o Portugal *fidelissimo* que é fraco, e a favor da França forte, apesar de *republicana.*

Oppozeram-se apenas os maiores propugnadores dos nossos direitos, os indigenas, que não quizeram dar posse do que resta de Santo Antonio de Pinda aos padres *frincezos*, e que guardam tudo religiosamente, á espera do padre *branco;* e oppoz-se-lhe tambem um concilio de profanos, a conferencia de Berlim, a quem decerto a Santa Sé reconhecerá os foros de infallibilidade, attentos os *solidos* argumentos em que se funda, mesmo sem a intervenção do Espirito Santo. Foi por isto, decerto, que a França deixou em paz aquelle pedaço de costa, que se estende para o sul do Zaire, e que poderia no futuro dar-lhe a posse da embocadura do grande rio.

Tivessem os padres francezes retirado de lá em boa ordem, apenas ouviram o veredictum do concilio berlinez, que escusavam agora de pedir auxilio ao governo de Portugal para os proteger n'uma situação difficil, onde elles foram metter-se ás escondidas para lesar os direitos d'El-Rei fidelissimo e do bispo d'Angola e Congo.

Se nós quizermos aproximar os factos, e notarmos onde se dirigiu a *Sagittaire*—transformada em *Auriflame*, como d'antes faziam os piratas,—havemos de concluir, que as intenções religiosas da missão franceza de Landana eram ditadas pela mesma auctoridade que mandou alli a Sagittaire e Brazza:—tudo aquillo estava abandonado; e fazia uma certa conta á França, porque tornava muito maiores as abas do *Gabão* em que ha tempo se embrulhou, por o ter encontrado,

tambem *sem dono*, na costa occidental d'Africa, onde o deixou ficar o bravo portuguez que o levára d'Aveiro!

Vejamos o que fazia a nossa fiel alliada.

IV

Tramas inglezes

Não será preciso mencionar a situação em que a Inglaterra se collocou, negociando comnosco o tratado do Zaire. É bem recente ainda, e conhecida, essa feia historia do *lobo e o cordeiro* interpretada por duas nações. Olhemos só para o que ella estava fazendo na região do Zaire, em quanto com um pau de dois bicos se divertia a fingir que tratava comnosco diplomaticamente.

Já referi esse tristissimo sacrilegio da demolição do padrão da foz do Zaire por um navio de guerra inglez. Vai contado no meu relatorio de 1882; e ainda estou a ver a indignação d'aquelle velho portuguez que foi testemunha do attentado.

Mas os navios da armada de sua graciosa magestade não se contentavam com estas obras que as trevas cobriam.

Ás claras, em pleno dia, sempre que desembarcavam em Cabimda ou em Santo Antonio, punham todo o empenho em nos furtar a sympathia dos indigenas, intrigando-nos para com elles com uma calumnia, que uma vez notaram-lhes tinha feito certa impressão: — nós eramos, «uns patifes negreiros, que queriamos furtar-lhe as terras e escravisal-os depois, vendendo-os para muito longe; se não tinhamos conseguido já o nosso damnado intento, era porque elles, os *ingrezos*, estavam sempre pelo seu lado, para os proteger; alem d'isso, não eramos

tão ricos e amigos dos pretos, como elles *ingrezos*, que davam valiosos presentes etc;» e completavam esta obra distribuindo com profusão peças de lenços encarnados, agoardente e genebra, illustrações inglezas e muitas moedas de schilling.

Foi assim que elles conseguiram muitas vezes malquistar comnosco o proprio rei de Santo Antonio de Pinda -- o representante do primeiro principe preto com quem nós alli travamos relações de amizade. Assim alcançaram que o Loemba, junto da bahia de Cabinda, içasse a bandeira ingleza como unica excepção no meio de todos os cabindas, que só respeitam e reconhecem, como soberana a bandeira portugueza— a que chamam da *Maria Segunda*. E assim obtiveram tambem que o Boi Jac tomasse um nome inglezado, pelo qual deseja ser conhecido, em quanto, a fallar portuguez, mostra aos extrangeiros que o visitam attestados de officiaes de marinha inglezes, a comprovar e agradecer os *bons serviços* que receberam das irmãs do preto, o qual não intende o que tem alli escripto, e o considera uma honra para a familia.

Alem de toda esta sordida intriga, officialmente feita pela Inglaterra por intervenção da sua força naval, temos ainda a mencionar o trabalho das suas missões.

D'essas estamos nós vingados, por ora; mas sempre será bom lembrar de passagem que a missão ingleza de S. Salvador foi amigavelmente fundada com o auxilio e protecção do governo portuguez.

Façamos tudo pela nossa fiel alliada; abafemos até os gritos da nossa consciencia religiosa para a servir e amar. Ella em compensação far-nos-ha a grande fineza de nos devorar com cortezia, aos bocadinhos, podendo engulir-nos d'uma vez só!

Emquanto se diverte com um prazer felino a torturar-nos, não nos incumbirá o dever de lhe agradecer o prolongamento da vida na agonia?

Eu não queria que nos tivessemos opposto ao estabelecimento d'esta missão—não podiamos nem deviamos fazel-o;—mas deixassemos de a auxiliar—fossemos preguiçosos n'isso como o fomos no demais, para a nossa preguiça um dia nos ser util.

Os missionarios inglezes, não tendo nem a nossa tradição nem o nosso culto para attrahir as almas simples dos pretos, tentam conquistal-os por meio dos presentes: espalham com mão larga, e com a tenacidade britannica, as suas libras em fardos, tecidos e em mil trapalhadas, com que todos os mezes esperam commover aquelles corações empedernidos. Os pretos vão gostosamente á missão receber os presentes; e, não sabendo explicar a razão de tal prodigalidade, contentam-se com chamar tolos áquelles negociantes «que não pedem, nem querem receber, os seus generos em troca das fazendas!»

O rei do Congo está de tal modo habituado a viver dos presentes da missão ingleza, que os nossos missionarios, não tendo á sua disposição coisa que se pareça com a riqueza britanica, e não podendo ultimamente manter perante o rei todo o prestigio de que precisavamos, e nos servimos, contra as intrigas de Stanley, tiveram de cercear os seus magros proventos para brindar o rei.

O padre Barroso veio uma vez a Loanda de proposito expor a necessidade de comprar para o rei um presente que lhe seria muito agradavel, e com o qual teriamos as suas boas graças durante muito tempo, dispendendo pouco dinheiro. O

virtuoso sacerdote voltou depressa para o seu posto, muito satisfeito por ter conseguido o que desejava.

A Inglaterra pois não se tem descuidado de nos minar alli o nosso prestigio com o seu dinheiro, com as suas intrigas, e até com os seus canhões, que destruiram o padrão; e diziam os commandantes dos navios de guerra inglezes que estavam promptos para repellir com a força qualquer tentativa de occupação da nossa parte.

V

Inveja hollandeza

Os hollandezes tambem fizeram sempre tudo o que poderam contra a dominação portugueza. Parece que ainda hoje nos não pódem perdoar a reivindicação de Loanda e do Zaire, em seguida á sua usurpação.

Os hollandezes estão alli representados por uma só casa que é muito grande, e tem muito mais empregados portuguezes do que hollandezes. Mas como os superiores são da Hollanda, tanto basta para que os odios e empenhos da nação appareçam.

Esta casa dá-se ares de soberana do Banana; e costuma fazer cumprimentos de bandeira a todos os navios que entram ou sahem do porto. Pois ultimamente mostrava-nos a sua má vontade, deixando de cumprimentar os nossos navios de guerra: só os via quando pediam pratico, porque este facto dava sete libras a um dos seus empregados, que serve de piloto.

Para desconsiderar os portuguezes que por alli circulam ás vezes a mudar de collocação, outras vezes a procural-a, man-

dou pintar, em portuguez, um lettreiro que affixou em logar patente, no qual se lia: «Aqui não se dá hospedagem a ninguem» sem ver que com este lettreiro, assim concebido e escripto estava implicitamente demonstrando que para ser entendido fôra precisa esta lingua do *branco*, e que são em maioria por alli os portuguezes em todo aquelle movimento e vida:—confessavam-se dois argumentos da nossa importancia que presentidos, seria logo destruido o lettreiro por quem tinha mandado collocal-o.

Quizeram tambem estabelecer a intriga contra nós, entre os indigenas; e effectivamente conseguiram que alguns dos cabindas, chamados *d'agua doce*, por viverem mais perto do *rio*, se declarassem platonicamente seus amigos, emquanto todos juntos dançavam e se banqueteavam nos pequenos povos aonde os hollandezes iam *visital-os*. Note-se porém que todas estas ternuras e ainda as outras — que fazem os hollandezes parentes affins dos pretos — são proferidas na lingua do *branco*, porque «preto não sabe fallar lingua de *randazo*.»

Tambem com Stanley tiveram estreitas relações d'amizade, emquanto só viram n'elle o calumniador dos portuguezes; mas quando notaram que as suas vistas iam mais longe, e tentava, despojando-nos do Zaire, apossar-se d'elle e exercer autonomia onde a casa hollandeza só a si se julgava em circumstancias d'isso, quizeram retirar-lhe a sua amizade e recolher-se á nossa: — já cumprimentavam os nossos navios de guerra; e arrancariam o lettreiro, se elle ainda existisse.

Accordaram tarde; mas ainda assim mandaram a Berlim, como agente diplomatico o seu chefe A. de Bloeme, a vêr se

limpavam as lagrimas de desespero, que a perfida Internacional lhes fizera brotar... Ajudaram a creár a pêga para ella lhes tirar os olhos.

VI

Trapaças de Stanley

E Stanley o que fazia contra o nosso prestigio?

É bem sabido o que tramou pela Europa, sempre que veio cá medicar-se, ou tratar dos seus negocios: foi um pasquineiro, um atropelador da historia, cujas paginas sagradas tinha lido muitas vezes em circumstancias bem solemnes, para que tão depressa estivesse, em boa fé, esquecido d'ellas. A ambição cegava-o, e justificava-lhe os meios com os fins.

Quando este corajoso explorador atravessou a Africa, viu na região dos lagos, e do médio Zaire, o local para uma grande colonia ou antes para um estado prospero e respeitavel. Os seus nervos excitados pelas impressões fortes, e excandecidos pela febre, pintaram-no, em futuro brilhante, imperador do Congo. Este sonho, que uma vez lhe assaltou a mente, tornou-se em breve o seu anhelo—toda a preoccupação da sua vida.

Elle queria ser rei.

Já era conhecido por um segundo nome, e desejava ainda vir a usar um terceiro—rei, imperador ou presidente de republica: isso depois se assentaria.

Começou desde logo a chamar *seu* ao Congo, referindo-se então ostensivamente só ao rio; mas sem dissimular aos intimos, n'um ou outro lampejo de confidencia, que o nome do rio havia de passar para um *estado*.

Mas um estado na Africa Central, sem um porto no littoral que o collocasse em communicação immediata com o mundo civilisado, dava-lhe assim uns ares de *jaga* ou de *muata*, que tornavam ridicula a sua ambição; — era preciso descobrir o portal para o seu imperio, e o Zaire estava ao pintar. Mas o Zaire tinha dono, descuidoso é verdade — uma especie de morgado arruinado — mas dono em todo o caso: era mister desapossal-o; — era preciso levantar a *bernarda* para conseguir por *nefas* o que, licitamente, não lograria nunca a sua cubiça...

Tal me parece ter sido a mal intencionada origem das calumnias que Stanley nos levantou, e das trapaças de que se serviu.

Depois, conseguida a embocadura do Zaire, tudo mudava de figura: um caminho de ferro que vencesse as cataractas punha em communicação commoda e facil todo o seu estado com o mundo inteiro; e isto dar-lhe-ia, de repente, uma civilisação nova e completa para elle fruir, como soberano!

Mas era preciso enfraquecer-nos, ferir-nos depressa, que nos não restasse a energia sufficiente para protestar: — mexericou em Allemanha; vociferou na Inglaterra; trocou olhares significativos com o rei da Belgica; e conseguiu a sagração dos Estados Unidos da America, de modo que deixou bem patente a leviandade politica, commettida para proteger o amigo, cedendo ao empenho. E, emquanto fazia tudo isto, empregando todos os esforços para nos conservar amarrados ao poste do *statu quo*, onde nos deixára a nossa amiga Inglaterra, ia vibrando golpes mortaes contra o nosso commercio de toda a *costa do norte* e da provincia d'Angola, explorando-o com a sua empreza commercial annexa á *inoffensiva* ex-

pedição scientifica, e predispondo-o depressa a descer o Zaire —antes que nós tivessemos tempo de reconhecer o perigo e fazer os preparativos que o evitassem!

Taes eram os inimigos do nome portuguez, conspirados em toda aquella vasta região para arrancar da alma do indigena a consideração e respeito que nos tributa.

Foi n'estas circumstancias deploraveis, que eu encontrei alli em 1882 os vestigios das nossas glorias, presa de aventureiros, acotovelando-se para partilhar a tunica esfarrapada, que pendera em tempo d'hombros musculosos e temidos.— Pareciam os selvagens do littoral a espatifar um navio varado em abandono!...

VII

Missão da Moanda

N'estas condições aconselhei eu como remedio para o mal no meu relatorio de 1882, além da companhia commercial de que já fallei, e d'outras cautelas e precauções que terei occasião de apontar, a creação d'uma missão na Moanda moldada pela franceza de Landana, que fosse a chefe de todas as nossas missões ao norte d'Angola, no territorio que mais tarde ou mais cedo iriamos occupar.

Não queria com essa creação destruir a missão do Congo, que tem a importantissima rasão historica da sua existencia, e é ainda hoje a maior alavanca de que poderemos servir-nos para levantar a nossa influencia religiosa n'aquellas paragens; mas tambem não queria por causa d'essas duas rasões sacrificar a prosperidade futura das missões, e do nosso dominio politico; e desejava conseguir estas duas vantagens, oneran-

do o menos possivel o nosso orçamento, e poupando a vida e a saude dos futuros obreiros do engrandecimento.

A missão do Congo, quando nós quizessemos dar desinvolvimento ás missões ao norte de Angola, não podia ser a chefe, porque estava longe, sem viação nem transportes, e não podia offerecer as vantagens economicas e hygienicas, que alcançariamos n'outra parte. Conservasse-se, e augmentasse-se mesmo, mas sem prejuizo do plano geral, que tinha de ser moldado em harmonia com interesses ainda mais importantes. Ficasse no Congo tudo o que lá estava, e fosse ainda todo o preciso para combater a missão ingleza, que lá admittimos como inimiga, mas sem sacrificio das vantagens religiosas e, sobretudo, das politicas.

Era este o meu modo de pensar a respeito da missão do Congo e da sua importancia, quando aconselhei a criação da missão chefe na Moanda, onde eu via todas as vantagens topographicas para a prosperidade da propagação da fé e, principalmente, para a installação da nossa dominação e occupação politica em paz—sem reclamações das potencias.

O meu pensamento ácerca da missão da Moanda está esboçado no relatorio de 1882; e foi por mim desinvolvido n'um trabalho especial, que fiz como relator d'uma commissão, encarregada de estudar o assumpto, e que subiu á consideração do governo.

A Moanda para séde da instituição recommendava-se pela hygiene. Tinha bom ar, porque a viração diurna constante leva-lh'o fresco e puro de sobre o mar, e o *terral* durante a noite traz-lh'o das planicies de nordeste—sem nunca ter varrido os pantanos empestados da infecção palustre. Tinha boa e abundante agua, pelas razões apresentadas no logar compe-

tente. Tinha uma temperatura commoda; e um clima ameno, devido a estas circumstancias. Tinha uma alimentação abundante e variada de todos os fructos da terra e do mar, por circumstancias que tambem já mencionei.

O local mesmo era tambem recommendado pela economia: porque, ficando á beiramar e com um pé no porto do Banana, não precisava de estradas para communicação com Loanda e com o mundo, e faria vantajosamente os seus transportes; porque em Cabinda havia todo o pessoal operario, educado já, para os trabalhos de installação; e, finalmente, porque todos os gados, fructos das plantações e pescados, seriam facilmente alcançados e produzidos para consumo do estabelecimento e para vender no porto do Banana, criando assim uma fonte de receita capaz de cobrir, bem á vontade, todas as despezas da instituição.

De todas estas vantagens devia provir fatalmente a prosperidade da religião, com o estabelecimento de novas missões que esta chefe iria destacando de tempos a tempos para logares indicados pelas conveniencias politicas.

Mas a mais importante de todas as vantagens que eu desejava conseguir, e que ainda hoje creio piamente que teria conseguido, se o governo realisasse o meu humilde parecer,— era o esboço da cidade portugueza, que fosse um dia a capital da região do Zaire e o emporio do seu commercio. Com a missão, como eu a tinha planeado, estavam lançados os fundamentos da cidade, e firmado para sempre o pé no porto do Banana; e ninguem tinha motivo para reclamações, porque uma missão foi sempre considerada inoffènsiva e anodina, ainda mesmo que ella se dirija ao nosso coração com punhal hervado escondido, como fez a missão catholica fran-

ceza de Landana e a ingleza protestante de S. Salvador.

Não haveria tambem logar a reclamações por parte dos indigenas, ou a outras das potencias europeas, que estas fossem suscitar, porque o terreno, que eu lhe destinava era o neutro entre cabindas e mussorongos: nem uns nem outros se incommodariam de que o occupassemos, e lhe servissemos de medianeiros. E, para que a instituição prosperasse com administração intelligente inspirada pela sciencia nova, e fosse uma alavanca politica na mão do governo—aconselhava eu a criação annexa da casa de saude junto da missão.

A casa de saude seria altamente sympathica a todos os europeus que por alli andam com a vida em constante perigo; e esta sympathia repercutir-se-ia nos gabinetes das potencias, sempre que fosse necessario lubrificar attrictos.

A missão copiaria em tudo a de Landana, excepto na acquisição dos educandos. Não precisavamos de recorrer a tão desesperados extremos. Tinhamos nas principaes povoações da provincia d'Angola muitas crianças para educar alli, espontanea e gostosamente offerecidas pela familia; e estas crianças implantadas no meio d'um povo de raça diversa e educadas á portugueza na missão, seriam os unicos colonos uteis para engrandecer o indigena, introduzindo a civilisação portugueza o mais completamente possivel.

O preto na sua terra custa muito mais a civilisar, do que fóra d'ella.

A civilisação contraría os habitos selvagens, ou barbaros, do preto inculto; e indispõe-os, nos primeiros, tempos contra os seus civilisadores. Se estas contrariedades forem desabafadas e ponderadas no meio da familia do alumno, e se este lá de dentro do seu viver artificial comtemplar o que fazem fóra

os seus antigos companheiros de liberdade selvagem, estabelecer-se-ha n'aquelle espirito ingenuo e inculto uma aversão pela vida civilisada, uma nostalgia da liberdade selvagem, que mais tarde ou mais cedo produzirá o seu resultado fatal — a *regressão* á vida dos seus.

Com a introducção das crianças do sul obviavamos a estes inconvenientes: e ainda colhiamos resultados d'outra ordem que já tive a honra de ponderar ao governo em trabalho especial, destinado a reformar a legislação da curadoria geral da provincia d'Angola.

Procurados e educados, assim os alumnos seriam, quando homens, verdadeiros portuguezes pelos habitos e pelas aspirações e, como a sua familia tinha sido a missão, era natural que a terra do instituto continuasse tambem a ser a sua, estabelecendo-se em volta d'elle e engrandecendo o nucleo da cidade em habitantes, com feição urbana.

E d'entre elles os mais distinctos seriam no futuro os melhores auxiliares do desinvolvimento da missão nos seus destacamentos para o interior; porque deveria n'esse caso fazer-se d'elles missionarios tambem, dando-lhes nos seminarios da provincia, ou da metropole, a educação superior precisa.

No entretanto a missão chefe seria uma eschola pratica, optima para o tirocinio dos novos missionarios idos de Portugal, que demais a mais fariam alli a sua aclimação, emquanto aprendessem os preceitos da vida pratica do missionario no sertão.

Acrescia a todas as vantagens apontadas, que não teriamos de entrar em grande despeza; nem mesmo era preciso criar verba, porque já estava criada: o dinheiro destinado á *missão*

civilisadora de Noqui chegava para a installação da da Moanda—sem fazer nenhuma falta ao pensamento que tinha presidido áquella criação.

E, para que nenhum obstaculo impedisse a desejada e salvadora rapidez da criação do meu instituto, indiquei o modo de adquirir terrenos e de iniciar a installação.

Mas tudo foi trabalho perdido.

VIII

Outros conselhos

Aconselhei mais, para substituir o padrão ou para o guardar depois de reconstruido, a criação d'um posto de pilotos na foz do Zaire, junto do sitio onde estivera o monumento. Teriamos quem pilotasse as embarcações na entrada do rio, e por elle acima, sem a extorção leonina das muitas libras que actualmente pagam esse serviço; e tambem teriamos quem viesse dizer officialmente ao nosso governo, com a auctoridade do testemunho presencial, a que alvo se dirigem os projecteis dos navios de guerra da nossa alliada—fiel.

Esta instituição seria no principio uma dependencia da estação naval d'Angola, até que podesse vir a ser uma delegação da capitania dos portos da provincia:—tornar-se-ia sympathica, encarregando-se do serviço do correio a favor de todos os homens civilisados que por alli andam.

Aconselhei tambem a introducção da nossa moeda de prata, e principalmente de 200 réis, para destruir o pessimo effeito que por lá vai produzindo a diffusão pertinaz dos shillings por parte dos inglezes. Se os cabindas não frequentas-

sem tanto Angola, já hoje não saberiam contar o dinheiro portuguez: ao seu paiz só vão ter as libras, e os shillings principalmente. Os mussorongos já distinguem esta ultima moeda de todas as outras de prata dos differentes paizes, com valor aproximado; e não querem receber senão o shilling, sempre que podem escolhel-o entre ellas.

Propuz uma tentativa de nacionalisação dos padres francezes com as suas missões. Eu tinha apanhado a um d'elles, como disfarce de certo, a insinuação da possibilidade de se conseguir isto para nós; e parecia-me conveniente que se fizesse a tentativa: se elles acceitassem, teriamos bons auxiliares para civilisar os pretos; se recusassem, estavam denunciados como agentes politicos, e deveriam sujeitar-se a ser tratados como taes.

Propuz tambem que os paquetes da *Empreza Lusitana* tocassem no porto do Banana.

Todas as minhas propostas me pareciam remedio efficaz para o mal que encontrei, e continuarei na minha convicção, visto que nenhum insuccesso, nenhum argumento ponderoso me arredou ainda d'ella. O governo de Sua Magestade foi do mesmo parecer em Portaria de 5 de janeiro de 1883, onde declarou o sr. ministro da marinha:

«O mesmo augusto senhor, sciente do importante serviço que acaba de desempenhar o juiz de direito da 1.ª vara de Loanda, Francisco Antonio Pinto, na sua visita aos portos do norte, desde o Ambriz até Maiumba, e estabelecimentos commerciaes das margens do Zaire, minuciosamente relatado no documento que, por copia, acompanhou o citado officio do alludido governador geral, quer que este magistrado louve em seu real nome o mencionado juiz pelo distincto desempe-

nho que deu á sua commissão, esclarecendo no relatorio, que elaborou, muitas *questões praticas de interesse immediato...*»

Tudo se fazia com muito pouca despesa, porque tive sempre em vista a importantissima questão de fazenda, quando procurei resolver o complicado problema; e, apesar de tudo, só consegui que os paquetes tocassem no Banana!

Eu bradára com todas as minhas forças, que a continuação do abandono representava a perda dos nossos *direitos reservados*: e, mau grado meu, fizeram-me propheta!

Mas eu tinha de ser infeliz com as minhas tentativas de introducção da auctoridade portugueza no territorio a que tinhamos direitos reservados, para iniciar a occupação d'elle.

Em 1879, quando eu era curador geral dos serviçaes e colonos da provincia d'Angola, Isac Zagury, negociante de Banana, veio a Loanda propôr-me que se promptificava a cumprir todos os preceitos regulamentares da curadoria, se eu consentisse em que fossem contractados perante mim, com as formalidades legaes, alguns serviçaes para as suas feitorias do Zaire.

Eu não podia assumir a responsabilidade da annuencia ao pedido, porque os regulamentos da curadoria não me davam tamanha attribuição; mas, parecendo-me a proposta muito vantajosa para os nossos interesses politicos, certifiquei-me do proponente de que os outros negociantes, ou pelo menos muitos d'elles, tinham egual desejo, e fui expôr ao sr. Vasco Guedes, que então era o governador geral, a conveniencia para nós de ser attendido o pedido. Sua excellencia era o presidente do conselho de governo, tribunal que pela legislação da curadoria é o superior hierarchico do curador geral;

e eu procurava-o n'essa qualidade, e como supremo magistrado da provincia.

Não quiz, como eu não quizera tambem, assumir a responsabilidade da deliberação.

Debalde ponderei eu que as suas attribuições eram muito superiores ás minhas; que tinha a suprema administração politica, e que o interesse politico era palpitante; que na secretaria existiam instrucções para proceder no sentido que eu propunha, sempre que se offerecesse a occasião; e que no desempenho d'essas instrucções foram em 1877 ao Zaire por insinuação do seu antecessor, o sr. governador Albuquerque, o juiz e o delegado da comarca de Loanda levantar auto de corpo de delicto por crimes denunciados por inglezes, commettidos com a implicação de subditos portuguezes; e, finalmente, que eu estava prompto a ir ao Zaire e a percorrel-o todo sempre que fosse preciso, no intuito de firmar lá a nossa auctoridade, devendo sua excellencia notar que o curador, pela natureza especial das suas funcções, era uma entidade sympathica para o sentimentalismo europeu — um quasi missionario,— e que por isso nenhum paiz se atreveria a estranhar que elle fosse até ao Zaire para proteger os serviçaes, contra as violencias e arbitrariedades, de que habitualmente eram victimas. Nenhum d'estes argumentos convenceu o sr. governador, que persistiu na sua, promettendo-me consultar o governo.

Em vista de todo o exposto, a nossa situação no Zaire até á conferencia de Berlim póde resumir-se em negligencia, somno, abandono.

IX

Conferencia de Berlim

Quando a Europa nos deu a honra do convite, fomos a Berlim. Bem podia ella absler se de nos dar carta para aquelle jogo, apesar de estar na mesa a nossa tunica. Mas fomos, e procurámos representar-nos bem.

Ia o estadista distincto, que arrancára á Inglaterra o tratado irritante para Manchester,— homem notavel pela sua illustração e conhecedor da especialidade. Ia um dos nossos primeiros geographos, o secretario da Sociedade de Geographia de Lisboa, que levava de cór tudo o que pôde lêr no seu gabinete ácerca da questão. Na somma da sua illustração iam tambem duas parcellas insignificantes, que pertencem ao meu trabalho: o meu relatorio de 1882 e um mappa do baixo Zaire, ultimamente elaborado na secretaria da marinha, para a confecção do qual eu informara a situação e importancia das feitorias portuguezas.

Quem mais foi a Berlim?

O mundo inteiro: quem tinha, e não tinha interesse na questão. E tudo cantou liberdade e humanidade, em todos os tons; e todos discutiram e emmaranharam a questão, a vêr se no fim de contas alguma cousa se lucrava. Quando as difficuldades surdiam, os illustres plenipotenciarios faziam-me lembrar os principes congos nas suas *fundações*— iam *beber agua*—; e desembuchavam mais tarde com instrucções fresquinhas do governo respectivo. O nosso Portugal tambem *bebeu agoa;* e, apesar d'isso, foi, decerto, o que sahiu de lá mais embuchado.

A Allemanha descobriu a pontinha do veu das suas ambições. Ella, a matreirona, já tinha voltado para o Zaire desde longa data os seus penetrantes olhos d'aguia, mas sempre de soslaio, disfarçadamente. Os seus geographos tinham votado uma verdadeira paixão pelos sertões da Africa central e austral; e por isso procuravam-nos amiudadas vezes, tendo o cuidado de se fazerem recommendar sempre officialmente, para que a protecção das auctoridades d'Angola os acompanhasse até á fronteira da occupação effectiva, e entregasse depois á sollicitude dos irmãos Machados que preparariam as caravanas, desfariam difficuldades, etc.

N'estas condições entraram lá ultimamente o barão de Barth, o Dr. Pogge, Otto Schutz, Wisseman, o Dr. Buchner, Von Mechow e outros.

A insistencia das tentativas, apesar dos muitos insuccessos, e o ponto fito de destino causaram-me desconfianças, que tive occasião de accentuar em duas passagens do meu relatorio de 1882.

Estava sufficientemente perscrutado o interior que servia, era optimo, para o destino que ella lhe reservava. Havia lá extensissimos territorios, onde jaziam tractos de terreno de primeira ordem para satisfação das propensões agricolas allemãs; e alguns medicos e climatologistas sustentavam já a possibilidade da acclimação dos seus colonos em determinados pontos do sertão, excepcionalmente favorecidos de boas condições.

Pelo oriente e occidente extendiam-se até á beiramar as grandes coutadas do velho fidalgo peninsular; mas tão extensas. indefinidas e sem vigilancia, que provocavam a usurpação: o proprietario, pelos modos, devia ser um morgado

leviano, arruinado e caduco. Muito facil seria pois conseguir-se lá dentro tudo o que se desejasse, reservando as operações para a propria occasião, sem apprehensões de insuccesso.

No littoral era um pouco mais difficil o attentado—porque passava gente—e era uma vergonha commetter assim uma acção feia á vista do munho, estando-se vestido de casaca e gravata branca á moda do seculo dezenove, toilette preparada para levar a bandeira do progresso no cortejo das nações. Mas—podia ser que ninguem visse—sempre valia a pena deitar a mão á Angra Pequena e aos Camarões. Se alguem reparasse, arranjar-se-ia uma desculpa... era provavel que ninguem attentasse n'isso: são dois pontos insignificantes; distam muito um do outro; e quem mais poderia sentir-se não costuma dar signaes de vida, em situações identicas... Entretanto era bom ir dispondo as cousas na conferencia: «*só poderia occupar quem tivesse força e auctoridade para manter a occupação; as occupações, depois de encerrada a conferencia, seriam previamente notificadas ás potencias... para ellas tomarem o pulso ao pretenso occupante*, etc.»

Depois no futuro, tomando como pontos de apoio os dois logares occupados, facil seria ir estendendo os tentaculos até irem encontrar-se, lá para o Matianvo; e ahi estabelecer o abraço, que mais tarde viria a asphixiar o teimoso decrepito que, apesar de tudo, vai vivendo.—Em todo o caso ficassem desde já para sempre separadas essas duas grandes propriedades [1] que no futuro podem enriquecer muita gente: dividir forças é enfraquecel-as.

---

[1] Angola e Moçambique.

Estes eram os themas sobre que a Allemanha fazia os seus devaneios, segundo me parece.

E a Inglaterra—a nossa fiel alliada?... Que direi eu d'ella?

Custa-me a proferil-o, porque é muito feio: o leopardo foi leão, emquanto negociou comnosco o tratado do Zaire, e sendeiro quando ignobilmente apoiou que lho rasgassem nas ventas no começo da conferencia, para mais tarde vir a ser um calaceiro podengo, annuindo ao seu ultimatum—tendo dito e desdito tres vezes!...

Nos cheios da orchestra, ou nas suaves ondulações da melodia, esteve sempre a Italia dedilhando liberdade e humanidade *gratuita*, na sua harpa *desinteressada*. Nós pagariamos as despezas do concerto.

Stanley, o ancioso pai da gentil criança, andava em papos d'aranha; e a Internacional, essa nova Minerva que sahira do seu olympico cerebro excandecido, era o menino na mão das bruxas: todos queriam dar-lhe beijos, a vêr se lhe chupavam o sangue.

Portugal—o auctor da herança—ficaria só, na contemplação do seu tumulo, se a França não lança mão d'elle, como d'um velho escudo, para se mostrar defendida contra possiveis golpes na sua ambição Foi, graças a esta derradeira intervenção, que ainda trouxemos alguma cousa da conferencia.

Vejamos o que nos deixáram.

Será nosso o territorio ao norte do Loge, comprehendido entre este rio e o baixo Zaire, até Angoango, e uma linha que parta d'ahi para o sul a encontrar o parallelo de Nóqui, e depois seguindo esse parallelo até ao Cuango. Para leste

do Cuango, por ora, não se sabe nada a respeito do legitimo proprietario; mas póde já ter-se como certo que tudo ficará gosando o regimen — da absoluta liberdade de commercio.

Do lado do norte do Zaire, deram-nos, lá para longe d'elle, um pedacito de Cabinda e outro do Molembo: foi um retalho comprehendido entre a ponta vermelha, perto da extremidade do sul da bahia de Cabinda, a Chimboanda, e a confluencia dos dois principaes caudaes que formam o rio Chiloango. Do lado do norte d'este rio paira o desconhecido ácerca da propriedade politica —apesar da solemne occupação do Cacongo e Massabi, tão cantada pelo actual governador geral d'Angola n'uma epopea de personagens tauriformes.

Ora aqui está o que nos deram; devendo porém notar-se ainda que a doação foi feita com o titulo oneroso da liberdade de commercio, pactuado para toda a bacia do Zaire n'um dos primeiros assentos da conferencia.

X

Defesa da causa

Agora, senhores, segue-se naturalmente a critica dos resultados da conferencia, para nós. Eu desejaria que cada um de vós a fizesse, como melhor intendesse, aproveitando do meu trabalho o que parecesse digno d'isso. A minha intenção foi preparar a tela para poder desenhar-se o quadro. Mas visto que está preparada, lançarei tambem sobre ella as minhas pinceladas de esboço critico. Facilmente as apagareis de certo, se não gostardes.

Confessarei por Portugal, e em nome d'elle, que trouxemos

de Berlim muito mais do que merecia o nosso anterior abandono. Mas eu, como cidadão portuguez, prezo-me de não partilhar a culpa d'esse abandono — já o demonstrei, estou convencido d'isso; e por conseguinte estou no meu direito de me não sentir contente com os retalhos que nos deixaram.

Será mais ou menos, do que queria o marquez de Sá da Bandeira?

Já ouvi discorrer e concluir em sentidos oppostos. A mim, porém, parece-me menos, do que desejava aquelle estadista.

Em primeiro logar o territorio que nos levaram, comprehendido entre o Zaire e o Cuango, é muito mais de dez vezes maior do que o retalho de Cabinda e Molembo, que nos deixaram: e, se pela sua posição geographica não tem, debaixo de muitos pontos de vista, tanta importancia como o retalho do norte, porque é sertanejo, e aquelle no littoral, considerado debaixo do ponto de vista da geographia politica tinha para nós a grande vantagem de estar ligado a Angola e de lhe deixar a leste uma fronteira muito mais ampla.

Além de que, se para o norte nos fosse necessario um porto, tinhamol-o magnifico no Zaire, em Banana e junto da ilha de Molembembe, que n'esse caso reclamariamos para nós com a Moanda em troca do sertão de Macuta, com muito mais vantagem nossa, do que nos trará o retalho de Cabinda e Molembo.

Tomemos outro ponto de vista que não foi de certo, nem podia ser, observado pelo defuncto estadista.

Para actuaes negociações com a Internacional, ou com a França qual vale mais? o que nos deixaram ao norte, ou o que nos tiraram ao sul do Zaire?

O retalho do norte, actualmente, só poderia ter valor para a

França que está nossa vizinha. Mas a França tem já uma grande extensão de costa, para não se sentir disposta a fazer grandes sacrificios em troca de mais um pedaço: além de que, ella está como nós, tem no Gabão um bom porto; e, se cá para o sul precisasse d'outro, preferiria tel-o no Zaire e no logar acima indicado, junto á margem norte da embocadura do rio. Por isso muito pequena vantagem poderia offerecer-nos pelo nosso trecho do norte.

Não succede assim com o sertão de Macuta, que nos tiraram para a Internacional.

As cataractas que cortam a navegação do rio, entre Vivi e Stanleypool, obrigam a Internacional a criar uma ligação artificial entre estes dois pontos; e essa ligação so poderá ser vantajosamente estabelecida pela margem esquerda do rio, atravez do sertão de Macuta. Esta circumstancia tornava absolutamente preciso aquelle territorio para a installação politica e autonomica do novo estado; e devia portanto leval-o a fazer a sua acquisição, tornando-nos assim vantajosa a negociação.

Note-se ainda, que para o marquez de Sá a autonomia politica no territorio ao sul do Zaire era inteira e completa: e hoje a que nos ficou é cerceada pela já referida liberdade do commercio em toda a bacia do Zaire.

Valia portanto muito mais para nós a situação que nos desejava o fallecido estadista, do que aquella em que nos deixou a conferencia de Berlim.

Os nossos representantes no congresso fizeram tudo o que podiam e deviam fazer?

Tambem me parece que não. Encontro nas conclusões faltas, que me parece deverem ser exclusivamente imputadas ao

delegado perito, e outras que podem rasoavelmente attribuir-se a toda a nossa delegação, e mesmo ao governo.

Vejamos as primeiras.

Porque ficou Cassange dentro da bacia livre do Congo, indicada no mappa official da conferencia, ultimamente publicado na Alemanha? Pois Cassange não estava occupada por nós? Pois a conferencia não tinha o dever de respeitar—e não respeitou realmente sempre os direitos adquiridos, os factos consumados de posse e occupação, existentes já muito antes da declaração expressa, ou tacita, do *statu quo*? Porque não interveio o delegado perito com a sua sciencia, para esclarecer que a feira de Cassange estava ultimamente occupada desde **1882**, e tinha auctoridade portugueza, como Malange e os outros concelhos?

Não comprehendo o motivo d'este silencio.

E a importancia de Cassange não é pequena, nem desconhecida: é o coração onde afflue e reflue todo o commercio, que actualmente se faz com a Europa por Loanda. Isto é bem sabido dos allemães, por intervenção dos seus exploradores; e porisso lamento que elles, além de lograrem um dia as consequencias do nosso descuido em reclamar, fiquem ainda ajuizando de nós uma imperdoavel ignorancia do que temos em casa.

Supponhamos agora que tudo estava assente, e muito bem assente; e que se tratava de nos tirar a margem direita do Zaire, para a dar á Internacional. Seriam completamente defendidos os nossos direitos n'este ponto da questão, por parte do nosso delegado perito?

Parece-me que não.

Havia um argumento muito importante que me parece se-

ria attendido pela conferencia, se lhe tivesse sido apresentado: era a razão ethnica, que foi sempre respeitada contra nós, e, no caso sujeito, era a nosso favor. O povo de Cabinda não pára onde foi traçada a linha da costa para a Chimboanda; extende-se mais para o sul, e comprehende a Moanda, deixando como terreno neutro todo o que vai desde os seus ultimos burgos do sul até aos charcos do Zaire, habitados por colonias de Mussorongos.

Sustentada a razão ethnica—demonstrado que aquella divisão arbitraria ia separar povos irmãos e amigos da communhão em que sempre tinham vivido, para os ir reunir com inimigos, que detestam e de quem fogem com horror—facilmente conseguiriamos, ao menos uma vez, por nosso lado os accordes da harpa italiana.

Ponderar-se-hia que o terreno occupado pelos mussorongos, na margem direita, chegava bem para as exigencias do movimento do porto da Internacional; e n'esse caso não seria hoje para nós uma esperança perdida a occupação da Moanda, e a introducção d'um pé portuguez no porto do Banana, pelo processo que eu aconselhei da criação do caes da missão, ou por outro que no futuro parecesse mais adequado e podessemos negociar com a Internacional.

Assim, estão perdidas para sempre todas as vantagens politicas que Portugal poderia tirar da criação da companhia commercial.

Mais ainda.

Onde está o brado de indignação do nosso delegado perito, apontando a violencia, feita á Carta Constitucional, com os dois traços de leste e sul, que demarcam o retalho do nosso territorio ao norte do Zaire? Até onde chega Cabinda? até onde

chega Molembo?—que são territorios nossos pela Constituição Nacional?

Não me consta que o nosso geographo tenha feito valer nenhum d'estes argumentos; e lamento a falta, porque talvez estivesse n'elles a taboa da nossa salvação. Seria n'isto que o delegado perito auxiliaria o diplomata. No mais, evidentemente, não era preciso, porque o diplomata conhecia a questão, e tem o talento, a illustração e o patriotismo, que todos lhe reconhecem, para poder tratal-a sem assessores.

Mas vejamos as faltas que encontro da parte da nossa delegação, e por ventura do governo por as ter recommendado ou consentido.

XI

O governo e a conferencia

A Internacional não se contentava com a livre navegação do rio? era-lhe preciso esbulhar-nos para se investir na nossa propriedade?

Pois eu desejava ver bem claramente consignado que nós não cedemos, senão á força; e, como essa força não podia ser da creança ainda infante, faz-me falta aos meus brios de portuguez a declaração expressa de todas as potencias que estavam por traz da Internacional. Não me agrada que n'um futuro mais ou menos proximo alguem ao lêr as paginas da nossa historia encontre esta nodoa sem lavagem na nossa bandeira heroica e nobre.

Não cedemos á Internacional? foi ás potencias, contra as quaes não podiamos medir-nos, e foi n'um congresso onde só valem argumentos e não armas?

Deviamos então por-lhes solemnemente esse preceito: — cedemos, forçados pela vossa imposição!... A tratar com a Internacional ainda temos, e teremos sempre, a força precisa para fazer valer o nosso bom direito.

Não era uma vergonha ficar calada a circumstancia da imposição? e ficarmos nós de facto constituidos na obrigação de lhe pedir licença, quando quizermos passar do Congo para Cabinda, ou de Cabinda para o Congo?

As circumstancias não permittiam rasgos energicos? Era tarde de mais para isso?

Protestassemos, ao menos, antes de ceder; e no nosso protesto consignassemos todo o pensamento de dominio que deixavamos ir para obedecer á Europa e America, colligadas contra nós.

Tambem desejaria que, quando vissemos de absoluta necessidade a cedencia da margem direita, tentassemos ao menos obter alguma compensação. Nós entregavamos, era bom que tambem alguma cousa recebessemos em troca: não estamos tão ricos, que possamos assim fazer doações gratuitas, para o enxoval da creança. Era necessario vender caro, em preço, o que não podia ser disputado com as armas na mão, á custa de vidas.

Além d'isso, um esbulho, assim gratuito, equiparava-nos aos pretos, que não foram compensados da alienação da sua autonomia.

Desejaria por ultimo ver tambem demonstrado que, quando nos vimos reduzidos a ceder alguma cousa do lado do norte do Zaire, tivessemos empregado alguns esforços para ficar com o territorio de Banana e Moanda, dando em tal caso parte do que nos deixaram, mais ao norte: ficariamos com

tudo unido n'um só tracto de terreno que mais facil e economicamente administrariamos, — não querendo fallar agora das vantagens da posse da foz. O norte, assim separado, é uma difficuldade para o orçamento e para a administração da provincia; e, se qualquer d'estas duas escoras arreia, fica exposto a cubiças extranhas—uma especie de negaça, que mais tarde ou mais cedo ha de seduzir a França, quando isto fôr para nós o que já hoje é S. João Baptista de Ajudá.

Em todas as caprichosas linhas com que a conferencia se divertiu a retalhar o mappa, sem respeito pela chorographia physica e ethnica, e com a maxima desconsideração pelos nossos direitos, eu vejo apenas o proposito de talhar á vontade uma ampla servidão para o imperio de Stanley: levou-nos tudo, quanto quiz, sem o sufficiente protesto nosso. Aquellas linhas rectas sobre o mappa fazem-me lembrar o traçado do caminho de ferro do czar!

Parecerei de certo exagerado nas minhas pretenções ás pessoas que só quizerem avaliar os resultados da conferencia, pelas circumstancias em que estavamos, quando fomos a ella; mas eu — não me cançarei de o repetir — não tenho culpa d'essa má situação, porque indiquei em tempo o perigo, propondo-lhe o remedio; e por isso estou no meu direito de ser um pouco mais exigente, sem que ninguem por esse motivo possa arguir-me de severidade, ou hostilidade. Bem desejava eu encontrar ainda no futuro da região do Zaire, que nos ficou, algum ponto luminoso onde podesse firmar as minhas esperanças de futura prosperidade pelo commercio; mas, todas as minhas investigações são agora sem resultado — não o vejo.

Onde iremos collocar a cidade commercial, o emporio da

exploração do possivel commercio portuguez do Zaire? Em Pinda?

Não pode ser.

Pinda fica actualmente longe do fundeadouro da bahia de Santo Antonio; e toda a distancia que é d'umas poucas de milhas se percorre navegando por um estreito canal infecto, atravez dos charcos do mangue, que só tem agua para pequenas embarcações e em maré cheia. São de tal modo pestilenciaes as amanações d'este charco, que para lhe supportar o cheiro tive, quando o atravessei, de encher as ventas de camphora; e para evitar febres tomei quinino, como se já as tivesse.

Além d'isso Pinda não tem ventilação, nem agua potavel, nem posição boa no futuro para dar refrescos á cidade, nem finalmente bons vizinho: — os mussorongos de Pinda, apesar de serem os primeiros com quem estabelecemos relações, teem-se mostrado muito irrequietos e refractarios aos usos do nosso viver; e ainda hoje não são operarios, nem mesmo criados ou serviçaes, que gostosamente queiram trabalhar a jornal ou soldada.

E, se nós, pondo de parte todas estas considerações, quizessemos, apesar de tudo, fazer a cidade em Pinda, para obedecer somente á razão historica, que despezas? que difficuldades financeiras não iriamos arrostar?

Que o digam os portos de Lisboa e Leixões.

Não sendo em Pinda, aonde? Em Sinda? na Chichianga? no Congoialla?

Ha por alli umas pequenissimas feitorias portuguezas, destinadas á exploração dos grãos oleaginosos que o gentio das vizinhanças produza e venha negociar, mas esta exploração

é pequena, e as localidades não se prestam a outra, nem pelo terreno, nem pelos habitantes indigenas. O rio alli não tem mangue junto da margem, porque a corrente vae mordendo as terras enxutas da planicie adjacente; mas o leito é muito largo e cheio de bancos de areia, que uma corrente muito rapida está sempre a mudar, fazendo apparecer e desapparecer ilhas em muito poucos annos; e além d'isso não offerecia um fundeadouro seguro, ainda mesmo que tivesse o fundo sufficiente, por causa das ilhas fluctuantes.

Poderiamos nós localisar a nossa esperança em Noqui? Este logar tem todos os defeitos dos tres ultimos; acrescendo ainda o de só poder servir para navios a vapor que tenham a força sufficiente para vencer a corrente do rio; e o de ter interpostos os bancos, que mediam entre a Pedra do Feitiço e Bôma, e tornam a navegação muito difficil, dispendiosa, e só possivel para navios de pequena lotação. A circumstancia, vulgarmente adduzida, de ser Noqui a testa do caminho para o Congo não tem para mim importancia nenhuma; em primeiro logar porque os caminhos do commercio mudam com grande facilidade d'um logar para outro, por virtude d'uma guerra gentilica, ou por causa ainda menos importante; e em segundo porque toda a importancia que esse caminho tivesse em tempo será agora para a Internacional, mudando-se o centro para Stanleypool, e derivando o commercio pelo caminho do novo estado, desde lá até ao terminus da estrada, no baixo Zaire.

No Zaire não temos hoje logar para o emporio do nosso commercio. E para que queriamos nós esse logar, se nos fugiu a esperança de poder vir a ter commercio no Zaire?

Com a solução da conferencia foi-se-nos o commercio de lá,

e foram-se tambem as vantagens que podiamos tirar do estrangeiro na sua passagem, ficando a ser, como era, nosso o Zaire. Nem o commercio, nem o caminho d'elle serão nossos.

Se portanto, apesar de todas as difficuldades que se me antolham, quizessemos estabelecer no rio *a «nossa cidade, seria a melancholica espectadora da prosperidade alheia, eternamente condemnada a ver passar deante de si os trens da opulencia, que a salpicariam de ignominiosa lama,»* como eu vaticinava no meu relatorio de 1882. Fizeram-me propheta!

Bem quizera eu reunir a minha fraca voz aos córos, que louvam e engrandecem o que nos deu Berlim: era essa a minha intenção, em quanto ingenuamente acreditei nos ponderosos motivos, que deviam ter determinado a nossa ultima tentativa de occupação do Zaire — o nosso derradeiro aviltamento perante o indigena e perante o mundo! Sinto a *harpa quebrada nas mãos do trovador*!...

Se é certo que o Cacongo e o Massabi ainda não estão perdidos, tentemos por todos os meios ao nosso alcance conservar ao menos o valle do Chiloango, defendendo-o a todo o custo nas futuras partilhas com a França. Ficando a nossa fronteira do norte pela linha divisoria das aguas ao Massabi e ao Chiloango, ou d'ahi para norte, ainda podemos contar com o commercio d'este ultimo rio, e tirar d'elle por meio da companhia criada algumas das vantagens politicas em que pensei, e tive a honra de fazer pensar o governo.--E' a nossa ultima esperança de alguma prosperidade pelo commercio da costa: não a deixemos ir.

Não quiz encarecer serviços; era-me preciso fallar do que fiz, para chegar ás minhas conclusões.

Tambem não quiz offender, nem melindrar ninguem. Se esse fosse o meu proposito—se eu procurasse desaggravar-me —teria feito revelações palpitantes. Quiz apenas ponderar as consequencias do nosso descuido, para evitar futuras calamidades. E note-se que a culpa não é, só dos governos como em treviaes desabafos ouço dizer muitas vezes. Cada paiz tem o governo que merece. A culpa é de todos nós; é do paiz, que tem quebrantada a fé politica; é dos eruditos que não elucidam; dos funccionarios, que só têm zelo pelos vencimentos; é da imprensa que muitas vezes sacrifica o bem geral a mesquinhos interesses partidarios; é do nosso capital desmoralizado e preguiçoso; é do egoismo dissolvente que leva o cidadão intelligente a guardar comsigo idéas que são da sociedade; é da estulta beatificação do parasita velhaco e feliz etc., etc.

Basta de cousas tristes!...

Agora, senhores, façamos como o grande marquez depois do terramoto: salvemos o que nos resta.

Na proxima conferencia, que será a ultima, apresentarei algumas das condições em que intendo deve ser feita a occupação.

Tenho dito.

SEXTA CONFERENCIA

Occupação do Congo

I Condições geraes—Simples suggestões—Simplicidade e economia—Exploração minerea e agricola—Attenção para o Sul—Pastoricia—Progresso de sul para norte—Districto e não provincia.

II Organisação administrativa—Nome do districto—Investidura do titulo—Congo belga—Leopoldo rei do Congo—Stanley sem titulo—Capital Cabinda—Má collocação de povoações importantes—Mudanças indigenas—Ambriz—Divisão do districto: Cacongo, Zaire, Noqui, Ambrizete, S. Salvador—Limites concelhios.

III Organisação judicial—Simplicidade—Comarca não—*Um parenthesis*—A magistratura ultramarina elevou-se—Categorias iguaes—Favor á da metropole com prejuizo da ultramarina—Golpes na independencia e garantias desta—vagatura por syndicancia—reducção de vencimentos—Juizes sem collocação—Insidioso precedente—Protesto—*Fecha o parenthesis.*

IV Funccionarios—Da provincia—Educação—Da metropole—Emancipação das influencias—Installação e paga—Attribuições civis e militares separadas—Attrictos aos governadores civis.

V Qualidade militar—Aptidões diversas—Qualidades administrativas—Um abuso—Evolução do militarismo—A sciencia—A guerra e as luctas do futuro—Educação militar—Nodoas de sangue—Um projecto de militar—*Cortar a direito*—Perigos—A *cabra*—Militarismo caduco—Carta Constitucional, art. 145, §. 13.

VI Força militar—Um corpo de 1.ª linha—2.ª linha—Preto contra preto—Recrutas do sul—Brancos excluidos—Commandante—Governador militar.

VII Legislação—Applicação impossivel das nossas leis—A prisão correccional—Os presos e o carcereiro—Soltura é castigo—Pena é o trabalho—Os trabalhos publicos—Protecção aos grandes criminosos—João Brandão—O trabalho civilisa—A propriedade individual—O casamento—As eleições—Estudo e observação—Monstros juridicos.

VIII Instrucção publica—Trabalho do autor—Escola principal, uma tentação—Inspecção efficaz—Lingoas indigenas—Parochos e missionarios professores.

IX Fazenda—Assumpto tenebroso—Tributação directa—Soberania reconhecida—Prudencia—O *maniputo morreu*—Integridade—O chefe a cobrar dizimos.

I

Condições geraes

Meus senhores:—Prometti apresentar ainda algumas das condições, em que intendo dever ser feita a occupação: vou desempenhar-me, como poder, d'este meu ultimo compromisso.

Não pretendo propôr um plano de occupação: não tenho tempo, nem habilitações, para o fazer, sem macula. Esse plano está a ser organisado por um grupo de cavalheiros, com conhecimentos especiaes nos diversos ramos da administração ultramarina; e entre elles figura tambem, ainda que humildemente, a minha pessoa. Apresento apenas alguns pensamentos que me foram suggeridos pela observação do que por lá se passa, e poderão por ventura ser tomados como elementos de estudo. Alguns d'elles já foram apontados e sustentados por mim, perante os meus collegas de trabalho.

A todos os pensamentos de organisação da nossa occupação devem presidir, como principaes, a simplicidade e a economia: exige-o o estado das nossas finanças, e aconselham-no as circumstancias especiaes da provincia d'Angola e do territorio a occupar.

Se confrontarmos as condições d'este territorio com as do

que fica a sueste da provincia, concluiremos que este ultimo é mais importante para nós, por se prestar mais e melhor a uma exploração immediata, em harmonia com a parcimonia do nosso capital, com a capacidade dos nossos capitalistas, com a magreza da dotação das obras publicas e com a indole da maioria do nosso emigrante, que collocado lá poderá continuar a viver, como se estivesse no Algarve, na Madeira etc.

O territorio do Congo, que nos deixaram, pouco e mal produzirá em exploração commercial. Não podemos agora alimentar a esperança de o engrandecer e tornar feliz, debaixo d'esse ponto de vista. O seu commercio servirá apenas para, nos primeiros tempos, aproveitando nosso prestigio, podermos preparar as cousas para n'um futuro mais ou menos proximo começarmos a exploração agricola e minerea. Devemos dirigir-nos de modo que tenhamos prompto á sombra d'elle tudo o que é necessario implantar e desinvolver, para começar aquellas explorações segundo as exigencias da civilisação actual: quando acabe o seu trafego, por ter todo definitivamente derivado pelos territorios da Internacional para o Zaire, começaremos nós a viver da agricultura e das minas.

Tal é, a meu vêr, o ideal para que tenderemos com a occupação a realisar agora.

Mas precisamos de dividir a nossa attenção. O tempo e as circumstancias urgem.

O sul da provincia d'Angola está ameaçado do grande perigo de nos ser usurpado, como o foi parte do norte; e nós precisamos absolutamente de obviar a essa calamidade. E' preciso occupal-o e dispôr as cousas para que a occupação se faça por meio da immigração espontanea, promovendo a prosperi-

dade dos colonos e tornando essa prosperidade o principal, o unico incentivo, da immigração. A salubridade e amenidade do clima, a aptidão do solo para quasi todas as producções do nosso Portugal darão ao colono a continuação do meio que deixou na patria; e a aptidão especial d'aquellas vastas campinas para a exploração pecuaria, existente já no sitio por iniciativa do indigena, offerecer-lhe-ha o meio immediato de se enriquecer. Os gados transportam-se por si até ao littoral, quando seja necessario embarcal-os, sem necessidade de estradas nem de vehiculos; e, quando essa necessidade chegar, porque as industrias extractivas ou a introducção d'outros animaes a explorar a importe, já a colonia poderá ter educado os bois, existentes actualmente em ditoso ocio, para tirarem o carro tosco desde lá de cima até ao embarque.

E' preciso occupar desde já o sul; e occupal-o muito contínua e extensamente, para que nol-o não tirem. A pastoricia presta-se admiravelmente a isso.

O actual cafre, proprietario das manadas, ficará sendo com facilidade o pastor do nosso colono que assumirá a posição de proprietario para o ensinar a aproveitar aquella riqueza, para se enriquecer e para enriquecer o paiz, civilisando, e para fortalecer o nosso dominio e levantar a patria, occupando e progredindo. Em quanto a colonia do sul se alargar e desenvolver, correrá o tempo sufficiente para adquirir a immunidade precisa para avançar mais um pouco para o norte, trazendo sempre, em quanto os territorios o permittirem, como exploração principal a pastoricia e como accessoria a agricultura— tirando d'esta ultima só o necessario para o consumo local, ou mais alguma cousa que vá offerecendo vantagem especial. Quando n'este progredir a colonia do sul tiver alcançado a re-

gião florestal, ao norte, deverá ter já a immunidade sufficiente, para que os seus mais aventurosos representantes possam destacar para dentro da floresta e implantar ahi a agricultura rica, presidindo ao trabalho indigena, que será cuidadosamente preparado com a legislação respectiva, e com a educação do preto.

E' n'esta occasião que o paiz ao norte, que vamos occupar agora, precisará de ter já os meios para o exercicio da agricultura rica e exploração das minas, a que se presta principalmente.

Por aqui se vê quanto é necessaria a sobriedade em tudo na installação da nossa administração do Congo, para não malbaratar os recursos de que precisamos para accudir já ao sul, e chegarmos um dia com prudencia, gente e meios, a habilitar-nos para a exploração do norte.

Dominado por estas idéas, eu não posso concordar com opinião que já ouvi aventar de fazer do Congo uma nova provincia ultramarina. A administração d'uma provincia é sempre mais pomposa, complicada e cara, do que a d'um districto; e as vantagens a tirar d'alli nem são para já, nem bem definidas ainda.

Mas acresce a esta razão uma outra: as circumstancias do nosso antigo Congo mudaram completamente depois da conferencia de Berlim, por nos tirarem o Zaire e nos imporem a liberdade de commercio; e eu não creio que a nossa administração futura, por mais circumspecta e illustrada que seja, possa desde logo metter o paiz no caminho de prosperidade certa e proxima. Ser-lhe-ha preciso tactear muito, experimentando, avançando como a criança. E n'este caso, bom será que aproveite a tutella da provincia d'Angola, em conselhos e au-

xilios de toda a ordem: esses conselhos e auxilios serão melhor dados pela provincia ao districto, do que pela provincia a outra provincia. As instituições superiores da provincia, vendo involvida a sua responsabilidade immediata n'um mau passo do novo districto, sentirão fortemente a necessidade da diligencia e da prudencia.

Entendo pois que devemos crear alli um districto e incorporal-o na provincia d'Angola, em parallelo com os tres de que já consta.

II

Organisação administrativa

Deve chamar-se districto do Congo o novo que agora se junta á provincia, ficando esta com a denominação de *Provincia d'Angola e Congo*. Esta designação de dominio temporal ficará em harmonia com a que já existe para o espiritual: a diocese e o bispo têm o titulo de Angola e Congo.

A designação de Congo, que proponho para o novo districto, não é uma partilha que eu queira fazer com a Internacional: é simplesmente a consagração, ou antes, a confirmação politica da investidura no titulo, que a anthropologia e a historia nos reconheceram já.

Donde veio para a anthropologia o nome de raça congo? Foi da historia de Portugal, o primeiro paiz que deu a conhecer este povo. E tal foi o preito que a sciencia nova prestou a este facto historico, que estendeu o nome de raça congo a muitos povos pretos de nomes diversos, e até com importancia ethnica superior á do congos propriamente ditos.

Com que direito querem pois Stanley e o rei da Belgica

usurpar este titulo para o seu estado e para si? Contarão ainda por mais tempo com o nosso abandono? Quererão leval-o como parte integrante da doação da Conferencia? Se assim é, levem-no e fruam-no; mas fique o mundo sabendo que o Congo é nosso, e que, se esses grandes e felizes aventureiros quizeram nome e titulo honrado e digno para apresentar ás nações, viéram mendigal-o á nossa historia. Portugal em nobreza e titulos, tem para si e para dar; e não ficará prejudicado em conceder um nome a esse filho das tristes hervas. Tão reconhecida é esta verdade pelo proprio rei da Belgica, que não tem duvida nenhuma, ao que parece, em ficar sendo — rei do Congo, n.º 2 — sem lhe repugnar a plana e a côr do seu homonymo preto. Os seculos de nobreza e gloria que precedem o suzerano—el-rei de Portugal—deslumbram tanto os dois reis do Congo, que ninguem poderá fital-os, e notar a diversidade da côr.

Talvez Stanley precise tambem d'um nome, que tenha raizes na historia: já o quiz para o *seu rio* e para o *seu estado*, ninguem admiraria que o quizesse tambem para si. De mais a mais já está habituado a mudar de nome. Se é por causa d'isso que anda nervoso com o novo titulo do rei da Belgica, seu socio, falle: servir-lhe-hemos de padrinhos.

Para capital do novo districto desejaria eu ter encontrado local e mais condições no Zaire. Já discuti esse caso sob o ponto de vista commercial; e para a capital da circumscripção—districto—encontro os mesmos inconvenientes. Não podendo pois collocal-o alli, nem em Landana, parece-me que deve escolher-se Cabinda, no seio da bahia em frente do porto.

Landana seria a nossa povoação mais importante pelo com-

mercio, porque é lá que se concentra todo o feito no rio Chiloango, que é muito, como já tive occasião de dizer. Alem d'isso, Landana parecendo descentralisada não o era realmente, porque fica no vertice d'um angulo cujos lados se estendem, um pela costa abaixo até ao Ambriz, e o outro pelo Chiloango acima até ao limite da nossa occupação a leste. E, se este ultimo lado é mais curto que o primeiro, está tambem muito mais povoado de portuguezes e tem uma importancia commercial portugueza muito maior.

Por estes motivos eu votaria pela capital em Landana, se os peritos não declarassem que o porto é pessimo e o de Cabinda, que lhe fica perto, muito rasoavel.

Esta circumstancia é para mim tanto mais importante, quanto eu muitas vezes tive accasião de lamentar a imprevidencia, e a falta de bom senso, com que têm sido collocadas as povoações por toda a colonia d'Angola, e por todo o territorio não occupado que percorri, e vi. Sacrificou-se tudo para ir á beira do rio, ou do mar, fazer o negocio com o preto no logar onde por acaso foi encontrado, erigindo primeiro a choça e em seguida as casas que constituem as cidades e as villas. E digo por acaso, porque nem as reuniões de pretos nem mesmo as suas povoações tem a estabilidade e a importancia necessaria para obrigar um commerciante a sacrificar qualquer cousa ao local d'ellas. Os pretos reunem-se este mez aqui n'uma *quitanda*, e no seguinte, ou antes, vão reunir-se n'uma outra. Da mesma maneira, e com a mesma semcerimonia, abandonam a *cubata* e o *chimbeque* para irem construir outro n'outro logar mais ou menos distante, simplesmente, muitas vezes, porque os insectos parasitas já de posse da velha morada os incommodam em demasia. N'este caso

tiram a pequena bagagem, lançam-lhe o fogo, e mudam de sitio.

Ora, sendo conhecido de todos os nossos negociantes este desprendimento do indigena pelo local, que juizo poderá fazer-se das intelligencias portuguezas, que foram estabelecer os rudimentos da cidade ou villa longe do porto, ou nos charcos da beira do rio, onde se vive sempre doente e d'onde só com grandes despesas podem muitas vezes fazer-se por conta do negociante transportes, que o preto negociador teria feito de graça, indo procurar a feitoria no logar bem escolhido pelo branco?

Não devia pois eu deixar de ceder á indicação dos especialistas. O porto de Cabinda é rasoavel, e Landana não tem porto; e, como a capital se cria, não só para o momento actual, mas principalmente para o futuro, entendo que deverá fundar-se em Cabinda para aproveitar essa vantagem, que é muito grande em si.

A villa do Ambriz, actualmente incorporada no districto de Loanda, poderá ser lembrada por alguem para capital do novo districto, desmembrando-se, com o respectivo concelho, do districto de Loanda. Ha até uma razão, muito importante, para que assim se fizesse: é a razão ethnica. O concelho do Ambriz é todo povoado por muxicongos; e incorporando-se no novo districto não ficariam separados povos irmãos. Parece-me todavia, que esta separação—administrativa sómente—não deve tomar tão grande vulto, que por causa d'ella devamos descentralisar a capital do districto. Alem d'isso, a capital no Ambriz fica tendo para com o districto quasi a mesma importancia que Loanda, donde fica relativamente perto. A população commercial do extremo norte, que é a mais importante, ficaria muito

desprotegida; e d'ahi viria o seu provavel enfraquecimento, e como consequencia o perigo da perda d'aquelle tracto de territorio, separado da continuidade da provincia. A capital do districto lá dentro parece-me a melhor das garantias da sua conservação e prosperidade.

Para não nos distanciarmos, senão o necessario, das nossas instituições existentes, parece-me que o districto do Congo deverá dividir-se em concelhos. Pelo motivo de economia, apresentado já, será o numero de concelhos reduzido ao minimo, levando-se tambem á maxima simplicidade a sua administração. Creio bem que um concelho na capital do districto, outro em Landana, outro na margem esquerda do Zaire, outro no Ambrizete e outro em S. Salvador chegam bem.

O da capital será cumulativamente administrado pela administração do districto, sem augmento de pessoal.

O de Landana deverá chamar-se concelho de Cacongo, não só porque com esta designação abrangemos á vontade, toda a sua área, mas tambem para beatificarmos um titulo de nobreza criado já para o Cacongo. Landana é uma designação topographica, e Cacongo é chorographica; e não se fará violencia ao logar, se vier um dia a designar-se com o nome do paiz em que está. Além de tudo a designação de Landana poderia no futuro ser julgada herança da missão franceza. Não o é, nem o podia ser, porque, quando a missão foi alli estabelecer-se, já era muito importante em Landana o negociante Leitão, que a installou; mas é bom não deixar motivo a duvidas futuras, quando a coisa é com uma missão franceza, e a França é a nossa vizinha pelo norte.

O concelho da margem esquerda do Zaire será o melancholico herdeiro d'este nome illustre. Collocar-se-ha no local que

melhor pareça aos peritos que forem escolhel-o, entre a ponta da Sinda e a Pedra do Feitiço. Em toda essa extensão de margem o rio corre mordendo a planicie adjacente longe dos charcos; e, se não dá bom porto, poderemos consolar-nos com a idéa de que tambem não virá a ser-nos preciso. A situação de Noqui nem para este concelho me parece ter a importancia sufficiente. A circumstancia de ser agora d'alli o ponto de partida do caminho da beira rio para S. Salvador não nos deve causar embaraço, porque esse caminho mudará immediatamente para outro logar, como já de Pinda mudou para alli; e até me parece que partindo de Sinda ou vizinhanças terá um trajecto menos accidentado. Alem d'isso, não ha a lamentar a perda de nenhuma obra d'arte, que se abandone no caminho velho.

A costa que se extende entre a foz do Zaire e o Ambriz não tem hoje nenhuma casa portugueza; e entre os grupos de casas extrangeiras o mais importante é o do Ambrizete. Este logar está tambem aproximadamente no meio de toda aquella extensão de costa, e não tem melhor nem peor porto do que qualquer outro ponto d'ella, porque a costa é toda corrida, sem sinuosidades que proporcionem portos.

Ha porem junto do Ambrizete, como já tive occasião de indicar, e me informaram lá, muito minerio de cobre de tamanha percentagem de metal como a do Bembe, e muito mais perto do littoral. A collocação da séde do concelho n'aquelle logar póde fornecer um optimo ponto de apoio ás tentativas da sua exploração, que sendo coroadas de bom resultado trarão em breve grande prosperidade para o concelho e para o districto.

Em S. Salvador do Congo desejaria eu tambem um conce-

lho que fosse a nossa guarda avançada de leste no districto, emquanto por virtude de ulterior prosperidade o não podermos criar mais no interior. Para S. Salvador milita a poderosa razão historica, já tantas vezes invocada por mim.

Não sei se as minas de Bembe vão ou não ser exploradas, como ha pouco me constou que o seriam. No caso affirmativo, será conveniente formar lá tambem o nucleo d'um concelho.

Na delimitação dos concelhos ao sul ter-se-ha em vista a continuidade da provincia, fazendo a demarcação de modo que o extremo norte do districto de Loanda confine em toda a sua extensão com o extremo sul do districto do Congo.

III

Organisação judicial

Os motivos de economia e de sobriedade, que me determinaram na apreciação da organisação administrativa do districto do Congo, são os mesmos que me conduzem ao desejo de simplificar, tanto quanto possivel, a organisação judicial n'aquelle territorio. Alem d'isso, muito mau seria que uma comarca fosse criada e installada na localidade, para funccionar segundo a nossa legislação vigente, antes de estarem preparadas as cousas para o desenvolvimento de culto externo, exigido pela natureza da instituição no seio da nossa civilisação. As amarguras que um tal procedimento acarretaria aos magistrados e o desprestigio da auctoridade judicial, que viria de uma tal situação, não podem encontrar compensação nos poucos e fracos serviços que ella prestaria nos primeiros tempos.

As difficuldades que aponto são bem minhas conhecidas, do

tempo em que fui delegado d'Ambaca; e devem sel-o tambem dos magistrados que foram installar as comarcas da Guiné e Timor.

Acresce a todos estes motivos, que eu desejaria grandes alterações em toda a nossa legislação substantiva e adjectiva, antes de se applicar nos tribunaes d'alli; e por isso não queria tambem ver desde já criado o tribunal, que póde muito bem vir a ser profundamente modificado, na sua natureza mesmo, por virtude de taes alterações. Contentar-me-hia por ora com a applicação a todos os concelhos do districto dos preceitos, que regulam a administração da justiça nos julgados irregulares dentro da provincia d'Angola, introduzidas apenas desde já algumas pequenas modificações, que tive a honra de apontar no trabalho a que se procedeu na secretaria.

Durante a applicação d'estes preceitos, ir-se-ha estudando convenientemente a reforma a introduzir; e depois de estudada, e preparadas as cousas, será então criada a comarca em occasião opportuna e com feição conveniente.

Haveis de permittir-me senhores, visto que trato de cousas judiciaes, um parenthesis a favor da minha classe. Desculpae-o, se vos parecer inopportuno aqui. Eu, por mim, acho sempre bem cabida a reclamação contra uma injustiça perante a opinião publica, quando os offendidos não têm outro meio legal de desaggravo. E, se levanto a voz pela minha classe, é porque me sinto tão intimamente ligado a ella, como desejaria que todos os membros de todas as classes e corporações do nosso paiz o estivessem ás suas. D'esta união nasce a força intelligente e digna; e d'ahi, a fé politica, o *querer*, que mantem a integridade e o progresso da nação.

A magistratura do ultramar geme ainda hoje na opinião

publica debaixo do peso de antigas responsabilidades, que não existem já; lavou nobremente esse peccado original, commum a todas as instituições no seu periodo de crescimento atravez dàs edades barbaras, com as aguas lustraes da honra e do saber. A opinião publica—se tal titulo póde dar-se ao pensamento inculto dos poucos que ainda assim o julguem, por não terem conhecimento do que se passa—a opinião publica, digo, precisa de ser esclárecida n'este ponto.

A magistratura do ultramar já não é hoje o que ainda era ha meio seculo, uma classe onde appareciam frequentes exemplos de corrupção e ignorancia crassa, como nas outras classes d'esse tempo. Eu não posso resistir á tentação de vos apresentar um facto que é por si mais eloquente, do que tudo quanto possa dizer-vos. Elle ahi vae, pese a quem pesar.

A relação de Gôa suspeitou, ainda ha pouco, da pureza de um dos seus membros; e, quereis saber o que ella fez, senhores? repelliu-o, declarou-se imcompativel com elle não consentindo que tornasse a tomar assento ao lado dos seus collegas, em quanto não apparecesse lavado da macula, se tal podésse conseguir. Bem sabia esta illustre corporação que não tinha poderes para tanto—ninguem vae ensinar-lhe os seus direitos e os seus deveres—mas a tal opinião menos illustrada sabendo que um juiz suspeito de impureza continuava a funccionar ao lado dos seus collegas, em quanto pelos meios legaes se averiguava o facto, sentir-se-hia logo disposta a medil-os todos pela mesma craveira, lançando, mentalmente ao menos, torpes nodoas temporarias sobre almas puras e immaculadas. Quem ha ahi que queira para si uma situação d'estas? Mais ainda: quem deixará de applaudir este nobilissimo procedimento?

Só deixará de o fazer uma consciencia morta para os sen-

timentos nobres de justiça e honra. Eu vejo n'aquelle procedimento um exemplo tão frisante do levantamento da magistratura ultramarina, que lhe declaro aqui a minha inteira e incondicional adhesão, congratulando-me com os meus collegas por vermos coroados os nossos esforços de muitos annos de trabalho e soffrimentos ignorados.

Quizera eu, senhores, que todas as classes do funccionalismo ultramarino e metropolitano apresentassem d'estas manifestações de briosa integridade. Não lhe faltariam—infelizmente—occasiões de o fazer ainda hoje!

A magistratura do ultramar é recrutada, como a do continente, nos bachareis formados em direito; e são-lhe exigidas ainda as mesmas habilitações ulteriores á formatura para obterem o primeiro despacho. Não ha differença nenhuma em habilitações scientificas. As cathegorias officiaes são precisamente as mesmas, e estatuidas pelas mesmas leis: não ha motivos legaes, nem outros, de distincção ou primazia para os magistrados do reino. Se uns trabalham e estudam quanto podem, os outros não lhe ficam atraz. Ainda n'este ponto me congratulo tambem com os meus collegas:—os accordãos das relações ultramarinas, que d'antes eram desconhecidos, são ja lidos e citados pela jurisprudencia portugueza.

Pois senhores: emquanto à magistratura ultramarina assim se empenha e esforça por apparecer pura e elevada, moral e intellectualmente—emquanto ella cresce em dignidade, sciencia e respeitabilidade—diminue-lhe o governo as garantias, ainda mesmo as constitucionaes, levando o abuso da paciencia d'uma classe inteira até ao ponto de transgredir abertamente as leis do reino em favor dos seus amigos, e em prejuizo d'ella, que ainda até hoje não ousou queixar-se das muitas lesões soffridas.

Consinta a minha classe que eu, o mais obscuro dos seus membros, levante o brado da indignação de que todos devemos estar possuidos. Não serei talvez o menos proprio para o fazer, porque já fui um dia objecto d'um contraste frisante: Quando eu partia para Ambaca sob o peso da grande responsabilidade de installar alli a comarca, vencia um ordenado de 600$000 réis; emquanto apoz mim iam muitos funccionarios para as obras publicas de Angola e estudos do caminho de ferro de Ambaca, vencendo dez vezes mais, e tendo, alguns ao menos, menores habilitações scientificas do que as minhas!

Não quero fallar de golpes anteriores, surdamente vibrados contra a independencia e garantias constitucionaes da magistratura ultramarina: o meu intuito é queixar-me d'um só — do ultimo — e mostrar como o sr. ministro da justiça chegou a sentir-se com força de calcar abertamente a lei aos pés, tirando aos magistrados das colonias um direito, para fazer presente d'elle aos seus amigos, commettendo um verdadeiro esbulho, de que eu venho aqui arguil-o em publico.

Historiemos o caso.

O decreto de 21 de dezembro de 1882 declarando vago o logar do juiz syndicado, e mandando preenchel-o immediatamente, foi um meio indirecto de conseguir a revogação do art. 118 da Carta Constitucional. O governador não gosta d'um juiz, quer retiral-o do seu caminho? Nada mais simples: consegue-lhe uma syndicancia, e prompto. O juiz syndicado perde a sua vara, desfaz a sua casa, e parte para fóra da comarca esperando o resultando da syndicancia. Verificou-se que não havia motivo para ella? Irá para onde o transferirem; e contente-se com o que lhe derem: se

não queria soffrer esse revez não contrariasse pessoal ou officialmente o governador, como magistrado, ou como cidadão!

E quereis, assim, justiça independente? Haveis de tel-a, porque estou convencido de que os meus collegas quebrarão a vara e rasgarão as suas becas, antes de lhe deixarem cahir a nodoa. Mas com que sacrificio a tereis? A quantas tentações ficaes expostos, por se não ter respeitado aquelle artigo da Carta Constitucional que foi dictado pela sciencia accumulada em mais de sete seculos de experiencia, e escripto com o sangue dos martyres das liberdades patrias?

Esta passou sem reclamação, assim como já tinham passado muitas antes d'ella; e o silencio soffredor das victimas callejou os verdugos. Prova-o bem o decreto de 11 de dezembro de 1884, reduzindo o ordenado dos *juizes á disposição do ministerio da justiça* para obterem a collocação na magistratura do reino.

Por virtude da disposição expressa do decreto de 7 de dezembro de 1836, art. 27, e Regimento de 30 de dezembro de 1852, art. 23, todo o juiz que completou seis annos de serviço effectivo no ultramar tem direito de ser collocado na *primeira vaga* de primeira instancia da magistratura do reino, querendo. Era no principio religiosamente respeitado este direito: o juiz era collocado cá na primeira vaga, logo que tinha concluido o tempo, e manifestava o seu desejo, officialmente. Sabia-se com que sacrificio elle fizera a conquista, e tributava-se-lhe o devido respeito. Depois, foi-se guardando o magistrado, que assim vinha do ultramar, para a enxurrada de despachos, inventada pelos senhores ministros, em prejuizo do thesouro e do serviço publico, para a pescaria politica. E por ultimo—

como eram muito caladinhos—passava-se já por cima d'um ou outro com a enfiada de delegados do reino classificados *por alturas*. Mas os juizes vindos do ultramar calavam-se; andavam a matar saudades da patria e da familia, ou estavam a curar o figado e o baço na casa de saude ou em Vidago.

Consentiram tanto! Porque não soffreriam mais um pouco? Era muito o dinheiro que se lhes dava, porque venciam o seu ordenado do ultramar, até que por virtude da posse começassem a vencer o ordenado de cá... Se fosse possivel tirar-lhes o dinheiro continuando elles a calar-se, ficavam preparadas as cousas para virem a ser uma especie de juizes nominaes, aspirantes, que nunca incommodariam futuras enxurradas deverdadeiros e legitimos juizes. Porque não se aventuraria mais um golpe? Não eram elles tão submissos tão respeitadores da formula decretal?

Depois, se algum dos que agora, eram directamente lesados tivesse a coragem de levantar os olhos para a machinação do attentado, facilmente se calaria qualquer pequena reclamação sua, interpretando que aquelle decreto não lhe era applicavel —porque *vinha da 2.ª instancia*, e por isso receberia réis 1:200$000!

O que era preciso—custasse o que custasse—era criar o precedente para depois argumentar com elle contra possiveis reclamações futuras.

Tal me parece ter sido a historia do decreto de 11 de dezembro de 1884.

Tão grande, porém, foi a allucinação redactora do decreto, que nem se notou que a arma vibrada contra a bolsa das victimas ia embotar-se na garantia do art. 145 § 2.º da Carta Constitucional e art. 8 do Codigo Civil, por virtude dos quaes

o governo deve sustentar para com todos os magistrados idos para o Ultramar, antes da promulgação do decreto, a clausula tacitamente pactuada e acceite, n'este contracto de prestação de serviços — do magistrado receber por inteiro o seu ordenado do Ultramar, em quanto não toma posse do seu logar de juiz do continente.

Foi apoiando-se n'esta pyramide construida de abusos, e para rematar a obra, coroando-a, que o senhor ministro da justiça tirou, espoliou, no seu ultimo despacho judicial a quatro juizes do ultramar o direito *sagrado* de serem collocados no continente á direita de outros tantos delegados, que agora lhe ficarão acima! Mas que importa isso, se sua excellencia despachou quatro bachareis, e promoveu quatro delegados, servindo assim oito amigos?...

Devia preoccupar-se mais com a justiça um ministro, que se condecora com esse titulo! O nosso privilegio agrada-lhe, sabe bem aos seus afilhados? Vão lá buscal-o: esse mar é franco, desde que D. Henrique ensinou o mundo a navegar! Vão a Pungo Andongo, deixar-se devorar dos mosquitos, das *mabutas* e do *quissonde;* apodreçam nos charcos das nossas colonias, ardendo em febre; estiolem-se de nostalgia e desconforto, lá longe da patria e da familia, no abandono da civilisação; e saberão depois com que bullas nós conquistámos, e possuimos, o vello d'ouro: aprenderão a respeitar o bem alheio que não poderam adquirir licitamente!...

Protesto com todas as minhas forças!!! [1]

---

[1] E de nada me valeu protestar.

Não pensava ainda então em pedir passagem para a magistratura do reino: mas, vendo-me forçado a isso por um concurso de circumstancias extranhas á

Perdoai, senhores, a minha indignação que, como vêdes, é justa. Eu fecho aqui o meu parenthêse.

IV

Funccionarios

Em toda a administração do districto empregaremos pessoal da provincia e da metropole.

O pessoal de lá, bem educado e bem dirigido, presta muito bons serviços como agente da auctoridade; além d'isso, o indigena lisonjea-se com o emprego publico, e póde desempenhal-o muito menos onerosamente para o cofre do estado, do que o cidadão de cá. Devemos portanto, aproveitando todas

---

minha vontade, fui posto á disposição do sr. ministro da justiça, Beirão, no dia 12 d'abril de 1886; e este senhor só se resolveu a dar-me collocação em 27 de janeiro do anno corrente, apesar de eu ter ido pessoalmente. e ainda em tempo, ponderar-lhe o enorme prejuizo a que sua excellencia me arriscava na contagem da minha antiguidade, deixando o meu despacho para depois dos juizes administrativos, que tinham sido creados já depois de eu estar á espera! Sua excellencia despediu-me com muito bons modos, desculpando-se de não poder despachar-me senão depois de constituidos os tribunaes administrativos, e affirmando que assim procedia por encontrar iniciada a praxe pelo seu antecessor, e por estar convencido de que os meus receios eram infundados, porquanto o Supremo Tribunal—o competente para a fixação das antiguidades—não deixaria de me garantir o meu direito evidente. Esbulhou-me, confesso e convicto do seu procedimento illegal.

Ainda bem que o sr. ministro confia, como eu, na justiça do Supremo Tribunal a quem vou dirigir-me, para que me assegure o meu direito, que tantos sacrificios me custou!

Visto achar-se creado o precedente lesivo no Ministerio da Justiça, torna-se indispensavel a praxe de reparação no Supremo Tribunal, que é o competente para a definição d'estes direitos.

estas circumstancias, empregar como agentes da auctoridade os filhos da provincia já educados para isso, não nos descuidando de ir successivamente educando outros.

O pessoal de cá deve ser escrupulosamente escolhido, emancipando-se os ministros das influencias que aconselham, ou recommendam, pessoas notoriamente ineptas ou indignas, para só nomearem gente de boas qualidades reconhecidas, com aptidões theoricas e praticas manifestas, para o cargo que vão desempenhar. Eu não desejaria vêr repetido um caso, que infelizmente não é unico: foi nomeado para Loanda um professor de economia politica, que nem sequer sabia dar uma definição qualquer d'essa sciencia, nem podia saber, porque nunca a tinha estudado; e este professor teve de ser recambiado ao governo pela provincia, depois de andar por lá cerca de dois annos a vencer ordenados e a fazer charadas.

Os funcionarios idos de cá devem ser bem installados e bem pagos, sem o que não poderão prestar bons serviços. Pagar-lhes mal, por economia, e não lhes offerecer garantia de boa installação é prescindir antecipadamente de todos os bons serviços que poderiam esperar-se d'elles, e comprometter todas as outras despezas feitas com a occupação, d'um modo louco e fatal. Lembremo-nos de que os olhos do mundo estão em cima de nós, a vêr se nos resolvemos a dar a tal prova de capacidade, que tantas vezes temos promettido. Das pessoas, que para lá mandarmos, depende o futuro da colonia, a gloria e porventura a independencia nacional!

Desejaria, tanto quanto possivel, vêr separadas as attribuições civis das militares nos altos funcionarios do districto; e sobretudo estimaria que o governador do districto não fosse ao mesmo tempo o governador militar. As circumstancias ex-

cepcionaes, em que seria conveniente entregar ao chefe militar a administração civil, não se dão agora alli. Nós não vamos conquistar o Congo; nem vamos em guerra apaziguar nenhuma revolta que tenha dissolvido as instituições existentes: vamos simplesmente tomar a posse da nossa propriedade, que nunca nos foi contestada, senão por estrangeiros, sendo sempre desejada pelos indigenas. Não vamos impor-nos pelas armas: vamos desmentir os nossos detractores. Levantaremos os indigenas até nós, se isso nos for possivel, serzindo a nossa civilisação na sua rudeza para os elevar em seguida. Não vamos exterminal-os para os ficar substituindo: vamos civilisal-os, para que nos auxiliem e prosperem. N'estas circumstancias, a cabeça que pensa deve prevalecer ao braço que ataca, ou defende: o governador civil não deve ter preoccupações de commando militar, que iriam dar tons sanguineos ás suas funcções pacificas, e pacientes, muitas vezes.

Objectar-me-hão os habituados aos governos militares—que este dualismo auctoritario não é praticavel, porque os commandantes militares levantariam attrictos aos governadores civis. Responderia que o argumento é triste por suppor a existencia d'uma desmoralisação, d'uma fraqueza, que só em anarchia completa, ou em casos anormaes, poderia dar-se; e, quando se desse, fosse convenientemente castigado o auctor de tão grande attentado contra a segurança publica.

Parece incrivel que militares briosos e dignos admittam em seu espirito a legitimidade de similhante argumento! Mas, quando apparecesse tão extraordinario indicio de fraqueza e dissolução, estaria o governador militar isempto de ser desobedecido por um seu subalterno? estaria um governador militar, de patente inferior á d'um commandante, livre dos des-

peitos d'este, quando contrariado nas suas idéas, deliberações, interesses ou commodidades?

Não estava por certo. As situações seriam perfeitamente identicas, para o governador civil com os attrictos dos militares, ou para o governador militar com os dos seus subordinados, principalmente quando de patentes superiores á sua, como regularmente succede. D'estes casos poderia eu, infelizmente, apresentar exemplos recentes e deploraveis. O argumento portanto não tem a força que se antolha a muitos, mais ou menos presos a elle por prejuizo de educação, ou por interesses pessoaes.

V

Qualidade militar

As aptidões para ser um bom governador civil não são precisamente as mesmas, que deve ter um bom commandante militar, para que se busque como ponto de partida para a escolha de governadores do ultramar a qualidade militar. Indigna-me que tal se faça abusivamente a favor d'uma classe constituindo-lhe um patrimonio nas nossas colonias, que é ao mesmo tempo uma desconsideração para com todas as outras classes da sociedade, por esse facto implicitamente julgadas inhabeis para produzir governadores. E indigna-me tanto mais, quanto é certo que nos militares, habitualmente escolhidos para essas funcções, não se aproveitam, nem se procuram as suas qualidades marciaes, de que em geral ainda não deram provas: procuram-se, e aproveitam-se, as qualidades pacificas de cidadão illustrado e digno. Indigna-me que qualquer creatura, olhando para a sua consciencia, não

veja n'ella senão a qualidade militar, como habilitação completa para ser um governador. Quando eu principiei as minhas conferencias, foi-me apresentado um senhor militar, que desejava conhecer-me e ouvir-me: — queria ser governador do ultramar, *porque era capitão* — disse elle! Este cavalheiro teria, e tem de certo, muitas outras qualidades que o habilitam a desempenhar dignamente a magistratura cubiçada; mas para que precisava de lembrar-se d'ellas, se não valeriam cousa nenhuma sem o galão e a espada, que tudo valem e podem? Com a espada já era forte; depois, com o galão, era o forte dos fortes: não era preciso mais nada para ser governador. A sua illustração, as suas aptidões administrativas — as qualidades de governador—dal-as-ia depois de presente ao exercicio do cargo, se estivesse para ahi virado.

Desejaria bem que este estado de cousas acabasse.

Não vejo, nem posso ver, na simples qualidade militar os motivos do privilegio abusivo de que tem gosado.

Note-se desde já que eu não quero contestar a militar nenhum o direito de ser escolhido para governador; nem quero negar a muitos dos que eu conheço o conjuncto de qualidades precisas, para o bom desempenho do cargo. Conto no numero dos meus amigos muitos militares, em quem reconheço todas as aptidões para isso, e de quem esperaria um desempenho justo e digno. Mas, devo declaral-o tambem desde já, estes, e todos os que estejam n'estas circumstancias, não têm só a educação militar; possuem tambem a do cidadão em geral, e em especial a do funccionario administrativo superior: quando a educação militar principiou, já o cidadão estava feito; e durante ella acharam ainda momentos sufficientes para estudar e ver de perto as questões da nossa administração

colonial, instruindo-se e habilitando-se para o desempenho das suas magistraturas administrativas. São estes os merecimentos que eu lhes reconheço, para serem governadores.

Por mais que procure no militarismo, como qualidade abstracta, os fundamentos do privilegio abusivamente estabelecido a favor dos militares, não encontro senão motivos da sua condemnação.

O militarismo é uma sobrevivencia barbara, um atavismo animal—dil-o a sciencia. Na lucta pela vida, os seres inferiores atacam-se, e defendem-se, reciprocamente a dente e unha. Depois, o anthropoide abordoou-se do primeiro pau esgalhado, que transmittiu ao alalo, passando em seguida d'este para o homem. E entre os homens, desde que o primeiro se lembrou de aproveitar a lasca de silex para guerrear o seu similhante, até ao scientifico e complicado exercito allemão, em todos os degraus da evolução, permaneceu sempre como caracteristica d'estas luctas a força bruta, rompendo as harmonias do organismo forte — tirando a vida com derramamento de sangue. A humilde criação dos seres inferiores, inteiramente justificada n'elles pela sua propria inferioridade, passou para os homens, e cresceu no meio das sociedades, até assumir os foros de instituição; e beatificada assim, medrou e cresceu assoberbando tudo—escravisando até a religião e a sciencia, que ainda hoje andam atreladas ao seu serviço. Sacrifica-se tudo a este Moloc detestavel; e elle tudo devora, e consome, no seu ventre, a regorgitar sempre de fogo e sangue.

Ao lado porém da guerra, e para lhe servir de instrumento, nasceu aureolada de luz a sciencia, que cresceu e medrou escrava, mas alimentou sempre a esperança de emancipação e dominio: Epicteto e Esopo serão libertados pela revolução

franceza; o *congresso* e a *arbitragem* salvarão as nações das sangoeiras da batalha. A luminosa criança, a divina sciencia, chegará um dia a ter força para se oppôr a Moloc, retirando-lhe as victimas; e o monstro então devorar-se-ha a si proprio, desapparecendo para sempre. Um mundo novo de jardins floridos occupará os antigos campos de batalha; e ahi travar-se-hão as luctas incruentas da intelligencia.

Será isto uma aspiração de poeta, uma utopia?

Será, talvez. Mas eu vejo, caminhando já para este ideal, a serpente da guerra, e a virgem, que lhe ha-de esmagar a cabeça. A Allemanha, consumindo a melhor parte da sua receita em se armar e fazer temida, faz-me lembrar um insecto guerreiro cujas fortes mandibulas se desenvolvessem tanto, e assumissem um pezo tal, que não podesse ser comportado pelas patas fracas do animal, condemnando-o assim á immobilidade, aos insultos dos insectos ligeiros e á morte: — Moloc devorar-se-ha a si proprio. E por outro lado, vejo nas tentativas de paz, nas arbitragens, nos congressos e no estreitamento progressivo da solidariedade internacional, esboçado já o novo processo de lucta, o unico digno do homem desde que beatificou a intelligencia. Não acabarão as luctas pela vida: aperfeiçoar-se-hão, sómente, os seus processos. Assim como a lasca de silex ficou na prehistoria, assim tambem o militarismo dormirá na historia o somno eterno. Creio estar lavrada a sua sentença de morte: falta só dal-a a execução, e isso será trabalho para muitos seculos ainda, mas hade concluir-se, de certo. Até me parece notar já no brilho das armas e no fulgor dos galões e no reverbero das medalhas alguma cousa de similhante ás scintillações produzidas pelo raio de luz, que incide sobre as superficies crystallinas, a indicar que o militarismo crystallisou

no seio das sociedades, aconselhando a extirpação do nodulo para que se possam mover sem dôr, e progredir com flexibilidade e harmonia. Póde ir-se. Morra sem os nossos prantos. Nunca nos fará falta, porque abastarda a especie pela selecção militar, sem mesmo trazer, para quem tiver apprehensões malthusianas, a vantagem de diminuir a descendencia, que será perpetuada pelos maus exemplares, regeitados por Moloc!

Aqui está, senhores, o que eu encontro no militarismo, quando, á luz da sciencia, quero procurar n'elle a causa do privilegio até hoje abusivamente concedido aos militares, para governar o ultramar.

E, se da qualidade abstracta eu quizer passar um pouco para o homem que a tem, que verei no militar marcialmente educado, além d'um homem para a guerra? Poderei ver um funccionario civil, um administrador, um juiz? Pois a educação marcial, collocando o militar n'uma passividade absoluta para com os superiores, e no habito de ser obedecido sem replica pelos inferiores, não prejudicará um pouco o são criterio, necessario para o exercicio das magistraturas civis? Como poderá contornar difficuldades, sem fazer sangue, quem foi educado e está armado, para cortar a direito atravez da carne viva?

E assim, succede muitas vezes que os governadores militares lançam sobre a sua administração feias nodoas de sangue, que eu não quero indicar agora. Apontarei só um caso bem recente de platonicos espalhafatos sanguineos, porque serve para a gente se rir.

Tratava-se de organisar a occupação do Congo. Quereis ver como um alto funccionario militar d'Angola a delineava

officialmente? Dou-vos a summula dos apontamentos que tirei ao ouvir ler o monumental documento: «—*Fortes*—*Navios de guerra* — *Tropas*—*Alojamentos*—*Suspensão de garantias!*— *Castigos corporaes!*—*Ataque ao mussorongo e ao quicembo!*—*Tribulação á força armada!*—*Organisação administrativa e judicial do presidio, com recursos para o conselho de governo!*—*Commandante de navios de guerra com alçada judicial e administrativa!!!*» Parece Gengis Kan que passa! Ferro, fogo, fumo e sangue... Uma sangria desatada!... Que ignorancia de principios fundamentaes da nossa organisação politica e administrativa, e do estado da questão! Como a educação militar, o preconceito da guerra, desequilibram aquella intelligencia, aliás robusta!

Dir-me-hão que é bom cortar a direito, muitas vezes. Será. Mas atrevo-me a affirmar desde já tambem, que não desejam ser objecto d'esses cortes os que assim pensam. E quem me garante que o militar substituindo—para andar a direito—a sua vontade pela lei vae sempre direito á justiça e ao bem? Será preciso lembrarmo-nos de quanto o despotismo fez soffrer o povo antes de ser banido pelas conquistas liberaes? Mas vamos aos factos. Realisou-se sempre a justiça, conseguiu-se o bem, quando os governadores se dispensaram dos meios legaes para chegar depressa aos seus fins? Ha feridas, que sangram ainda: não lhes toco.

A educação militar do governador expõe a estes perigos a sua administração. E o que se dá com o governador, da-se tambem, mais ou menos, com todos os militares investidos em funcções civis. Poderia apresentar uma lista de factos irritantes para comprovação do que affirmo. Alguns, porém, são bem conhecidos para que eu me dispense de o fazer por agora.

Darei um só, que se nota no mais baixo grau da escala militar, no soldado. Qualquer soldado—dos que exercem as funcções de officiaes de diligencias da administração—que nos concelhos de leste de Loanda vá a casa d'um morador, ás vezes exigir serviço gratuito e illegal para o chefe—pelo simples facto de ir alli—tem direito a uma cabra, ou ao seu valor que até já está cotado de ha muito em doze vintens. O morador paga, porque o soldado exige, sem nenhum d'elles ter bem nitida a consciencia do abuso.

Taes são, senhores, as saliencias da qualidade militar, quando ella avulta na auctoridade civil.

Mereceria ella ainda tanta importancia, que tenhamos de fazer-lhe todos estes sacrificos? Porque? Pelos seus bons serviços na administração ultramarina? O que tem feito os governos militares do nosso Ultramar, em quatro seculos de gerencia? Pelo que diz respeito a Angola, fica bem acentuada a minha opinião.

Valentes, têm-no sido quasi todos os militares portuguezes, quer governem quer não. Distinctos na guerra tem havido muitos tambem; e Angola contou no commando Paulo Dias de Novaes, o fundador, Salvador Corrêa, o restaurador, o capitão Sequeira, conquistador da Ginga e outros; mas havemos de sacrificar á qualidade militar d'estes heroes a prosperidade e o futuro da sua propria obra?

Vêde, senhores: o militarismo seria respeitavel, por ser antigo, na administração ultramarina; mas tem caruncho, deve substituir-se. Nada justifica a protecção que se lhe tem dado, tomando-o como ponto de partida para a escolha de governadores ultramarinos, abrindo abusivamente uma excepção ao art. 145, § 13, da Carta Constitucional que diz:—*Todo o ci-*

dadão pode ser admittido aos cargos publicos civis, politicos ou militares, sem outra differença que não seja a dos seus talentos e virtudes.

Escolha-se portanto o talento e a virtude, estejam elles na classe militar, ou n'outra qualquer.

VI

Força militar

Organisando a força militar para o Congo, devemos apenas pensar na sufficiente para dar sancção á lei. Creio bem que um só corpo de primeira linha, com a sede na capital do districto, chega para satisfazer a todas as necessidades occurrentes da sua policia.

Para que poderiamos precisar alli d'uma grande força militar, regular? Para bater os extrangeiros? para suffocar revoltas indigenas? No primeiro caso teriamos de empregar a nossa armada, suppondo que a tinhamos para isso; mas nós estamos habituados a batalhar e vencer n'estes ultimos tempos mais com a força do direito do que com o direito da força. Haja vista o que succedeu com Lourenço Marques, Bolama e mesmo em Berlin. No segundo, parece-me muito melhor empregar a força indigena, aproveitando em nosso favor as circumstancias excepcionaes da região, e organisando para esse fim a segunda linha.

Disse eu já que dentro de todo o territorio d'Angola temos povos de tres raças diversas, que são inimigas reciprocas e tanto mais temiveis, quanto mais fortes; e disse tambem que os cafres do planalto, se são os mais corajosos, tambem ha-

bitam uma região onde com mais facilidade podem ser batidos por nós, visto podermos viver lá, não succedendo o mesmo com os povos da raça congo que vivem todos em paizes mais ou menos hostis á saude do branco. Estas circumstancias por si só já indicam o que teriamos a fazer, quando quizessemos bater os congos, sem nos incommodar, senão a talhar a expedição encarregando d'ella os povos cafres. Mas acresce ainda outra circumstancia, que eu tambem mencionei já: a do fraccionamento politico e hostilidade reciproca de todos os povos da raça congo, e especialmente dos que dentro do nosso territorio constituiram o antigo reino do Congo. Esta circumstancia é tão importante, que nos dá toda a força do paiz, sabendo nós aproveital-a.

E não se pense que o preto tenha considerações de qualquer ordem pelos da sua raça, desde que seja incumbido por nós de bater nos seus. O seguinte facto é bem eloquente. O meu amigo Eça de Queiroz (Alberto), incommodado um dia porque o seu criado de quarto fôra passear sem licença, e se demorava muito, resolveu sahir antes d'elle ter voltado. Encontrou-o na rua a conversar muito expansivamente com outro preto — amigo intimo. Eça de Queiroz estranhou-lhe a ausencia, e disse ao outro que lhe desse dois pontapés. — Foi tão gostosamente cumprida esta ordem, que o patrão teve de intervir, a salvar o creado das garras do amigo!

Não nos admiremos d'isto. O preto é a creança grande: e quem hoje contar quarenta annos, ou mais, ha de lembrar-se com que furia era vibrada a ferula nas escholas por umas creanças contra as outras, sempre que o mestre, com cara de Jehovah implacavel, mostrava no semblante o desejo do castigo duro; e lembrar-se-ha tambem do pequeno orgulho cruel

que a creança sentia ao ver-se assim investida nas funcções d'algoz!... Os pretos distam de nós muitos seculos ainda, para que nos repugne empregar hoje para com elles os processos de educação, que ainda ha trinta annos eram julgados bons e empregados em formar o nosso actual concidadão ou o cidadão nosso pae, ou nosso avô.

Quando nós por exemplo precisarmos de reduzir á obediencia qualquer dos povos cacongos, aonde iremos buscar melhor força e maior inimigo d'elles, do que o mussorongo, que é seu vizinho, paredes meias?

Devemos portanto organisar as segundas linhas, como elemento da força para combater os indigenas. O principe, ou o morador importante, ficarão muito lisonjeados com uma patente dos corpos respectivos; e com relação aos inferiores e soldados pode affirmar-se o mesmo: o preto gosta de figurar á moda do branco, assim como a creança gosta de parecer homem. Esta força, organisada nas condições economicas, em que já o está na provincia de Angola, é baratissima; e esta circumstancia é capital para nós, no momento actual. Mas acresce ainda que as segundas linhas estabelecidas, e mais ou menos educadas nas capitaes dos concelhos, estreitam os nossos laços com os indigenas, e seguram mais a sua dependencia de nós.

Não nos esqueçamos, finalmente, da satisfação que temos de dar ao mundo—não nos desmintamos. Vamos tomar posse a pedido dos indigenas: não vamos conquistal-os. Ainda ha bem pouco tempo, na nossa ultima tentativa de occupação do Zaire, o governador geral dizia em telegramma «que mandára occupar, porque os *indigenas pediam essa occupação.*»

De tudo o que deixo expendido parece-me poder concluir,

que é desnecessario levar para alli um batalhão de outra provincia.

O batalhão de primeira linha que se organisar deve ser, tanto quanto possivel, composto de praças idas do sul da provincia, e da raça cafre. O batalhão recrutado n'outra provincia ultramarina seria ao mesmo tempo uma violencia feita ao povo que o fornecesse, e ao cofre que o pagasse, ambas desnecessarias.

Tambem não quereria n'este batalhão nenhum soldado branco: não pódem resistir ao clima; e, longe de serem elementos de forças sel-o-iam antes de fraqueza, por estarem sempre doentes. Mas acresce ainda, infelizmente, que os soldados brancos, com quem alli se poderia contar, seriam pessimos educadores dos pretos, pelos maus exemplos que de certo dariam. Não pode razoavelmente esperar-se outra cousa de degredados ou deportados militares, nem outra cousa, em geral, se tem conseguido d'elles até hoje nos batalhões da provincia. Eu, como juiz criminal da comarca de Loanda, posso informar que os degredados e deportados militares dão em juizo mais trabalho, do que todo o resto da comarca, que é enorme. Houve um deportado que abriu uma escolla de ladroeira, e dava tão proveitosas licções, que nunca foi possivel descobrir os auctores de roubos quotidianos praticados pelos seus discipulos, em quanto elle estava preso por qualquer insignificancia disciplinar.

Na grande faina de corpos de delicto por crimes de roubo com escalamento e arrombamento de casas, eu chegara já a descobrir a identidade do systema, que pela opinião publica era attribuido ao malandrin preso, contra o qual todavia nunca foi possivel apurar a prova sufficiente. Como tinha já expiado

a pena de deportação, vinguei-me d'elle ajudando a tramar para que viesse *degredado* para Portugal, a vêr se os crimes diminuiam; e o tal systema de roubos acabou, logo que elle partiu a bordo do transporte *India!*

Tambem desejaria que o official encarregado do commando do batalhão, ao menos durante o periodo da organisação da machina administrativa, fosse escolhido no exercito de Portugal entre os officiaes mais distinctos e votados á patria, e que por esses titulos merecesse a confiança do governo. Os officiaes de lá são em geral valentes e briosos, mas não têm a illustração excepcionalmente desejada para este commando; e estão já habituados aos antigos processos do commando militar da provincia, que eu quereria ver modificados. Além d'isso; conheci alguns officiaes da provincia alternadamente no banco dos réos e na cadeira dos juizes do conselho de guerra; e não desejaria vêr o novo commando arriscado a um commandante d'estes.

O commandante do batalhão seria ao mesmo tempo o governador militar, superintendendo a todas as praças do districto.

VII

Legislação

A legislação vai registando nas paginas da historia o grau de civilisação do povo respectivo. Basta esta simples consideração para nos convencer, desde logo, da impossibilidade da applicação das nossas leis a povos que não sómente são d'uma raça muito diversa, mas ainda se acham n'um grau tão baixo de civilisação. O nosso desejo de o elevar por meio de leis

cultas tem-nos levado mais longe, do que razoavelmente podiamos ir; e isso tem dado em resultado disparates monumentaes. São frequentes e variadissimos em todos os ramos da nossa legislação. Apresentarei alguns exemplos comprovativos d'esta minha asserção, que me parece não precisaria d'elles para ser intuitiva.

A nossa prisão correccional, assentando sobre o sentimento de liberdade, não é comprehendida pelo preto, nas circumstancias em que se lhe applica. O indigena tambem tem a prizão a que vulgar, e mais propriamente, se chama na provincia *amarração*, porque o preso é amarrado de pés e mãos, e assim conservado na *forquilha,* no *libambo* ou no *tronco*; e, quando se lhe intima a prisão, e é conduzido para a cadêa, a sua imaginação infantil e excitada cria-lhe horriveis supplicios a esperal-o para ser esquartejado e devorado, depois d'alguns dias de engorda na prisão correccional. Quando porem se convence de que a tal prisão dos brancos consiste em estar dentro d'uma casa, melhor do que a sua, e gosar a ineffavel delicia de ter quem pense n'elle, e trabalhe em seu proveito, concorrendo com todo o necessario para que a horas determinadas do dia lhe seja servido o almoço, jantar e ceia; — desde que se sente bem senhor desta situação ditosa, julga-se o mais feliz dos mortaes, e realisa o seu ideal, que é dormir de papo para o ar no intervallo das refeições. Pena sentirá elle um dia, quando lhe acabar tão saborosa vida, e tiver necessidade de cavar a terra ou levar carretos, para conseguir o sustento! Quando eu tomei posse da comarca de Loanda, encontrei muitos presos na cadêa, e alguns sem processo. Este mau estado era devido á circumstancia da comarca não ter já ha muito tempo os seus juizes em exercicio: estavam a servir como sup-

plentes na relação, havia muitos annos. Foi para obviar a este inconveniente que se crearam na relação mais dois logares, dando assim occasião a que os magistrados da primeira instancia viessem occupar as suas varas respectivas. Era o primeiro a entrar n'estas circumstancias, e por isso fui encontrar o serviço muito atrazado, e mal dirigido. O meu primeiro trabalho foi pôr a ordem no cahos, sendo muito ajudado n'esse serviço pelo sr. dr. Barreto, que era então o delegado da minha vara. Comecei pela cadêa, e verifiquei que muitos presos estavam alli, desde longa data, á ordem da administração do concelho para averiguações, sem nunca ter ido para juizo o processo respectivo. A todos os que estavam n'estas condições, alguns dos quaes já desde muitos annos, ordenei soltura immediata. Foi tal a consternação que esta ordem causou, que o carcereiro houve por bem vir á minha presença ser o interprete das lamentações dos presos. «Que mal tinham elles feito ao senhor juiz, para assim os privar da casa e do sustento? Para onde iriam? Quem lhes daria de comer? Que seria d'elles?...

Obrigados a sahir, apesar de toda esta lamuria, empenhavam-se para conseguir do carcereiro que «ao menos, os deixasse dormir no pateo da prisão, debaixo d'um tamarindeiro... Seriam alli soccorridos pelos felizes, ainda presos, que partilhariam com os seus antigos companheiros o rancho da prisão!»

Não deviamos admirar-nos d'esta situação: um pessimo jantar d'um rico é ainda, para o pobre faminto, um banquete muito acima da sua comprehensão ideal. A pena que deveriamos impor ao indigena era a do trabalho, que o corrigisse e civilizasse. O trabalho, dizem elles, é uma endiabrada inven-

ção dos brancos para martyrisar os pretos. Pois obriguemo-los a trabalhar, e façamos d'elles operarios uteis para si, e para nós. Na escolha dos meios a empregar para conseguir esse fim temos ensejo de mostrar todo o esplendor da nossa civilisação, para os seduzir e mostrar ao mundo que sabemos levantal-os efficazmente da selvageria em que fomos encontral-os.

O inconveniente que a muitos se apresentaria do confronto dos pequenos criminosos pretos com os grandes facinoras, que de cá vão para lá cumprir penas de trabalhos publicos, desapparece, quando medita-mos que o preto mal poderá fazer esses confrontos; e, quando os faça, não ficará espantado com o proprio cumprimento da pena de trabalhos publicos, tal qual elle hoje existe na provincia. O abuso *do empenho e da protecção* tem levado as cousas ao ultimo grau de relaxamento. Quanto mais criminoso, pode quasi affirmar-se, mais protegido. Quando eu em 1879, na qualidade de curador geral dos serviçaes e colonos, visitei o concelho da Catumbella, e entrei na fazenda denominada — Cassequelle — sita nas margens do rio Catumbella, soube então pela primeira vez, todo, o nome do seu dono por ver escripta, em letras muito grandes, na fachada principal do edificio do engenho a seguinte inscripção: João Victor da Silva Brandão. O dono, o João Brandão, lá estava muito em sua liberdade gosando a fazenda, e aproveitando a situação d'ella a beiramar para ter na costa, fundeada, uma embarcação que ás vezes se fazia ao largo com muitos pretos além dos tripulantes, para só voltar com estes ultimos, depois d'uma viagem mais ou menos demorada!

Faltava-lhe ainda ser celebre n'aquelle capitulo dos grandes crimes. Em juizo havia já conhecimento do facto, e procedia-

se, sem que administrativamente se tivesse dado cumprimento ao artigo do codigo penal, que preceitua o cumprimento da pena de trabalhos publicos perpetuos que elle estava cumprindo. Informei o governo, e pedi providencias que foram presentidas pelo criminoso, fugindo para o interior, onde morreu ás mãos dos indigenas, para não se sujeitar a uma grilheta que o governador Neves Ferreira protestára pôr-lhe.

Se portanto nós queremos corrigir o preto e civilisal-o, devemos substituir-lhe a prisão pelo trabalho; ou, ao menos para o preto miseravel e robusto, acompanhar a prisão de trabalho.

A experiencia mostra que os mais prestantes artifices pretos, os que já têm verdadeiramente adquirido o habito do trabalho, começaram a sua educação no antigo regimen, trabalhando obrigados: esses são hoje os verdadeiros indigenas uteis, talvez os unicos a que possa convir o titulo distincto de civilisados.

Como ha de ser comprehendida e respeitada a nossa legislação civil, sobre propriedade por exemplo, entre povos cujo systema de propriedade tentei esboçar n'outro logar?

As terras são da tribu—são do rei. Como poderão elles comprehender e respeitar os direitos individuaes sobre ellas? A herança é para gastar no *itambi*. Como poderá a familia comprehender os direitos dos menores, e garantir-lhes a transmissão da herança?

Sendo a familia indigena organisada, como eu n'outra parte indiquei, como poderão aquelles povos comprehender e respeitar o nosso casamento?

Da seguinte maneira: dois filhos do paiz lembraram-se um dia de fazer a extravagancia de casar «*mesmo de sacramento*»;

mas continuaram a viver, como d'antes. Um dia o marido é mal recebido pelo actual favorito da mulher e tambem por ella, e vae queixar-se aos amigos, que para se rirem do caso o aconselharam a ir a juizo querellar dos adulteros. Custou-lhe muito a comprehender este seu direito; parecia-lhe que as leis dos brancos tratariam cousas mais sérias. Mas, logo que se certificou, armou-se d'essa chave para abrir a burra do favorito, e deu querella contra ambos. A adultera, quando entrou na cadeia bradava contra a injustiça de que era victima, «*não podia ser presa por similhante cousa, nem isso era crime, porque toda a gente o fazia!* Poucos dias depois foi solta a pedido do marido, que se prevalecêra do seu direito para haver alguns mil reis do rival, ficando todos muito amiguinhos!

Como ha de ser comprehendido o nosso systema eleitoral por povos cuja evolução politica ainda não passou do regimen patriarchal? Como o comprehendeu, e praticou, o Mendes Machado de Ambaca, criando as *ambacadas* e destruindo a prosperidade do concelho! etc.

São portanto necessarias graves alterações na nossa legislação, para que ella seja applicavel alli. Trabalho será esse muito melindroso e difficil, que eu desejaria ver preparado por pessoas de grandes conhecimentos theoricos e pratica da localidade. Por isso aconselharia que fossem excepcionalmente escolhidos e collocados os principaes funccionarios do districto, dando-se-lhe como principal encargo o estudo d'essas modificações, emquanto lançarem as bases da nova organisação, em harmonia já com as suas conclusões.

Emquanto isto assim se fizer, e emquanto no nosso paiz se não cria um curso de instrucção colonial, para habilitação ultima dos funccionarios que se destinarem ás colonias, ou ao

ministerio d'ellas; vamos nós todos trabalhando, quanto podermos, trazendo para a imprensa e para as conferencias publicas os nossos pensamentos uteis, o producto das nossas lucubrações. Animemo-nos reciprocamente, discutamos tudo, e apuraremos o que nos convém.

Não apparecerão depois na nossa legislação colonial monstros juridicos, como o actual regulamento dos degredados, especial da provincia de Angola, em que—por uma portaria provincial foi revogado o Codigo Penal e a Carta Constitucional!

VIII

Instrucção publica

Emquanto á instrucção publica do districto, tenho ainda as mesmas idéas, que em tempo apresentei n'um projecto de reforma da instrucção publica da provincia. Trabalhei como relator d'uma commissão que era presidida por sua eminencia o senhor patriarcha de Lisboa, então bispo de Angola e Congo. O meu trabalho deve estar na secretaria: o senhor patriarcha sabe muito bem quanto me custou a organisal-o. Possa elle ao menos servir ainda a alguem como elemento de estudo, e ficarei satisfeito.

Supprimia a eschola principal de Loanda que era n'esse tempo, e ainda é hoje, uma tentação para hombridade dos ministros e dos governadores. Essa eschola não tinha discipulos pela razão simples de que, quem não sabe ler e escrever correntemente, não póde estar habilitado para estudar economia politica e similhantes cousas; Mas tinha sempre professores,

porque só dava o trabalho mensal de processar o recibo e embolsar o ordenado.

O actual governador ouviu uma vez o conselho inspector, para dissolver n'elle a responsabilidade de devolver ao ministro um pseudo-professor de economia politica; mas pouco tempo depois offerecia *sem consultar o conselho* o logar vago a um seu detractor, que lh'o recusou «*por não saber economia politica.*» A eschola era uma negaça, uma *posta*.

Alargava a instrucção primaria; e procurava-lhe garantias de efficacia, criando uma inspecção rigorosa. A inspecção do decreto de 1869 é nominal, porque o conselho inspector é uma chancella na mão dos governadores, quando muito.

Notando a importancia do conhecimento das linguas indigenas, lançava os fundamentos do seu estudo. As linguas da provincia ainda hoje são quasi completamente desconhecidas na sciencia: as grammaticas e vocabularios que existem são tentativas muito louvaveis, mas muito imperfeitas. E a ninguem é dado ignorar hoje, quanta é a importancia do conhecimento da lingua d'um povo rude, quando se trata de o civilisar, de estudar a sua indole, para lhe applicar os processos convenientes. Uma palavra é muitas vezes uma revelação em ethnographia, ou em sociologia.

Ainda hoje, como já disse, penso da mesma maneira sobre este assumpto; e por isso desejaria applicado no Congo o que aconselhei para a provincia. Os parochos e os missionarios serão os professores. N'isto seguir-se-ha o antigo costume: o missionario foi sempre alli o mestre.

IX

Fazenda

E' muito tenebrosa para mim a questão de fazenda do districto; e eu nem tive tempo nem elementos, para me preparar com a luz precisa no percurso dos seus diversos escaninhos. Avento cá de fóra só uma idéa, no intuito de que ella possa esclarecer os competentes.

Parece-me necessaria a tributação directa do indigena, estabelecida de vagar—sem violencia — procurando a intervenção dos principes, e usando-a com summa prudencia. O imposto é para o indigena a expressão do reconhecimento da soberania; e, desde que esteja, como está, disposto a reconhecel-a e acceital-a de bom agrado, tambem lhe não repugna absolutamente a sujeição ao imposto. Os pequenos attritos de installação pedem toda a prudencia dos funccionarios respectivos para realisar commodamente, e em paz, o que só se conseguiria tarde, dispendiosa e vergonhosamente por meio das armas.

Esta prudencia tem de ser suprema para com o rei do Congo e a sua côrte, que estão longe do littoral e habituados, de longa data, á vida de vadiagem, sustentada pelos presentes. Mas é preciso que tanto esse povo, como os outros, paguem o imposto o mais breve que seja possivel, para que elles sintam e reconheçam a mudança do estado de cousas.

Quando em consequencia de antigos vexames que não soubemos remediar nem corrigir se deliberou supprimir os dizimos e as portagens na provincia, os povos tomaram a circumstan-

cia como uma demonstração de fraqueza — o que não foi de certo a menor das causas dos revezes das nossas armas nas ultimas escaramuças. O *maniputo morreu*, diziam os pretos. Os subditos do soba Cabôco, vendo-o apossar-se das portagens do rio Lucala, acrescentavam: «o *maniputo agora é o soba Cabôco.*» Tomemos a licção d'estes ensinamentos; e não vamos no Congo arriscar-nos logo no principio a uma situação d'estas, que nos amargurará para sempre a occupação.

É precisa toda a prudencia e circumspecção; e tambem é necessaria toda a integridade, para se manter sempre a mais poderosa das forças — a força moral. Que nenhum dos actos infames que produziram a suppressão dos impostos em Angola vá ter logar no Congo! Quereis um especimen d'essas causas, o que me lembra agora? — Um chefe de Pungo Andongo, quando algum preto apparecia e tirava o seu cinto (feito em forma de comprido sacco de malhas de fio d'algodão por industria indigena) para pagar o imposto, se notava que trazia mais dinheiro do que o preciso para o pagamento, fingia-se muito zangado pelo acanhamento e demora do preto em tirar do cinto e contar as macutas enfileiradas no chão; dava-lhe dois gritos que atarantavam de todo o pobre contribuinte; e, quando o via bem assustado, applicava-lhe um pontapé que o fazia fugir, deixando tudo. Depois dizia o chefe: «o brutinho deixou o cinto e dinheiro a mais; mas agora, como hei de eu restituir-lhe estas cousas?» E, como não sabia, guardava-as para si, depois de tirar o imposto para a fazenda!

E não nos soubemos corrigir d'isto, dando ao indigena e ao mundo, além de tudo, uma desgraçada prova de depravação e fraqueza!

X

Caminho de ferro d'Ambaca

Apesar de ficarmos com a maior parte da margem esquerda do baixo Zaire, pódemol-o considerar perdido para o commercio portuguez.

Não soubemos mantel-o, quando estavamos sem concorrencia nem restricções; como poderemos hoje sustental-o? A difficuldade agora não seria só para nós: encontral-a-hia tambem outro qualquer paiz, que por hypothese se achasse investido nos nossos direitos; porque a nossa extensão de margem é má, e não tem senão algumas pequenas feitorias para a exploração dos grãos oleaginosos, e principalmente do oleo de palma, não havendo porto junto de sitio onde podesse levantar-se a cidade.

Se, apesar d'estas más condições, quizessemos hoje, por iniciativa e esforços do governo, tornar alli prospero o nosso commercio, empenhar-nos-iamos n'uma empresa louca; porque fariamos tudo muito dispendiosamente, e sem compensação nenhuma, a favor do commercio extrangeiro que viria fatalmente aproveitar as vantagens e assoberbar o nosso, em virtude do regimen de liberdade em que a Conferencia deixou a bacia do Zaize. A iniciativa particular do nosso commercio é muito pequena, e ainda ha bem pouco tempo mostrou de quanto é capaz em emprehendimentos africanos; mas, quando ella se resolvesse a ir alli concorrer com os extrangeiros para aproveitar o resto das suas excepcionaes condições de prestigio, não iria de certo estabelecer-se na margem esquerda, porque tem muito melhor campo de exploração no

Chiloango e nos territorios da Internacional — livres para todos: na margem esquerda poderia apenas contar com alguma insignificante feitoria nos charcos da bahia de Santo Antonio, ou mais a montante, para comprar *ginguba* aos mussorongos da vizinhança.

A cidade da foz do Zaire, que será o seu emporio commercial, pouco viverá da zona baixa; e esse pouco pertencerá mais á margem direita, do que á esquerda. O sangue da vida commercial do alto Zaire, e dos sertões que demoram a leste da nossa provincia, confluirá para aquelle futuro coração, que para o receber se ampliará em periodicos movimentos de diastole, cadenciando alternadamente os de systole, que irão espalhal-o pelo mundo, ávido de vida africana. Não laqueámos em tempo as arterias; agora é inevitavel a transfusão, que de anemicos nos tornará inanimes, passando toda essa vida, nossa, para extranhos. Pouco falta já para vermos de todo realisada a minha triste prophecia de 1882: um caminho de ferro que ligue Vivi a Stanleypool, vencendo as cataractas, e a installação do estado, que una e policie os diversos *pontos* de feitorias, transformando-os em cidades e villas, completarão a obra que já vai muito adiantada. Depois veremos ir para alli não só o commercio do Zaire, que já perdemos, mas o actual da provincia, que havemos de perder tambem.

São obvias as razões.

O actual commercio da provincia — o commercio rico da cera, marfim e borracha — faz-se todo em Loanda e Benguella por intervenção de Cassange e Bihé, que o centralisam e extrahem dos longinquos sertões da Africa central e austral. A cera era em tempo abundante na zona baixa, e na me-

dia. O indigena só procurava os favos para aproveitar o mel em guloseimas; e esse estimulo era pequeno para vencer a producção dos insectos. Quando porém elle soube que com a cera, até então desprezada, podia comprar ao *branco* a preciosa aguardente, proporcionadora dos magicos encantos da embriaguez, votou guerra de morte ao misero hymenoptero, tomando como alliado n'essa lucta desigual o cuco indicador: em breve ficou varrida toda a zona baixa, e entrou a devastação pela media dentro. Hoje só apparecerão enxames com a antiga frequencia lá muito a leste de Cassange e do Bihé; e ahi estão agora a soffrer a sorte, que exterminou os outros. Os protestos do *ambaquista*, que aprendeu a cultivar a abelha com o frade de Massangano, são muito raros e mal formulados, para evitar a ruina: a velha sanga, ou o pedaço de tronco ôcco imitando os nossos cortiços, onde alguns querem salvar do diluvio aquellas sociedades trabalhadoras, mal poderão servir-lhe de arca da alliança.

E assim, a cera que actualmente vem a Loanda e a Benguella em breve deixará os seus antigos trilhos, para ser tomada na propria localidade, que a produz, e conduzida pelos confluentes do Zaire e sua foz, e d'ahi ao mundo.

O marfim está precisamente nas mesmas circumstancias.

O intelligente pachyderme que o produz, acossado por toda a parte pelos caçadores cubiçosos e aventureiros, refugiou-se lá onde o commercio do marfim era ainda tão ignorado, que o indigena fazia os seus cercados em volta da cubata com os melhores e maiores dentes, que encontrava nas ossadas dos velhos elephantes mortos naturalmente pelo sertão, simplesmente porque o salalé e a putrefacção respeitavam mais aquellas estacas, do que as de madeira. É na cidadella do seu re-

fugio, que a Internacional lhe vai dar agora o ultimo golpe, fazendo por uma vez só, e em pouco tempo, todo o commercio importante do marfim, e passando-o para a Europa pelo *seu Congo.*

Ainda a borracha teve a mesma sorte.

A planta que a produzia nas zonas baixa e media foi de tal modo perseguida, que até as raizes se lhe arrancavam, para pela compressão se obter a ultima gotta de seiva. Eu procurei-a em Pungo Andongo, por me constar que ella fôra por alli muito vulgar; e só consegui encontral-a, muito escondida entre as fendas dos penedos, nos recessos que as explorações indigenas deixavam para asylo das serpentes e dos leopardos. A borracha, que actualmente sahe de Loanda e Benguella, provem tambem da *bacia livre do Zaire;* e não deixará de certo de aproveitar essa liberdade, para vir deixar-se tyrannizar nas nossas alfandegas d'aquellas cidades.

Estas casas fiscaes, actualmente tão prosperas, deixarão em breve de poder sustentar os encargos da provincia; porque lhe ficarão sómente os grãos oleaginosos, a urzella, a gomma e o algodão para a exportação, e a aguardente de canna para o consumo interno. Será em vão que o possante braço do actual administrador da alfandega de Loanda desenvolva toda a força do seu zelo e probidade: merecerá sempre os louvores, de que ainda agora foi alvo, porque trabalhará muito e bem; mas sem conseguir, crescente, a prosperidade do estabelecimento a seu cargo, que estacionará e definhará, apesar dos seus louvaveis esforços. Benguella—o mealheiro da provincia, onde sempre se recorreu, com prompto soccorro, em occasiões criticas—não poderá tambem sustentar a sua tradição.

Se não pensarmos em vida nova, morreremos na costa, pobre e doente, a negociar ginguba e oleo de palma, e a produzir aguardente para envenenar os pretos, afim de morrerem tambem comnosco!

Escusamos de esperar que as nossas tradições e prestigio nos salvem da morte certa. O preto da Africa central conhece-nos, é verdade, e tem mesmo conhecimento da nossa lingua tambem; mas confundir-nos-ha com o primeiro da nossa côr, ido alli a dizer-se branco e a fallar portuguez: não tem de nós o conhecimento intimo, que leva os mochicongos e os cacongos a desmentir os europeus pseudo-portuguezes, que se apresentem, como cidadãos de Portugal.

As correntes, estabelecidas desde longa data, do commercio de lá para a nossa provincia, tambem não pódem constituir uma esperança de salvação para nós. Essas correntes mudaram sempre pelo mais pequeno motivo, muito embora conservassem a direcção geral de leste-oeste; e estão promptas para mudar n'outro rumo, logo que appareça o novo *branco*: — o estabelecimento novo é sempre o mais concorrido.

Tambem não poderá salvar-nos uma alteração na pauta; porque essa alteração, seja qual fôr, ha-de sempre deixar um onus sobre o genero, que saindo pelo Zaire não o teria. O Zaire *é livre;* e nós só conseguiriamos essa liberdade, supprimindo a pauta e as alfandegas.

N'esta situação, muito melindrosa, eu não sei bem que remedio applicar ao nosso enfermo, para que viva depois de amputado o seu orgão commercial.

Affigura-se-me todavia que um caminho de ferro de penetração—o caminbo de ferro d'Ambaca—poderia ser uma taboa de salvação. O caminho de ferro—feito já—iria viver

ainda por algum tempo dos restos do commercio. Entretanto abriria a exploração agricola e minerea; e, quando um dia o commercio definhasse, poderiam estas industrias, convenientemente implantadas e dirigidas, viver e medrar reanimando a provincia.

O trajecto seria convenientemente estudado, satisfazendo a todas estas condições e — á principal de todas, economia — para não sacrificarmos inutilmente o pouco que nos resta dos nossos recursos orçamentaes, e para não perdermos o *sul* por falta de meios: a perda do sul importa, segundo me parece, a de toda a provincia. A linha deve servir, tanto quanto possivel, a região propria para as culturas ricas e para lavra de minas ao mesmo tempo: as minas attrahiram sempre e continuarão ainda a convocar, colonos uteis para todas as outras explorações.

Sendo assim dispostas as cousas, podemos ainda nutrir uma certa esperança de aproveitar o melhor possivel o territorio que agora vamos occupar, prevenindo tudo para o engrandecimento e prosperidade geral da provincia. O grande capital, que até hoje tem andado indisposto com a exploração da rica região florestal d'Angola, por culpas suas na maior parte, virá montar a grande exploração agricola, logo que tenha viação, e bem garantidas as justas condições da prestação de serviço dos indigenas.

Este caminho de ferro será uma utopia? Será um encargo sem compensação para abandonarmos um dia a colonia, depois de nos absorver mais este elemento de vida?

Não posso supportar semelhante hypothese, porque, para mim, em quanto ha vida, ha esperança. Examine-se bem a questão, sobretudo debaixo do ponto de vista technico, para

que tudo se faça pelo meio mais facil, economico e util; e mãos á obra. Estudemos bem as condições em que vamos plantar a arvore da riqueza; e envidemos todos os esforços para que vinguem todas as suas raizes: depois descánçaremos a cultival-a, colhendo os fructos!

XI

Peroração

A armada real vae ter mais um encargo com a occupação do Congo; é preciso collocal-a em condições de poder comportal-o augmentando-a, se for necessario. Isso é com os peritos.

E agora, que estamos em familia—creio que fallo sómente deante de portuguezes—devo dizer-vos que vi sempre, com grande magua minha, na ponte dos nossos navios de guerra —navegando na costa d'Angola—cartas inglezas! Peço ao senhor ministro, ao senhor commandante geral da armada e á nossa briosa officialidade de marinha a sua cooperação e empenho, para que tal vergonha acabe. A nossa armada é a herdeira directa das maiores glorias de Portugal; e o mais valioso dos seus titulos é justamente o de ter ensinado as nações da Europa a navegar e a fazer cartas e portulanos. Conformar-nos-hemos hoje com a humilhante indicação dos discipulos, sem receio de que as campas de D. Henrique, e do immortal inventor do *nonio*, estalem pela indignação convulsa d'aquellas venerandas cinzas?!

Que não seja simplesmente um pensamento de poeta, o que

se lê escripto na roda de leme dos nossos navios de guerra: —*A patria honrae que a patria vos contempla!*

Vou terminar, senhores.

Poderei ter parecido severo nas minhas apreciações. Haverá, mesmo, talvez quem me julgue exaggerado. Nunca me preoccupei com isso; porque fui sempre dominado em tudo, quanto pensei e disse, pela divisa de ser util ao meu paiz, concorrendo com o meu fraco esforço para o levantar do abatimento em que o vejo. Sirva esta minha declaração de garantia a todos, de que eu não quiz offender ninguem.

Concorrer para a salvação da patria, da nossa querida patria que está doente, foi o meu intento;—nas horas extremas fazem-se as ultimas revelações á sciencia, para que ella trabalhe com todos os elementos a disputar o enfermo ás garras da morte.

A doença está conhecida: a sua origem remonta ao tempo das Cruzadas. A lenda do Preste, importada então, produziu em Portugal os effeitos do chloroformio: as primeiras inhalações causaram a excitação que o atirou pelos mares *tenebrosos*, atravez da Africa *portentosa* e do phantastico Oriente, assombrando tudo de bravura e fé; logo em seguida veio a incoherencia, a desligação de pensamentos e esforços em que se debateu até cahir em anesthesia, deitado em todo o mundo, esse gigante que levára quatro seculos a crescer e avigorar-se!

E ainda dorme... mas, bate-lhe o pulso, é tempo: ar!... ar!... demos-lhe ar!!!

Accorde, e convalesça. Sacuda os musculos vigorosos; e caminhe! Caminhe, que tem muito que andar ainda: criou já o Brazil, mas tem vigor e vida—vá criar em Africa a *Nova Lusitania*!

Agora só me resta, senhores, agradecer-vos a vossa benevolencia e attenção, declarando-me summamente grato para com a imprensa, e para com todos os que me ajudaram a levar a minha cruz.

Tenho dito.

RELATORIO

DE 8 DE SETEMBRO DE 1882

MISSÃO AO ZAIRE

DE

FRANCISCO ANTONIO PINTO

JUIZ DA PRIMEIRA VARA DE LOANDA

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Fui nomeado, por portaria provincial de 1 de julho de 1882, para ir visitar os portos do norte, desde o Ambriz até Mayumba, e os pontos das margens do rio Zaire, onde houvesse estabelecimentos commerciaes.

O fim da visita e as condições de a realisar foram-me assentes em instrucções, com a mesma data da portaria que me nomeou.

Tinha de resolver por toda a parte, por meio de arbitragem, as questões pendentes entre subditos portuguezes e extrangeiros ou indigenas; e devia estudar os meios a empregar para irmos firmando a nossa influencia na costa do norte e rio Zaire, e destruindo os obstaculos á nossa futura occupação, tendo como norma d'esses meios a civilisação dos indigenas e a protecção dos portuguezes alli estabelecidos.

Recommendaram-se-me em especial as missões portuguezas ao norte do Zaire, a protecção aos serviçaes em todos os pontos a que temos direitos reservados, e em tudo prudencia e reserva salutares.

E' muito pesado o encargo, e são para elle minguadas as minhas forças, mas a boa vontade suppriu o que pôde.

Tive de soffrear impulsos patrioticos; e restringi os meus projectos ao que me pareceu absolutamente indispensavel, para trilhar o caminho direito e seguro de chegar ao fim que me tinha proposto.

Uma ou outra vez desço a minudencias, que parecem escusadas. Sel-o-hão. Mas faço-o por me parecer que não se tem escripto, nem lido, o sufficiente sobre e assumpto. Perdoem-me os eruditos a impertinencia e a rudeza da fórma, que aggrava muito. Vou descrever a viagem e fazer as propostas e considerações que o estudo, do que vi e ouvi, suggeriu e formulou no meu espirito.

CAPITULO I

Embarquei a bordo da canhoneira *Bengo* no dia 4 de julho; e sahi do porto de Loanda, com direcção ao Banana, no dia seguinte de manhã.

Iam tambem para a missão do Congo um diacono e cinco familias de colonos, que levavam a seu cargo viveres, utensilios e madeiras. Estes objectos e os passageiros empachavam o navio: era preciso desembarcar tudo com brevidade. Além d'isso, tudo tinha de partir de Noqui para o Congo; e só em Noqui se poderia providenciar o transporte, que é difficil e moroso.

Por estas razões a canhoneira tratou de chegar a Noqui, o mais depressa que lhe foi possivel; e, com effeito, lá amarrou no dia 8, tendo apenas entrado em Banana e tocado em Bôma para tomar praticos da barra e do rio.

O missionario, os colonos, as suas bagagens e a mais carga, tudo desembarcou, e foi recolhido na feitoria de João Luiz da Rosa, que de bom grado offereceu hospedagem a todo o pessoal desembarcado, e o seu auxilio para se effectuarem os transportes até S. Salvador do Congo.

Os objectos desembarcados com as bagagens precisariam perto de cem carregadores para o seu transporte. Quando vi tudo estendido na margem do rio, e ponderei a falta de recursos de Noqui, não pude deixar de apontar no meu diario a seguinte nota: «Má distribuição e acondicionamento das cargas. Manifesta falta de bom senso, experiencia e economia dos nossos missionarios.»

Que me perdoem essas almas respeitaveis, cheias de abnegação e sentimentos generosos. Eu não consigno aqui estas linhas senão com o intuito de lhes ser util, a elles e ao meu paiz.

As cargas foram requisitadas, fornecidas e acondicionadas em Loanda sob a vigilancia dos missionarios; e entre elles estava, pelo menos, um que sabe, ou deve saber, o que era necessario, e como devia accommodar-se: esse devia impedir que fossem comprados em Loanda muitos saccos de feijão, por mais dinheiro do que elle custa no Congo, e de uma qualidade talvez inferior, para serem transportados para lá, que só o custo do transporte de Noqui para S. Salvador é superior ao valor do feijão; devia providenciar de modo, que cada volume tivesse o peso e o formato conveniente para ser transportado por um carregador, porque em Noqui faltam os meios de affeiçoar e acondicionar as cargas, e além d'isso o trabalho havido em Loanda, para as preparar bem, não era superior.

É preciso utilisar as lições da experiencia, e não perder de vista que o nosso paiz tem feito, e faz, muitos sacrificios para manter a missão do Congo.

Emquanto se tratava em Noqui do desembarque e accommodação do missionario, colonos, bagagens e mais carga, fiz uma excursão pelo rio acima n'uma canoa indigena. Fui até Vivi, onde encontrei Stanley doente em vesperas de partir para a Europa.

O chefe da estação, Otto Lindner, já meu conhecido, mostroume o estabelecimento, e deu-me guias para uma pequena excursão a E. de Vivi. A estação de Vivi fica na margem direita do rio, e sobranceira a elle, em cima de uma trincheira que não tem menos de 60 metros de altura: é um bom ponto estrategico, e marca o limite de E. do primeiro tracto navegavel do rio Zaire. D'ahi para o interior parte uma grosseira estrada, que vence os rapidos e cataractas do rio.

O estabelecimento tem no ponto mais culminante e desassombrado a casa do chefe; em volta, e a pouca distancia, estão os armazens e casas dos empregados subalternos; e mais longe ficam as cubatas dos serviçaes que, na quasi totalidade, são de Zanzibar. Os armazens estão cheios de artigos, proprios para a permutação com o gentio, armamento, viveres, carros, etc. No fundo do valle proximo ha uma boa horta.

Tambem vi algum gado muar e asinino; e pelas cercanias pastam muitos porcos que, com alguma caça e gallinhas, constituem o fornecimento de carne fresca da estação.

Os empregados brancos são quasi todos belgas, francezes e allemães. Vi uns dez ou doze. Os serviçaes são de Zanzibar, uns seiscentos; e ha tambem alguns cabindas para serviço de embarcações.

Os transportes até Vivi fazem-se em vapores, e d'ahi continuam por terra com carregadores pretos. Os carros por ora não têem dado bom resultado.

Deve ser muito grande o capital empregado n'esta expedição, attenta a enorme despeza com pessoal e material.

Do que vi, e das informações que obtive, parece-me poder concluir que o fim proximo dos trabalhos de Stanley é commercial, ou de qualquer fórma lucrativo. E creio que um dos alvos a que elle mira é a grande quantidade de marfim, que se diz existir no alto Zaire e a O. da região dos lagos. Já foram expedidos para as estações orientaes muitos empregados com pratica de compra de marfim, e fazendas adequadas á permutação d'aquellas regiões.

Um pouco a montante de Vivi, no Ialalla, está, ainda bem conservado e em logar inaccessivel, o padrão portuguez.

De Vivi para jusante encontram-se, na margem direita do rio, no sitio donominado *Chonzo*, duas feitorias, sendo uma de João Luiz da Rosa e outra do negociante Martins; e na margem esquerda, no rio de Iango-ango, ou Hoango-ango, está a missão ingleza pro-

testante, uma feitoria da casa hollandeza e uma portugueza de João Luiz da Rosa.

Em Noqui, tambem na margem esquerda, existem duas feitorias portuguezas de Martins e Rosa, uma franceza e uma belga.

Logo que voltei a Noqui, fiz as minhas ultimas recommendações ao bondoso padre Francisco, e exhortei os colonos a portarem-se de fórma que bem merecessem de Portugal, dando-lhes por essa occasião alguns conselhos, que a minha experiencia de viajar e viver no sertão me indicou.

A canhoneira levantou ferro, desceu o rio, e veiu fundear em Bôma.

Entre Noqui e Bôma, de cima para baixo, ficam: o Mussuco com duas feitorias hollandezas, uma do portuguez Rosa e uma franceza; Caia-Camazia, com duas hollandezas; e Lamba Congo com uma do Rosa—todas na margem esquerda do rio.

Em Bôma, que fica na margem direita, existem, a contar de cima: uma feitoria ingleza, de Hatton & Cookson; uma missão catholica franceza; duas feitorias de João Luiz da Rosa, sendo uma chefe; uma do portuguez Manoel Joaquim de Oliveira; outra da firma portugueza Valle & Azevedo; uma franceza; uma de Isaac Zagury; uma do portuguez Manuel Ferreira da Costa; e uma da companhia belga, resultado e complemento da expedição de Stanley, segundo dizem.

Fiz de Bôma centro das minhas excursões, para visitar todas as casas portuguezas do rio, e notar o numero, local e importancia das extrangeiras. Estas excursões duraram quatro dias, e foram disfarçadas com a caça aos hippopotamos, abundantes por alli. E não foi mal escolhido o disfarce, porque matei dois, e convenci os extrangeiros de que andava caçando: era preciso que elles não me julgassem enviado pelo governo, para me deixarem ver e ouvir.

Em Bôma estava pendente uma questão de propriedade entre o portuguez Rosa e a missão franceza: não pôde ser resolvida, porque, quando Rosa chamou os padres á nossa canhoneira, estes disseram que já tinham pedido um navio de guerra francez, para vir julgar a questão. A' vista d'este procedimento dos padres francezes, inspirei a Rosa que não consentisse no julgamento da questão pelo navio francez, e expozesse o occorrido ao governo geral de Angola, pedindo-lhe providencias.

E' possivel que a politica franceza influisse no animo dos padres; mas, mesmo quando assim não seja, deve pagar-se-lhes na mesma moeda a desconsideração feita á nossa arbitragem, que tem lá sido acceite e respeitada sempre.

O padre Antonio Carrie, prefeito das missões francezas, estava em Bôma; e eu aproveitei a occasião para lhe entregar o officio que levára de s. ex.ª rev.ᵐᵃ, e ouvir-lhe as espontaneidades, antes

de elle ter tempo de reflectir e formular a resposta. Pareceu não ter duvida em consentir que a missão de Santo Antonio se ficasse chamando «Missão de Santo Antonio do real padroado portuguez de Angola e Congo», pedindo apenas, em troca, que o governo portuguez a protegesse contra as impertinencias dos mussorongos da vizinhança. Eu prometti que recommendaria o seu pedido.

Emquanto a missões portuguezas ao N. do Zaire, mostrou-se francez: deseja muito o augmento da santa religião e o auxilio dos missionarios portuguezes dentro da area, que diz ser a da sua missão; mas entende que Portugal nada deve fazer n'esse sentido, sem sujeição ao bispo do Gabão, cujos dominios espirituaes—segundo elle—chegam ao rio Zaire. Fez a historia da missão franceza; e declarou que a sua congregação estava tratando em Roma de a tornar independente do bispo do Gabão. De sorte que, segundo o padre Carrie, a missão franceza poderá ao N. do Zaire ser independente do bispo do Gabão, e no Congo do de Angola e Congo; mas a missão portugueza não poderá estabelecer-se ao N. do Zaire, sem o benaplacito e suzerania do Bispo do Gabão!

Parece francez o padre Antonio Carrie.

De Bôma para baixo, e na mesma margem, encontram-se no Chincaksa duas casas, no Congo [1] quatro, em Passo Conde tres, no Sambueiro duas, no Loango [2] tres, no Cassalla tres, no Catalla uma e em Porto da Lenha ou Ponta da Lenha tres. Todas são portuguezas, salvas as tres da Ponta da Lenha, a do Catalla, uma do Cassalla e outra de Loango.

Na margem esquerda descendo o rio, logo no ponto fronteiro a Bôma, está uma feitoria de Rosa, em Porto Luzo ou Quinuvio; e um pouco abaixo da Pedra do Feitiço, no Congoialla, estão tres portuguezas; mais abaixo, na Chichianga, outras tres tambem portuguezas; ainda abaixo, no Quiquia, outra portugueza; e, finalmente, no Sinda e Ponta do Sinda mais tres, tambem portuguezas.

Chegaram até este ponto as excursões que fiz de Bôma. Findo este serviço veiu a canhoneira de Bôma para Quissanga no dia 16 de julho. O padre Antonio Carrie pediu ao commandante uma passagem a bordo, de Bôma para o Banana. Foi-lhe concedida; e ainda se lhe conduziu uma porção de madeira para Landana: era preciso dispol-o bem para elle me recommendar para Landana, visto que não ía, para lá me mostrarem tudo e darem ensejo de estudar a organisação da missão chefe. Elle escreveu e recom-

---

[1] Não deve confundir-se este pequeno local, a margem do Zaire, com a grande região do Congo.

[2] Tambem não deve confundir-se com a região do Loango, ao norte Molembo.

mendou-me, pedindo ainda uma passagem até lá para um alumno da missão. Tambem lhe foi concedida esta passagem.

Na Quissanga ha tres casas, sendo duas portuguezas e uma hollandeza. No Malella, que é defronte, ha duas portuguezas. No Intea, por detraz da Quissanga, está estabelecido Chico Franco, principe de Cabinda, nosso affeiçoado e inimigo dos inglezes; e alli perto, no Vumpa, ha uma casa portugueza e outra hollandeza.

Visitei todos estes pontos, emquanto o navio esteve em Quissanga.

No dia 17 viemos fundear em Banana.

Era possivel que para a realisação dos meus projectos fosse preciso obter terrenos em Banana; e isso hoje é cousa tão difficil, que ainda ha pouco a companhia belga deu 1:000 libras esterlinas por o terreno necessario para a collocação de uma casa. Muito difficil será adquirir mais terreno na pequena peninsula de Banana, e, quando se consiga, já deve ficar longe do porto e sem canal para embarcações pequenas, nem logar para transportes por terra. Era preciso resolver o problema e trabalhar com ligeireza, porque ha muito quem pense em adquirir terrenos junto ao porto de Banana.

Fiz uma excursão pelos pantanos vizinhos. Metti-me por um mangal que vegeta n'um charco fronteiro ao Banana, formando uma ilhota deshabitada, e que todos suppunham alagada nas preamares; e guindando-me pelas raizes do mangue para evitar o charco, lá fui encontrar dentro os terrenos, de que suppunha vir a precisar. Mas a descoberta perdia o merecimento, se o terreno não fosse adquirido, porque os ambiciosos, e designadamente a casa hollandeza, íam immediatamente compral-o ao proprietario, que era o Nemelau, logo que tivessem conhecimento de que existia e estava desoccupado. Valeu-me o portuguez João Luiz da Rosa, que tinha vindo de Bôma na canhoneira.

Fui immediatamente com elle á sanzala do Nemelau, que fica a uma legua do Banana, a pretexto de ir visital-o e levar-lhe um presente. Rosa levava-lhe outro presente, e perguntava-lhe, como que por incidente, se elle queria vender a ilhota, que fica fronteira á povoação do Banana, para mandar construir lá um chimbeque (pequena casa indigena) de negocio.

O Nemelau acceitou a proposta; e o contrato fechou-se, custando o terreno uns 100$000 réis, pouco mais ou menos. Rosa comprou-o para elle; mas, se o governo de Portugal ou de Angola precisar do terreno, para o applicar a qualquer fim de interesse geral ou particular, cedel-o-ha pelo preço do custo, reservando apenas para si um pedaço, em que vae collocar uma feitoria, e descontando no preço total a parte proporcional ao terreno com que ficar.

Foi-me necessario fazer isto, porque não estava auctorisado para adquirir terrenos.

Era urgente seguir para Cabinda e Landana, para ahi desembarcar a madeira e o passageiro da missão franceza. Por este motivo adiei as excursões que tinha de fazer partindo de Banana.

No dia 19 chegámos a Cabinda. Desembarquei com o commandante, e visitei o povo do Boi Jack e a feitoria ingleza de Hatton & Cookson. Á noite visitei o barão de Cabinda, e sondei-o. O homem é portuguez por conveniencia, e, talvez, por gratidão.

Os filhos, João e Vicente, estão perdendo o verniz, que trouxeram de Portugal. O Vicente tem mágua d'isso; o mais velho parece que não. O povo não gosta d'elles, nem lhes liga importancia; e elles não sabem adquiril-a. Em vista do que lhes succede, e a outros educados por nós e á custa do thesouro publico, em parte, devem tomar-se providencias, para que a educação dos principes pretos seja de futuro dirigida de modo a tornal-os uteis para elles e para nós. A educação no trabalho manual e a profissional parecem-me preferiveis aos cursos superiores, ou aos de habilitação para os nossos cargos publicos. E' preciso que com a educação não fiquem distanciados do seu povo, devendo prevenir-se e evitar-se a repulsão ou antipathia reciproca que d'ahi possa advir.

Fallei ao barão na possibilidade da fundação de uma missão civilisadora portugueza nos seus dominios, e o homem pareceu gostar do projecto, mas as suas terras são pequenas e muito povoadas; ha de ser difficil por esses motivos obter lá um terreno amplo para o estabelecimento.

Mandou-me acompanhar n'uma excursão que fiz nos seus estados pelo filho João e outros; e elle não foi commigo por estar doente.

O barão não é principe, mas tem uma importancia grande entre os principes de Cabinda, porque é civilisado e tem fama de rico. O principal dos principes, seus alliados, é o Chico Franco, que é seu genro á moda do paiz. O Chico Franco com os seus alliados tiveram ha pouco guerra com outros principes de Cabinda, capitaneados por o de Loemba: este venceu; mas ha quem diga que foi auxiliado pelos inglezes, que lhe deram polvora e espingardas aperfeiçoadas por intervenção da casa ingleza de Cabinda. Houve mais d'uma pessoa que me asseverou isto. O certo é que o Loemba, desde o tempo da guerra, declarou-se amigo dos inglezes, e iça a bandeira ingleza na sua vivenda, e o povo já vae fallando o inglez, sem ter esquecido ainda a lingua *dos brancos*. Alem d'isso, os navios de guerra inglezes, que alli vão muito a miudo, fazem propaganda britannica por todos os meios ao

seu alcance, e intrigam-nos com o povo, dizendo-lhe que nós queremos tirar-lhe as terras.

O Loemba, porém, e o seu povo, são os unicos possuidos d'estes sentimentos, porque todos os outros principes e povos de Cabinda ou são nossos amigos, ou nos são indifferentes — mas em todo o caso mais portuguezes do que inglezes.

O Chico Franco e o barão de Cabinda vão em breve travar nova lucta, para que já se estão preparando, contra o Loemba; e parece que o gerente da casa hollandeza pensa em auxiliar o Chico Franco, com a mira em que, vencendo elle, obrigará a casa ingleza a retirar de Cabinda, ficando assim a feitoria hollandeza de lá mais desassombrada: é a inveja a estragar o commercio, e a prejudicar-nos e aos indigenas.

O barão de Cabinda está velho; e diz-se que lhe succederá um sobrinho, chamado Frederico, que é empregado da casa hollandeza. Parece-me conveniente captar para nós as boas graças d'este successor e do Chico Franco, que provavelmente vae agora vencer o Loemba e ficar dispondo de Cabinda. A alliança d'estes dois póde conseguir-se por meio do barão, que nos é dedicado; e, a meu ver, deve alcançar-se, porque se os hollandezes nos não prejudicarem não será por não terem muita vontade d'isso.

As forças dos principes de Cabinda merecerão esse nome para se medirem reciprocamente; mas, para nós ou para qualquer paiz da Europa, não são de tomar a serio.

O melhor ponto para uma fortificação, que defenda a terra e o porto, está tomado pela casa ingleza, e pertence aos principaes amigos dos inglezes.

O barão declarou-se-me amigo dedicado dos portuguezes, e prompto para os servir em tudo, inclusive para a occupação; mas observou que este pensamento precisa de ser insinuado com muita prudencia, porque amedronta o povo. A causa d'este medo está na restricção das terras, que são todas cultivadas, e nas intrigas dos nossos *fieis alliados*.

Do Banana até Cabinda, ha hoje só a casa do portuguez Oliveira na Moanda e uma feitoria hollandeza na Vista. Já houve mais umas cinco, que todas estão fechadas.

Em Cabinda está a feitoria chefe da casa Hatton & Cookson, duas da casa hollandeza, uma portugueza e uma ingleza. D'ahi até Landana só houve uma feitoria em Molembo, que está hoje fechada.

No dia 21, apenas fundeámos em Landana, appareceu logo a bordo uma embarcação propria para o desembarque na praia, pertencente á firma portugueza Castro & Leitão. Era mandada pelo socio Leitão, que a punha á disposição da canhoneira, e offerecia em terra a sua casa ao commandante, aos officiaes e a mim.

O homem já sabia que eu ia a bordo, e suspeitava que não andava em simples digressão de recreio.

A casa hollandeza tambem me julgou em commissão, e isso prejudicava o meu serviço, se eu precisasse d'ella. Soube por mais de uma via, que ella prohibiu a todas as suas feitorias darem-me auxilio, ou informações mesmo. Isto foi talvez o resultado de alguma confidencia imprudente, que de Loanda se fez ao gerente em chefe. Esta casa suppõe-se tão grande como a Hollanda, e por isso talvez com direito de um dia lhe fazer presente de uma colonia nos territorios, a que temos direitos reservados!

A povoação de Landana fica do lado do sul do rio Chiloango ou Cacongo, a 2 kilometros de distancia d'elle, pouco mais ou menos, á beira-mar, e justamente no sitio, onde terminam os terrenos baixos do valle do rio, e começa a encosta do valle, que sobe para a planicie levemente accidentada, de Landana, Molembo e Cabinda.

Ha alli tres casas, sendo a principal da firma Castro & Leitão, uma franceza e outra hollandeza.

Os terrenos da encosta e parte do planalto, com 2 kilometros de largura e dois de comprimento, pertencem á missão franceza. Na extremidade d'esses terrenos, mas dentro d'elles do lado do mar, está estabelecido o medico francez dr. Lucan n'uma vivenda muito pittoresca e saudavel, a que chama Colibrí. Este dr. Lucan é medico e pharmaceutico habil, segundo dizem, mas parece que não vive só dos seus honorarios clinicos e venda de medicamentos: é casado e vive com sua mulher. Affirma-se que elle gasta mais do que *ganha*. Vive na melhor harmonia com os padres da missão, affectando sempre não ter relações com elles.

Vão agora estabelecer-se irmãs da caridade junto ao dr. Lucan, e ainda dentro do terreno da missão. O local occupado pelo medico e pelas irmãs da caridade é o melhor, e talvez o unico proprio para uma fortificação que defenda o porto, a foz do rio Chiloango, um grande tracto da sua extensão e a povoação de Landana, até o alcance da artilheria para o interior.

Póde tudo isto ser obra do acaso; mas a occupação d'este ponto pela missão franceza e a existencia alli do dr. Lucan nas condições em que está, deixam suspeitar por parte da França o desenvolvimento de um plano, que nos deve chamar a attenção e pôr de sobreaviso.

A missão de Landana fica para o lado do interior do Colibrí e dos negociantes: tem capella, casas de habitação, escholas e officinas, tudo de madeira americana, européa e da localidade; e tem ainda chimbeques (pequenas casas indigenas) kiosques e sombras, tudo construido com algum gosto e muita economia.

O terreno está quasi todo arroteado, arruado e plantado de

mandioca, arvores de fructa, ginguba, jardim e horta. As ruas têem nomes de outras celebres de França. O pomar tem já fructas muito variadas e em grande abundancia. No jardim estão colleccionadas algumas flôres silvestres; e a plantação da mandioca é tão grande, que deve exceder já muito o consumo da missão. As ruas estão todas muito limpas de capim e barrocas, de modo que offerecem transporte facil e passeios agradaveis.

Os cercados e as divisões interiores obtiveram-se plantando em linha arbustos espinhosos e muito duros (pau campeche), que depois de crescerem formam uma sebada muito espessa, forte e economica.

Têem-se acclimado lá muitas arvores de fructo e plantas uteis das diversas partes do mundo.

A missão não tem gados, por os terrenos serem acanhados e não os haver perto proprios para pastagens: possue apenas gallinhas e pombos. Dá-se até o caso de os padres já irem incommodando os negociantes, porque lhes matam os porcos, que entram nas plantações. Os negociantes soffrem com isso, porque estavam habituados a trazer estes animaes ás soltas, e sem lhes dar sustento.

Os padres, porém, sabem logo desfazer os azedumes, dando muitas satisfações. Bem sabem elles, que se estabeleceram á sombra da importancia dos negociantes, e especialmente da casa Castro & Leitão; e tambem não ignoram que esta protecção ainda hoje lhes é precisa. Esta é com certeza a principal causa das satisfações, que dão e das desculpas que pedem.

As edificações da missão estão dispersas n'uma quarta parte dos seus terrenos, a pequena distancia umas das outras. São quasi todas de taboado americano ou indigena, sem trabalho de plaina, ou com muito pouco, pregado singelamente sobre as vigas e forquilhas, quasi todas cortadas e apparelhadas na localidade. As principaes são caiadas por fóra e por dentro, segundo o conselho da hygiene e da economia, creio eu.

A igreja com as suas dependencias constitue a principal das casas. Tem côro, teia, confessionarios, genuflexorio, e um só altar com o seu suppedaneo, banqueta, imagens e sacrario. Tem ao lado da porta principal um pequeno orgão portatil, e pias de agua benta junto das duas portas. Do tecto pende um pobre lustre de vidrilhos, lata e arame. Por detraz do altar ficam a sacristia com o indispensavel para o exercicio do culto de um lado, e do outro uma pequena capella com um só altar, onde o superior celebra a missa.

Todo o aspecto interior da igreja, capella e sacristia é alegre, risonho e muito modesto.

As duas casas mais importantes depois da igreja servem, uma para habitação dos padres, e a outra para o superior, bibliotheca

e casa de jantar dos missionarios. Tem ainda casas mais pequenas, que servem para habitação dos mestres de officios. Ha duas para a instrucção primaria, elementar uma, e a outra para a complementar, e ainda se vêem outras mais pequenas, para alojamento dos rapazes da missão, cozinha, despensa, celeiro, etc. Estas ultimas são tão pobres, que parecem construidas pelos indigenas para seu uso.

Nas casas, que servem de escholas, estão patentes os regulamentos da missão e os programmas de ensino. Por ahi vi eu que as creanças educadas por este estabelecimento religioso aprendem da religião tão sómente, o que nas nossas escholas de instrucção primaria se lhes ensina. O resto do programma é talvez mais pobre que o nosso; mas no que diz respeito ao desenvolvimento do corpo, trabalho manual, exercicios gymnasticos, recreios, alimentação, limpeza, etc., pareceu-me muito mais desenvolvido. E em todo o caso o programma geral de educação das creanças pareceu-me optimo, e digno de ser copiado por nós na educação das creanças pretas.

Os padres que são uns oito, vestem sotaina branca, e usam chapéu com forro branco por fóra e guarda sol branco, forrado de preto por dentro. Andam sempre a pé. Em casa vivem com certa commodidade, mas modestamente. São elles os directores das obras da missão: dirigem, riscam, cortam, calculam, e quando ignoram alguma cousa, consultam-se reciprocamente ou recorrem aos livros.

Ha na missão alguns operarios francezes, que trabalham, e ensinam artes e oficios; tambem usam chapeu e fato proprios para os resguardar da acção do sol. Vivem todos na melhor harmonia com os negociantes vizinhos, apesar de nenhum lhes acceitar o governo espiritual, por serem todos livres pensadores.

Os empregados e serviçaes dos negociantes imitam os patrões em sentimentos e praticas religiosas.

Os padres tentaram vender bullas em Landana, e intitular-se *parochos da freguezia* para com o portuguez João J. R. Leitão, da firma Castro & Leitão; mas este respondeu-lhes com bons modos, que não podia consideral-os parochos de Landana, sem que o governo de Portugal assim o determinasse primeiro. Retrahiram-se immediatamente, protestando que não faziam politica.

Os padres adquiriram por compra todos os educandos da missão, que são cento e doze rapazes de entre cinco a dezoito annos. Trazem-nos vestidos, como em geral o andam os moleques nas casas, que não têem luxo n'isso, com um simples panno de riscado, cingindo os rins. Estas creanças fazem todo o serviço da missão, desde a agricultura e carretos até o serviço particular dos padres.

Todas as horas estão regularmente occupadas e entresachadas de trabalho manual, aprendizagem, eschola, instrucção religiosa e exercicios espirituaes; mas a religião toma-lhes pouco tempo. O recreio succede-se sempre á occupação mais impertinente para elles. Em certos dias da semana aprendem gymnastica, esgrima e natação. Aproveitam a circumstancia de estarem perto do mar para aprenderem a remar, nadar e pescar. De tudo sabem já um pouco. Fallam todos o francez; mas têem um dia da semana para fallar lingua de *fiote* (designação indigena da lingua indigena que me parece a corrupção da palavra portugueza, filhote, havendo esta mesma designação no Zaire e em Cabinda) e outro para fallar portuguez. O padre Antonio Carrie, o superior da missão, é o professor d'esta lingua, que estudou em Portugal.

Reina a maior disciplina entre os educandos, que são em tudo e sempre acompanhados pelos padres e pelos mestres.

Os padres nem mesmo tentam catechisar o gentio da vizinhança, que não comprehende o fim para que elles ali estão, visto que não é para negociar. Quando os padres quizeram educar-lhes os filhos, e os pediram para isso, obtiveram em resposta que só lh'os dariam, quando pagassem, como pagam os negociantes que os tomam para serventes. E nem assim conseguiram nada, porque os paes retiravam os filhos com qualquer pretexto futil, muito antes de estarem educados.

D'aqui resulta o extremo de comprar proselytos, a que elles se viram reduzidos, e perante o qual não recuaram.

A missão de Landana é a superior; e é lá que os padres recem-chegados de França se acclimam, e fazem a sua aprendizagem. N'esta aprendizagem vae incluido o estudo da lingua portugueza, que lhe é indispensavel, já alli, já nas outras missões. Está montada em condições tão economicas, que me parece não gastará mais do que produz; e, se tivesse perto um mercado consumidor dos seus productos, teria mesmo lucros consideraveis. Assim mesmo já habituou os negociantes de Landana e Cabinda a comprar-lhes as fructas e hortaliças a dinheiro. Em mandioca podia fazer muito.

O negociante Leitão, que nos recebeu em sua casa e tratou com bizarria, acompanhou-me e apresentou-me, como particular, em todas as casas de Landana; e deu-me todas as informações, e facilitou-me todas as excursões que fiz para estudar a localidade e suas circumstancias. Tambem me acompanhou á povoação do Chiloango, sita na foz do rio e constante de quatro casas, sendo duas inglezas e duas portuguezas, de Castro & Leitão uma, e outra de Valle & Azevedo.

Naveguei em canoa pelo rio acima algumas milhas, e visitei duas das muitas feitorias portuguezas, que lá existem, filiaes das

casas Castro & Leitão e Valle & Azevedo. As casas inglezas tambem lá têem filiaes. O rio é estreito, e affrontado por uma vegetação arborea luxuriante; mas apesar d'isso é navegavel durante umas 60 milhas, para navios a vapor de 500 toneladas. A foz é estreita, areada e tormentosa, como em geral o são as fozes dos pequenos rios da costa; e não dá facil ingresso mesmo a lanchas ou palhabotes. Ainda assim ha uma grande navegação de canoas e pequenas embarcações, que fazem os transpòrtes do grande commercio do rio.

O gentio das proximidades é atrevido, irrequieto e por vezes ladrão, a ponto de obrigar os negociantes a empregarem a força para o conter. Costuma com os mais futeis pretextos impedir o transito de embarcações no rio (pôr chiqueiros), e com isso paralysar o commercio de Chiloango e Landana. Declarado o *chiqueiro*, perseguem e roubam qualquer embarcação que appareça, emboscando-se no arvoredo das margens, e fazendo-lhe d'ahi um tiroteio terrivel, até que se renda.

A repetição d'estes factos obrigou a casa Castro & Leitão a comprar um vapor, construido de proposito para os transportes do rio e para resistir, e atacar mesmo, o gentio emboscado no arvoredo. Esse vapor precisou de um leve concerto, creio que de alguns tubos na caldeira; e tanto bastou para que ficasse parado ha mais de seis mezes, e o gentio repetisse a sua pilhagem no rio.

Graças, porém, ao bom senso e coragem do negociante Leitão, a quem todos os outros obedecem e respeitam como chefe, o principe dos piratas foi preso, e está em casa d'este negociante para ser julgado pelos outros principes, que são prejudicados, como os negociantes, com a falta de commercio: provavelmente será condemnado á morte; mas esta pena póde remir-se, segundo as leis gentilicas dando elle um escravo, que morra em seu logar. E não será difficil ao principe dar um escravo, porque tem muitos, e fica-lhe o pulso livre para roubar, e com o producto do roubo adquirir mais.

Esta serie de barbaridades evita-se, sendo o principe condemnado a ser entregue ao *maniputo*; e os negociantes facilmente obterão isso do tribunal. Assim ficarão elles livres de um grande ladrão, e intimidarão os outros para que deixem de o ser.

É só precisa uma condição da parte do governo: o ladrão não voltará jámais á sua terra. Os negociantes de Landana pedem isto ao governo portuguez; e eu entendo que devem ser servidos para bem d'elles, e principalmente para conservar e augmentar o nosso prestigio e força alli.

Depois de me ter assegurado da importancia, prudencia e sentimentos patrioticos do negociante Leitão, confiei-lhe o fim da mi-

nha commissão, e obtive d'elle a promessa de nos auxiliar, tanto quanto podesse, na nacionalisação da missão de Landana e na organisação de uma companhia de que fallarei adiante.

Se a missão de Landana não esconde um fim e um plano da politica franceza, será facil nacionalisal-a, dando-lhe titulos e introduzindo-lhe padres portuguezes. No caso supposto os padres annuirão aos nossos desejos, exigindo apenas a protecção do governo portuguez, e um pequeno subsidio. Leitão contribuirá para isso fazendo-se bom catholico com todos os seus empregados e serviçaes, que são muitos, e levando a isso todos os outros negociantes vizinhos. Esta perspectiva deve seduzir missionarios, verdadeiramente crentes. A negociação deve ser feita por intermedio dos padres Antunes e Duparquet, missionarios da Huilla. E' muito importante para a nossa politica esta acquisição, já porque conseguimos uma eschola optima para os nossos missionarios, já porque nos assenhoriamos do melhor ponto para a posse do extremo N. dos nossos direitos reservados, que tão descuidosamente deixámos passar para mãos extrangeiras.

No dia 23 fundeámos em Maiumba (os naturaes dizem Maiombe), e ouvimos o portuguez Bento Margarinhas, que tinha pedido a intervenção de um navio de guerra: veiu a bordo de proposito para declarar que já não precisava d'elle. O homem fôra preso pelo gentio, como penhor da satisfação de uns aggravos, que tinha dos empregados da feitoria da casa Hatton & Cookson d'alli; mas a questão estava resolvida, e o prisioneiro solto.

Já nos preparavamos para levantar ferro e navegar para o sul, quando tivemos aviso de que o portuguez de Loanda, Pedro de Alcantara de Carvalho, estabelecido um pouco ao N. no sitio denominado Panga reclamava a nossa intervenção: queria que fossem interrogados os principes da vizinhança para declararem se tinham alguma queixa d'elle, ou do seu ex-socio Gouveia, que fôra assassinado em Sette Camas em 1878, por ordem, dizia elle, dos empregados de Hatton & Cookson.

No dia aprazado reuniram-se os tres regulos do Nhanga, Gôa e Ponta do Norte e o Mancaca (primeiro ministro e logar-tenente do rei), Bibaia, como representante do rei de Maiombe; e todos declararam effectivamente por meio de um interprete arranjado por Pedro de Alcantara, que o portuguez Gouveia com a sua companheira foram assassinados por ordem dos inglezes, e que os seus haveres foram roubados pelo gentio, sendo parte do roubo entregue aos mesmos inglezes.

Os depoimentos foram reduzidos a auto, e chegaram ao conhecimento do governo por intervenção do commandante da canhoneira. Pedro de Alcantara desejava este auto, para com a copia ir reclamar uma indemnisação da casa Hatton & Cookson.

Tenho, porém, que notar para esclarecimento da questão e intelligencia dos factos. O paiz é puramente gentilico e independente, e os extrangeiros, que alli vão estabelecer-se, sujeitam-se ás suas leis. Ora uma lei do paiz determina, que ninguem possa matar nem ferir outrem, sob pena de morte; e o unico, que póde applicar esta pena, é o Mancaca. Quem tiver aggravos de outrem póde dirigir-se ao Mancaca, e começar por pedir que mate quem o aggravou. Depois de executada a pena julga-se a questão; e, quando o auctor decáia, soffre a pena do talião, por haver feito morrer um innocente. Se são verdadeiros os depoimentos que ouvi, Gouveia foi morto em harmonia com esta lei; e Pedro de Alcantara nada diz do julgamento ulterior á execução de Gouveia, nem dos motivos que levaram o Mancaca a matal-o. Se são verdadeiros os depoimentos, disse eu. Não quero apodal-os de falsos, mas podem ser um pouco distantes da verdade; já porque foram dados sem audiencia dos inglezes; já porque as testemunhas foram todas convidadas pelo queixoso, que póde muito bem ser seu amigo; já porque o interprete era creatura do queixoso; e já finalmente porque Bento Margarinhas, de quem o queixoso é guarda livros e amigo, alludindo á questão não mostrou aquella indignação propria das almas singelas deante de uma injustiça— antes pelo contrario insinuou, que o melhor partido a tomar para Pedro de Alcantara era deixar-se de questões, e continuar socegadamente o seu commercio. Os depoimentos tomados não podem implicar embaraços internacionaes; e, se com elles Pedro de Alcantara conseguir a indemnisação que deseja da casa Hatton & Cookson, fica tudo em paz.

A casa Hatton & Cookson é grande, e tem muitas feitorias por toda a costa, desde Quissembo para o N.; e eu em toda a parte ouvi dizer que era honrada e séria: se ella entender em consciencia que deve uma indemnisação dal-a-ha, de certo. Estes pontos da costa ao N. do Chiloango não devem tomar-nos tanto tempo nem gastar tanto a nossa actividade, que por causa d'elles deixemos de conservar toda a attenção para o S. d'esse rio.

Já de volta para o S., no dia 27, desembarcamos em Ponta Negra. Tem este ponto cinco feitorias portuguezas, abertas ao commercio, e uma da casa hollandeza, que está fechada. Os portuguezes estimaram muito a visita da canhoneira, e presentearam os officiaes significando-lhes o seu grande contentamento por o navio alli ter ido.

N'esse mesmo dia fomos fundear em Landana. Estavamos ahi, quando tivemos noticia do naufragio do paquete Ethiopia no Loango. Fomos logo em seu soccorro, e trouxemos-lhe as malas e um passageiro. Os outros ficaram em Loango com mantimentos de sobra. O navio e a carga perderam-se. Do Loango voltámos para o

Zaire, e lançámos ferro na bahia do Sonho, ou de Santo Antonio, no dia 30.

No dia 31 fui visitar a missão franceza de Santo Antonio e os restos do convento dos barbadinhos portuguezes com um guia, que me deu a casa de Izaac Zagury.

Do fundeadouro a terra são mais de tres milhas. Parte do caminho faz-se por um canal infecto, que vae pelo fundo de um valle de mangue para longe do rio pela terra dentro, no rumo de SE. No fim do canal estão as terras da missão franceza, a E. da povoação de Pinda. A missão é modestissima: tem dois padres e quinze alumnos, creanças com a mesma origem das de Landana. As casas são de *bordão*, sendo só duas soalhadas, a igreja e a casa dos padres. A eschola parece um *chimbeque* dos dos pretos. Os padres têem uma pequena horta, onde plantam principalmente mandioca e ginguba, com os preceitos de Landana.

O viver dos padres e educandos é em tudo similhante ao de Landana. Fóra das quinze creanças não tem a missão outros proselytos.

O convento de Santo Antonio dos barbadinhos ficava a uns 1:500 metros de distancia do sitio, onde está a actual missão franceza, para o lado de E. Do edificio primitivo já não restam vestigios: era construido de adobes de terra, e desappareceu com o tempo; mas existe ainda uma formosa alameda de tamarindeiros, coqueiros e acajueiros alinhados, que defrontavam com elle; existe um sino em bom estado de conservação e com optimo som, montado em estacas de pau; e existe um chimbeque muito maior, que os dos pretos, edificado sobre as ruinas da antiga igreja, contendo o que resta d'ella. Tambem se vêem do lado de fóra do chimbeque (igreja ou capella) uma pia de ferro batido, com o fundo furado já pela ferrugem, que supponho ter servido de pia de baptismo, e um velho canhão de ferro sem reparos.

O sino tem a data de 1:700 e a legenda: *Si Deus pro nobis quis contra nos*: não tem o nome do fabricante. O chimbeque que substitue a igreja, é de *loandos*, como os dos pretos, e coberto de *palhas de bordão* como elles, mas é amplo, cuidadosamente feito, tanto quanto possivel livre do contacto do chão, e por isso do do salalé, e dividido em dois compartimentos, um dos quaes serve de capella propriamente dita e o outro de sacristia.

A capella tem duas portas: uma ao fundo no logar e com disposição de porta principal, e outra ao lado no logar da porta travessa. Estas portas são de madeira de Cabinda, e foram de certo copiadas das da primitiva igreja, já por serem de madeira, já por franquearem entrada desde o alto da padieira até o chão, contra o uso gentilico: as portas gentilicas são de loandos, e fecham um vão que vae desde o alto da padieira até uns 50 centimetros

acima do solo, sendo necessario levantar muito a perna para entrar por ellas.

A communicação da capella para a sacristia faz-se por ambos os lados do altar, que estão abertos desde o tecto até ao pavimento.

O suppedaneo, o altar, a banqueta e a bôcca do camarim são provavelmente da primitiva igreja, porque são de madeira de vinhatico, e estão assentes em estacas de madeira indigena: tudo está tão coberto de lençaria, que se torna difficil reconhecer pela frente os lavores que estas peças deviam ter. Dos antigos paramentos nada resta; foram provavelmente devorados pelo salalé.

Em cima do altar e na banqueta estão ainda os seguintes objectos de culto da antiga igreja:

Um Christo crucificado de um metro de altura, feito de madeira, em cruz adequada ao seu tamanho, que occupa o logar de honra;

Um Christo de bronze dourado de 17 centimetros, crucificado n'uma cruz de prata com peanha do mesmo metal, da altura total de 4 decimetros;

Uma cruz de prata com Christo do mesmo metal, propria para ir em procissão sobre a manga;

Um Christo pequeno de pau em cruz de madeira;

Duas imagens de madeira de mais de 1 metro de altura, sendo uma de Nossa Senhora e outra de Santo Antonio, com o menino Jesus ao colo. (Ambas estas imagens têem corôas de prata e estão embrulhadas n'uma porção enorme de lençaria. Parece que são de roca, e a fazenda está substituindo os vestidos. O Santo Antonio está tão comido do salalé, que já difficilmente se reconhece);

Cinco imagens de pau e barro, de Nossa Senhora e differentes santos;

Duas imagens de Santo Antonio;

Uma naveta de prata do feitio de um dos nossos antigos galeões, de 25 centimetros de comprimento;

Um thuribulo de prata;

Alguns castiçaes de madeira do Brazil;

Uma porta de sacrario de madeira de vinhatico, tendo esculpido um S. João Baptista;

Uma campainha de bronze, propria para ajudar á missa, já sem cabo;

Um hyssope de marfim n'um prato com agua, servindo de caldeirinha de agua benta.

Junto do suppedaneo, do lado direito, está no chão uma pedra redonda do feitio de uma mó de 5 decimetros de diametro, com vestigios de se ter feito fogo sobre ella, queimando substancias resinosas. Averiguei que sobre esta pedra se collocava a *muinda*-

(especie de tocha feita de certa madeira cuja combustão dá um cheiro muito similhante ao do incenso, e de que o gentio costuma servir-se para se alumiar de noite) accesa para substituir no culto as luzes de cera e azeite, e porventura fazer supprir tambem o incenso.

Por cima do Christo grande está aberto um grande guardasol dos importados da Europa para uso dos regulos, servindo de docel. Ao seu lado direito vê-se um retrato em gravura do papa Leão XIII; e no meio do panno que serve de frontal está cosida uma cruz de velludo preto: estes dois objectos foram offerecidos pelos missionarios francezes.

Na sacristia está o movel proprio para guardar paramentos, com os armarios cheios de lençaria.

O sacristão ainda é do tempo dos frades segundo me affirmaram. E' elle o encarregado do culto, que exercita com muita seriedade, cantando e recitando de modo, que mostra reminiscencias do cantochão e das orações em latim: elle tem as chaves e está incumbido de tudo que se contém no edificio. Costuma tocar o sino para a convocação do povo; e em seguida, depois de collocadas as mulheres do lado esquerdo do altar e os homens do direito, accende-se a muinda e applica-se a agua benta, estando todos de joelhos; e então começam as orações e canticos sagrados com geral devoção.

Quando a agua benta se acaba, é elle que a prepara e benze. O bom do sacristão suppõe-se sacerdote; e com as reminiscencias christãs vae reunindo todas as superstições gentilicas. Assim, é elle encarregado de fazer as adivinhações em todos os maleficios, pelo que recebe dos *freguezes o seu pé de altar*, etc. O gentio guarda-lhe tanto respeito que os padres francezes ainda não conseguiram aproveitar para si e para a religião estas boas disposições. E' provavel que em breve o alcancem, porque o sacristão depois que lhe morreu ha pouco tempo uma mulher que estimava deixou de *celebrar*..

Haverá quem me julgue prolixo no que deixo dito do convento de Santo Antonio; mas eu deante d'estas preciosas reliquias do nosso glorioso passado senti o imperioso desejo de as constatar e entregar á veneração dos portuguezes, como os christãos dos tempos das perseguições recolhiam do pó dos circos o sangue, os corpos inanimes e despedaçados dos martyres e os seus vestidos, até ao minimo fragmento, para serem expostos aos fieis. Praza a Deus que ellas façam o milagre de nos accordar do nosso peccaminoso dormir!

Os nossos missionarios de outr'ora, recrutados no meio de um povo rude, mas cheio de fé e sentimentos nobres, eram verdadeiras sentinellas perdidas da civilisação antiga, na vastidão d'esses

sertões. E não passaram debalde a sua vida de abnegação, por que deixaram vestigios da sua passagem para servirem de fio de Ariadne aos exploradores modernos, e um poderosissimo incentivo aos portuguezes da actualidade para tomarem na costa de Africa o logar, que lhes pertence.

Se a sua obra não prosperou, a ponto de estabelecer uma civilisação nova, foi porque elles não tiveram tempo para isso—nem para se despojarem dos erros que os impediam, e adquirir os meios, que lhes faltavam em harmonia com as licções da experiencia.

Mas ninguem poderá, de boa fé, sustentar que os missionarios portuguezes não insistiram tanto em civilisar esta região, consagrando-lhe muitas vidas, que não chegassem a imprimir-lhe fortemente o seu caracter.

Assim,todos os regulos da bacia do Zaire, até ao Ialalla pelo menos, e todos os do Congo e Cabinda perderam a designação gentilica do seu titulo de monarchas para se intitularem reis; perderam, ou antes abandonaram, o symbolo gentilico da realeza, para em seu logar usarem uma cruz com Christo crucificado, com ou sem rosario, a que ainda hoje chamam *corôa*. E n'este symbolo todo o povo reconhece o poder do seu monarcha, ainda que elle esteja ausente; por isso, sempre que o rei precisa usar da sua auctoridade em sitio onde não esteja presente, entrega a corôa ao seu plenipotenciario, que, mostrando-a, é respeitado e obedecido, como se fosse o rei.

Já me aconteceu por mais de uma vez perceber nos cantares gentilicos do povo da bacia do Zairé alguma cousa, que me chamou a attenção, e, analysando o canto, reconheci n'elle a musica do psalmear dos frades em côro, em mais que um tom, por diversas vezes.

Foi-me apresentado em velho preto, que passava por um sabio entre os seus, para me dar informações para que nenhum outro se achava habilitado, e, quando eu lhe perguntei, porque lhe chamavam sabio, e o que sabia elle, respondeu-me com um discurso de mais de dez minutos, em que eu reconheci as paginas do cathecismo christão portuguez e algumas orações em latim:—tinha aprendido estas cousas dos padres portuguezes havia mais de setenta annos!

No Mangue-pequeno houve em tempo uma capella, que creio ter sido fundada pelos barbadinhos de Santo Antonio, para exercerem a catechese alli. Essa capella desappareceu; mas a piedade gentilica conserva todas as suas reliquias n'um chimbeque feito e cuidado, como o de Santo Antonio. Estes vestigios de dominação espiritual da egreja portugueza, que estavam quasi perecendo ao abandono, seduziram os padres francezes, que tentaram fazel-os reverter a seu favor, continuando a obra suspensa; por isso

vieram elles fundar em Santo Antonio a sua missão, e fundaram outra em Bôma, em tudo parecida com aquella: mas, para que o seu seja dado a seu dono, é preciso que nos entendamos com elles; e muito bom fôra que o fizessemos de modo, que os nossos missionarios ficassem trabalhando ao lado d'elles, porque para missionarios da actualidade têem muito que aprender alli. Tenham os nossos a dominação e o prestigio, que de direito e de facto lhes pertence, mas aprendam dos francezes a civilisar á moda do seculo XIX.

Creio bem que isto se conseguirá em troca de um subsidio e alguma protecção, se elles realmente não são enviados da politica franceza.

A canhoneira tinha os mantimentos quasi acabados, e havia a bordo uns oito tripulantes doentes; era preciso que recolhesse a Loanda, por isso desembarquei e fui para Banana no dia 1.º de agosto, e ella levantou ferro e partiu para Loanda.

Installei-me na casa de Izaac Zagury, e fiz d'ahi centro das minhas excursões para os lados de Moanda.

A peninsula do Banana levanta-se na margem direita do rio, mesmo na sua foz, para lh'a estrangular. E' muito estreita e rasa. O seu terreno é de areia, quasi toda solta, tendo aqui ou alli um charco coberto de mangue. Tem por um lado o rio e por outro o mar, e tanto um como o outro lhe estão comendo muito terreno e restringindo as dimensões.

Na ponta da peninsula está a feitoria chefe da casa hollandeza com as suas dependencias. Pegada a esta fica a feitoria chefe da casa franceza. Logo em seguida está um terreno da casa hollandeza, e para diante a feitoria chefe da casa de Izaac Zagury. Seguem-se uma feitoria da casa hollandeza, a missão ingleza protestante e duas feitorias portuguezas, ambas fechadas.

De maneira que, quando a casa de Izaac Zagury passe a ser de uma companhia ingleza, o que ja se realisou, segundo me affirmaram, nenhuma casa do Banana içará a bandeira portugueza!

Foi para obtemperar a este enorme inconveniente, nas vesperas dos paquetes portuguezes alli tocarem, que eu propuz e consegui do negociante João Luiz da Rosa que fundasse uma feitoria na ilhota fronteira ao Banana.

Na bahia de Santo Antonio, na bôcca do canal que conduz á missão franceza, fica uma feitoria da casa franceza; e perto já da sua ponta de NE. ficam, em Porto Rico, duas feitorias portuguezas e uma franceza. Por detraz da ilha de Molembembe ainda ha duas feitorias francezas e tres portuguezas.

Depois que saíu a canhoneira *Bengo* tive de fazer algumas excursões em piroga indigena, para reconhecer as orlas da base da

peninsula do Banana e da ilha fronteira—onde eu podéra descobrir terras proprias para edificações.

A descoberta de terrenos altos dentro da ilha, e a sua acquisição, incommodaram muito a casa hollandeza, que tentou seduzir o Nemelau, para que considerasse de nenhum effeito o contracto celebrado commigo e com o negociante Rosa, e lh'os vendesse a ella.

O Nemelau não se deixou cair em tentação, porque se lembrava de ter assistido ao contracto o commandante da canhoneira *Bengo*, o tenente José Aleixo Ribeiro: teve medo, e não peccou por isso.

Os argumentos dos hollandezes eram fortes, mas deixaram de proceder. Offereciam o dobro do preço, ou mais; e declaravam que o terreno lhes era indispensavel para collocar lá os paioes da polvora, que estão na ponta da peninsula ameaçados pelo mar e pelo rio.

Logo que tive conhecimento d'isto, desejando evitar complicacões e azedumes, instei com o Rosa para vir ou mandar construir um chimbeque e cercados para o gado, que fossem os signaes externos da posse e occupação legitima. Elle veiu, começou a obra, celebrou ou titulos definitivos com o Nemelau, e pagou-lhe.

Os missionarios inglezes, que têem a sua casa chefe em Banana, foram mandados retiral-a d'alli por a companhia belga, que comprou por 4:500$000 réis o terreno que elles occupam. Este facto obrigou-os a procurar terreno por toda a parte para onde podessem mudar-se; mas nunca chegaram a vel-os na ilha fronteira senão depois que o Rosa começou a sua obra. Desesperaram-se com isso, e fizeram propostas ao Nemelau para o resolverem a ceder-lhe um pedaço da minha ilha. Tantos presentes lhe deram, e taes cousas lhe disseram, que o homem estava resolvido a ceder-lhe a ponta do norte do terreno alto da ilha.

Apenas lhe conseguiram a primeira palavra de assentimento, ainda sem negociação assente, limparam immediatamente o terreno, armaram n'elle uma barraca de campanha, e pozeram a bandeira ingleza sobre um bordão.

Quando vi de longe aquella nodoa de sangue sobre o fundo verde da minha ilha, senti impetos de ir laval-a, como a lavaria um bravo de Ceuta. Mas eu não podia nem devia dizer quem era, nem como, nem para quem a creára. Era-me precisa a prudencia que me fôra recommendada.

Chamei João Luiz da Rosa, que figurava como proprietario d'ella, e Domingos José de Sôusa, com quem o primeiro tinha feito sociedade no estabelecimento que lá se estava fundando, e convenci-os de que, por eu não poder figurar, deviam elles ir protestar contra a usurpação de propriedade.

Eu iria com elles, para ostensivamente servir de interprete e na realidade dirigir a reclamação.

Os missionarios receberam-nos com alguma perturbação e embaraço. O Nemelau estava presente com os seus principes, e esta circumstancia favoreceu-nos muito.

Depois de trocadas poucas palavras ficaram os inglezes convencidos da nossa justiça, declarando que tinham comprado ao rei o terreno por lhes ser muito necessario e não saberem que era nosso. Demonstrei-lhes que não deviam ignorar isso, porque o rei tinha em seu poder um documento que o demarcava, e que, como não lhes deu conhecimento d'essa circumstancia, teria de haver-se comnosco por ser elle o unico causador da usurpação.

O rei quando ouviu isto, e notou a nossa attitude energica em face da perturbação britannica, esclareceu tudo. Declarou que ainda não tinha vendido o terreno aos inglezes; que elles o deprecaram por todos os modos para o obterem, e que elle, rei, lhes ía emprestar aquelle pedaço, julgando que não faria falta ao Rosa.

Estavam desmascarados os inglezes, e ganha a questão por nós.

Disse ao rei que fizera mal em ir emprestar o que já lhe não pertencia; e disse aos inglezes, que, em vista de precisarem tanto do terreno, eu pedia ao Rosa, se elles quizessem, para lh'o arrendar. Acceitaram a offerta, e agradeceram a annuencia do Rosa. Fomos fazer o contracto do arrendamento deante de muitos extrangeiros de diversas nacionalidades, alguns dos quaes serviram de testemunhas commigo. Eu dei a minuta.

Este facto deu-nos a posse incontestada, pacifica e publica de toda a ilha. Hoje, graças a elle e á descoberta dos bons terrenos lá dentro da ilha, temos uma casa junto do porto de Banana, que iça a bandeira portugueza!

Partindo do Banana, fiz varias excursões em tipoia para reconhecer a base da peninsula e os terrenos que lhe ficam para o N. e E.

Em toda a parte encontrei signaes da má vontade que os hollandezes nutrem contra nós, e provas de que elles tinham empregado meios para me impedirem de ver, ouvir e estudar.

Para os indigenas passei por um caçador, e não quiz mostrar-lhes mais attenção ou interesse por um logar ou por outro, para as suas narrações ingenuas não trahirem o meu projecto aos hollandezes.

O terreno que eu procurava existia, e estava desoccupado! Não o adquiri, porque não estava auctorisado para isso. Adeante fallarei em especial d'elle, e do projecto que lhe diz respeito.

Depois de feitas estas excursões, nada me restava a fazer ao N. do Zaire. Esperava um transporte que me trouxesse para o

S., e embarquei a bordo do paquete inglez no dia 1.º de setembro.

Do Zaire até ao Ambriz não ha hoje nenhuma casa portugueza aberta. Todas as que funccionam são extrangeiras. E' uma triste confissão esta; mas é verdadeira, infelizmente. A cubiça extrangeira, por um lado, e a nossa infelicidade, pelo outro, levaram-nos a esta situação deploravel.

Pois não foi sem esforços e coragem que a bandeira portugueza fluctuou altiva, ainda ha pouco, no Ambrizete. Os extrangeiros intrigaram-nos com tanta calumnia e velhacaria com os indigenas, que estes chegaram a ter-nos medo e odio. Diziam-lhes que nós eramos maus e crueis, que os queriamos espoliar das suas terras, para em seguida os escravisarmos; e que os povos do Ambriz estavam desgraçados e opprimidos, por não terem tido a esperteza de nos conhecer e a coragem de nos repellir, etc.

A vil insidia não gorou. Quando o portuguez Domingos Gomes, que foi negociante e proprietario de uma das melhores casas, quiz içar em frente da sua vivenda a bandeira portugueza, foi intimado pelo regulo a que tal não fizesse, sob pena de lhe ser cortado o mastro pelos indigenas.

Mas Domingos Gomes era portuguez: surprehendido por tão odiosa excepção, pois todas as casas européas içavam as suas bandeiras respectivas, e estimulado pela velhacaria extrangeira, que descortinou desde logo na prohibição, respondeu ao regulo, que ficaria estendido sem vida junto do mastro todo o indigena que se approximasse d'elle, de machado em punho; e armou-se para cumprir a sua palavra.

Os indigenas ainda lhe rodearam a casa com grande alarido; mas afinal retiraram-se receiosos, e a bandeira portugueza lá ficou triumphante até ao mez passado.

A casa de Domingos Gomes passou para Izaac Zagury, e d'este para uma companhia ingleza, que vae içar ou já içou lá a sua bandeira.

No Quissembo fomos igualmente calumniados e intrigados para com os indigenas, que de vez em quando nos mostram já a sua má vontade. A calumnia toma os fóros de verdade, porque lá não temos quem nos defenda, explicando aos indigenas a infamia dos extrangeiros, que são inglezes e francezes.

Cheguei a Loanda no dia 7 do corrente, e desembarquei n'esse mesmo dia. Trazia já quasi concluido este meu trabalho, faltando-me ainda serzir-lhe algumas informações ultimamente colhidas.

Para isso, e principalmente para o mandar copiar, gastei os dias decorridos até hoje, tendo feito todo o possivel para os meus projectos não ficarem prejudicados por falta de diligencia ou pressa da minha parte.

CAPITULO II

A nossa missão de S. Salvador do Congo é o ultimo foco da fé christã e civilisação portugueza, que ainda se conserva acceso para o N. da provincia de Angola; e basta esta rasão para nos empenharmos em alimentar o fogo sagrado. Mas esta missão por si só, e nas condições em que está, nem póde prosperar, nem deve continuar sem modificação.

Fazer da missão de S. Salvador um especimen de missões portuguezas é tarefa difficil para nós, que não temos missionarios educados convenientemente, nem podemos arcar com as despezas a fazer, tendo o dinheiro de vencer a distancia e supprir a ignorancia e mesmo a inaptidão dos missionarios. Este inconveniente sobe de ponto, desde que ao lado da nossa missão existe no Congo a missão ingleza protestante, que tem homens e muito dinheiro.

Nós não podemos, nem devemos, acceitar o combate aos inglezes no campo do dinheiro. Bem sabem elles que alcançariam ahi a victoria, e por isso foram estabelecer-se, contando com as suas libras e com o nosso descuido. Surprehendida, porém, a sua tactica, cumpre-nos evitar-lhes os golpes, e fazer-lhe perder o tempo e os esforços.

Conseguiremos isto, conservando a missão de S. Salvador no pé em que está, salvas pequenas modificações tendentes a diminuir o custeio sem lhe cercear a importancia, e creando n'outro ponto, e em condições mais compativeis com a parcimonia do nosso haver e com os interesses da nossa politica, uma missão chefe, que fortifique a de S. Salvador, e destaque missões para os pontos que as conveniencias indicarem.

O local para este novo estabelecimento parece-me dever ser o terreno que se estende desde a base da peninsula do Banana até ao riacho da Moanda, confrontando pelo occidente com o mar, e tendo a E. confins illimitados.

Exige-o a nossa politica e o interesse da igreja catholica, e recommenda-o a hygiene, a economia e outras circumstancias. Visitei todo esse terreno, fazendo por elle excursões de algumas leguas, e em diversos rumos; e, apesar de não ter competencia, ouso affirmar que deve ser alli a missão, chefe das missões portuguezas ao norte de Angola.

Sendo o Zaire, como é, um rio tão importante com uma bacia tão rica, e tendo na sua foz um porto tão amplo e seguro, é obvio que junto d'esse porto, no logar mais apropriado, cedo ou tarde ha de apparecer uma cidade importante. Pois o logar para essa cidade tem de ser a peninsula do Banana e o que eu indico para a missão.

A peninsula será occupada pelas dependencias do porto e estabelecimentos necessarios para a navegação e commercio, e a encosta, que se lhe segue, dará commodo desenvolvimento a uma população industrial, burocratica, scientifica, etc., ficando-lhe entre os rumos de E. e NO. optimos terrenos para serem colonisados por nós, até ao rio Chiloango ou Cacongo.

Todos estes terrenos, cuja elevação media acima do nivel do mar será de 20 a 30 metros, constituem uma planicie, que á beira do Zaire tem levissimas ondulações, e á maneira que se estende para o norte vae sendo mais accidentada, sem chegar a merecer o nome de montanhosa. Estes accidentes são produzidos por linhas de agua, que a cortam em todos os sentidos indo despejar no mar, singelas ou depois de confluidas.

Os riachos são tanto mais frequentes, quanto mais se avança para o norte; e a agua de todos é boa para beber e optima para todos os usos da vida. Em alguns pontos encontrei agua, que me pareceu ferrea e aproveitavel em therapeutica. Entre valle e valle, onde alteia o collo das ondulações, está o terreno coberto de gra mineas, que são optimas pastagens para os ruminantes em geral e para os equideos. Por lá vi muitos carneiros dos indigenas, e duas manadas de bois e alguns jumentos, pertencentes a negociantes.

Por entre este capim destacam-se aqui e alem moitas e arbustos e isolados cajueiros, e lá, nas proximidades das povoações indigenas, algumas palmeiras, imbondeiros e poucas arvores de fructa entresachadas de bananeiras.

A depressão dos valles é completamente occupada por uma grande e variada vegetação arborea, onde não é preciso escolher arvores para encontrar madeiras de primeira qualidade, e onde entre variadas trepadeiras é vulgar a da borracha. Este massiço de arvoredo tem muitas vezes mais de 1 kilometro de largura, e acompanha as linhas de agua desde a sua fonte até ao mar, na maior parte dos casos. Quanto mais se avança da foz do Zaire para o norte, mais estes tufos de arvoredo se avizinham uns dos outros, chegando já em Cabinda e Molembo a formar uma floresta quasi continua. Por este motivo tambem quanto mais para o norte se caminha, mais restrictas se vão notando as campinas de pastagens, de fórma que em Landana já é difficil ter manadas n'uma zona de alguns kilometros a partir do littoral.

Pelo fundo do valle, assim arborisado e lindo, corre sempre um fresco e limpido riacho, muitas vezes de todo encoberto pela vegetação, mas a miudo atravessado pelos trilhos indigenas, notando-se n'uma ou n'outra d'estas passagens alguns troncos atravessados, servindo de primitivas pontes.

Da Moanda para o norte a maioria das povoações indigenas ficam dentro d'estes arvoredos, em logar expressamente derribado, a

uma distancia media entre o riacho e a campina. São frescos e lindissimos esses logarejos, e não me parece que sejam insalubres, porque a agua do riacho é nascida e sempre corrente, não dando logar pela estagnação á formação de miasmas.

Alem d'isso notei que se vive lá bem.

São assim estes terrenos n'uma zona, que a partir do mar para E. terá de largura umas 10 leguas ou talvez mais, e informam-me que para o interior continuam sendo cada vez melhores.

N'estas campinas tambem apparece a videira brava; e é n'ellas que, a 2 ou 3 decimetros abaixo da superficie do solo, se tira a gomma copal, o que é operação facil, porque o terreno é todo constituido por uma areia fina, por cima de côr escura pela mistura de homus, e por baixo, avermelhada pelos saes de ferro—que se cava com muita facilidade.

Uma exploração regular da gomma podia deixar feita uma plantação importantissima de algodão, videiras (que julgo se dão alli bem, porque as vi bonitas na Moanda e em Landana) e outras plantas, que exigem similhante cultura e terreno.

Toda esta região é povoada pelos cabindas e dividida em pequenissimos estados autonomos, que não têem força nem consideração politica por isso.

A população é progressivamente mais densa desde a foz do rio Zaire até á bahia de Cabinda.

D'ahi até ao Chiloango, ou conserva a mesma densidade ou a perde em pouco.

Da indole dos cabindas, da sua docilidade, intelligencia e aptitões, da sua sympathia e respeito por nós, do seu adiantamento n'uma tal ou qual civilisação, que a pouco e pouco receberam de nós, a quem chamam, por antonomasia, os *brancos*, escuso de fallar, que tudo isso é bem conhecido de toda a gente; mas o que é preciso dizer, porque nem todos o sabem, é que em todo o territorio dos nossos dominios e direitos reservados, e mesmo fóra d'elles que tenho percorrido, desde as margens do Cunene até Maiombe, nunca encontrei, senão em Cabinda, cazinhas indigenas em que podesse entrar sem repugnancia e onde encontrasse bacia de lavar, cadeira (chimbando), mesa, toalha, talher, jantar e cama de que podesse servir-me, sem saudades do meu trem de viagem.

Como é que sendo o Zaire um dos pontos para onde outr'ora navegámos muito, e sendo a região de que fallo adjacente ao Zaire e ao mar, e muito conhecida dos nossos antepassados, deixámos de empregar aqui os nossos esforços colonisadores, para os irmos esterilisar no sul, nas margens do Quanza, ou lá longe, nos sertões de Cazengo e Campangombe?

Não posso achar resposta para esta pergunta; e a difficuldade augmenta, quando vejo que estamos em risco de perder, com esta

região, a parte mais rica, mais commodamente colonisavel e mais bella do littoral de Angola, se a nossa ligeireza e bom senso de agora não vierem sanar as imprevidencias de outr'ora!

O ponto para onde têm de convergir todas estas forças de vida, para se multiplicarem na mutualidade de serviços, é precisamente o que eu escolho para a missão chefe—é o local da futura cidade, emporio do commercio do Zaire, e capital de uma colonia rica e feliz.

Ainda vamos a tempo, se formos já, lançar os fundamentos d'essa capital n'uma inoffensiva e modesta missão. Exige-o assim a nossa politica.

Entre os cabindas será difficil encontrar um com mais de vinte annos de idade, que não tenha sido educado por portuguezes, e não tenha permanecido em Loanda, ou outra cidade ou villa de Angola, alguns annos.

E' bem conhecida a tendencia que elles têem para imitar o *branco* n'aquillo que mais os impressiona, ou affaga a sua vaidade. Elles lavam-se, vestem-se, comem, bebem, fumam e divertem-se, etc., imitando tanto quanto podem o seu querido typo. E é em parte devido a este anhelo de civilisação, e em parte aos esforços do nosso clero de Angola, que quasi todos aqui aprendem os rudimentos de doutrina christã, e recebem o sacramento do baptismo.

Estas almas, que transpozeram os umbraes da igreja alistando-se entre os seus filhos, recáem na idolatria e praticas supersticiosas por não terem em Cabinda, quem os ampare na crença e dirija e discipline na pratica do culto. E a obra tão bem principiada por iniciativa d'elles, fica incompleta, e perverte-se mesmo, por negligencia da igreja portugueza, que não manda a Cabinda os seus ministros.

Os padres de Landana já notaram isto, e tentaram, como em Santo Antonio, fazer reverter em pró da igreja franceza este proselytismo da igreja portugueza; mas os cabindas declararam que não conhecem os *francezos*, que elles não são *brancos* do *maniputo*, e por isso não os attendem. E não ha argumentos variados, nem peregrinações do padre Antonio Carrie e dos seus missionarios, que os tenham demovido até hoje. O padre Antonio Carrie fallalhes em portuguez, e chega mesmo a dizer que é portuguez, e que estudou em Portugal, que a igreja de Deus não conhece differenças de paiz, raça ou côr, etc., etc., e com tudo isto não conseguiu mais proselytos, do que os que comprou para as missões de Landana, Santo Antonio e Bôma.

Os cabindas são primeiro que tudo portuguezes, e só os padres portuguezes terão perante elles a auctoridade sufficiente para os dirigir na crença e disciplinar na pratica religiosa da igreja de Je-

sus Christo, cujas portas lhes abriram em Loanda, Benguella, Mossamedes, Ambriz e Dondo.

O local que indico está perto do porto do Banana, e ao mesmo tempo perto do mar. O porto do Banana, principalmente depois de lá tocarem os paquetes portuguezes, dar-lhe-ha todos os refrescos e commodidades da Europa. A vizinhança do Oceano com boa praia de areia, onde elle se esperguiça e rumoreja sempre bonançoso, permittindo durante o anno inteiro que pequenissimas pirogas indigenas vão lançar redes e pescar á linha, facultar-lhe-ha bom e fresco ar e todos os fructos do mar, quasi sem custo, para que a vida seja commoda e a alimentação variada.

Os ventos dominantes da localidade são a brisa de SO. durante quasi todo o dia e parte da noite, e o terral desde a madrugada até ás seis ou sete horas da manhã; e ambos estes ventos lavam a localidade fornecendo-lhe ar puro, porque a viração é recebida directamente do mar, e o terral que por alli passa nunca varre os pantanos do Zaire nem outros: vem por cima das campinas, de que fallei. Será sobretudo aquelle logar a causa da missão poder viver por si, e bem, logo depois de montada, ficando o cofre geral alliviado de um grande encargo, ao passo que para a provincia se cria um grande melhoramento.

Para conseguir isto escusâmos de estudar planos. Basta copiar a missão de Landana, com as modificações exigidas pela localidade e pelos nossos interesses politicos, e aconselhadas pelo nosso prestigio entre os indigenas, e vantagens a tirar d'elle. Tomaremos, como os padres francezes, as creanças para as crearmos e educarmos para cidadãos uteis a si, e a nós.

Não as obteremos porém, por meio da compra, que essa nodoa custa a lavar-se com a santidade do fim. Não quero dizer com isto que as creanças, que tiverem sido resgatadas da escravidão do gentio fiquem excluidas da instrucção na missão: serão educadas e instruidas mesmo, mas entrarão como pessoas livres.

Nós não temos necessidade de recorrer a esse meio desesperado, porque não só na localidade, mas mesmo em toda a provincia de Angola, podemos obter creanças, espontaneamente offerecidas por seus paes, para entrarem na missão e serem lá educadas.

Temos em Loanda, em Benguella, em Mossamedes, no Dondo, etc., centenas de creanças para isso, filhas de paes que as offerecerão, e pedirão mesmo que sejam acceites, logo que a recepção e educação sejam, como devem ser, gratuitas. Mas nós devemos forcejar por misturar com estas creanças os filhos e parentes dos regulos e indigenas importantes dos sertões da provincia, para elles, quando educados e restituidos ao seu paiz, serem portuguezes e civilisados á portugueza. Serão um poderosissimo auxiliar para desbravar e tornar continua de facto a vassallagem da pro-

vincia toda inteira. Estas creanças, educadas á moda de Landana, podem ir ser sobas ou regulos no seu paiz, sem que a rudeza do seu povo os enfastie, nem a sua instrucção os torne suspeitos e odiados.

Os educadores perscrutarão as aptidões das creanças, e conforme ellas dirigirão o seu ensino; e, quando appareça alguma com vocação especial para o serviço da missão, deve ser aproveitada n'elle, proporcionando-lhe um futuro feliz e voluntariamente abraçado. As outras, depois de educadas, serão restituidas ao seu povo; e por ahi serão outros tantos focos de instrucção.

A grande agglomeração de creanças na missão ha de necessariamente dar azo a um viveiro de colonos, que irão estabelecer-se na vizinhança, e copiar em ponto pequeno a eschola que os educou. D'aqui resultará a vantagem de colonisarmos Cabinda com portuguezes civilisados á portugueza. Isto porém só no fim de alguns annos poderá conseguir-se; e nós precisamos de colonisar depressa para dizermos ao mundo que Cabinda é portugueza de direito, e de facto.

Para esse fim temos um meio a empregar: são os colonos europeus. Tomaremos familias inteiras (marido e mulher ainda novos, com ou sem filhos) d'essas que na ilha da Madeira, ou no Algarve, phantasiam um pedacinho de terreno, propriedade sua; e entregal-os-hemos ao cuidado da missão, como trabalhadores d'ella, até que, feita a acclimação e instruidos nas condições da vida da localidade, possam com pequeno avanço, restituido depois, ir estabelecer-se perto d'ella ou de outros colonos, e formar o nucleo de uma futura aldeia ou villa.

Se de entre estes alguns forem tão infelizes, que por si não possam prosperar, a missão lhes servirá de amparo: ficarão a seu cargo, como serviçaes ou officiaes de officios, e irão formando o nucleo da futura cidade da foz do rio Zaire.

Com toda esta mistura de elementos variados formaremos de certo para o futuro uma colonia, e talvez uma civilisação nova.

Os trabalhos da missão devem dirigir-se a tirar do local todo o partido possivel, para a prosperidade e engrandecimento do estabelecimento, de envolta com a educação sensata dos alumnos. Os padres além d'isso devem exercer a predica, já na missão já por toda a Cabinda, para sustentarem na fé os que já são christãos, e trazerem os outros a ella. Os padres francezes não podem fazer isto em Landana: e os portuguezes podem fazel-o em Cabinda.

A vizinhança do porto do Banana aconselha que a missão produza o que poder vender alli. Deve ter manadas de bois, rebanhos de carneiros, varas de porcos, muitas aves, coelhos, etc. Deve ter uma grande horta, um grande e variado pomar e muitas plantações de mantimentos indigenas, e principalmente de mandioca,

tendo o cuidado de desenvolver o que melhor prospere e mais vantagens offereça. Deve montar uma pescaria na praia.

Tudo isto além de garantir uma alimentação farta, substancial e variada, tem no porto do Banana um mercado optimo, onde o consumo crescerá sempre.

Deve desenvolver e aperfeiçoar as industrias primitivas da localidade, e creal-as novas, sempre que possa e encontre elementos para isso. Deve finalmente habilitar-se para viver, por si só, á custa de todos estes elementos, e engrandecer-se de modo a poder destacar de tempos a tempos uma missão filial para qualquer ponto, bem escolhido e indicado.

A missão de S. Salvador do Congo, ficará desde logo sendo considerada sua filial. As missões filiaes receberão da missão chefe todo o auxilio e conforto, vivendo em completa communidade. A missão chefe servirá de sanitarium a todas.

Lá farão tambem o seu tirocinio os missionarios novos, gosando logo da vantagem de poderem estudar as linguas indigenas, por haver elementos para tudo isso.

O local, que eu indico, confina por um lado com Cabinda e por outro com o Mossorongo; e não ficam longe os povos onde já se falla o dialecto do Congo.

Estas e mais algumas, que a experiencia fôr indicando serão as modificações a fazer na copia da missão de Landana.

Agora cheguei eu a um ponto, em que tenho de beliscar os melindres do nosso clero, e em especial o dos missionarios portuguezes.

Teremos nós um padre para pôr á testa d'este estabelecimento? Creio que sim. Não quero negar a instrucção, a aptidão e o talento a uma classe inteira. Mas esse padre acceitará o encargo? Já duvido. E quando acceite será capaz de dar a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar? Será ao mesmo tempo um missionario civilisador, um missionario politico e um missionario catholico? Póde ser. Mas francamente eu não o creio.

E como as crenças se não demonstram, eu, sem amontoar argumentos, passo a expôr o que sinto ácerca da administração d'este estabelecimento.

O governo deve escolher um homem, que seja perito em medicina, agronomia e veterinaria, patriota e casado, sendo possivel. Dar-lhe-ha as vantagens necessarias. Este homem installar-se-ha ao lado da missão, tendo uma casa de saude onde possa receber e tratar doentes que o procurarem. A casa de saude póde estar claramente a cargo da missão: não contraría a sua indole religiosa.

Passará para todos por ser um simples medico portuguez, que foi lá estabelecer-se n'um ponto saudavel, e tendo ao lado os re-

cursos da missão, para tratar a grande quantidade de portuguezes e europeus em geral, que negoceiam no Zaire, e vivem em pontos insaluberrimos. A falta d'este medico e d'esta casa de saude sente-se muito na foz do Zaire, e dá logar a muitas victimas —portuguezes na quasi totalidade. Por isso o medico ha de ser bem recebido e fazer interesses. Virão procural-o de todo o Zaire, e de muitos pontos da costa. E assim toda a gente acreditará que elle vive d'isso. Este medico será um delegado do governo e o superintendente secreto da missão, em todas as suas relações com elle, e em todas as suas condições de vida material. Figurará, porém, como superintendente o superior dos padres, para quem de facto fica a posição e o mando de superior dos missionarios catholicos portuguezes.

Assim dar-se-ha a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.

Deve tratar-se immediatamente da realisação d'este projecto, porque ha muitas e grandes vistas sobre o Zaire. E já por lá passeiam muitos olhos, que vêem por conta alheia.

Os elementos, que existem para a missão civilisadora do Zaire, devem empregar-se aqui sem perda de tempo. Qualquer outro local, que queira escolher-se para ella, parece-me tanto mais improprio, quanto mais se distanciar da foz do rio para o interior.

Civilisemos primeiro o que nos pertence e depois daremos largas aos nossos impulsos humanitarios. A caridade bem entendida começa por nós.

Creio que se pensou em collocar a missão civilisadora do Zaire em qualquer ponto do interior. Vi até designar-se-lhe Noqui. Era um erro. Noqui é um ponto sem importancia, muito quente, insalubre e sem conforto. O pouco que lá podesse conseguir-se custaria rios de dinheiro, e não fazia bem senão a Noqui, que não é nada.

Para fazermos alguma cousa por esse processo, precisavamos de repetir em muitos pontos, o que faziamos em Noqui; e nós não temos dinheiro para isso. Além de que, seria construir a estatua de Nabuchodonosor. Distrahiamos a nossa attenção, e gastavamos a actividade e o dinheiro no interior, deixando o littoral exposto a cubiças alheias. E tomado o littoral por outrem estavam perdidos para nós os nossos esforços: — caía a estatua.

Deixemos entrar pela Africa dentro os que sabem, que não têem direito ao littoral. Deixal-os desbravar os sertões a peso de oiro. Deixal-os abrir commercio, navegação e agricultura, mesmo. Deixal-os formar imperios no coração de Africa. Elles têm o vigor da mocidade nas explorações africanas. Mas nós, que viemos primeiro, e que descobrimos e tomamos posse do littoral, não o larguemos. Elles cá passarão com a sua opulencia e deixarão al-

guma cousa no transito. O ponto é de passagem forçada. E nós estando seguros na costa teremos sempre muito por onde nos alarguemos para o interior.

É preciso sem perda de tempo mandar adquirir o terreno escolhido. Elle está por ora devoluto, mas se a nossa intenção fôr surprehendida, teremos lá, com certeza, um occupante, que nos preceda, puramente para nos embaraçar a realisação do projecto.

O terreno pertence ao principe chamado Mamputo. Este principe mora a NE. do local escolhido, junto das nascentes do riacho da Moanda. A acquisição tem de ser tratada com elle, segundo o costume da terra. É precisa para esse fim uma pessoa, que conheça o costume, e essa pessoa deve ser de completa confiança do governo. A acquisição deve ser feita immediatamente; e entre a proposta ao principe e o fecho da transacção não deve mediar senão o tempo necessario para ajustar por palavras: tudo será concluido n'uma só sessão. Quando se fizer a acquisição já devem estar no porto do Banana, a bordo de qualquer embarcação nossa os elementos pessoaes e materiaes necessarios para a fundação da obra, e apenas fechado o contracto deve immediatamente começar a fundação. Toda esta pressa e cautellas são necessarias para não perdermos o local escolhido.

Terrenos temos muitos, mas o local bom, com todos os requisitos que expuz, é um só, e esse deve necessariamente ser nosso. E não o será se alguns extrangeiros surprehenderem o segredo antes da acquisição, ou emquanto durarem as negociações.

A casa hollandeza do Banana tem relações muito estreitas com o principe, dono dos terrenos, e tem-nos um odio bastante grande para aproveitar essas relações em nosso detrimento. E grande mal será já para nós o saber-se de antemão quaes são as vistas do estabelecimento.

A missão ingleza do Banana anda tambem a escolher terrenos para o seu estabelecimento da beira-mar; e nós precisâmos de andar muito depressa, para a antecedermos na escolha d'este.

Eu de bom grado teria adquirido o terreno na occasião em que o visitei, se estivesse auctorisado para isso. E, apesar de não ter a auctorisação, estive quasi resolvido a compral-o. Uma consideração só me impediu d'isso: não quiz dar azo a que se pensasse, que eu sou tão vaidoso, que me julguei infallivel. Talvez fosse melhor eu ter feito esse sacrificio. Deus permitta que nos não venha mal d'ahi.

Para a primeira installação deve sair de Loanda um missionario com os meios indispensaveis para o transporte de Banana até lá, e para uma installação tosca e rudimentar: deve ir acompanhado já do pessoal e do material necessario para essa installação e começo da vida.

Eu comprometto-me a indicar na occasião propria, ou em trabalho especial, algumas cousas e pessoas necessarias para isso.

Mais tarde irão successivamente indo para lá os meios destinados á estação civilisadora do Zaire, e todos os outros que apontei com alguns mais que a experiencia fôr indicando.

CAPITULO III

Agora vou tratar da costa desde o Loge até ao Chiloango e dos valles d'este rio e do Zaire até Vivi, debaixo do ponto de vista commercial.

Por brevidade chamarei a tudo isto, e ainda a alguns pontos do interior, Costa do Norte.

Foram os portuguezes, logo depois do descobrimento da costa, os primeiros que negociaram com ella.

Sobre as ruinas da grande feitoria de Pinda, na bahia de Santo Antonio, ainda hoje existe a povoação de Pinda, cujos habitantes conservam tradições do nosso commercio. Vinham alli os galeões dos reis de Portugal mercadejar e fazer aguada. Em toda a costa apparecem ruinas de feitorias portuguezas nos logares, onde se podia construir com pedra, e nos pontos, onde por falta de pedra as casas eram de adobe ou de madeira, encontram-se vestigios de outra ordem, que attestam ter existido lá o commercio portuguez.

Entre outros citarei como exemplos os nomes que servem de unidade monetaria ou de valor para a contabilidade entre o gentio, como são: *cortado*, *panno*, *espingarda*, *garrafa*, etc., que ainda hoje se empregam, não para designar o que litteralmente significam, mas para exprimir o valor d'esses objectos, com mais ou menos justeza, em qualquer outra mercadoria.

É muito antigo, e foi grande o nosso commercio por alli. Desde a epocha, porém, em que o mundo civilisado começou a fazer prodigios de industria e associação, o commercio portuguez começou a definhar; e hoje vegeta muito estiolado pela grande sombra que lhe faz o commercio extrangeiro.

Emquanto foi preciso arriscar a vida, e perdel-a mesmo, houve portuguezes enthusiastas pelo commercio africano e notaveis por elle; mas, logo que os seus esforços abriram os mercados, e estabeleceram as transacções pacificas, pareceu-lhes completa a obra.

Os portuguezes foram aqui, como em toda a parte, sempre os mesmos: capazes de arriscar a vida para conquistar o vello de oiro, mas incapazes de o fruir depois de conquistado. São multiplices as causas de decadencia do nosso commercio. Entre ellas parece-me dever collocar, como principaes, a falta de educação mercantil em Portugal, o horror que lá se tem tido pela associação, que é o grande meio de conseguir os grandes fins, e a im-

perfeição e carestia da industria portugueza na producção das fazendas que cá se permutam. E' por não termos estas vantagens, que estamos vendo de braços cruzados o commercio extrangeiro a apoderar-se das nossas feitorias e, qual administrador interesseiro da casa de morgado estroina, a dar uma mezada aos nossos ex-negociantes para que comam e durmam. E' por isso que vemos os portuguezes, que se arriscam a vir á costa de Africa procurar fortuna, reduzidos á triste condição de mendigar das casas extrangeiras uma posição, em que elles são indispensaveis, porque são o musculoso braço que trabalha, mas onde ficam sendo meio termo entre os gerentes e guarda-livros, e os serviçaes pretos que rolam fardos. E' por isso que vemos chegar de Liverpool, Hamburgo, Rotterdam, Marselha, etc., muitos navios a vapor e de véla carregados de fazenda, e voltar carregados de generos coloniaes, sem que os filhos de Portugal partilhem d'esse grande movimento, mais que os seus ordenados e a febre, o rheumatismo, a hepatite... e a morte.

Sendo Portugal um dos primeiros paizes que na idade media adquiriram colonias, e sendo o primeiro a negociar com esta da costa occidental de Africa, não tem desculpa de a não ter educado de fórma a só consumir os seus productos, aperfeiçoando quanto possivel a producção, para que nenhum outro paiz tivesse ensejo de vir fazer-lhe concorrencia. Mas... *plantou o loureiro e deitou-se a dormir á sua sombra*. Se alguma vez acordou, erguendo-se estonteado, gritou que era forte, e recaíu a dormir!

São quatro as grandes casas fornecedoras das fazendas para toda a costa do norte. A saber: a hollandeza Nieuwe Afrikdansche Handels Vennootschap, a ingleza de Hatton & Cookson de Liverpool, a franceza de Daumas, Beraud & C.ª, a franceza de A. Conqui Ainé, ambas de Paris, e a belga, complementar da expedição de Stanley. A fóra estas, poucas mais poderão ser indicadas, e essas muito pouco farão, a não ser a de Edwards Brothers de Liverpool, que negoceia com a firma Castro & Leitão em Landana e no Chiloango, e com outras; e a de Izaac Zagury que negoceia por sua conta, e passou a ser de uma companhia ingleza.

Todas estas casas, menos a de Edwards Brothers, têem uma feitoria chefe e algumas filiaes, que permutam directamente com o gentio.

A hollandeza tem a sua feitoria chefe na ponta da peninsula do Banana, e tem umas cincoenta feitorias por toda a costa do norte. Traz em giro um capital de 3.000:000$000 réis pouco mais ou menos.

A de Hatton & Cookson tem a sua séde na ponta da bahia de Cabinda, e terá umas oito boas feitorias por toda a costa. O seu capital, attento o seu grande movimento, deve ser superior a 1.000:000$000 réis.

A franceza de Daumas, Beraud & C.ª tem a sua cabeça em Banana, junto da casa hollandeza, e tem umas quinze feitorias por toda a costa do norte, incluida uma do Ambriz. O seu capital orçará por 1:000:000$000 réis.

A de A. Conqui Ainé roda com um capital de 500:000$000 réis. Tem a sua feitoria chefe no Ambriz, e possue mais quatro do Ambriz até á Mocula.

A casa belga está tratando da sua installação. Tem já em Bôma uma bonita feitoria, onde negoceia muito, e comprou em Banana um terreno por 4:500$000 réis, onde quer construir outra. Não sei por ora onde quererá fazer a sua feitoria chefe, nem onde tencionará fundar filiaes, mas parece que ella se destina a ir explorar o commercio do alto Zaire, e que já tem em giro um capital muito superior a 1:000:000$000 réis.

A casa de Izaac Zagury tem a sua feitoria chefe em Banana, proxima da casa franceza do lado do norte, para superintender n'umas cinco feitorias dispersas no rio Zaire, desde o Banana até Bôma.

Tem mais duas feitorias no Ambrizete e Ambriz, superintendidas por esta ultima; e tem ainda umas sete feitorias no Quanza e no Dande, superintendidas pela gerencia chefe de Loanda. O seu capital serão 300:000$000 réis, a maior parte dos quaes giram na costa do norte.

Estas casas ou têem navios seus, que trazem da Europa as mercadorias e levam para lá os generos, como acontece á casa hollandeza, á ingleza de Hatton & Cookson, á franceza de Daumas, Beraud & C.ª e á belga, ou fazem estes transportes por intervenção dos paquetes inglezes e navios de véla, que fretam para isso.

A casa hollandeza tambem tem tomado a frete muitos navios. O mesmo aconteceu já, e continuará de certo succedendo, á casa belga.

Os navios que entram no rio Zaire durante um anno, com carga para as feitorias, serão uns vinte vapores (comprehendidos uns doze ou quatorze paquetes), com a somma de 24:000 a 25:000 toneladas e quarenta navios de véla (barcas, lugres, brigues e patachos principalmente) com a somma total de 18:000 a 20:000 toneladas.

Não incluo aqui os navios que veem carregados para outros pontos da costa do norte, que ainda são alguns, alem dos paquetes; nem incluo tambem os navios de guerra que entram o Zaire, ou tocam na costa, que são muitos, e principalmente inglezes.

Os navios trazem aguardente, fazendas de lã, e algodão, genebra, polvora, espingardas, cutelaria, missangas, louça, sal, e pouco mais —para a permutação com os indigenas. Veem ainda alguns com carvão.

Todas estas fazendas procedem de Hamburgo, Rotterdam e Liverpool. De Lisboa veem apenas poucos carregamentos de sal e algum rancho!

Estes navios voltam para as praças que os expediram carregados com coconote, ginguba, gergelim, azeite de palma, borracha, marfim, urzella e pouco mais.

As casas francezas mandam alguns carregamentos, mas poucos e quasi só de ginguba, para França.

Entre os navios que navegam a frete, avultam em primeiro logar os allemães, depois os inglezes e os italianos, e em seguida os francezes, norueguezes, etc. Os portuguezes já para alli não sabem o caminho!

Os generos que sáem, só do rio Zaire para a Europa, podem computar-se da seguinte fórma: 8:000 toneladas de ginguba, no valor de 500:000$000 réis; 10:000 toneladas de coconote, réis 500:000$000; azeite de palma, 4:000 toneladas, 750:000$000 réis; gergelim, 500 toneladas, réis 300:000$000 réis; borracha, 300 toneladas, 300:000$000 réis; marfim, 100 toneladas, 650:000$000 réis; urzella, 100 tonelladas, 25:000$000 réis.

As fazendas importadas no rio Zaire, no ultimo anno, podem computar-se em 1.500:000$000 réis; a aguardente, genebra, polvora e espingardas em 1.000:000$000 réis; a louça, cutelaria, sal, arames, etc., em 500:000$000 réis.

A grande differença de valores entre a importação e a exportação explica-se pelos enormes depositos que as casas têem em ser, por se não ter permutado tanto como esperavam, em virtude das colheitas ultimas terem sido pouco abundantes.

O rio Zaire importará ainda, para uso dos brancos, 20:000$000 réis em vinho e outras bebidas, 10:000$000 réis em farinha, assucar, petroleo, chá e mais artigos de rancho, e 5:000$000 réis, em vestuario, calçado e outros artigos para usos da vida civilisada. Os viveres e o vinho são quasi só de Portugal.

O resto da costa do norte importará e exportará outro tanto, entrando apenas a mais na lista dos artigos de exportação, o café do Bembe e baixo Congo, que já não sáe todo pelo Ambriz. Mas a importação e exportação do Zaire ao Chiloango são mais valiosas do que do Zaire ao Loge.

Circulam no rio Zaire, fazendo os transportes d'elle umas cincoenta embarcações, escunas, palhabotes, cahiques, lanchas, cutters, e dez pequenos vapores para carga e pequeno numero de passageiros.

Dos vapores, 4 pertencem á casa hollandeza, 3 á casa belga e á expedição de Stanley, 1 a Izaac Zagury e 1 á missão protestante.

Das embarcações á vela 20 pertencem á casa hollandeza, 6 a

Daumas, Beraud & C.ª, 5 a Izaac Zagury, 2 a João Luiz da Rosa, 2 a Valle e Azevedo e as demais a diversos.

Estas embarcações á vela têem uma media de sete tripulantes, quasi exclusivamente pretos de Cabinda. Fazem tambem serviço na costa, entre as diversas feitorias e a respectiva casa chefe.

Na costa propriamente dita, ha mais d'estas embarcações, talvez umas 20 ou 30 canoas de boa e solida construcção ingleza- proprias para o embarque dos generos e desembarque das merca, dorias nas praias corridas.

Para o serviço interno do rio Zaire ainda ha umas 100 ou 150 canoas de um pau só e construcção indigena. No Chiloango haverá umas 100 d'estas canoas. Tanto estas como as do desembarque das praias são em geral tripuladas com serviçaes dos respectivos donos, e uma ou outra vez por indigenas assalariados.

Não incluo n'este numero as pirogas de construcção e uso indigena, que são muitissimas.

Das tripulações dos vapores são os commandantes e os engenheiros, inglezes, hollandezes e belgas; os marinheiros e serventes das machinas são cabindas ou liberianos.

As grandes casas, como já disse, fazem o commercio directamente nas suas feitorias e indirectamente por meio de aviados. Os aviados antigamente recebiam as fazendas a credito em parte ou mesmo no todo, e pagavam-nas em generos depois de negociadas.

Com este systema ganhavam as casas fornecedoras, mas tambem ganhavam os aviados. As casas fornecedoras receiando-lhes a sombra, e depois a concorrencia, trataram de cortar o mal pela raiz. Hoje só fornecem, recebendo em paga, na occasião do fornecimento, o seu valor.

É provavel que tambem tenham concorrido para isto algumas negociações ruinosas dos aviados, as baixas de alguns generos e a escassez das colheitas; mas o certo é que estes defeitos affectavam tanto os aviados como as feitorias das casas fornecedoras, e o resultado foi ellas monopolisarem o commercio.

Se ainda hoje algum aviado tem fornecimento nas antigas condições, deve isso em geral a optimos serviços que tem prestado e grandes lucros que tem dado á casa fornecedora, ao seu ascendente sobre os gerentes, e, sobretudo, á rivalidade e inveja que cada uma das grandes casas nutre contra as outras.

Ainda assim, estas considerações todas não obstam a que, de tempos a tempos, um ou outro aviado deixe de receber os fornecimentos que pede, com pagamento á vista.

Dá-se isto, quando a casa fornecedora tem do aviado qualquer aggravo, e nenhuma das outras casas quer ou póde fornecer-lhe o que elle deseja. O desgraçado a quem isto acontece, não tendo capital nem tempo de recorrer aos mercados da Europa, vê-se for-

çado a transigir de modo ruinoso para o seu haver e aviltante para a sua dignidade e liberdade, sob pena de ver ao lado da sua feitoria ou feitorias outras da casa fornecedora, que vão colher com os meios indicados por elle todos os generos que calculou negociar.

Isto é a ruina completa do aviado, porque representa uma colheita. e por conseguinte um anno perdido, e com esta perda a do estabelecimento, que se arruina e apodrece, e a das mercadorias, que no anno seguinte ou estão estragadas, ou já passaram de moda.

Muitos pequenos negociantes, para evitar este grande mal, têem tentado entabolar negociações directas com a Europa, e estas tentativas, em geral, só têem servido para augmentar o mal, porque, dispondo de pequeno capital e pequeno credito, não podem conseguir grandes e variados sortimentos; e se um carregamento não chega porque o navio se perdeu, ou se chegando, não é variado ou proprio para as exigencias da occasião, o negociante está perdido, porque deixa de negociar durante uma colheita. E hoje é assente, que nenhuma das grandes casas lhe acudirá, para não darem azo a que estas tentativas se repetiam e o commercio se desmonopolise.

Quando as cousas correm bem e a contento dos grandes, mas um ou outro dos seus aviados vae fazendo grandes interesses, porque permuta n'um ou n'outro ponto, onde a sua sagacidade o aconselhou a pôr uma feitoria, ou por outro qualquer motivo, ás vezes por patriotismo, incorrem no desagrado dos seus senhores, estes têem sempre um grande meio de lhe cortar os vôos: é estabelecer junto d'elles uma feitoria, e, n'ella ou na que já lá tem estabelecida, dar ao indigena pelos seus generos mais mercadorias, do que dão no aviado por ellas. E podem fazer isto sem perder, porque as fazendas fornecidas aos aviados vão sempre sobrecarregadas com uma enorme percentagem de lucros!

E assim conservam as grandes casas o monopolio do commercio da costa do norte. E assim são hoje exclusivas a comprar o marfim desde o Quissembo ate á Maculla as feitorias das grandes casas, depois de afugentados os pequenos negociadores. E assim será hoje difficil a um pequeno negociador chegar na costa do norte a fazer fortuna, se este estado de cousas não mudar.

Note-se desde já, que todos os aviados, pequenos negociadores, empregados de uns e outros, e a maioria dos empregados das casas estrangeiras são portuguezes, e que estes infelizes têem muitas vezes sido levados, pelo desaforo das grandes casas, a amordaçar os seus sentimentos patrioticos e a lisongearem os seus tyrannos!

O unico correctivo que este mal tem encontrado é a emulação reciproca das grandes casas, e esta ainda não impediu que a casa

hollandeza tenha dado aos seus accionistas um dividendo de 15 a 18 por cento, acontecendo o mesmo ás outras; ou melhor ainda, porque não teem tanta vaidade e ostentação como ella.

A casa hollandeza é vaidosa até ao ponto de fazer despezas escusadas, desprezar interesses e provocar a gargalhada dos que a surprehendem nas suas manifestações de apparato burlesco, indigena.

Ella tem embarcações de mais para o seu serviço, sem as querer para outro; ella tem tripulação de mais n'essas embarcações; ella tem cavallos, muares e burros apparelhados, de que não faz nem póde fazer uso, só para que os indigenas se embasbaquem diante d'aquella grandeza; ella tem grandes mastros para o signal da casa e bandeira hollandeza, onde esta é içada e arreada com tiros de peça; ella emprega gente por commiseração, dizendo que não tem necessidade de mais empregados, e desemprega outra, por falta de um salamaleque ao gerente ou aos seus cortezãos; ella tem antigos empregados mezes inteiros hospedados na casa chefe, comendo, bebendo e vencendo da casa, como se trabalhassem, só para acompanhar o chefe nas suas digressões e fazer-lhe a côrte; finalmente, ella tem um simulacro de parque de artilheria para dar salvas ao gerente em chefe, quando entra na feitoria! São influencias do meio.

A casa hollandeza é hoje a mais antiga do Banana, e está já repassada de sabores indigenas.

Ninguem ignora quanto os cabindas são comicos e perdularios nas suas manifestações do sentimento. Ella imita-os.

A casa ingleza de Hatton & Cookson tem debaixo do ponto de vista da economia na administração, um bom senso notavel, e forma um contraste muito frisante com a hollandeza. As outras seguem mais ou menos as pisadas da casa ingleza.

No Chiloango e d'alli ao Zaire, e n'este rio, existem as feitorias que mencionei; e junto da foz do Zaire, mas do lado de dentro d'ella, estão ainda em Porto Rico, proximo da ponta de nordeste da bahia de Santo Antonio, duas portuguezas e duas francezas, e na margem direita, um pouco acima de Nemelau, estão uma franceza e tres portuguezas.

Da foz do Zaire para o S. existem umas vinte e cinco feitorias, distribuidas pelos seguintes pontos: Mangue Pequeno, Cabeça da Cobra, Maza-mandombe, Mangue Grande, Cacongo, Quinzau, Quimpoassa, Moculla, Ambrizete, Mosserra e Quicembo. Estas feitorias estão dispostas de modo, que da Moculla para o S. existem, pelo menos, quatro casas em cada ponto; e da Moculla para o N. existe quasi sempre uma só, ás vezes fechada a maior parte do anno, ou mesmo abandonada.

É de Moculla para o S., até o Quicembo, que se faz o precio-

so commercio do marfim, monopolisado pelas grandes casas. Ellas conseguiram afugentar d'alli os pequenos negociadores, e conseguiram tambem derivar do Zaire para lá todo o marfim, que só do Alto Congo vinha ás immediações de Bôma. Bastou para isso empregar ao lado dos pequenos negociadores os processos de que acima fallei, absorvendo assim nos pontos do Zaire, onde elle ía, todo o marfim. Depois, para derivarem a corrente para Moculla, e d'ahi para o S., bastou negarem-se a compral-o no Zaire, ou pagal-o por insignificante preço, insinuando e persuadindo que elle na Moculla, e d'alli para o S., seria mais bem pago.

Era-lhe assim preciso, porque lá já não receiavam a concorrencia dos pequenos negociadores.

Os gerentes das casas dizem que esta tactica lhes era precisa, para manterem as feitorias da Moculla para o S., onde nada poderia negociar-se que desse interesse, a não ser o marfim, e que seriam obrigados a abandonar, se elle para lá não concorresse.

A verdade é que os estabelecimentos são em geral bons e custosamente construidos: mas por lá compra-se, alem do marfim, borracha, ginguba e gergelim. E no Ambrizete podia até comprar-se muito minerio de cobre, que existe a meia legua das feitorias, se os negociantes tivessem empregado os meios para isso.

Todos estes calculos e combinações egoistas vão caír por terra, logo que a casa belga se estabeleça para cima de Vivi, nos pontos da bacia do Zaire mais proprios para a absorpção de todo esse marfim. Ella prepara-se para isso, e creio até que já principiou as suas operações.

Por toda a parte da costa do norte estão distribuidos, como negociantes, empregados no commercio, nas embarcações e nas missões catholicas e protestantes uns 250 a 270 brancos. Entre estes incluo alguns pardos de Loanda e os pretos de Cabinda civilisados, 2 dos quaes são negociantes estabelecidos por conta propria.

Elles chamam-se brancos, e os indigenas confirmam-lhe a designação. Não serei eu que lh'a tire.

De todos estes homens, que vivem á moda europêa, 85 ou 90 por cento são portuguezes.

Os portuguezes de Angola estarão para os do continente do reino e ilhas adjacentes, como 10 para 100.

Dos estrangeiros o maior numero são hollandezes e inglezes, depois seguem-se os francezes, os belgas, os allemães e os hespanhoes.

Vê-se portanto que os filhos do velho Portugal estão n'uma enorme maioria.

Será escusado dizer que em todas as feitorias portuguezas não ha um só estrangeiro.

Nas feitorias estrangeiras, e especialmente nas da casa hollan-

deza, ha uma grande quantidade de empregados portuguezes, podendo mesmo affirmar-se que estas feitorias, na sua quasi totalidade, são administradas por portuguezes.

As feitorias francezas e as inglezas tambem têem muitos empregados portuguezes, mas as francezas mais. A casa belga é que, por ora, poucos empregados portuguezes tem; e é provavel que continue a ter poucos, porque está tratando de introduzir gente do seu paiz para quasi todo o seu serviço.

Por todos estes estabelecimentos acham-se distribuidos uns quatro mil serviçaes pretos. Incluo n'este numero os *kurumanos*, os tripulantes das embarcações, os carpinteiros, tanoeiros, pedreiros, ferreiros etc., que em geral ou são cabindas assoldadados ou kurumanos, e os pretos dos povos vizinhos das feitorias que vão trabalhar a jornal au soldada.

Chama-se *kurumanos* em toda a costa do norte aos antigos escravos, que os senhores ainda conservam em sujeição com differenças, para melhor, do antigo tratamento de escravo.

Não pude achar a origem d'esta designação, e notei que ella continua na costa do Chiloango para o norte até Maiombe, pelo menos.

É possivel que ella venha dos antigos serventes em toda a costa serem em grande parte oriundos de Kuru, ou das proximidades, e então kurumanos significa na origem homens de Kuru.

Os pretos da costa de Kuru ainda hoje trabalham por ali, mas como livres e á soldada, especialmente no serviço de machinas a vapor e no trafego dos armazens.

Ja ouvi tambem dizer que a palavra kurumano vinha de duas hollandezas, que significam homem de serviço, e juntas soam approximadamente como a palavra kurumano. Eu não conheço a lingua hollandeza, e por isso não sei que deva julgar d'esta explicação.

D'aqui ve-se que a proporção dos pretos para os brancos é approximadamente de quinze para um. E assim estão uns e outros distribuidos pelos estabelecimentos de que fallei.

A lingua do commercio em toda a costa do norte é portugueza.

Em todas as casas estrangeiras se falla o portuguez, sempre que a conversa existe entre dois individuos de diversas nacionalidades. Em todas estas casas se falla o portuguez, mesmo aos serventes da mesa e até aos creados particulares e de quarto, sob pena de se não ser entendido.

Todas as transacções são discutidas e assentes em portuguez por meio do *linguester*, que traduz d'esta lingua para *fiote* a negociação aos indigenas.

Aqui apparece uma palavra que foi inventada pelos portuguezes da costa do norte com ou sem necessidade d'isso, e que ficou

sendo usada em toda a costa com leves variantes na idea que exprime.

O linguester é em geral um preto dos importantes do povo do regulo, em cujas terras está á feitoria. Este preto quasi sempre começou, quando creança, a sua educação em casa do *branco*, servindo-o á mesa e tratando-lhe do quarto.

Aprendeu a lingua do *branco*, se não a sabia já fallar, e estudou-lhe os usos e habitos da vida, e especialmente no que respeita ao negocio. E assim se habilitou para mais tarde, quando homem, ser o *linguester* da barraca.

É posição muito desejada e respeitada dos seus, porque o linguester manda os serviçaes, e é encarregado de abrir e fechar as portas dos armazens e do *feitiço*, de fazer as medidas e pesagens e entregar os pagamentos aos negociantes. Além d'isso o linguester tem sempre um ordenado relativamente grande.

Além do linguester ha o curador.

Curadores são pretos de diversos povos, em geral mais distantes que o do linguester, encarregados pela feitoria de attrahir a ella os negociantes sertanejos ou indigenas ricos, que veem procurar os estabelecimentos dos brancos para a permutação dos seus generos.

O curador, depois de ter empregado todos os recursos da sua rhetorica e velhacaria contra os argumentos de outro curador, lá conseguiu persuadir o pobre selvagem, de que vae ficar riquissimo e feliz com a negociação, e acompanha-o á feitoria, onde o lorpa não recebe, ás vezes, nem metade das fazendas que o negociante deu pelos generos, porque o curador lh'as roubou.

O negociante sustenta e protege esta ladroeira para não perder o curador, e chega mesmo a incital-o quando elle é intelligente, velhaco e discursador. A isto chamam portuguezes e estrangeiros *curar negocio.*

A entidade chamada linguester no Ambriz tem as mesmas attribuições que estes curadores. Lá não existe a designação *curador*.

O *feitiço* é o armazem, onde se fazem os pagamentos aos indigenas. É uma especie de taberna com um pequeno balcão junto da porta e toda a capacidade interior tomada pelas fazendas—missanga, cutelaria, aguardente em depositos, louça, etc., expostas nas estantes—e uma pequena mesa onde o negociante faz os calculos de reducção dos diversos valores dos objectos escolhidos pelo preto para o seu pagamento. O negociante sentado á mesa recebe as *mocandas*, faz os calculos e diz ao linguester quantas peças, de que fazendas e qualidades póde dar. O linguester traduz, ultima o contracto e entrega sobre o balcão ao indigena o seu pagamento.

Quando o negocio é feito por intervenção do curador, é a este

que se entrega o pagamento, ficando em poder do negociante o que o curador furtou ao indigena, para lhe ser entregue, logo que o misero se ausente.

As feitorias de grande movimento têem ainda armazens proprios para o pagamento da polvora e do sal, etc.

As compras fazem-se em outro armazem, onde ha balanças e medidas, e onde se passam as mocandas, que são vales em fazendas do genero comprado.

As balanças, por ora, servem só para o negociante fazer os seus calculos: o indigena entende-se melhor com a medida: e por isso as medidas são absolutamente arbitrarias. Ha feitoria que as altera tres a quatro vezes por anno, já fazendo-as pequenas e conservando o pagamento para *puxar negocio*, já fazendo-as logo em seguida muito maiores, para recuperar e ganhar muito mais.

Muitas vezes não conseguem mais do que collocar os pretos de sobreaviso, descer um pouco no seu conceito, e preparal-os para se considerarem sempre logrados e pensarem no desforço.

Este systema de embustes armados á boa fé dos pretos tem produzido as mais desastradas consequencias, e demonstrou já a meu ver, que quem mais soffre com elle são os brancos.

O logar onde mais intenso vi manifestar-se o mal, é o Dondo, e em geral a bacia do Quanza. Ahi todo o preto do mato chama franca e abertamente ladrão ao negociante. E o negociante tem de soffrer este ominoso epitheto e de ser, por cima, o roubado!

O preto parte do principio de que é logrado, porque mais de uma vez surprehendeu falsificação de peso e medida, e por isso é insaciavel em exigir o pagamento dos seus generos, cuidando sempre que aquillo que o branco lhe furtou no peso e na medida vale mais do que lhe deu alem do preço corrente. E o branco vae satisfazendo as exigencias, até exgotar a paciencia e exceder com o pagamento o valor do genero comprado.

Já aqui ficou logrado o branco.

Mas o preto, que tem estudado embustes para oppor ás falsificações do branco, falsifica a cera introduzindo-lhe areia e fuba, falsifica o café molhando o que vem no interior dos saccos e misturando-lhe pedras, falsifica a borracha misturando-lhe gomma de outras plantas, que para nada serve, e mettendo paus e terra dentro das bolas, falsifica o azeite de palma introduzindo-lhe uma planta que elle conhece, etc., e então o negocio perde muito, porque soffre grandes avarias, ou desacredita os seus generos na praça para onde exporta.

Os causadores d'este grande mal têm sido os degredados que assolaram a provincia de Angola de corrupção e morte moral, por onde quer que têm permanecido.

Na costa do norte não ha d'isso. E o inconveniente que apre-

sentei é minimo, em comparação da miseria e depravação do sul. Não o aponto aqui senão para evitar uma calamidade.

De resto o indigena da costa do norte tem uma confiança absoluta no negociante, e sobretudo nas suas *mucandas* (escripto a lapis ou tinta n'um bocado de papel de qualquer natureza ou tamanho), que considera como o mais seguro valor e penhor da quantia, que representam.

Estas *mucandas* facilitam de um modo espantoso os pagamentos, porque a moeda é rara, e quasi exclusivamente usada pelos negociantes entre si.

Este credito illimitado é devido á honradez, com que têm sido desfeitas as duvidas suscitadas, e á pontualidade dos pagamentos.

Não existe em toda a costa do norte nenhuma industria digna d'este nome que possa augmentar o commercio e a riqueza publica.

Tudo aquillo, que o commercio explora, ou provém de reservatorios naturaes, que tendem a extinguir-se com a exportação, como é o marfim, a borracha; ou provém da pequenissima agricultura indigena, que não augmenta pelo facto das feitorias estarem promptas a comprar-lhes tudo e bem, como acontece com a ginguba (o indigena da costa do norte chama-lhe mendubi), o gergelim, etc.

O preto contenta-se com pouco; e tendo essse pouco não trabalha mais. Não podemos admirar-nos d'isto, porque acontece o mesmo a muitos *brancos*. A differença é de quantidade apenas.

Mas os reservatorios de riqueza africana ainda não estão todos descobertos, e a industria civilisada ainda não principiou a exercer as suas funcções na costa do norte.

Que vastissimos horisontes se não abrem alli diante d'esta poderosissima soberana!

Exgotadas as actuaes fontes de riqueza abrir-se-hão outras que em jorros colossaes inundarão o commercio!

Haverá na costa do norte um esplendido festim de milionarios. E nós, os filhos dos marinheiros de D. Henrique, de Bartholomeu Dias e de Diogo Cam conservar-nos-hemos perfilados nos atrios do palacio a fazer-lhes guarda de honra, sem nos lembrarmos de que o marinheiro portuguez serve para tudo?!

Se isolados não podemos ter um talher no banquete, porque apesar de militarmos ha uns poucos de seculos ainda somos praças de pret, lembremo-nos de que vae correndo o seculo XIX, que deu á associação entrada em toda a parte e força para tudo.

Associemo-nos. É urgente. Ninguem dispõe de forças collectivas tão respeitaveis e poderosas como as nossas. Depois seremos nós os donos da casa, e tomando o logar de honra, que nos pertence, presidiremos ao festim...

Mas o povo portuguez ainda é o que era ha um seculo: cheio de força e boa vontade, mas incapaz de dirigir os passos para as

grandes emprezas, sem a guia prudente e o apoio tutelar do seu governo.

Ao governo de Portugal, pois, incumbe o estudo do plano e a direcção da obra.

Não é só a riqueza publica que o aconselha: exige-o a sua dignidade e o seu interesse politico.

O governo deve sem perda de tempo organisar em Portugal e com capital portuguez uma companhia que venha estabelecer-se no Zaire, e fornecer lá e em toda a costa do norte aos pequenos negociantes as mercadorias, proprias para a permutação, a troco de generos ou dinheiro.

Esta companhia, tendo o capital sufficiente para o seu trafego, deve necessariamente ganhar muito dinheiro, porque fica em melhores condições do que todas as outras, de que fallei.

Ha muitas difficuldades que as outras têem vencido, e continuarão a vencer com o auxilio dos portuguezes; e estes, logo que se estabeleça na costa do norte uma companhia portugueza, abandonam os estrangeiros, já porque têem sido muito prejudicados e opprimidos por elles, já porque os seus sentimentos de patriotismo a isso os compelem.

E' preciso conhecer e tratar os portuguezes, lá fóra da acção do seu governo, para ver quanto elles são patriotas! Faltando os portuguezes ás grandes casas estrangeiras, estas necessariamente definham muito, ou chegam mesmo a abandonar o campo, que então ficará para nós.

Uma companhia portugueza bem montada e dirigida deve conseguir que as mercadorias lhe fiquem na costa pelo mesmo preço por que ficam ás outras casas, e deve conseguir tambem nos mercados da Europa o mesmo preço pelos generos que transportar para lá.

Já por aqui se vê que deve ganhar tanto ou mais do que as outras companhias, e estar sempre habilitada para fazer-lhe frente á á concorrencia.

Mas o governo deve considerar esta companhia como um instrumento de soberania, como uma poderosissima arma politica, e por isso jámais a perderá de vista, não deixando de prestar-lhe o auxilio compativel com o segredo, para evitar invejas, conflictos e sobretudo represalias, que não poderiamos reprimir.

Uma subvenção pecuniaria ou a garantia de um dado juro aos accionistas seria cousa difficil de occultar; e então veriamos, provavelmente, paizes mais ricos do que o nosso a darem dinheiro a companhias, que viriam aniquilar a nossa e aniquilar-nos.

O auxilio, pois, deve ser prestado sem ostentação, e como que indirectamente. São magnifico pretexto para elle a grande quantidade de portuguezes espalhados pela costa do norte. Póde, por

exemplo, dar-lhe na casa de saude da missão o tratamento nas doenças em condições mais favoraveis, póde pilotar-lhe os navios na barra do Zaire e por elle acima quasi de graça, etc.

A companhia não deve ter menos de 2:000:000$000 réis de capital.

Deve destinar-se a negociar exclusivamente em toda a costa do norte, isto é, desde o rio Loge até ao rio Chiloango, comprehendendo as margens d'este rio até onde elle é navegavel (umas 60 milhas desde a foz), as margens e ilhas do rio Zaire até Vivi ou até ao Ielalla e alguns estabelecimentos já existentes ou que venham a existir pelo interior, mas dentro do territorio a que temos direitos reservados.

Precisa de conhecer e estabelecer negociações com as fabricas, que melhor e mais commodamente produzem mercadorias, até que a pouco e pouco vá substituindo pelos productos portuguezes os da industria estrangeira.

Precisa de adquirir terrenos junto do porto Banana para os depositos das mercadorias, que tem de ser distribuidas pelo rio e pela costa abaixo até o Quicembo, e para convergencia dos generos a exportar. Poderá precisar tambem de um deposito em Landana para o commercio do Chiloango, que é muito importante.

Precisa de adquirir as embarcações necessarias para a distribuição das mercadorias e accumulação dos generos, e porventura de uma que faça viagens para a Europa, como a casa hollandeza e a de Hatton & Cookson, que têem para esse fim cada uma um vapor de mais de mil toneladas, e a casa de Daumas, Beraud & C.ª que tem dois bons navios de vela.

Precisa finalmente de pessoal e do trem necessario para as funcções do estabelecimento ou estabelecimentos.

Todos os terrenos da peninsula de Banana estavam occupados pelos estabelecimentos que funccionam, ou pelas casas poderosas que os têem devolutos, mas não cedem por preço nenhum com medo de concorrencia ao seu monopolio; e em volta já não havia terrenos, ou, se os havia, não estavam descobertos.

Este facto impressionava-me desagradavelmente, porque me parecia necessario que os armazens da companhia ficassem alli perto, e obrigou-me a fazer excursões em canoas indigenas por dentro de um charco de mangue fronteiro ao Banana.

Se eu lá encontrasse terreno que a praia-mar deixasse descoberto, estava resolvida a questão.

Os pretos e os brancos a quem directamente fiz perguntas n'esse sentido, diziam-me que tudo aquillo era um charco enorme e infecto. Mas o terreno era preciso, e eu procurei-o, e achei-o.

Dentro do mangal levanta-se uma ilhota coberta de gramineas e imbondeiros, onde póde collocar-se um grande estabelecimento

que fique mais perto do porto que nenhum dos outros do Banana, havendo mesmo encostado a elle um fundo de duas braças, onde podem ir atracar navios para a carga e descarga em pequenas pontes que para isso se construam.

Descoberto, porém, o terreno era absolutamente necessario livral-o da cubiça das casas grandes, e sobretudo da hollandeza que está fazendo despezas fabulosas para sustentar com carregamentos de pedra a ponta do Banana, onde estão os seus armazens, que o mar protestou levar-lhe. Mas eu não estava auctorisado a adquirir terrenos. Para isso vali-me, como já disse do negociante portuguez João Luiz da Rosa, communicando-lhe o meu projecto, e pedindo-lhe auxilio e segredo.

O terreno está comprado, occupado e á disposição do governo de Portugal ou da provincia de Angola, pelo preço do custo, como já disse.

Tambem soube em Landana por confidencia do negociante Leitão da firma Castro & Leitão, confidencia de que elle me permittiu fazer uso para com o governo portuguez, que a sua firma estava resolvida a vender á casa ingleza de Edwards Brothers de Liverpool os estabelecimentos de Landana e do Chiloango, porque aquella casa lhe tinha proposto uma compra muito vantajosa.

Esta venda é um golpe profundissimo dado no prestigio portuguez n'aquella região, porque a firma Castro & Leitão tem conseguido pela sua honradez e bom senso e pela illustração e coragem do socio Leitão, principalmente, o respeito e a homenagem de todas as casas de Landana e Chiloango, e mesmo da missão franceza e do dr. Lucan, sendo ella o poderoso laço que as tem sustentado todas unidas ha bastantes annos.

Esta casa mantem sobre o gentio do interior uma auctoridade enorme, baseada toda na justiça dos seus actos, na força de um vapor construido e armado para defeza do rio Chiloango e na valentia e disciplina de perto de cem homens que ella põe em pé de guerra, quando seja mister.

Estas considerações obrigaram-me a empregar os meios para obstar a que toda aquella riqueza, força ou prestigio passasse para mãos extrangeiras, e se invertesse contra nós. E o facto de a casa Castro & Leitão ser alli quasi a unica portugueza entre muitas extrangeiras, instigava-me ainda mais. Communiquei, com as convenientes reservas, ao socio Leitão a minha mágua, e tive occasião de ver que elle, alem de todas as boas qualidades, que já lhe conhecia, era um patriota enthusiasta e dedicado.

Declarou-me que esperaria para fechar o contracto com Edwards Bothers algum tempo, a fim do governo resolver se devia ou não organisar a companhia, que eu projectava, e que no caso affirmativo empregaria n'ella todo o capital que tem na costa, com

grande satisfação; e até se promptificava a prestar-lhe os serviços compativeis com a sua intelligencia, conhecimentos e pratica da costa. Por ultimo indicou-me o visconde da Gandarinha, como sendo um poderoso auxiliar de que o governo devia lançar mão para organisar a companhia.

Este Leitão vae partir para a ilha da Madeira, e de lá irá a Lisboa. Ahi auxiliará quanto podér o governo na organisação da companhia. Em summa: ficou enthusiasmadissimo com o meu projecto, e prompto para ajudal-o a pôr em pratica. A mim parece-me urgentissima a necessidade de o realisar. Se nos demorâmos podemos chegar tarde de mais.

Esta companhia tem deante de si um campo vastissimo de exploração; e, se tiver a felicidade de escolher uma direcção circumspecta e intelligente, póde em muito pouco tempo habilitar-se para novos emprehendimentos.

O primeiro que deve chamar-lhe a attenção é a exploração das madeiras, abundantes e preciosas, que cobrem as ilhas do Zaire proximo da sua foz, e cuja exploração prepara terrenos uberrimos para as ricas producções agricolas dos tropicos.

Quem entrar pela ampla embocadura do Zaire encontra-o logo dividido em enormes cursos de agua separados entre si por ilhas rasas, algumas alagadas, em parte, pela praia-mar ou pelas enchentes, mas todas cobertas de grande arvoredo, mangue na maior parte.

Estas ilhas são formadas pelo nateiro do rio, sobre o qual se foram estratificando em camadas successivas os despojos da sua vegetação; e hoje apresentam um terreno de primeira qualidade para muitas especies de plantações, em geral bastante elevado para estar livre das inundações e muito pouco para que deixe de poder irrigar-se com facilidade.

O rio é assim até ás alturas da Ponta da Lenha, ou mais um pouco acima, e d'ahi para E. até um pouco a montante de Bôma tem ainda muitas ilhas rasas, mas já sem arvoredo e apenas cobertas de gramineas para repasto dos hippopotamos. N'estas ilhas apparece aqui ou alem uma pequena plantação indigena de feijão ou tabaco.

Em frente de Bôma, na ilha Sacara N'baco, e d'ahi para montante, nas outras ilhas, levantam-se já montes consideraveis cobertos de vegetação alpestre. D'ahi para cima vae descendo o rio por entre margens asperas e tanto mais alcantiladas quanto mais para E.

A todas as ilhas do Zaire, e a algumas de mais de um lado, póde atracar qualquer navio dos que sobem o rio. E todas ellas estão ainda hoje desoccupadas!

Estas simples considerações indicam que n'um futuro muito proximo todos esses terrenos estarão tomados e em exploração, que

não póde deixar de ser riquissima. Deve, logo depois da sua installação, começar a fazer estudos e calculos para desmembrar parte do seu capital e applical-o a ella. Muito melhor fôra que desde já se organisasse uma outra companhia para a exploração das madeiras e dos terrenos d'estas ilhas, mas eu não creio em tanta felicidade.

A companhia porém que vier installar-se, como negociante, é que não deve deixar de tratar d'isso. Já que não estamos na vanguarda pelo commercio estejamol-o pela agricultura.

Essa companhia, depois de montada para a exploração commercial, terá no Zaire vantagens enormes para a exploração agricola. Tem embarcações para transportes, tem gente acclimada, tem serviçaes entre os quaes deve ter escolhido os proprios para a agricultura, e sobretudo tem tempo de escolher e adquirir os terrenos estudar-lhe as aptidões de producção, escolher a mais vantajosa, e instruir-se e preparar-se para a explorar.

Qualquer outra companhia que vá directamente explorar a agricultura não tem nada d'isto, nem mesmo tem ainda exemplares agricolas que possa mandar estudar previamente.

Uma das producções que tem de dar grandes resultados parece-me poder desde já affirmar, que é a da canna saccharina, ainda que não seja senão para a sua transformação em alcool. A aguardente de canna é muito superior á que hoje importa toda a costa do norte, comparadas em graduação igual, e o indigena de toda esta região em geral e em especial o das margens do Zaire, e d'este rio até ao Chiloango, tem uma tendencia muito pronunciada para preferir a boa qualidade á grande quantidade. Esta tendencia chegou já a ser o facto consummado com relação a muitos objectos, que elle obtem dos negociantes a troco dos seus generos.

Já observei este facto com relação mesmo á aguardente; quando ella é superior em graduação, ou em qualidade, conservadas iguaes as graduações, vi sempre preferir entre dóses de igual valor a de melhor qualidade e graduação, apesar de pequena. A aguardente de canna, pois, habilmente fabricada e introduzida no commercio, desthronará a actual aguardente de Hamburgo, e proporcionará uma exploração optima.

Alem de tudo devo notar que o commercio da costa do norte, apesar de monopolisado pelas grandes casas, tende muito a equilibrar o valor das mercadorias com o dos generos, que as pagam, em virtude da concorrencia, que fazem umas ás outras na offerta de mercadorias em troca de generos.

Isto ha de produzir n'um futuro proximo o seu effeito, que é fazer descer os lucros do commercio até o ponto de não convidarem a continuação do seu exercicio, onde novas emprezas e de outra ordem darão resultados magnificos.

E quem andar na frente, se por um lado tem de pagar a aprendizagem, por outro tem esses lucros novos e as habilitações para continuar, quando ainda ninguem está habilitado para principiar.

Todas estas considerações foram colligidas e alinhavadas com a pressa de quem corre atraz de um bem que lhe foge, e praza a Deus que ellas possam fazer entrar no espirito alheio a convicção que assoberba o meu!

Parece-me que deixo ahi elementos para os nossos capitalistas poderem fazer os seus calculos, e concluir que lhes convem entrar na empreza.

O governo de Portugal com o que sabe e com as poucas cousas novas, que eu porventura lhe diga, não póde deixar de concluir, que a organisação d'esta sociedade convem á riqueza publica, e sobretudo á dignidade e interesses politicos da nação. D'este ultimo ponto tratarei ainda em especial.

Todos os dados estatisticos que apresento foram tirados de informações, que tive o cuidado de colher em toda a parte e confrontar, fazendo discutir e apurar sempre a media razoavel, de que me servi. Não estão de certo livres de erro os numeros que apresento, e nem outra cousa deve esperar-se, attentos os meios de que dispuz. Posso entretanto affirmar, que confrontei muitas informações e fil-as discutir para cada numero, antes de me resolver a acceital-o e escrevel-o.

CAPITULO IV

Os direitos de Portugal sobre o territorio, a que por brevidade tenho chamado e chamarei — Costa do Norte — são incontestaveis, e estão primorosamente demonstrados e defendidos contra a erudição de má fé e cubiçosa de todos os extrangeiros pelo visconde de Santarem no seu livrinho *Demonstrações dos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz.*

Este livrinho deve ser elevado á altura de capitulo do cathecismo politico de Portugal. Devem lel-o todos os portuguezes das colonias para refrescarem a memoria e habilitar-se com resposta peremptoria aos sophismas dos extrangeiros, e devem lel-o todos os portuguezes da metropole para não se esquecerem de que os nossos maiores, com muito sangue e sacrificios, nos constituiram este patrimonio, que temos direito de fruir e obrigação de melhorar.

A respeito dos nossos direitos parece-me escusado dizer mais; e difficil me seria accrescentar alguma cousa.

Deve-se toda a publicidade ao precioso livrinho, e, como o interesse é publico, a iniciativa deve partir do governo. Mas o que é um direito de propriedade que não se exerce?

E' um direito em risco de ser perdido, para o seu sujeito,

por outrem pela posse e pela prescripção chegar a investir-se n'elle. Póde sustentar-se isto por paridade, pelo menos, em harmonia com a legislação portugueza e direito das gentes.

E Portugal tem deixado de exercer o seu direito de propriedade na costa do norte desde alguns annos a esta parte. Felizmente a falta de exercicio não tem durado o tempo sufficiente para a prescripção, nem paiz nenhum o tem exercido ainda melhor que nós.

Quando os inglezes, os francezes, os hollandezes, os belgas, etc., nos dissérem que civilisam pelo commercio, ou pelas missões, nós podemos responder-lhes que tambem lá temos a missão do Congo, a instrucção religiosa de Santo Antonio de Pinda no Sonho, e os cabindas christianisados por nós, que vivem entre o Zaire e o Chiloango; e ao argumento do commercio diremos que os portuguezes negociantes estão em maioria muito grande, e são os principaes agentes da civilisação do gentio, por estarem mais em contacto com elle.

Defeza temol-a, e boa, por todos os lados, na actualidade ainda. Mas é preciso prevenir o futuro, e elle vae desde já mostrando que se não satisfaz com rhetorica. Se deixamos continuar as cousas no pé em que estão, chegamos fatalmente ao ponto de não podermos realisar o nosso direito; e quanto mais tempo nos demorarmos n'esta peccaminosa indecisão, mais nos approximamos d'esse termo, e mais difficil será evitar a catastrophe.

A colonia de Angola tem vivido desde sempre sem vizinhos por todos os lados. Isto devia incutir-lhe habitos de descuido e preguiça, provenientes da falta dos estimulos da comparação e concorrencia.

A situação de Moçambique fazendo-lhe costas, por serem ambas propriedades do mesmo dono, devia augmentar ainda o mal. E assim succedeu.

Angola, que tem já quatro seculos de idade, é creança ainda para a sciencia, para a arte, para a industria e para o commercio. Se ella se conservasse sem vizinhos, e a tutela da metropole não fosse exercida com mais vigilancia, corria o perigo de voltar á selvageria primitiva, depois de absorvidos os elementos civilisadores, que por cá se têem empregado. Mas o mundo progride, e os sertões vizinhos de Angola não podem ficar eternamente estacionarios.

O germen da vida nova está lançado já na Humpata, no Bihé, no Zaire e em Landana; e a Allemanha procura terrenos para a sementeira nas immediações do Mantianvo. Se deixâmos formar e crescer colonias ao lado da nossa, conservando-nos estacionarios, somos condemnados a ver constrangidos por ellas os nossos indefinidos limites. Ficaremos então possuidores sómente da zona do

littoral, arida, insalubre e miseravel. Fugir-nos-ha todo o commercio sertanejo.

Ficaremos sem industria e tendo apenas para a agricultura as lezirias infectas de alguns rios. A navegação fugirá da nossa costa, como o diabo da cruz. E a morte, perseguindo-nos por todos os lados, dar nos-ha o ultimo golpe sobre as ruinas das nossas já de ha muito desmanteladas fortalezas!

Os boers vieram procurar-nos: e nós recebemol-os com carinho paternal, installando-os na Humpata e dando-lhe meios de vida commoda e segura. Cumprimos o nosso dever de christãos e de homens civilisados, sobretudo; mas temos pensado só n'elles, pondo de parte todos os nossos interesses. Avise-nos do perigo o desastre do viajante, que segundo diz o apologo, acalentou a serpente entorpecida.

Os boers estão saturados de um vigor, que resistiu a mil provações, e são energicos, altivos e de caracter independente. Se estão atrazados no caminho da vida civilisada, têm a força sufficiente para galgarem de um pulo a distancia, que os separa d'ella.

Prudentemente aproveitados por nós, misturando-lhe uma colonia portugueza, superior em numero, que os absorva e assimile, os boers prestar-nos-hão o mais poderoso de todos os auxilios na colonisação e engrandecimento da provincia.

Deixados entregues a si e no goso do conforto, de que os cercámos, podem ser a causa de perda do districto de Mossamedes, de todo o paiz do Nano, a E. de Benguella, e... quem sabe de quanto mais?!

Vimos passar em Benguella para o Bihé, e ajudamol-a no seu transito, uma missão americana, que foi lá estabelecer-se. Não podiamos, nem deviamos, impedir-lhe a passagem, e era até justo e decente que a auxiliassemos, como auxiliámos. Mas devemos lembrar-nos, de que as missões são um dos titulos, que invocamos para justificar os nossos direitos á costa do norte. Que esta idéa nos alumie e incite no caminho, que temos a seguir. Tambem vimos passar successivas expedições allemãs para leste de Malange, constando que ellas se propunham a creação de uma colonia lá para o Mantianvo, como fim ultimo das suas explorações scientificas.

Da missão de Landana já fallei.

Vou agora dizer alguma cousa do que mais avulta e mais de perto diz respeito ao meu trabalho.

Quando Stanley fez a travessia de Africa, viu na bacia hydrographica do Zaire, completamente desaproveitado pela civilisação e inexplorado mesmo, o local para uma grande colonia ou até para um imperio respeitavel. E o seu genio emprehendedor não o deixou fruir no meio culto, os bens adquiridos pelo arrojo e bom resultado da sua expedição.

Era-lhe preciso continuar e morrer, mesmo, no caminho da gloria!

Fez pactos secretos com o rei da Belgica, organisou uma expedição formidavel, á frente da qual se collocou, e dirigiu-a ao Zaire.

Este grande rio, provindo de uma latitude S. superior ao decimo grau, e da longitude approximada de 25° ou 26° E., segue por muito tempo o rumo geral do norte, depois vae inclinando para NO. até encontrar quasi o segundo grau dc latitude N., e d'ahi continuando a curva começada e tomando o rumo de SO. vem ao Atlantico no 6.° de latitude S.

E' navegavel durante todo este enorme trajecto com excepção do espaço cortado de cataractas, comprehendido entre Vivi ou Ielalla, que fica a 5° e 40′ latitude S. e 14° longitude E. e Stanley Pool, que está em 4° e 12′ S. e 19° E. approximadamente.

Para cima de Stanley-Pool pela margem esquerda vae recebendo grandes confluentes, desde o Cuango e Cassai até ao Lualaba, que todos atravessam regiões ainda não exploradas. Pela margem direita succede-lhe outro tanto.

Estes confluentes indicam pelo seu volume de agua e pela altitude, em que desaguam, ser navegaveis tambem; e por estas circumstancias e pela de se acharem muito proximos uns dos outros dão a esperança de ir encontrar na sua passagem paizes enriquecidos pela abundancia das chuvas.

A E. de tudo isto estende-se a rica região dos lagos, já conhecida em parte.

O Zaire offerece na foz um porto de primeira ordem com muitos fundeadouros proximos de terrenos devolutos, onde possam construir-se todas as edificações e mais obras necessarias ao seu trafego.

Tudo isto é sabido, principalmente depois que tiveram publicidade os trabalhos de Stanley.

Depois de vencidas por um caminho de ferro as 70 leguas furtadas á navegação pelas cataractas, fica toda essa extensissima região servida de viação commoda, poderosa e barata, e em communicação facil e rapida com todos os grandes centros do mundo civilisado.

Stanley vira tudo isto na sua passagem, e como a região era desconhecida e sem patrono, quiz dar-lh'o fazendo d'ella uma colonia, ao passo que a fosse tornando productiva e util para a humanidade.

Estas são, segundo me parece, as causas geraes da expedição de Stanley.

Esta expedição é belga, e quasi toda composta de belgas. Deve dispor de um capital enorme, como já tive occasião de dizer, e tem muitos homens de sciencia no seu seio. São todos, ou quasi

todos militares, e parecem ainda regidos pela disciplina militar. Estão distribuidos por muitos pontos nas magens do Zaire, desde Vivi até perto das suas nascentes. A estes pontos chamam estações.

Todas são, pouco mais ou menos, como as de Vivi, de que já dei rapida noticia. A de Stanley-Pool pela sua situação e pela importancia, que desde já se lhe attribue, parece destinada a ser a capital de um grande imperio. As estações conservam as guardas avançadas da expedição ligadas sempre com a Europa, e fortalecidas e auxiliadas com todos os soccorros possiveis.

Todas vão alargando successivamente o circulo da exploração, percorrendo os rios, que lhe ficam proximos, estudando-lhe as condições de navigabilidade e as aptidões dos terrenos adjacentes, e entabolando negociações com o gentio.

O grosso da expedição tem sido directamente commandado pelo proprio Stanley com o nome de expedição ou secção *scientifica*, e uma pequena parte d'esta tem o nome de secção commercial. Para esta secção tem-se feito acquisição de alguns homens com pratica de commercio da costa em geral, e em especial do do marfim.

Pertence a esta secção a casa de Bôma, que já indiquei, e algumas outras que funccionam já, ou estão prestes a funccionar junto das estações pelo rio acima.

Todos os mezes chegam ao Zaire novos reforços de gente e meios para esta expedição colossal.

E nós, de braços cruzados, a ver o incendio lambendo já a testada do nosso predio!

A vida da provincia de Angola tem sido e é commercial. A agricultura principiante tem contra si, por ora, muitas adversidades, que só muito tarde e com melhoramentos importantissimos poderão mitigar-se e vencer-se.

Os melhores productos que Angola negoceia são o marfim, a cera e a borracha. Os outros são menos importantes e só offerecerão lucros, emquanto o gentio não acabar de convencer-se, de que o tempo vale dinheiro, e o seu trabalho applicado á cultura da ginguba póde produzir mais em outra industria. Já temos exemplos d'isto nas margens do Quanza.

A cera, a borracha e o marfim têem sido explorados de um modo irracional e tendente a esgotar-lhes as fontes.

Os elephantes têem sido tão perseguidos, que hoje só apparecem lá para o coração de Africa, ou onde as caravanas e as explorações ainda não abriram relações do indigena com o mundo civilisado. A cera tem-se colhido sempre sem cultura, extinguindo os enxames, e se um ou outro gentio colloca sobre uma arvore uma velha *sanga* ou uma casca em fórma de cylindro occo para a habitação do enxame, podem os miseros hymenopteros ter a

certeza de serem desalojados e mortos, logo que tenham construido e enchido os seus favos do appetecido mel.

A borracha foi tão barbaramente colhida durante os poucos annos, que tem durado a sua exploração, que hoje é difficil encontrar a planta n'uma grande zona a partir do littoral em toda a região, que a tem produzido. Cortava-se pelo pé julgando que assim dava mais latex, e ainda se lhe arrancavam as raizes, impossibilitando-a de reproducção, para lhe tirar a sua pouca seiva pela compressão.

De maneira que estes ricos generos africanos procedem hoje das solidões inexploradas, e essas ficam muito longe, lá onde Stanley poz as suas vistas.

Os negociantes sertanejos e o gentio mesmo têem vencido essas enormes distancias com coragem e trabalho incalculaveis, por menosprezarem o tempo, não conhecerem outro caminho mais curto a seguir, nem outros *brancos*, que lhe comprem os seus generos a troco das ambicionadas fazendas. Nós não tinhamos vizinhos na costa occidental de Africa, nem para o norte, nem para o sul, que nos viessem fazer concorrencia. Nunca pensámos em abrir ao commercio caminhos seguros, commodos e baratos, assim como não tinhamos pensado em conservar-lhe as fontes. E as correntes commerciaes do interior, sempre incertas, indecisas e á mercê das guerras gentilicas, ora derivavam mais pelo norte, ora mais pelo sul, ora appareciam imponentes e ricas, ora desappareciam pobres e perseguidas. Abriam-se mercados por mero capricho da sorte, em logares reprovados pela razão, para florescerem e morrerem em curto periodo. Entabolavam-se relações com um potentado, que chegou a comprehender as vantagens d'ellas, para na viagem futura se ir encontrar no logar d'elle um outro que, por selvagem ou por supersticioso perseguia os commerciantes, etc., etc.

E nós sem remediarmos nada d'isto. Mais ainda: sem pensarmos em assegurar e melhorar o littoral, para partirmos d'elle para o interior com a civilisação do seculo XIX!

Stanley viu isto tudo, desde que fez a travessia da Africa, e pensou em aproveitar o que nós desprezámos.

Dirigiu-se ao Zaire. Alli achou um portico grandioso que desde logo projectou emmoldurar no seu phantasiado edificio; appeteceu-lhe de certo apossar-se d'elle ao vel-o sem sentinellas -- a ultima guarda posta lá pelo proprietario primitivo fôra levada pela cheia— mas os chacaes e as hyenas, que rondavam já o supposto moribundo, rosnaram, e elle passou sem lhe tocar.

Seguiu para E. consolando-se com a esperança de arranjar sahida; e transpoz com uma coragem inaudita os rapidos de Vivi no seu vapor de desoito milhas. O barquinho rodopiava nos turbilhões, como um bogalho na cheia; obedecia com difficuldade á voz

do seu dono, mas ia subindo. Os jorros enormes do Ielalla estavam-lhe pela prôa ameaçando tragal-o, e a jusante os rapidos de Vivi, segundo a opinião mais provavel, tinham sempre negado ingresso a qualquer barco aventureiro.

As margens alcantiladas eram muralhas sem portas: não havia accesso em toda a sua extensão. N'esse reducto de agua e pedra, insuperavel por todos os lados, o heroe cheio da satisfação intima de quem chega, onde jámais alguem chegou, e toma posse da verdadeira *res nullius*, exclamou, «isto é meu!» O seu grito foi perder-se nas zoadas do Ielalla. E então surgia de entre os cachões, em logar de todo inaccessivel, um pedregulho gigante tendo gravado, lá bem alto, o brazão de Portugal.

Era o castello inexpugnavel da coragem portugueza, era o protesto sereno e firme que do abysmo sonoro se levantava para bradar a Stanley: leva para E. os confins orientaes do teu imperio, que isto aqui ainda é dos portuguezes; vence-os em proveitos, se poderes, mas põe de parte a esperança de os exceder em coragem!

E o grande Stanley, humilhado, foi para E. E nós ficámos mudos e inertes, como o padrão do Ielalla.

Quando chegou lá a cima, já no planalto, onde o rio farto de mimos e descanço se alarga e espreguiça preparando-se para a sua tarefa de saltos pelos asperos fraguedos, as solidões de S. a E., interceptando o nosso contacto, deram-lhe o desejado isolamento. O ruido das cataractas tinha abafado os echos da nossa fama.

O Gabão ficava-lhe muito longe para ONO., e pelo N. dormia o desconhecido. Aquelle logar, similhante a um coração estupendo, recebia de mil veias o sangue do movimento para o transmittir por uma só arteria á grande vida social.

Devia ser alli sacrario das suas esperanças, porque elle depositou lá o nome com affecto do creador para a creatura:—chamou-lhe Stanley-Pool!

Ora grande parte da vida que vae animar esta futura cidade pertence-nos actualmente a nós, porque alli descerá forçosamente todo o commercio dos valles do Cuango e Lualaba, e dos sertões intermediarios, o qual até aqui só se fazia pelo Bihé, ou por Cassange, com Benguella ou Angola. O pouco marfim que de lá derivava para os pontos comprehendidos entre o Quicembo e a Moculla, tambem será arrastado na torrente e descerá o Zaire.

Se não acudirmos a tempo, e conjurarmos esta calamidade imminente, podemos julgar a provincia de Angola na situação desesperada de um corpo que se esvae em sangue pelas arterias não laqueadas de uma amputação desastrada. E com o sangue vae-se a vida!

Vamos depressa postar-nos na embocadura do Zaire para evi-

tarmos a amputação e estudarmos o remedio que nos livre da morte. Vamos occupar a costa do norte!

E' difficil por ser tarde; mas nós herdámos as tradições gloriosas de muitos heroes e a voluntariedade diplomatica de alguns estadistas de talento, e temos obrigação de honrar essas memorias venerandas. Temos o dever de luctar pela vida, porque ainda estamos vivos, e emquanto ha vida ha esperança. Occupemos a costa do norte, e não cedamos nem um palmo de terreno comprehendido nos nossos direitos reservados. Exige-o a nossa politica e aconselha-o a ethnographia.

Do que eu tenho dito já posso concluir, que a occupação parcial de Loge até ao Zaire não impede o mal que está imminente; mas accresce ainda que ella o augmenta. E' verdade que nós temos desde a ponta do Padrão até á povoação de Pinda ou ao sitio do Convento, um logar para o desenvolvimento de uma cidade. Ficava-lhe em frente e já do lado de dentro do rio a magnifica bahia de Santo Antonio, que ainda hoje é o que era para os nossos galeões—um porto amplo, seguro e commodo. Mas esta cidade seria um umbral só da grande porta do Zaire, e o outro com o vão d'ella ficariam para os extrangeiros, que abusariam da partilha e da vizinhança. Mas esta cidade nem teria agua boa e abundante, nem seria a cabeça de um paiz de campinas, ameno, salubre e colonisavel. Mas esta cidade, emfim, seria a melancholica espectadora da prosperidade alheia, eternamente condemnada a vêr passar deante de si os trens da opulencia, que a salpicariam da ignominiosa lama!

Do Zaire até ao Loge, na zona da beira-mar, os terrenos são aridos e em geral pobres de tudo. São o mesmo que d'alli para o sul: musseque cortado aqui e além por um pequeno rio, que vem de longe, e só mantem a vegetação no valle onde chegam as suas aguas. O que são estes terrenos dil-o a zona de entre Quanza e Bengo, ou de entre Bengo e Dande.

A região que a E. confronta com esta, onde começa o desnivel para o planalto, é montanhosa e coberta de vegetação arborea gigantesca: é a continuação de Cazengo, Golungo-Alto, Dembos e Encoge. E estes pontos já são de mais para esgotarem a nossa força e aptidões para a cultura do café e similhantes. De maneira que, occupando só desde o Loge até ao Zaire, não conseguimos nenhuma das vantagens da occupação da costa do norte; e acabamos de esterilisar os nossos esforços agricolas, se quizermos distribuir por toda a região os meios e as forças, que temos concentradas do Loge e Encoge para o sul.

Os extrangeiros comprehendem bem isto; e por isso estão sempre promptos a confessar que do Zaire para o sul tudo é nosso, e a negar que tenhamos alguma cousa do Zaire para o norte. Mas o que elles dizem exprime um sentimento vil e nada mais. Preci-

samos absolutamente do pedaço que vae do Zaire ao Chiloango, são só porque com elle obrigamos a passar-nos por casa todo o futuro commercio de Stanley, mas e principalmente porque aquelle é o territorio, que mais commodamente podemos colonisar em toda a provincia de Angola.

Se não nos preparamos para a occupação, antes de arreigada a colonia de Stanley, temos depois mais essa difficuldade a vencer. E afigura-se-me que não será a mais pequena. A região comprehendida entre o Loge e o Chiloango é povoada por uma só tribu, dividida em tres familias: Congo, Mussorongo e Cacongo. Attestam-n'o a lingua, os usos e costumes, a legislação, as superstições, a organisação da familia e a antiga organisação politica.

A familia do Congo propriamente dita ainda hoje occupa o territorio, em que estava, quando a conhecemos. Estende-se desde o Mossulo que lhe fica ao sul até ao Sonho, que lhe fica a NO.; alcança as margens do Zaire a N. do Sonho, e alarga-se para E. até encontrar a Ginga. Hoje nem todos os regulos do Congo se conservam na dependencia do rei do Congo. Teem-se ido emancipando successivamente, e a importancia do suserano é actualmente pouca e igual, ou talvez mesmo excedida pela de alguns outros.

Elle é mais considerado pelo mundo civilisado, do que pelos indigenas, e isto por causa da missão de S. Salvador, que tem chamado a attenção das vistas extrangeiras e attrahido mesmo para lá a missão protestante e alguns negociadores. Mas o contacto da civilisação que devia levantar o rei do Congo, dando-lhe força e dirigindo-o no caminho do progresso, tem sido uma das principaes causas da sua decadencia, porque o tem effeminado e amolecido com o systema dos presentes, principalmente depois que tivemos extrangeiros a fazer-nos concorrencia ás suas boas graças. O rei e a sua côrte perderam a antiga tempera e os habitos de viverem com os seus recursos. D'aqui resultou a emancipação de muitos regulos suffraganeos.

Mas estas desmembrações não são tão antigas, que tenham quebrado o laço de irmandade que existia entre os povos, que conservam a mesma lingua, usos e costumes, etc.

A familia mussorongo occupa o territorio marcado na carta do marquez de Sá com nome de Sonho. Esta familia estava ainda na sujeição do rei do Congo, quando elle se constituiu vassalo de Portugal e tinha por chefe um dos titulares da côrte do Congo, creados por el-rei D. Manuel.

A familia mussorongo é talvez mais intelligente e corajosa que a do Congo propriamente dita. Teem apparecido n'ella em todos os tempos regulos e principes muito atrevidos para comnosco, mesmo depois de severamente castigados. Os mussorongos que habi-

tam as margens do Zaire até Ponta da Lenha pelo norte e até ao Sacara N'baco pelo sul, são ainda hoje velhacos e temiveis. Têem organisação e aptidões proprias para viverem nos pantanos das margens e ilhas do Zaire, e são habilissimos em conduzir as suas pirogas. Póde considerar-se sua capital a povoação de Pinda, perto do antigo convento de Santo Antonio. No convento e nas feitorias portuguezas de Pinda aprenderam elles desde o seculo XV a considerar os portuguezes como homens superiores, mas em todo o caso homens apeados da reputação extraordinaria, sobre-humana, que a superstição gentilica attribuia aos *brancos*. A sua lingua, usos e costumes, etc., fazem pequenissimas differenças dos do Congo, propriamente dito. Alguns regulos mussorongos vivem ainda na margem direita do Zaire até Ponta da Lenha, mas os seus estados não vão além das lezirias e ilhas do rio, e vê-se que o estabelecimento d'elles é recente, porque todas as grandes solemnidades têem logar na outra margem, para onde se transportam em pirogas com esse fim. Estão n'estas circumstancias o Ne-Melau, Ne-Tone e outros.

A familia de Cacongo (esta palavra parece ter origem portugueza: Cá Congo, a quem do Congo) estende-se desde as margens do Zaire até Bôma, para norte até ás margens do rio Chiloango ou Cacongo, confinando a E. com os povos de Maiombe. Comprehendem-se nos Cacongos os Cabindas e os Molembos, que occupam os logares, que lhe estão marcados na carta do marquez de Sá, mas são conhecidos em geral todos pela designação de cabindas.

A familia cacongo é effeminada e irresoluta, talvez pela acção emoliente do meio paradisiaco em que vive. Em caracteres antropologicos parece, á simples vista, não ser inferior a nenhuma das outras duas. Tem ha muito tempo contacto comnosco, e está muito trabalhada pela nossa influencia. A vizinhança de uma praia extensa, piedosa e livre de temporaes creou-lhe habitos da vida maritima.

E estes exercitados a bordo das nossas embarcações de guerra e cabotagem, tornando-lhes mais continuo e extenso o contacto comnosco, habilitaram-os para os officios mechanicos.

Em Cabinda apparecem lavadeiros, cozinheiros, alfaiates, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, tanoeiros, etc., com facilidade.

Será difficil precisar a epocha, em que a familia Cacongo se emancipou do dominio do rei do Congo, mas esse dominio e suzerania existiu com certeza, porque ainda hoje nas grandes solemnidades existem ceremonias que indicam a dependencia; e as tradições d'ella estão vivas ainda. A lingua e as superstições apresentam algumas pequenas differenças; mas as differenças da linguagem indicam mais o dialecto, do que a lingua diversa. Qualquer preto do Congo que nunca tivesse ouvido fallar um cabinda entende-o, quando o ouve, e vice-versa.

Nas superstições nunca fui attrahido por uma cousa nova para mim que me não conduzisse á crença e ritos communs a todas as tres familias.

De sorte que estes povos, que hoje nos apparecem desunidos, são irmãos. As pequenas differenças ethnographicas e anthropologicas talvez que alli se notem poderão de certo attribuir-se á diversa natureza dos meios, em que vivem.

A similhança que elles têem uns com os outros, a sua indole e aptidões facilitam muito, como é obvio, a nossa colonisação e administração. A occupação portanto deve ser inteira e continua, do Loge até Chiloango, se quizermos attender ao conselho da ethnographia. Mas deve tambem realisar-se sem perda de tempo. Cada companhia, cada negociante extrangeiro ao estabelecer-se na costa do norte, contemplando a opulencia da região e o nosso abandono, sente impetos de a entregar ao seu governo para que a explore e colonise. E até ha uma companhia, que parece ter phantasiado lá um estado independente, governado por ella! Esta gana porém tem-se desvanecido sempre deante dos numerosissimos cunhos da nossa propriedade.

Mas a cubiça incita-os, e o nosso descuido faz-lhe negaças. Aventuraram um ou outro piparote, que ficou impune, e a impunidade anima-os. Chegam até a suppor-nos na agonia do nosso calvario, e jogam dados sobre a nossa tunica!

A feitoria hollandeza de Banana, tão prodiga em salamaleques e cumprimentos, não sauda os navios de guerra portuguezes, que fundeam alli, içando-lhe a sua bandeira, senão a troco das sete libras extorquidas leoninamente por um empregado seu, que serve de piloto. Quando algum navio nosso demanda o porto, sem pedir pratico, ella não o vê. Se é de outro paiz o navio, que demanda a barra, inglez por exemplo, então o caso é outro: iça bandeira; e prepara uma recepção pomposa. O seu caixeiro-mór arranjou o titulo de «tio» para se assimilhar, naturalmente, ao imperador de todas as Russias a quem os subditos chamam «pai». Pois este tiosinho (eu não lhe quero chamar paisinho para não offender a sua modestia) deu ordem para me ser negada entrada, informações e auxilios de qualquer natureza em todos os seus dominios. E eu, está claro, fiquei aniquilado. Não pude estudar; não pude ver nada; nem mesmo pude chegar a descobrir este segredo de gabinete!

Este facto demonstra apenas além de um odio pueril, ridiculo e esteril, que em Loanda, ou não sei onde, houve um portuguez indiscreto, não sei até que ponto.

O medico da missão ingleza, *Livingston Congo Inland Mission*, disse-me abocanhando a lingua de Victor Hugo, que os portuguezes não possuiam um palmo de terra ao norte do Zaire. Foi castigado da blasphemia no proprio dia, em que a proferiu; porque foi

obrigado, como já disse, a tomar de arrendamento, por 54$000 réis annuaes para construir um armazem, 900 metros quadrados de terreno d'aquelle que eu tinha descoberto dentro da ilha, que por esse motivo ficou designada pelo meu appelido.

Agora vou mandar-lhe um exemplar, em francez, do livrinho do visconde de Santarem para elle aprender historia de Portugal e lingua franceza.

Os inglezes não se descuidam de tramar contra nós. Já apontei o facto do fornecimento das armas e meios ao principe de Cabinda em hostilidades contra outro que nos era affeiçoado, a troco só da *insignificancia* de levantar a bandeira ingleza nos seu estados. Vi-a lá, quando lá fui.

Elles fazem pagamentos em shillings e libras com uma teimosia, que afinal vae sendo coroada de bom exito; e distribuem gratuitamente illustrações inglezas, só para obrigar o indigena a desaprender a contagem das macutas e a familiarisar-se com a lingua ingleza.

Elles contam aos cabindas e aos mussurongos historias *curiosissimas* para nos apearem do pedestal da gloria, em que alli somos ainda conservados.

Elles e os demais extrangeiros vão dizendo já com reservada intenção, que a costa do norte será definitivamente occupada e possuida pelo paiz, que mais trabalhar para a civilisar, etc., etc.

Mas tudo isto é pensamento e obra puramente particular, e por isso pouca importancia tem, segundo me parece. Porém o governo de Sua Magestade deve saber mais alguma cousa, que eu não tenho competencia para dizer-lhe. E isso deve estar em harmonia com o seguinte facto.

Não sei de nojo como o conte.

Em certo dia de um dos ultimos annos veiu fundear na embocadura do Zaire uma esquadra. Vinha fazer conselhos de guerra com execuções capitaes, ou cousa que o valha. Concluido o serviço, no fim de dois ou tres dias, começaram a destroçar os navios, ficando afinal um só fundeado em frente do Padrão.

Ia alta já uma esplendida noite de luar, quando os murmurios da praia foram subjugados pelo repetido estrondear do canhão.

No dia seguinte appareceram de menos o navio e... o Padrão!!!

Este monstruoso sacrilegio teve testemunhas.

O portuguez Manuel Joaquim de Oliveira, ha muitos annos estabelecido no Zaire, assegurou-me que presenceou o crime, apontando-lhe muitas testemunhas vivas ainda, e que com o auxilio de um oculo de alcance pôde do seu mirante da Moanda na vespera do attentado ver fluctuar em toda a esquadra, e no navio sacrilego, a bandeira ingleza!!!

Agora dizem os roteiros que o Padrão, levantado por Diogo Cam em 1484 e reconstruido posteriormente duas vezes, fôra afinal levado por uma cheia...

É tempo de corrermos em defeza da nossa propriedade!

Nem os nossos interesses, nem a epocha, nos aconselham o emprego das armas. Nem o caso será para tanto. Os indigenas não foram, nem são rebeldes, e os extrangeiros tentaram apenas ver se a propriedade estava abandonada, para a utilisarem.

Devem ser outros os nossos meios a empregar. Habilitemo-nos a entrar em pleito com a certeza de o ganharmos, pela evidencia da nossa justiça; e chamemos a elle todos os que têem perturbado ou aggredido os nossos direitos para os convencermos, de que são nossos, e queremos fruil-os.

Depois, não tornemos a dar azo no futuro, a que um descuido nosso venha obrigar-nos a sustentar nova questão internacional.

Temos a historia, e temos o direito a nosso favor. Já é muito.

Mas nós podemos e devemos ter mais.

Precisamos de mostrar que na actualidade fazemos alguma cousa pela nossa propriedade, para respondermos tranquillos áquelles, que estão promptos a exgotar os seus thesouros para sustentar a questão contra nós. Sejamos prudentes e economicos na escolha d'esses meios, e empreguemol-os sem perda de tempo.

Vamos depressa, que, se formos já, podemos entrar em competencia com qualquer nação rica, sem receio, empregando apenas insignificantes meios. Mais tarde, teriamos de combater o oiro com oiro; e n'esse campo... ai de nós!

Envolvâmo-nos mais directamente na vida d'aquelle rico paiz.

Vamos atar o fio quebrado e quasi perdido das nossas tradições, e não tornemos a perdel-o.

Agora já temos de evitar os azedumes provenientes da cubiça alheia contrariada, e por isso somos obrigados a segredo, prudencia e disfarce.

Empreguemos tudo isso.

Fundemos a missão da Moanda, para civilisar o indigena e colonisar o paiz.

O governo sabe melhor do que eu, se lhe convém ouvir o bispo do Gabão, e em que termos lhe fallará.

Organisemos a companhia portugueza para libertarmos os portuguezes do jugo do commercio extrangeiro, para corrigirmos a vaidade e o abuso das grandes casas, e para dominarmos e civilisarmos pelo commercio. João Luiz da Rosa é o depositario do terreno que escolhi para ella. Quando se organise, e o terreno lhe seja necessario elle o entregará pelo preço do custo. Obrigou-se a isso por documento que está em meu poder, á disposição do governo.

Aproveitemos desde já as boas disposições extrangeiras, e fundemos na margem esquerda da foz do Zaire, no local onde esteve o padrão, uma estação de pilotos, para serviço dos navios portuguezes e dos extrangeiros, que não quizerem ser extorquidos pelo empregado da feitoria hollandeza.

Esta estação deve substituir o antigo padrão com vantagens para nós. Ao menos teremos alli quem venha dizer-nos a que alvo se dirigem as ballas dos navios de guerra da nossa fiel alliada.

Este estabelecimento poderá ficar sendo uma dependencia da estação naval de Angola, até que o venha a ser da capitania dos portos da provincia.

Logo depois de fundada, a estação de pilotos póde começar a tornar-se util, e sympathica mesmo, para todos os commerciantes do Zaire em geral, encarregando-se do correio e dividindo esse trabalho com o portuguez João Ferreira de Abreu, que actualmente está encarregado d'isso. A nossa politica lucra porque a instituição do correio que entrou sem caracter official, e foi bem acceita, porque é util, passa a ser repartição do correio inteiramente publica e dependente da central de Loanda. Não digo mais nada sobre a organisação da estação de pilotos, porque ou a estação naval ou a capitania dos portos sabem melhor o que têem de fazer, do que eu saberia indicar-lh'o.

Introduzamos a nossa moeda metallica, a de prata principalmente, em toda a costa do norte, e com especialidade desde o Zaire até ao Chiloango inclusivé, para destruirmos o pessimo effeito e grande mal, que nos está fazendo a moeda ingleza de prata.

Se os cabindas não fossem tão frequentadores de Loanda, já não conheciam a nossa moeda lá, porque, lá, no seu paiz, só lhe apparecem shilings. Isto é vergonhoso e prejudicial para nós!

Estude a questão quem tiver competencia para isso, mas resolva-se sem perda de tempo, se convém introduzir a nossa moeda, tal qual circula no continente, ou se será melhor cunhar outra para a provincia, e espalhe-se por alli immediatamente.

A companhia que se organisar será um auxiliar poderosissimo para conseguir esse fim, e ella deve prestar-se a isso. Pódem tambem concorrer para isso a missão, os paquetes portuguezes e a estação de pilotos.

Consiga-se que os paquetes portuguezes vão immediatamente tocar em Banana. Elles lucram muito em passagens e fretes. O movimento de passageiros é já hoje muito grande d'aquelle ponto para a Europa; e maior será, quando os paquetes portuguezes lá vão, porque as viagens dos paquetes inglezes são muito demoradas e incommodas, e além n'isso os nossos paquetes offerecem aos passageiros do Zaire mais conforto e economia. Os portuguezes da costa do norte não farão as suas viagens, senão em paquetes por-

tuguezes; e aos missionarios inglezes e aos empregados de Stanley ouvi muitas vezes dizer, que suspiravam a vinda dos paquetes portuguezes, para fazerem viagens mais rapidas e amiudadas á Europa. Os hollandezes reconhecem tambem as vantagens dos paquetes portuguezes, para elles e para a empreza, mas parece-me desejarem fazer o sacrificio d'esse interesse, para impedir a importancia que elles nos vão dar no Zaire. Esta effectivamente deve ser muito grande para nós, porque elles vão encurtar a distancia e pôr a descoberto a importancia do Zaire, alimentando a curiosidade e o patriotismo da metropole com noticias frequentes e detalhadas, que darão completa idéa do que elle é. E logo que seja conhecido o Zaire e o territorio de Cabinda e Molembo, devemos ter aberta para alli uma corrente espontanea de emigração, que em breve nos assegure a posse effectiva de toda a costa do norte.

Devemos, sem perda de tempo pelos meios, que apontei, ou por outros que pareçam melhores, tentar a nacionalisação das missões catholicas francezas, pretextando n'ellas uma escóla pratica para os nossos missionarios.

Introduzir-lhe-hemos missionarios portuguezes, que nunca mais as abandonarão; e depois, a pretexto de qualquer necessidade urgente ou grande, enviaremos padres francezes, já *nacionalisados*, exercer as suas funcções nas missões fundadas por nós. Com isto absorveremos os missionarios francezes e faremos abortar direitos futuros, que elles estão já creando para a França.

Isto póde fazer-se sem manifestação das nossas intenções reservadas, ou, pelo menos, sem que alguem possa chamar-lhe actos de occupação, apesar da cubiça e vigilancia dos extrangeiros. E ninguem dirá que eu aconselho a Portugal ou á provincia de Angola sacrificios grandes, ou inuteis.

Depois de feito tudo, suscitaremos o pleito, chamando a elle todos os implicados na questão, e podemos ter a certeza de vencer, não só pela nossa justiça, mas principalmente pela abstenção reciproca, a que as grandes nações serão obrigadas pelo respeito e temor umas das outras.

Não tive á minha disposição, para o presente estudo, senão a costa do norte, que percorri, as informações que pude obter e apurar, e a analyse e confrontação dos factos e objectos observados.

Não me foram fornecidos nenhuns documentos, nem outros meios, pelos quaes eu podesse saber a historia da questão até á actualidade; nem me é dado commungar nas altas regiões politicas ou diplomaticas. Portanto ignoro qual seja lá o estado da questão da occupação da costa do norte.

Mas prezo-me de ser portuguez, e por isso, para me guiar no campo das instrucções que recebi, fui-me inspirar nas gloriosas tradições de Portugal e no amor da patria.

Nem mesmo eu posso comprehender como a nação portugueza, que é pequena e tem muito que fazer em casa, deva ir trabalhar só pela humanidade, sacrificando os seus filhos e a si propria.

O que seria ir civilisar os indigenas de entre Loje e o Chiloango, sem com esse facto desejar conseguir a occupação da costa do norte? Era uma calamidade muito complexa, onde avultariam erros e prejuizos, capazes de fazer perder Angola, dando-nos o epitheto de loucos. Derivando para lá as nossas forças, deixavamos de occupar e civilisar o Mossulo, os Dembos, a Quissama, etc., defraudavamos a civilisação dos nossos concelhos sertanejos, e até das povoações importantes e da capital da provincia, porque já não são de mais os nossos recursos para tanto; e iamos crear e armar contra nós e á nossa porta um inimigo, sem termos em casa armas para nos defendermos d'elle. Era entregar a nossa força aos extranhos, para morrermos de braços quebrados. Era uma loucura! Já fizemos muito pela humanidade, mas temos ainda muito que fazer por ella, antes de lhe sacrificarmos a vida!

A protecção aos portuguezes por lá existentes, no caso de não occupação, tambem não deve ser mais prompta e efficaz, do que a que se dá aos que vivem n'outros pontos da costa e do mundo, onde ella é precisa. É a justiça que assim o manda. Não podia portanto deixar de attender ao que me pareceu ser o interesse politico de Portugal.

Foi dominado por estas idéas que eu, sempre que visitei portuguezes em feitorias portuguezas ou extrangeiras, os confirmei na fé e animei na esperanca de que Portugal iria finalmente tomar posse da propriedade, e melhoral-a.

As confidencias foram feitas em dóse compativel com a prudencia dos que as recebiam. A graduação das dóses foi-me necessaria, não porque encontrasse falta de patriotismo em portuguez nenhum, mas porque alguns prejudicariam as suas boas intenções, manifestando pela patria um amor ignorante, imprudente ou violento mesmo.

Usei da prudencia que me fôra recommendada e das reservas qne me pareceram convenientes, e com ella colliguei todos os portuguezes para servirem a patria, e dei-lhes por chefes, no Zaire, João Ferreira de Abreu, e em Landana e Chiloango, João José Rodrigues Leitão. O primeiro é meu conhecido de ha muitos annos : posso garantil-o como cidadão patriota, commerciante honrado, habil e instruido e como homem de bem. Do segundo tive em toda a parte as melhores informações, para poder affirmar o mesmo.

Deixei-os encarregados, a cada um no seu respectivo districto, de manter os portuguezes todos colligados no desejo e na esperança da nossa occupação da costa do norte; de vigiarem as in-

tenções e obras dos extrangeiros, dando parte para o governo geral da provincia de tudo o que lhes parecer digno d'isso, e de proporem ao mesmo governo as medidas que lhes parecerem uteis para manter e augmentar o nosso prestigio, para proteger os portuguezes e para frustrar os planos das nações cubiçosas.

Obriguei-os, sob palavra de honra, a serem discretos, prudentes e tolerantes para com os portuguezes e absolutamente reservados para com os extrangeiros. Elles acceitaram gostosamente o encargo, e prometteram-me desempenhar-se o melhor que lhes fosse possivel.

Devem mandar-se-lhes alguns exemplares em portuguez do livrinho do visconde Santarem para elles distribuirem pelos portuguezes.

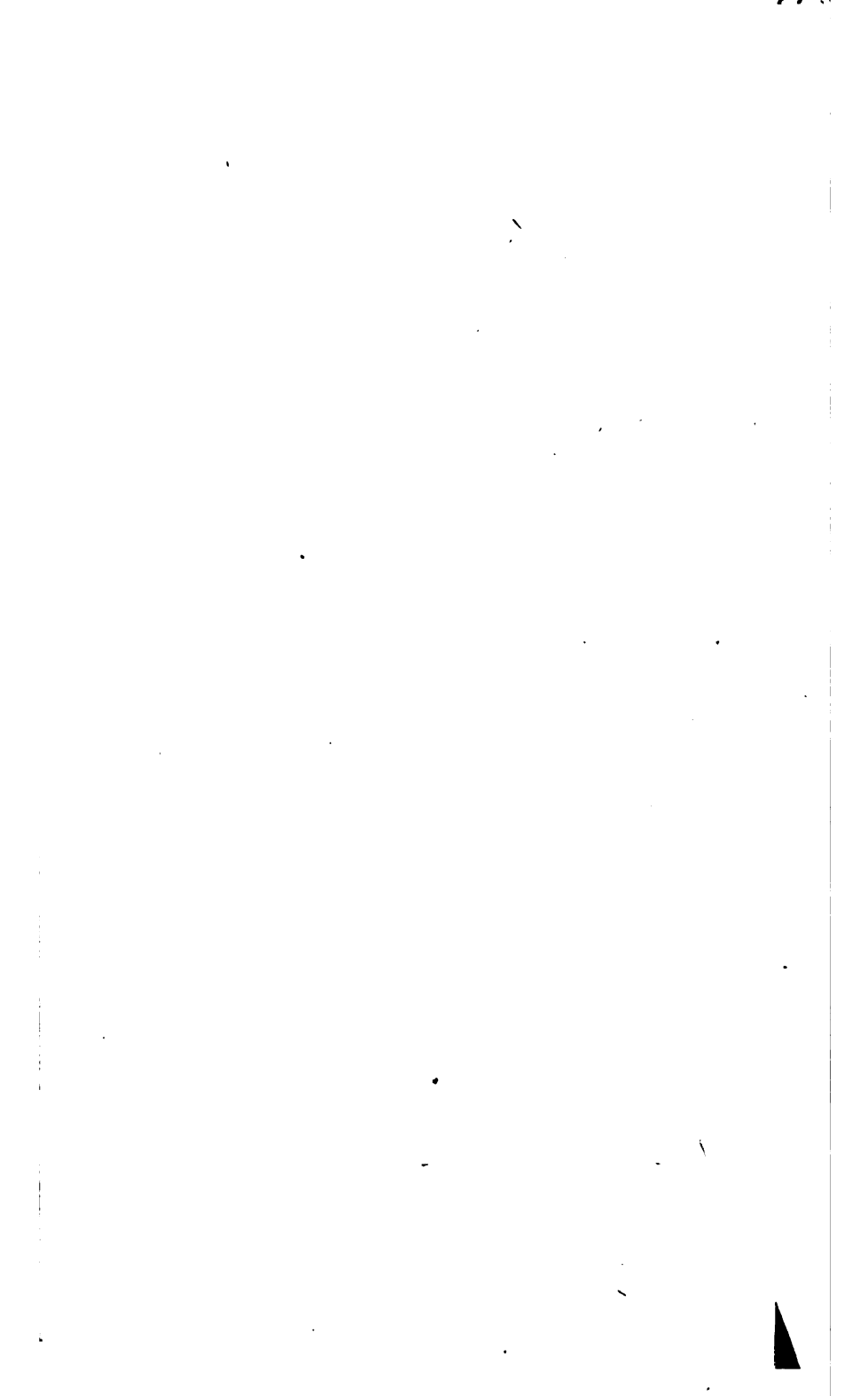
Fiz sentir a urgencia, e dei o conselho da pressa, na realisação dos meus projectos, quando elles mereçam approvação. Não podia por isso deixar de o seguir eu mesmo na organisação d'este relatorio.

Para não perder tempo alinhavei durante os ultimos dias, com os meus apontamentos á vista, o que para ahi fica escripto, sem systema nem arte. Mas eu desejo sómente ser comprehendido; e se o fôr, considero-me felicissimo.

Durante a narração expuz o estado das questões que encontrei para resolver entre portuguezes e extrangeiros ou indigenas, e o que fiz no desempenho das minhas instrucções relativamente a esse ponto. Falta-me só fallar dos serviçaes, e sobre elles pouco tenho a dizer.

A costa do norte foi, como o resto da costa de Africa, viciada pelo infame trafico da escravatura. Do Zaire e de outros pontos d'ella saíam muitos navios carregados de victimas d'esse grande desvario social.

Tive occasião de ver escondidos no fundo do bosque, nas immediacões da foz do grande rio, os vestigios antigos de alguns depositos de escravos; e constou-me que existiam n'outros pontos, para comprovação do que affirmo. Hoje, porém, esses depositos estão em ruinas ou desappareceram, e os traficantes ou expiaram as culpas nas prisões da provincia, da Europa e da America, ou se regeneraram pelo trabalho licito e honrado. Os indígenas comprehenderam a fealdade do acto e têem-lhe horror.

O trafico de escravos constitue hoje uma pagina da historia tarjada de lucto, e nada mais. Esta grande conquista do progresso deve-se em parte ao heroismo da nossa marinha de guerra, ao rigor dos tribunaes e á acção tutelar das curadorias geraes, que perseguiam mortalmente os negreiros; e, em parte, á acção benefica, incessante e progressiva da nossa legislação, que demonstrou á luz da sciencia, e convenceu pacificamente, que o trafico dos escravos

era um crime de lesa-sociedade, d'onde só podia advir a crueldade inutil para as victimas, a infamia para quem a praticava e a desmoralisação para o povo que o presenceava; e tudo isto sem vantagem sociologica de qualidade nenhuma.

A armada real, os tribunaes e as curadorias geraes deram sancção ás leis.

Os indigenas da costa do norte, especialmente os cabindas, não fazem debalde as suas emigrações para Angola. Por cá têem aprendido praticamente a familiarisar-se com os principios salutares das sciencias sociologicas, emquanto obedecem ás nossas leis. Foi assim que lhes entrou no espirito e no coração o horror pela exportação do seu filho, parente, patricio ou similhante; e foi por esse motivo que elles no seu paiz chegaram a não vender uma pessoa unica. Este facto, além d'isso, está em harmonia com a sua indole meiga.

Não quero dizer com isto que elles não sejam capazes de resgatar um escravo fóra do seu paiz e leval-o para lá. Affirmo sómente que não o revendem depois de o importarem. Portanto não escravisam, resgatam; não traficam em escravos, põem termo á traficancia.

O escravo entre os indigenas póde ter tres diversas condições de existencia, segundo a causa da escravidão é a guerra, o feitiço o crime ou as necessidades de familia.

O escravo de guerra significa uma vida poupada pelo vencedor, para a aproveitar como bem lhe aprouver. Póde ser dado em resgate á propria familia, e, n'esse caso, fica livre; e póde ser resgatado por um terceiro ou permanecer ao serviço do vencedor, e então é escravo. D'esta qualidade de escravos difficilmente se farão entre o Zaire e o Chiloango; e, quando appareçam, serão sempre resgatados pela familia.

O escravo do feitiço é uma victima da superstição: é condemnado á morte, e morre muitas vezes ás mãos dos proprios parentes. Antigamente ainda podia ir escravisado para longe da patria. Hoje não vae: morre, e melhor fôra que fosse resgatado.

O escravo, em virtude das necessidades da familia, é um filho, que mudou de patrio poder; é um membro de uma familia que se transplanta para outra, onde vae viver, como vivia na sua. Pódem dar logar a esta escravidão a solução de uma divida, a reparação de um damno, a necessidade de protecção, etc.

D'esta especie de escravos existem muitos na costa do norte, mas nós e elles, fallando em portuguez, chamâmos-lhes escravos, porque não temos na lingua outra palavra, que exprima este estado de domesticidade. Porém estes escravos estão muito longe de ser o que era nas legislações da Europa o escravo, quando ellas o supprimiram. Têem muitos direitos sobre o senhor, são membros

da sua familia, e podem legalmente deixar de pertencer-lhe, sempre que o julguem conveniente. E' n'esta condição que ficam em Cabinda os escravos importados pelos cabindas.

Em tempos antigos os cabindas, ainda desconhecedores da verdadeira condição dos escravos, em face da legislação e civilisação da Europa, entregavam aos *brancos*, os parentes em escravidão, quando a necessidade os obrigava a isso; mas esses factos foram rareando e deixaram de dar-se, desde que elles tiveram conhecimento mais ou menos completo d'essa condição. O terror foi ao auge com as narrações hyperbolicas do destino dos escravos na Europa e na America; e os cabindas deixaram de servir o *branco* em escravidão para o servirem em liberdade, a jornal ou soldada, como trabalhadores, creados, marinheiros e artifices.

Depois de vencido este marco milliario na estrada do progresso ainda elles vendiam o feiticeiro condemnado á morte, para que fosse expiar a sua culpa no meio dos horrores legendarios da escravidão entre os brancos. Durante essa epocha não tinham duvida tambem em comprar escravos fóra do seu paiz para os venderem aos negreiros. Mas depois que a lei de 29 de abril de 1875, coroando uma grande serie de precursoras, lhes veiu ensinar que em Angola esses factos eram crimes atrozes, elles começaram a consideral-os como taes no seu paiz tambem.

Foi por isso que em 1879, Izaac Zagury teve grande difficuldade em conseguir para o trafego das suas feitorias do Zaire, nas antigas condições, mais serviçaes do que os que já tinha; e é por isso que hoje rarissimas vezes succederá aos negociantes d'entre o Zaire e o Chiloango resgatar um preto do poder do gentio.

E, se o caso succeder, parece-me poder affirmar que não se dará com os cabindas. Portanto, os negociantes da costa do norte em geral e em especial d'entre Zaire e Chiloango inclusivè, não poderiam hoje obter dos povos vizinhos para o seu serviço escravos nas antigas condições.

Mas elles tambem não o desejam, porque conseguem que os naturaes lhes vão fazer serviço a salario, e este fica-lhes por preço mais modico. O preto da costa do norte em geral e especialmente o cabinda, pelo grande contacto que tem tido comnosco trabalhando como livre, chegou já a adquirir um certo numero de necessidades que não póde satisfazer sem continuar a trabalhar, e isso obriga-o a ir procurar trabalho no seu paiz, ou fóra d'elle.

E o mesmo vae acontecendo aos mussorongos e aos muxicongos, que procuram servir a jornal em casa dos negociantes, e vão alli trabalhar ao lado dos kurumanos, sem que estes se honrem, nem elles se deshonrem com isso. N'estas condições comprehende-se bem que o negociante prefira ser servido, quando precise, pagando o respectivo jornal, a ter sempre em casa os serviçaes

com o encargo de os sustentar, vestir, tratar em doença, etc., para só trabalharem uma semana em cada mez, ou tres mezes em cada anno.

Antigamente, quando os negociantes não tinham vizinhos e os indigenas ainda não estavam domesticados, eram frequentemente necessarios os kurumanos para defeza das feitorias.

Esta necessidade vae desapparecendo a passos tão grandes, que dá esperança de em breve desapparecer de todo. O kurumano portanto tende a desapparecer na costa do norte. Mas será necessario providenciar para proteger os que existem? Do que fica exposto já me parece poder concluir-se que não. Mas ha mais. Os patrões depois que os indigenas começaram a prestar-lhes serviços, viram logo que estes lhes eram mais uteis, que os dos kurumanos; e para os attrahirem aliviaram quanto poderam o serviço dos kurumanos, deixaram de empregar os castigos barbaros para os sujeitar e compellir ao trabalho, e começaram até a dar-lhe um pequeno pagamento.

Este facto produziu bom resultado nos sentimentos quasi amortecidos d'estes infelizes, e promoveu-lhes uma grande elevação. Os patrões logo em seguida começaram a dedicar verdadeira estima aos que se distinguiam, e a consideral-os livres para os effeitos dos pagamentos e outros. E assim chegaram os serviçaes da costa do norte ao estado a que logrou eleval-os em Angola a legislação portugueza, por influencia d'ella, mas sem a intervenção directa dos magistrados e dos regulamentos. Portanto, os optimos resultados colhidos até hoje aconselham que para o futuro continuem a ser empregados os mesmos meios, até que alguma necessidade imprevista venha determinar o emprego de outros.

Nenhumas modificações tenho a aconselhar na legislação da curadoria geral, para protecção dos serviçaes da costa do norte.

Deus guarde a v. ex.ª Loanda, 8 de setembro de 1882. — Ill.º e ex.º sr. conselheiro governador geral. = O juiz de direito da primeira vara de Loanda, (Assignado) *Francisco Antonio Pinto*.

Está conforme. Secretaria do governo geral em Loanda, 8 de novembro de 1882. = O secretario geral interino, *Manuel Vidal de Castilho*.

INDICE

1.ª CONFERENCIA

Geographia physica e botanica

2.ª CONFERENCIA

Geographia zoologica e ethnica

3.ª COMFERENCIA

Ethnographia

4.ª CONFERENCIA

Commercio na costa do norte

5.ª CONFERENCIA

Religião e politica

6.ª CONFERENCIA

Occupação do Congo

Relatorio de 1882

ERRATAS

Pag.	Linhas	Erros	Emendas
X	11	receiando	recuando
13	29	aclarecimento	esclarecimento
18	26	Liune	Lifune
19	1	Massati	Massabi
30	19	Zeura	Zenza
65	5	amam as fructas	namoram as pretas
91	6	immergir	emergir
96	18	*pauda* de capange	*panda* de Cassange
96	18	*gruis paouia*	*grus pavonia*
126	12	rotura	sotura
136	1	*gougas*	*gongas*
175	2	sua magestade	lesa-magestade
215	17	Pungo Andondo	Pungo Andongo
221	22	bons cavallos	bois-cavallos
222	11	apeiado	apoiado
260	1	denominação	dominação
398	38	D'ahi para cima vae	De cima vem
406	37	ou Angola	ou Loanda
409	30	piedosa	piscosa
413	28	moeda lá, porque,	moeda, porque lá,

A illustração do leitor supprirá de sobra outros erros de menor importancia.